SEGREDOS DO PASSADO. VERDADES DO PRESENTE.
UMA SEMANA PARA ACERTAR AS CONTAS.

Tempestades de verão



"Sarah MacLean entregou tudo: drama entre gerações, mistério e amores ardentes."
– Ali Hazelwood

SARAH MACLEAN



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

Tempestades de verão



O Arqueiro

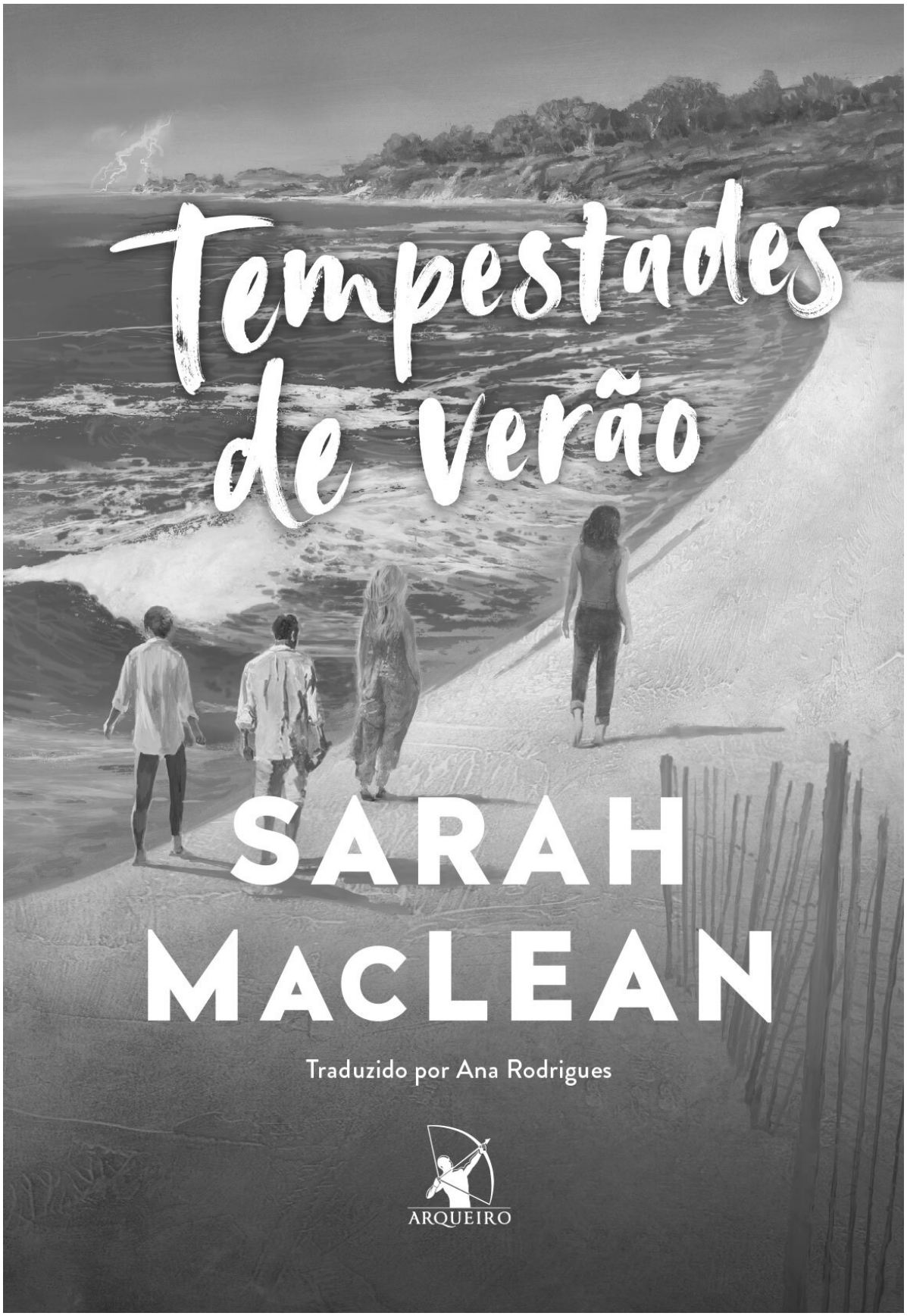
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como , de Maurice Druon, e , de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou , de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


Tempestades de verão
SARAH MACLEAN
Traduzido por Ana Rodrigues
ARQUEIRO

Título original: *These Summer Storms*
Copyright © 2025 por Sarah Trabucchi
Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com a autora, por meio de Baror International, Inc., Armonk, Nova York, EUA.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Taís Monteiro
produção editorial: Ana Sarah Maciel
preparo de originais: Fabiana Araujo
revisão: Carolina Rodrigues e Juliana Souza
diagramação: Guilherme Lima e Natali Nabekura
capa: Belina Huey
ilustração de capa: Robert Hunt
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
foto da autora: © Chandra Wicke
e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M145t
MacLean, Sarah, 1978-
Tempestades de verão [recurso eletrônico] / Sarah MacLean ; tradução Ana Rodrigues. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2026.
recurso digital

Tradução de: These summer storms
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5565-935-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

25-101355.1

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

SUMARIO

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
GRETA
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
SAM
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
EMILY
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23

SOBRE A AUTORA

SOBRE A ARQUEIRO

CAPÍTULO 1

HAVIA ALGO DE ESPECIAL NOS TRENS.

Se Alice Storm marcasse os minutos da própria vida passando, não ficaria surpresa se descobrisse que durante quase um terço deles ela se encontrava em um meio de transporte:

- Na bicicleta vermelho-escarlate que ganhou de presente no aniversário de 7 anos e se tornou seu bem mais precioso – até o irmão arremessá-la na baía de Narragansett, de onde nunca foi recuperada.

- No barco a remo branco que o pai conduzia mar adentro, todos os sábados de julho, durante a infância inteira dela, porque insistia em .

- Na fila interminável de carros pretos e discretos com motoristas taciturnos que a levavam da escola particular às aulas particulares de arte, e dali à cobertura dos Storms na Park Avenue, diante de uma Nova York abafada e escura do outro lado da janela.

- No skate que a fez dar de cara na árvore em uma manhã de domingo, no primeiro ano de faculdade na Amherst College – determinada a provar que era uma garota de 18 anos absolutamente comum –, e que lhe rendeu três fraturas em um único braço.

- No helicóptero de resgate que a levou até o hospital em Boston, onde foi "remontada" e devolvida à faculdade a tempo da prova de História da Arte às nove da manhã, antes que os colegas descobrissem que ela não tinha nada de comum.

- Nos jatinhos particulares que a levavam para lugares ao redor do mundo sempre que o pai fazia alguma convocação internacional de última hora.

- No avião comercial que a levou a Praga dezoito meses antes, com um anel de diamantes escondido na mala de mão do namorado.

- No metrô em que estava naquela tarde quando o telefone tocou e a deixou sem ar – chamada recebida… (nunca " ") – dentro do vagão, com suas paredes bege, luzes fortes, propagandas anunciando produtos para quem quer ter uma pele sem acne e apartamentos organizados, e aquele poema do William Carlos Williams sobre ameixas, geladeiras e perdão, além das partes de nós que jamais mudam.

Ainda assim, havia algo de especial nos trens.

Talvez fosse porque ela mesma os havia descoberto. Todos os outros meios de transporte que a levaram mundo afora pertenciam a outra pessoa. Eram divididos com outra pessoa. Mas os trens… os trens eram o seu segredo.

Eles não vinham com planos de voo, nem com irmãos disputando lugar, mães pedindo champanhe e pais julgando tudo em silêncio. Não ficavam à deriva. Permaneciam presos aos trilhos, pesados e confiáveis, imutáveis. Não podiam ser arremessados de um penhasco direto ao mar. Um milagre da

modernidade que se opunha a toda tecnologia que viera depois. Sólidos. Serenos. Estáveis. Constantes.

Alice colocou a mala no bagageiro próximo à porta do vagão e sentou-se na primeira fileira desocupada. A bolsa de lona verde-oliva surrada, em que guardava suas telas, foi jogada no assento do corredor. Enquanto se acomodava perto da janela, torceu para que a noite de quarta-feira no trem da rota Northeast Regional das 21h32 a recompensasse com uma fileira todinha para si, nas últimas horas de paz antes do que estava por vir.

Antes que tivesse que encarar o bombardeio familiar, com uma ausência gritante e irreversível.

Do lado de fora da janela, na plataforma da estação, um grupo de jovens de vinte e poucos anos descia a escada rolante aos tropeços, rindo e gritando, em um amontoado de bolsas de viagem, mochilas, sorrisos, vestidos leves, shorts e óculos escuros, como se ainda não tivesse anoitecido. Para eles, talvez não tivesse mesmo. Talvez estivessem naquele momento radiante da vida em que não existe escuridão. Só dias intermináveis, cheios de promessas e sem qualquer traço de medo.

Logo atrás, vinha uma família ruiva e sardenta de cinco pessoas: um adolescente de moletom e fones de ouvido, duas gêmeas de no máximo 10 anos e os pais, carregados de malas, mochilas e uma ecobag da
que talvez já tivesse sido usada para exibir certo status literário, mas no momento servia para guardar garrafinhas térmicas e lanchinhos orgânicos.

Uma mulher negra de meia-idade vestindo linho esvoaçante, tendo como única evidência da viagem iminente a minúscula mala prateada de rodinhas. Um homem branco, alto e sisudo, na casa dos 30 anos, com uma bolsa de viagem de couro na mão e uma mochila pendurada no ombro. Um senhor de rosto corado e jaqueta corta-vento creme, sendo empurrado em uma cadeira de rodas por um funcionário que usava o boné vermelho característico da companhia ferroviária, a Amtrak.

Um a um, todos foram embarcando.

Alice torceu em vão: o vagão não viajaria vazio. Ao contrário, estaria lotado – abarrotado de nova-iorquinos a caminho do norte para um fim de semana de céu azul-cobalto e mar cinza-esverdeado, durante a época mais mágica do ano na Nova Inglaterra, quando o restante do mundo já tinha voltado às aulas e ao trabalho, e os moradores do Nordeste ganhavam mais

uma semana de retiro ensolarado, agarrados à promessa de um verão sem fim.

Ela esquecera que era feriado do Dia do Trabalho.

O lapso de memória parecia impossível, levando em consideração que Alice tinha saído da sala de aula recém-pintada e recém-organizada, no Brooklyn, seis horas antes, planejando o próprio último fim de semana prolongado do verão enquanto esperava o metrô. Aula de pilates à tarde. Feira do Grand Army Plaza para comprar os últimos e tradicionais tomates heirloom. Um passeio na Governors Island no sábado com Gabi e Roxanne, que insistiram para que ela saísse um pouco do apartamento vazio. Um domingo longo, pintando sob os últimos raios do verão, antes que as aulas encurtassem os dias.

Mas o telefone tocou, e ela esqueceu completamente o feriado.

Alice se recostou no tecido áspero do assento e se concentrou no anúncio do trajeto, transmitido por um alto-falante cheio de estática, a voz do condutor carregada com o sotaque da Nova Inglaterra – , , – alta o bastante para impedir que as pessoas pegassem o trem errado, esperava a Amtrak – , , –, alta o bastante para impedi-la de lembrar.

O trem deu um solavanco, aquele primeiro passo desajeitado antes de ganhar impulso e velocidade, pesado e suave. Um conforto familiar.

.

Alice deixou escapar o ar. Quatro horas até o que viria a seguir.

– Tem alguém aqui com você?

Não era para tê-la assustado, mas Alice se sobressaltou mesmo assim, endireitando o corpo enquanto encarava os olhos sérios e acinzentados do homem que havia visto na plataforma – alto e sisudo. Mais alto agora, de perto. Mais sisudo também.

As sobrancelhas escuras se ergueram, enfatizando a pergunta, enquanto ele inclinava o queixo na direção do assento ao lado dela, onde a velha bolsa de lona permanecia esquecida.

.

– Não. – Alice pegou a bolsa e a colocou no chão, diante dos próprios pés. – Desculpe.

O som que ele emitiu como resposta foi quase inaudível diante do

barulho do trem nos trilhos, do ruído branco do ar-condicionado, do som da bolsa de viagem dele deslizando no bagageiro acima. O homem se encaixou no espaço recém-liberado, com os joelhos pressionando o encosto do banco da frente.

Em outro dia qualquer, Alice teria prestado mais atenção, mas não teve tempo de reparar nele. Na verdade, ela se ressentia levemente da presença do homem, por lembrá-la de que estava solteira de novo, por ocupar o assento com aquelas pernas compridas e aquele olhar crítico de quem não fazia ideia de que ela tinha tido um dia .

De que ela estava prestes a viver vários dias .

Cinco dias. Então iria embora. Conseguiria sobreviver a cinco dias.

Alice pigarreou e se ajeitou no assento, fechando os olhos, tentando se perder no ritmo constante enquanto o trem saía do túnel no Queens e deixava Nova York para trás.

Uma hora depois, seguiam pela costa sul da Nova Inglaterra, e Alice, sem conseguir dormir, com o celular sem bateria e sem concentração para o livro enfiado às pressas na bolsa antes de sair de casa, espiava a escuridão pela janela. Do outro lado do breu, o estreito de Long Island permanecia imóvel, plano e invisível, e também se via o pântano salgado da costa de Connecticut.

De qualquer forma, seria impossível enxergar, por causa da hora e do céu escuro, mas a vista ainda concorria com as luzes fluorescentes que refletiam o interior do vagão no vidro, iluminando de leve a prateleira abarrotada do outro lado do corredor – que guardava sacos de dormir, malas, uma ecobag enorme com detalhes rosa-choque e uma raquete de pickleball enfiada no bolso lateral.

Sob o amontoado de tralhas de viagem, duas adolescentes riam de um garoto de cabelo cacheado debruçado sobre o encosto da frente, com um sorriso bobo no rosto. Em outra noite qualquer, Alice talvez sorrisse diante da cena – o perfeito fim de verão. Mas, naquela noite, era outra parte do reflexo que a distraía. O retângulo brilhante no colo do vizinho.

O celular dele exibia algum aplicativo de rede social, daqueles com rolagem infinita.

Ele devia desligar aquilo. Rolagem infinita apodrece o cérebro. Tinha começado a apodrecer o dela antes mesmo do embarque, enquanto ela

procurava alguma dose de dopamina em tutoriais de maquiagem e vídeos de gato… antídotos para a ligação da mãe, a primeira em cinco anos.

O passageiro ao lado pausou a rolagem da tela. Uma manchete enorme se destacava na escuridão. Alice não teve dificuldade em ler o texto pelo reflexo do vidro.

Morre aos 70 anos Franklin Storm, o gênio visionário

O polegar do homem pairava sobre o link.

, pediu Alice mentalmente, achando que não conseguiria desviar o olhar, mesmo já conhecendo a história. Aliás, ela conhecia aquela história desde que nascera. Franklin Storm tinha entrado na garagem dos pais, no norte de Boston, aos 17 anos, e mudado os rumos da computação – e o mundo – com 1.107 dólares e um sonho. Ele criou computadores grandes e pequenos, que levou para dentro de casas e escolas, e os colocou em bolsos e pulsos ao redor do planeta.

Aquele era o primeiro parágrafo. Os seguintes falariam da empresa de Franklin, da sua vasta coleção de arte, da filantropia, do carisma, das tendências à exposição ao risco (sinceramente, ninguém ficaria tão surpreso assim com um acidente durante um voo de asa-delta). E, por fim, da família.

Haveria fotos, provavelmente tiradas na festa de 70 anos dele, em abril, as mesmas que Alice examinara atentamente no caderno de Estilo do . Legendas. Uma nota de rodapé sobre a filha ausente (que não tinha sido convidada). Um lembrete do motivo.

.

Ele não abriu. Alice voltou a respirar.

Engolindo a vontade de mandar o homem ler um livro, ou qualquer outra coisa, ela tirou um jornal dobrado de dentro da bolsa. Fazia anos que não segurava um exemplar impresso – desde a infância, quando uma pilha era entregue todo dia de manhã no apartamento.

Ainda assim, alisou a primeira página do daquela manhã, impresso vinte horas antes, já instantaneamente obsoleto nesse mundo onde as (supostas) "notícias urgentes" chegavam sem parar, direto para o retângulo luminoso preferido de cada um, e depois sumiam. Em um

piscar de olhos, o passado dava lugar ao futuro em uma transição tão veloz que o presente simplesmente desaparecia.

Por que tinha comprado o jornal? Alice esfregou o polegar sobre as palavras, se manchando com a tinta das notícias da véspera – o Antes. O jornal de amanhã seria o Depois.

O topo da primeira página traria a morte do pai, a maior notícia da semana. Do ano.

A notícia mais importante por muito tempo para Alice (e para a terapeuta dela).

Ela contornou com o dedo uma manchete sobre inflação. Outra sobre nova-iorquinos sem moradia. Uma terceira sobre a revolução da energia solar. Histórias mais importantes do que qualquer coisa que o jornal publicaria no dia seguinte.

Histórias que ela não conseguiu ler, porque viu, pelo canto do olho, o passageiro ao lado virar o celular para baixo, revelando a parte traseira lisa, preta como obsidiana, sem reflexo algum, marcada apenas por um "S" prateado em espiral, como o olho de um furacão.

Anos atrás, quando era pequena, aquele símbolo vinha com palavras repetidas à exaustão nos comerciais de TV. Nas rádios. Nos anúncios impressos. O mundo todo as conhecia.

Mas o mundo não fazia ideia do que aquilo significava de verdade.

CAPÍTULO 2

Antes de os chamados "barões ladrões" da Era Dourada mudarem o rumo dos negócios nos Estados Unidos com aço, bancos e petróleo, o comodoro Cornelius Vanderbilt havia mudado o rumo das viagens do país ao comprar e consolidar mais de uma dúzia de pequenas linhas ferroviárias, acumulando uma fortuna que poucos já tinham visto fora da realeza. (Quem precisa de título quando se pode ter trens?)

Em 1870, Cornelius Vanderbilt II, "nepo-neto" de Cornelius Vanderbilt, o Original, fez o que jovens ricos fazem desde sempre: usou o dinheiro, o poder e a influência do avô para abrir as portas das festas para os amigos.

O jovem Cornelius fundou, junto com o irmão, a Newport and Wickford, empresa ferroviária e de barcos a vapor responsável por apenas cinco quilômetros e meio de trilhos da linha principal que ligava Nova York e Boston ao porto de Wickford, uma cidadezinha pacata com uma localização geográfica cobiçadíssima, na margem oeste da baía de Narragansett. Medindo 380 km², esse estuário separava a parte continental do estado de Rhode Island, a oeste, do arquipélago a leste – onde as famílias mais ricas da cidade de Nova York construíram, no século XIX, as mansões

extravagantes que permaneceriam como um dos marcos do turismo local e do cinema americano por mais de um século.

Foram os Vanderbilts que colocaram Wickford no mapa, literalmente. Eles abocanharam terras agrícolas valiosas e terrenos com vista para o mar dos moradores desavisados de Rhode Island (desapropriação não é exclusividade dos bilionários de hoje) e construíram a ferrovia que garantiria à elite nova-iorquina – com seus cães, criados e segredos – uma viagem rápida e segura até Newport. E que também lhes deu acesso a várias ilhotas privadas espalhadas pela baía.

Naquela quarta-feira anterior ao feriado do Dia do Trabalho, enquanto o trem Northeast Regional 1603 da Amtrak cruzava a divisa de Rhode Island, um pensamento ocorreu a Alice: se os Vanderbilts vissem o carpete marrom-avermelhado puído e o estofado de poliéster do vagão, lamentariam profundamente o fato de a ferrovia ter sido cedida ao povo e pagariam alguém para atear fogo naquilo tudo.

Barões ladrões sempre seriam barões ladrões. Daquilo, Alice tinha certeza.

Afinal, havia sido criada por um deles.

Ela murmurou um "com licença" baixinho ao contornar as pernas compridas que ocupavam o assento do corredor. Então, pegou a sua bagagem e foi até uma das três portas que logo se abririam para a plataforma elevada daquela cidadezinha que havia tempos deixara de ser um polo de viagens para os ricos e famosos.

Com o celular recém-carregado na mão, Alice ignorou as bolinhas vermelhas no canto de todos os aplicativos que usava com frequência. Catorze mensagens de voz. Sessenta e três novos e-mails. Cento e vinte e uma mensagens de texto.

Ela deslizou o dedo até um aplicativo de transporte. Seu polegar pairava sobre o quadrado verde enquanto esperava que o "SOS" que aparecia no topo da tela, indicando ausência de conexão, fosse substituído pelas barrinhas de sinal. Tentou não dar um duplo sentido àquele "SOS".

– Também vou descer aqui.

Alice se virou rapidamente para encarar a voz e o homem de pé ali. Alto, sisudo, pernas compridas, cérebro podre. Voz agradável, baixa e firme. Daquele tipo que dá vontade de ouvir. Ela não tinha reparado naquilo antes.

– Como?

– Só estou avisando para você não achar que estou te seguindo.

Era uma atitude muito educada. Mas Alice Storm, terceira filha do mesmo Franklin Storm de "**Morre aos 70 anos Franklin Storm, o gênio visionário"**, passou a vida sendo seguida.

O trem começou a desacelerar.

– Isso é exatamente o que alguém que está me seguindo diria.

Ele sorriu com sua boca reta e séria. De leve.

– Palavra de escoteiro.

Antes que ela respondesse, o condutor surgiu pelas portas automáticas.

– Wickford?

A pronúncia saiu como , e Alice não conseguiu evitar o sorriso ao ouvir aquele som tão característico da sua infância.

– Sim.

– Lugar bom para aproveitar o feriado do Dia do Trabalho – comentou o condutor.

O sorriso de Alice desapareceu.

– Com certeza – respondeu o homem que não estava seguindo Alice.

– Vão comer lagosta? – O mesmo sotaque carregado.

O trem parou e as portas se abriram com um rangido pesado, como uma ponte levadiça moderna.

– Com certeza vamos.

Surpresa com o uso do plural, Alice olhou para trás. Ele não estava olhando para ela.

O condutor indicou a plataforma com um movimento de queixo.

– Sortudos. Tenham um bom feriado.

– Obrigada – disse Alice, descendo para a plataforma, enquanto o seu vizinho de assento respondia:

– Igualmente.

As palavras se perderam no ritmo firme e constante da locomotiva, já seguindo rumo ao norte. Alice hesitou enquanto via o trem partir e, por um segundo impulsivo, imaginou o que aconteceria se corresse atrás dele como nos filmes, saltasse da beira da plataforma e se pendurasse no último vagão, com destino a Boston. , como diria Gabi.

Alice suspirou. A probabilidade de ela conseguir alcançar um trem em

movimento era nula (só para constar), e, mesmo que fosse possível, não mudaria nada. A notícia seria a mesma.

Além do mais, a família já estava contando com a sua ausência, e ela se recusava a dar a eles o gostinho de estarem certos.

O celular mostrava duas barrinhas, ainda bem, e ela logo conseguiu chamar um carro. Era longe demais para ir a pé até o cais e tarde demais para esperar em algum lugar – naquela cidade tranquila, nada ficava aberto depois das dez da noite, nem mesmo na última semana do verão.

Alice pousou a bagagem sob o facho de uma luminária amarela, mantendo-se fora da luz para evitar os insetos que voavam ao redor de uma enorme placa de "Proibido jogar lixo", e se acomodou para aguardar os vinte minutos até a chegada do motorista, observando os outros passageiros embarcarem nos carros enfileirados que os aguardavam na rua. Depois de alguns abraços calorosos, exclamações alegres e porta-malas batendo, a rua ficou vazia, restando apenas dois carros e um SUV do outro lado, escuros e silenciosos.

Alice estava sozinha.

Ou quase. A 10 metros dali seu vizinho de assento no trem permanecia sob uma luminária só dele, enfrentando os insetos, com o celular na mão.

Ele olhou na direção dela e ergueu o aparelho como se aquilo significasse alguma coisa.

– Meu carro… não chegou.

– Tudo bem.

– Não quero que pense…

– Que você tá me seguindo.

Ele assentiu uma vez. Convicto.

– Isso mesmo.

– Está conseguindo me despistar direitinho.

– Que bom.

Alguns minutos se passaram. O motorista dela, Benny, chegaria em dezessete minutos em um Honda cinza. O que significava que em vinte e cinco minutos estaria no cais. Em uma hora, na ilha.

Com sorte, todos já estariam dormindo. Seriam quase duas da manhã. Todos já deviam estar dormindo.

.

Um barulho soou ao longe, quase imperceptível, promessa certeira de que uma tempestade se aproximava, daquelas que chegam nas noites de verão à beira-mar, com raios, trovões ensurdecedores e uma chuva tão intensa que encharca todo mundo no primeiro segundo. Depois passa, deixando em seu rastro um céu limpo e estrelado.

.

O pensamento sussurrou dentro dela e Alice arquejou com a pontada de dor que ele provocou – um pensamento ordinário, que não deveria ter espaço naquela relação extraordinária (ou algo assim) com o pai. Em busca de distração, Alice olhou para o improvável companheiro, ainda concentrado no celular.

Ele usava uma calça social cinza, o que era estranho. Pessoas normais não usavam roupa de trabalho no sul do estado no meio da noite. Ainda mais na primeira semana de setembro, em uma temperatura de 24 graus e aquela umidade típica de quem está a cinco minutos do mar.

Mesmo assim, ali estava ele, vestindo calça social cinza e camisa branca de botões. As únicas concessões ao horário, à estação ou ao lugar eram as mangas dobradas até os cotovelos, revelando antebraços que chamaram a atenção de Alice – como estudante de artes plásticas, claro, não por qualquer outro motivo.

Um dos braços exibia uma tatuagem preta que ela não conseguia distinguir à distância. Perguntou-se se as pessoas para quem aquele homem se vestia sabiam da existência daquela tatuagem. Esconder partes de si era algo que Alice conhecia bem.

Seu olhar chegou ao rosto dele, passando pela linha bem-marcada do maxilar, inflexível. .

Ela gritou do outro lado da rua:

– Você foi escoteiro?

O homem se virou na hora, como se estivesse esperando que ela falasse. E entendeu logo a referência às palavras ditas no trem. Com um leve movimento de cabeça, algo que um observador menos atento chamaria de constrangimento, respondeu:

– Não.

– Fingir ser um oficial uniformizado é uma infração grave, sabia?

Ele levou a mão ao peito.

– Me desculpe.

– Não estou brava. Só decepcionada.

Ele mostrou os dentes em um sorriso rápido e desviou o olhar, encarando a rua de mão única, vazia e silenciosa, como se tentasse fazer com que um carro surgisse na esquina e o impedisse de tomar uma decisão equivocada. Quando o carro não apareceu, disse:

– E se eu disser que sou bom em fazer fogo mesmo assim?

– Um incendiário, então.

– Que nada. – Ele balançou a cabeça. – Sou ainda melhor em apagar incêndios.

Considerando que Alice estava prestes a brincar com fogo, aquela era exatamente a coisa certa a dizer.

– Nesse caso, pode esperar aqui comigo… se quiser.

Em outro dia, em outro momento, Alice jamais teria feito aquele convite. Doze anos andando de metrô em Nova York davam a uma mulher um senso aguçado de autopreservação, mesmo diante dos homens mais bonitos. E, se o metrô não fosse o bastante, até dois meses atrás a mera existência do homem bonito com quem ela pretendia se casar certamente a teria feito manter distância daquele outro à sua frente.

Mas havia algo de imprudente naquele momento, na escuridão, na calada da noite, naquele lugar desconfortavelmente próximo à vida real e, ao mesmo tempo, muito distante, com um homem que talvez fosse a última pessoa, em muito tempo, a não saber exatamente quem ela era, nem por que estava ali.

Que mal faria?

O convite ficou pairando entre os dois, no ar pesado da água salgada e da tempestade que se aproximava. Pernas Compridas permaneceu absolutamente imóvel, o tempo se estendendo até Alice achar que ele recusaria e que ela não teria opção a não ser se jogar no mar de tanta vergonha.

– Pretende causar um incêndio?

.

– Quem sabe…

Quando ele se adiantou, foi de uma vez, sem hesitação. Em passos longos, firmes, diminuindo o espaço entre eles com uma elegância contida,

acomodou-se no banco ao lado dela com um controle raro de se ver àquela hora da noite.

Como um trem. Como se ela fosse uma parada programada.

Alice sorriu, e ele a encarou com uma expressão de curiosidade.

– Esse sorriso foi para mim?

.

– Eu estava só pensando em trens.

O olhar dele se voltou para os trilhos atrás dela.

– Está arrependida de ter descido?

– Como adivinhou?

– Talvez eu esteja me sentindo do mesmo jeito.

Por um segundo, Alice tentou imaginar o motivo, mas sabia que não devia perguntar. Sabia que, ao fazer perguntas, acabaria tendo que responder às dele. Por isso, jogou um novo assunto no silêncio que os envolvia:

– Trens me fazem pensar em Duke Ellington. Ele era um…

– Eu sei quem foi Duke Ellington.

– Você é músico?

– Você é?

– Não. Mas o meu pai… – Alice se interrompeu; não queria o pai ali.

O bonitão desconhecido não percebeu.

– Por que trens fazem você pensar em Duke Ellington?

– Ele viajou o país inteiro, com uma orquestra completa, em um vagão privativo.

– Humm… – fez ele, reflexivo. Alice gostou. – Sousafones não parecem caber no bagageiro dos trens originais da Amtrak.

– Acho que nem existia sousafone.

– Se você tá dizendo – falou ele, e ela não conseguiu conter uma risada surpresa.

Havia uma leveza naquele homem, uma sensação de que ele era seguro de si e eficiente. O tipo de cara que dá vontade de bagunçar um pouco, de arrancar uma risada.

Só que não havia tempo para diversão.

Alice checou o celular. Benny estava a dez minutos de distância. Ela espantou os pensamentos confusos e se concentrou apenas no jazz.

– A maior parte das pessoas não sabe que a orquestra de Duke Ellington foi catapultada à fama aqui, em Rhode Island.

– Você acha que o vagão privativo parou aqui? Em – Ele imitou o sotaque do condutor do trem.

– Na verdade, parou, sim. Algumas vezes.

– E tudo o que sobrou pra gente foram cachorros-quentes murchos e café de ontem.

– O declínio da civilização – comentou Alice, baixinho, pensando nos vários meios de transporte que já havia usado para chegar àquele lugar em sua vida. Carros caríssimos. Helicópteros, veleiros. Tratou de reprimir as lembranças e se voltou para a excelente distração à sua frente. Firme e alto e com aqueles antebraços que…

A tatuagem era uma bússola. Geométrica e linda, com setas que se estendiam em linhas finas até o punho e o cotovelo. Ela falou com os olhos fixos no desenho:

– Você não é daqui.

Ele não precisou responder. Ela estava certa. Qualquer um perceberia. O homem era o típico "estranho que chega à cidade", nada nele lembrava alguém criado ali, entre algas, sal e barracas de marisco na beira da praia. Sério demais. Polido demais.

Ele ergueu a mão. Hesitou.

– Você está com… tinta no cabelo.

Alice afastou o cabelo e a mão dele, desconcertada por ele ter identificado a tinta com tanta facilidade, como se soubesse onde ela havia estado naquela manhã, antes de entrar na sala de aula, antes de a mãe ligar e tudo mudar, quando o dia ainda estava perfeitamente normal. Distante agora. No passado.

.

Ele pigarreou.

– Eu deveria me apresentar – disse o homem, e estendeu a mão que não tinha chegado a encostar nela, como se fossem duas pessoas normais, fazendo uma coisa normal. – Eu me chamo…

– Não.

Ele se interrompeu.

– Por que não?

– Porque senão…

Senão ela teria que se apresentar também. Então ele saberia. E aí tudo ficaria esquisito. E aquele momento entre eles era esquisito. Quer dizer, era, sim, mas não do mesmo jeito que todas as outras interações da vida dela haviam sido.

, responderia ela, e sempre com uma risada, como se fosse a coisa mais inteligente e original que alguém já tivesse dito, quando, na verdade, o que queria dizer era Quando o que realmente queria dizer era

Então fingia ser outra pessoa. Porque outra pessoa sempre parecia mais interessante que a verdade, que era a seguinte: por mais que se esforçasse, o mais instigante sobre Alice Storm sempre tinha sido o sobrenome. Ela era apenas o contorno de uma pessoa, à sombra das histórias do pai: o gênio excêntrico, o bilionário audacioso, o visionário que mudou o mundo. E, depois, à sombra da história do que ela mesma fizera com ele, como o traíra, como ele a exilara. Como ela ou merecera ou superara tudo aquilo.

Outro trovão ao longe, mais alto. Mais próximo. .

– Nomes complicam as coisas – disse Alice, por fim, encontrando o olhar dele, muito atento sob o cenho franzido, como se tentasse entender.

– Sei que parece dramático, mas a minha vida já está complicada o bastante esta semana. Alguma chance de a gente… pular essa parte?

Ele entendeu.

– É claro – concordou, assentindo, e desviou os olhos para o celular. – O meu carro já está chegando.

Alice imitou o gesto.

– O meu também – mentiu. Benny não saíra do lugar desde a última vez que ela havia checado.

– Já está tarde – disse ele. – Você vai pra um hotel?

– Não. – Uma hesitação do tamanho de um abismo. – E você?

– Vou ficar no Vila Vôngole.

Alice ergueu as sobrancelhas ao ouvir o nome do hotel que era um

marco em Wickford desde que a eletricidade chegara ao sul do estado, com a sua placa de neon piscando . Ninguém jamais se hospedava no Vila Vôngole.

– Por quê?

– Por que o Vila Vôngole? Ou "por que" num sentido mais existencial?

– Imagino que tenha escolhido o Vila Vôngole por causa do nome.

Ele não hesitou.

– Não resisto a uma aliteração.

Alice sorriu e inclinou a cabeça, aquecida por algo que não era o calor da noite de verão.

– Você ao menos sabe o que é um vôngole?

– Imagino que não seja algo apropriado para se falar em público.

Ela riu.

– E no sentido existencial? Por que você está aqui?

Uma pausa.

– Trabalho.

– Fiquei sabendo que tem um business center de primeira no Vila Vôngole…

– Dou muito valor a um aparelho de fax de qualidade.

Quando o homem sorriu no escuro, um arrepio percorreu o corpo de Alice. Desejo. Então, com um baque surdo, outra sensação: desconfiança.

Ela sustentou o olhar dele.

– Você é jornalista?

– Não.

Ela não tinha motivo para acreditar, ainda assim…

– Palavra de escoteiro?

– Quer que eu faça uma fogueira para provar?

Um trovão soou ao longe e Alice olhou para o céu.

– Acha que consegue fazer uma antes de a tempestade chegar?

– Vou ficar te devendo essa.

– Vou cobrar.

Quando Alice voltou a olhar para ele, havia algo nos olhos do homem que ela não via fazia tempo. E de que nem imaginava sentir falta.

– Ótimo.

Ela gostou daquela palavra. Breve e certeira, como se ele fosse um cara

que cumpria o que prometia. Que ficaria por perto tempo suficiente para cumprir a promessa. Então ele se aproximou um pouco mais e a atmosfera pareceu mudar, fazendo Alice se perguntar o que aconteceria se ela tirasse uma noite só para si, antes de encarar… o inevitável.

Outro trovão, lembrando que qualquer ideia maluca sobre passar a noite com um completo estranho era só aquilo mesmo, uma ideia maluca. E Alice Storm definitivamente não tinha um bom histórico com ideias malucas.

O pai dela era exatamente assim e olha só no que deu.

Morre aos 70 anos…

As palavras a atingiram, dissonantes e indesejadas, e Alice as odiou por isso. O luto não era para ser assim, era? Ele deveria vir com gritos, choro, roupas rasgadas. Não daquele jeito… um vazio. Era como se ela quisesse preenchê-lo com qualquer coisa que não fosse tristeza.

Como se quisesse preencher o vazio com aquele homem. Só por uma noite.

Uma porta de carro bateu ao longe.

Ela pigarreou e voltou a olhar o celular.

– Inferno.

– O que foi?

Alice balançou a cabeça.

– O universo. Meu carro cancelou.

Um SUV cinza virou a esquina vindo da rua principal. Pernas Compridas disse:

– É o meu.

– Obrigada pela companhia.

Não havia motivo para ela se sentir daquele jeito, como se a partida dele fosse uma perda. Como se aquele homem fosse um porto seguro na tempestade.

– Você está bem? – Não havia nenhum motivo para ele perceber que ela não estava, e, ainda assim, aquilo pareceu… – Precisa de… uma carona?

– Isso me dá a entender que você estava me seguindo.

– Tá, mas e se eu não quiser que te siga?

Era uma coisa muito íntegra de se dizer. Daquelas que Alice se lembraria com carinho dali a uma hora mais ou menos, quando contasse para a melhor amiga como tinha sido aquele dia horrível (um eufemismo). No

estilo

.

Gabi cairia na gargalhada, e Alice contaria o resto do dia: o motorista que tinha cancelado, o trem lotado e barulhento, as ligações perdidas pedindo declarações e entrevistas que ela jamais daria. Também falaria das ligações que nunca foram feitas, das pessoas que ter ligado. E, de algum modo, tudo pareceria melhor quando ela desligasse.

Só que aquele não era o tipo de dia ruim que melhorava com uma ligação. Era o tipo de dia ruim que só aparecia uma vez na vida. Porque o azar – o carro, o trem, as mensagens, as ligações perdidas –, tudo aquilo camuflava algo muito pior.

As palavras eram como um nó na garganta.

Alice não podia dizer aquilo ao desconhecido. Em vez disso, deu um passo na direção dele, inclinou a cabeça para o lado e tentou um outro tipo de sentimento.

– Se eu aceitar a carona… o que acontece depois?

Algo cintilou nos olhos dele. .

Aquilo era bom.

Mas o desejo não apareceu sozinho. Tinha um quê de culpa. Ou algo parecido. Como se aquele cara íntegro não quisesse ser tão íntegro, mas fosse ser mesmo assim.

O carro encostou ao lado deles.

Ela apontou o queixo na direção do veículo.

– Vou ficar bem. Foi bom te conhecer.

– A gente não se conheceu – disse ele. – Sem nomes, lembra?

– Vai que um dia a gente se conhece – respondeu ela.

, mas, mesmo assim, Alice guardou a ideia como se fosse uma lembrança.

Um raio cortou o céu.

Ela contou.

Um trovão forte ribombou ao longe.

– O raio caiu a oito quilômetros – disse ele.

Ela não olhou para o carro daquela vez.

– É melhor você ir antes que… –

– Você tem razão. – Mas ele não se moveu.

Os dois ficaram parados ali, inertes, como a umidade salgada ao redor. Será que ele ia beijá-la? Será que ela ia beijá-lo? Com certeza, não. Aquilo não era o tipo de coisa que Alice Storm fazia. Não ali, em público, em Wickford, Rhode Island, à vista de mil insetos e do motorista de um Kia Sedona, com o cronômetro da corrida girando no painel.

Mesmo assim… ela se sentia tentada. Um beijo. Uma decisão impulsiva. Um momento roubado. Um átimo, uma tentativa desesperada de adiar o inevitável.

Outro trovão, agora vindo do peito dele, abafado por outro muito mais alto lá em cima, um estrondo violento que pareceu partir tudo ao meio: o céu, a chuva repentina por todos os lados, em cortinas pesadas; a noite, iluminada pelo clarão de um raio, tão intenso e tão próximo que era possível sentir o calor emitido por ele; então, o nome dela gritado de algum lugar muito próximo.

– Alice!

Ela se virou.

O clarão não veio de um raio. Veio do flash de uma câmera.

– Alice! – gritou o fotógrafo outra vez. Corpo compacto, pele enrugada, barba de dias por fazer, como se estivesse esperando o trem havia horas. Talvez estivesse mesmo.

Outro grito. Outro homem corria do outro lado da rua, onde os três carros estavam parados no escuro. Observando. Esperando algo que valesse uma foto.

Como eles sabiam que ela estaria ali?

Como não imaginou que estariam? Havia duas notícias naquela semana, afinal. Um Storm que se fora, outra que voltara.

– Alice! Você e o seu pai ainda estavam brigados? Por que não veio com o seu irmão e com as suas irmãs? Eles estão falando com você? Você é bem-vinda em casa?

O treinamento de anos entrou em ação. .

. Mas não havia "em frente". Benny e o Honda haviam dado o bolo

nela, que agora estava sozinha sob aquela luminária, na chuva, do lado de fora de uma estação de trem fechada, cercada por inimigos.

À deriva.

– Por favor. – Ela ergueu a mão, sabendo que era inútil. – Não…

Antes que pudesse terminar – e o que ela diria, afinal? –, já estava em movimento, sendo empurrada para trás do cara que não era escoteiro ( ), a visão bloqueada pelos ombros largos dele, cobertos pela camisa branca agora encharcada.

– Para trás! – disse ele, a voz firme.

Mas os repórteres não se afastaram. É claro que não. Fotos da filha de Franklin Storm, naquele dia, valiam o salário anual daquele homem íntegro, e os paparazzi sabiam disso.

Mais flashes enquanto a chuva desabava, e Alice teve a nítida sensação de estar se afogando.

– Quem é o namorado?

– O relacionamento é sério?

– Droga. – O homem que definitivamente não era seu namorado se mostrava bem sério. – Entra no carro.

Um bote salva-vidas.

Alice se virou para pegar as malas, mas ele segurou a mão dela com firmeza e determinação.

– Não. – A palavra a fez estacar. – .

Ele disse o nome dela como se tivesse feito aquilo por uma vida inteira, e Alice obedeceu no mesmo instante, sem se surpreender ao ver o motorista já abrindo a porta de trás. Atrás dela, ouviu Pernas Compridas rosnar:

– Eu disse para .

Mais um trovão, abafando o que quer que tenha acontecido para provocar um grito agudo e um "Puta que pariu!", enquanto ela entrava no carro e o motorista dizia, olhando por cima do ombro:

– Esses babacas mereceram.

Dentro do veículo, Alice abaixou a cabeça e esperou seus inesperados salvadores jogarem as bolsas no porta-malas e entrarem também. O motorista virou para trás, os olhos cintilando de empolgação:

– Imagino que vocês não queiram ir para onde o aplicativo está mandando, né?

– Ainda não – respondeu, com a voz tensa, o acompanhante cujo nome Alice ainda não sabia.

Ela devia perguntar. Mas talvez, se não perguntasse, ele também não perguntasse nada. Nem quem ela era. Nem

. Nem . Muito menos

.

– Acha que consegue despistar aqueles caras?

Um sorriso largo – aquele motorista ia beber de graça pro resto da vida contando aquela história no bar.

– Esses idiotas são de Nova York. Não sabem nada sobre Rhode Island.

– Então pisa fundo.

– Sim, senhor. – O carro arrancou da calçada, por pouco não atropelando o homem que pulou para fora do caminho, o motor rugindo para honrar a sua missão como carro de fuga. – E vamos pro hotel?

– Vamos deixá-la antes.

Era um pedido de informação, e ela daria. Assim que conseguisse desviar os olhos da mão dele com o punho cerrado, no mesmo braço tatuado com a bússola, molhado de chuva, e, visíveis sob a luz dos postes, os nós dos dedos avermelhados.

Como se tivesse socado alguém.

Depois, ela culparia o luto e a solidão por ter gostado daquilo, dos nós dos dedos esfolados. Mas, naquele momento? Quando o homem abriu a mão, murmurando um "Toma" rouco, Alice gostou por outros motivos.

Especialmente quando reconheceu os pequenos retângulos na palma da mão dele. Dois cartões SD.

Ela arregalou os olhos, e o homem disse:

– Das câmeras.

Foi só o que ele disse. Mais nada. Não pediu informação, nem explicação, nem nada do que talvez tivesse o direito de querer saber, considerando que cometera um pequeno delito por ela.

Havia algo profundamente atraente naquele homem que ainda não parecia se importar com quem ela era, nem por que havia levado o caos à vida dele.

– Você está bem? – perguntou ele, pela segunda vez desde que desceram

do trem.

– Pra onde, meu bem? – perguntou o motorista, dessa vez.

Para onde ela indo? Tinha tanta certeza do próprio caminho, tanta convicção de que era o caminho certo. Mas ali, naquele carro… nada fazia sentido. Nada além daquele momento. Ela esteve em perigo, e agora não estava mais. E no dia seguinte tudo voltaria a ser como antes, mas, naquela noite, aquilo fazia sentido.

Ele fazia sentido.

Alice estendeu a mão, não para pegar os cartões SD. Em vez disso, entrelaçou os dedos nos dele, prendendo os retângulos entre as mãos de ambos, absorvendo o calor do toque, firme e áspero. Estável. Como o trem.

O oposto de todo o resto.

– Para o Vila Vôngole.

CAPÍTULO 3

Não foi uma "caminhada da vergonha".

Sim, Alice havia se desvencilhado do braço pesado apoiado no seu quadril e permanecera absolutamente imóvel, agarrada à beirada da cama absurdamente pequena do Quarto 3 do Vila Vôngole, encarando a porta por onde os dois tinham entrado horas antes, em uma confusão de corpos ofegantes e encharcados de chuva e bagagens (literal e metaforicamente falando).

Sim, quando teve certeza de que ele não acordaria, ela recolheu as roupas espalhadas como se fossem minas não detonadas, foi pé ante pé até o banheiro e fechou a porta com o cuidado de quem tenta abrir um cofre.

E, sim, quando saiu do banheiro depois de lavar o rosto e pentear o cabelo para tirar os vestígios de sal e mar, ela o ignorou deliberadamente – bonito, seminu e adormecido – enquanto recebia os primeiros raios do sol das seis da manhã que despontava sobre a baía, dourado e deslumbrante, prometendo apagar os rastros da noite anterior.

Alice caminhou os quatrocentos metros entre o hotel com paredes de ripas de madeira e o píer, ansiosa para chegar antes que o capitão do porto,

ou qualquer outra pessoa daquela cidade pequena, cheia de línguas afiadas, a visse; mas não por se sentir envergonhada.

Pelo menos, não por ter tido um caso de uma noite só, o que, embora fosse algo absolutamente fora do seu padrão, tinha sido bom de verdade, de várias maneiras além da óbvia.

Como sempre carregara o sobrenome Storm, Alice tinha aprendido desde cedo a desconfiar de pessoas que surgiam do nada. As ameaças eram muitas, desde as óbvias (fotos e fofocas sobre meninas ricas mimadas eram das mercadorias modernas mais valiosas, e quanto mais escandalosas, melhor) até as mais insidiosas: parasitas charmosos e astutos que fariam qualquer coisa, diriam qualquer coisa, para se aproximar de riqueza e poder.

Franklin ensinou todos os filhos a desconfiarem de qualquer gentileza aparentemente espontânea, o que resultou em uma certa deficiência de habilidades da parte deles no campo das relações interpessoais. Aquele primeiro lampejo de atração, que fazia com que o resto do mundo criasse amizades rápidas e começasse romances arrebatadores, nunca era confiável para os jovens Storms, e Alice erguera suas defesas cedo, principalmente quando o assunto era sexo.

Ao longo dos anos, ela selecionara parceiros como outras pessoas escolhem carros – com muito critério: economia de combustível (uma carreira fora da área de tecnologia), índices de segurança (interesse por Alice, não pelo sobrenome Storm), valor de revenda (disposição para um compromisso de longo prazo).

Sim, ela havia cometido alguns erros (um deles monumental), mas a verdade era que casos de uma noite só não eram bem-vistos pelo

.

Mas Alice não tinha sido ela mesma na noite anterior, e seu mundo não voltaria a ser o mesmo por um tempo, e ela havia daquele homem grande e firme, com mãos fortes, toque certeiro e disposição para entrar na briga para protegê-la.

Alice gostou dele por ser diferente, nada parecido com os garotos refinados e polidos da juventude dela ou com o homem tempestuoso e leviano com quem estivera prestes a se casar. Pernas Compridas se manteve impassível quando deu um soco no fotógrafo e segurou a mão dela na escuridão. E depois foi deliciosamente intenso – as mãos deslizando ao

longo da pele de Alice, o jeito como fechou a porta do hotel com um baque firme, as palavras sacanas enquanto abaixava o peso do próprio corpo sobre o dela e perguntava do que ela gostava. E dizia do que ele gostava. Elogiando o corpo de Alice, o toque da sua pele, seu beijo.

Sem hesitação. Sem desculpas. Só… .

E, como honestidade era algo raro e precioso na vida de Alice, então, sim, ela havia se entregado à verdade daquele homem, ao desejo dele e à sua capacidade de ancorá-la no próprio corpo por algumas horas.

Um breve período de calmaria antes de ter que encarar a tempestade… os Storms.

Alice jogou a bagagem em um dos três botes atracados na ponta do píer, castigado pelo sal, soltou as amarras e ligou o motor de popa, ao mesmo tempo que guardava a noite em um cantinho da memória – mais um segredo entre tantos outros –, enquanto deixava o Porto de Wickford para trás pela primeira vez em cinco anos. Desde o dia em que o pai finalmente a exilou, depois de uma última decepção.

A tempestade da noite anterior tinha soprado em direção ao leste, rumo a Cape Cod e ao mar aberto, mas seus rastros continuavam ali, com a baía de Narragansett revolta sob o pequeno barco, agitada o bastante para tornar um desafio as cerca de seis milhas náuticas até a ilha Storm.

Alice já velejava antes mesmo de saber andar. Aprendera junto aos pés de Franklin Storm como se ajustar, como lidar com um mar temperamental, como respeitá-lo. Fazia anos que não assumia o comando de um barco, mas voltou a fazer aquilo com facilidade, avançando sob o sol forte, sentindo o sal da água arder na pele.

Ela conduziu o bote rumo ao nordeste, baía adentro, tomando instintivamente a rota preferida do pai – pela ponta sul da ilha Storm, onde uma pequena construção antiga abrigava um sino de neblina no alto da encosta íngreme e rochosa.

Para muitos, aquele era o ângulo menos interessante da ilha, mas o pai adorava uma entrada triunfal, e aquela rota, contornando o penhasco no lado oeste da ilha, revelava aos visitantes e curiosos um cenário de tirar o fôlego: a rocha cedendo lugar a um mosaico de árvores e campos cercados por muros de pedra centenários que levavam a uma enorme mansão do século XIX no ponto mais alto – como um personagem de um romance gótico, só que sem a mulher de camisola correndo dos fantasmas.

Mas o dia estava apenas começando.

Alice reduziu a velocidade do barco enquanto contornava a encosta e contemplava a paisagem. A casa, alta e imponente, cheia de frontões e vitrais, cercada por alguns acres de tomilho selvagem exuberante, em tons de verde profundo, e branco e roxo vibrantes. A casa de barcos, com suas telhas de cedro desgastadas, era grande o bastante para abrigar o veleiro preferido do pai, , quando não estava sendo usado. Os degraus rústicos de ardósia que subiam da doca até a casa. As árvores antigas, como o carvalho-vermelho favorito do pai, enorme e forte, tudo ainda estava lá.

Cinco anos e nada tinha mudado. Só que tudo havia mudado.

Ela afastou o pensamento e engoliu o nó entalado na garganta enquanto atracava o bote, subia a colina até a Mansão Storm e entrava pela porta da frente destrancada (o benefício de morar em uma ilha particular é que dificilmente a invadiriam), torcendo para ser a única pessoa acordada.

Torcendo para ter tempo de se preparar.

A porta se fechou atrás dela, isolando o brilho do sol da manhã e devolvendo o saguão à penumbra silenciosa. Os olhos de Alice se ajustaram, e ela viu uma mulher alta, esguia, impecavelmente arrumada e com o cabelo grisalho penteado com elegância descer a escadaria central.

Não teria tempo de se preparar. A mãe já chegara pronta para o embate.

– Alice! – Elisabeth Winslow Storm examinou a filha com um olhar demorado. – Você veio.

Não havia entusiasmo na constatação, apenas um leve indício de surpresa na voz.

– É bom te ver, mãe – falou Alice, ignorando a provocação.

Ela deixou a bagagem junto à porta e passou a mão pelo cabelo, desalinhado pelo vento da baía.

– Não ouvi o helicóptero.

Fazia anos que Alice não subia em um helicóptero da família Storm, e Elisabeth sabia muito bem disso.

– Eu vim de trem.

– É mesmo? – disse Elisabeth, após uma pausa, permanecendo parada no degrau mais baixo, com uma das mãos longas e graciosas apoiada de leve no corrimão entalhado. – Que ousado…

era uma das palavras de Elisabeth. Daquelas que toda mãe tem,

feitas sob medida para instigar os filhos. Palavras que funcionam como substitutas de outras mais incisivas. No caso da mãe de Alice, a lista, além de , também incluía , , e , e exigia uma interpretação de tom que com frequência confundia a pessoa a quem ela se dirigia (vale dizer que a única coisa que Elisabeth um dia achou genuinamente encantadora foi Franklin Storm, e nem isso tinha durado muito tempo).

Alice era versada na linguagem da mãe e sabia muito bem que podia ser traduzido como .

– Isso deve explicar por que você demorou um dia inteiro para chegar. Embora eu não tivesse certeza de que fosse aparecer.

A irritação aflorou, e Alice não conseguiu conter a resposta:

– Mãe. Sério?

Elisabeth ergueu um ombro esguio.

– Você não vem aqui há anos, por que eu te esperaria agora?

.

Era demais para as seis da manhã.

– Estou aqui agora – declarou Alice.

– Hum. – Aquele único murmúrio guardava todo o discurso sobre o Estado da União. – O Griffin não veio?

. Alice engoliu a verdade e mentiu:

– Ele não conseguiu uma brecha no trabalho.

– Trabalho – repetiu Elisabeth, com um tom que deixava claro o que a família inteira achava do (agora secretamente ex) noivo de Alice. – A vida de artista de rua deve ser agitada.

– Ele é ator, mãe – corrigiu Alice, se odiando pelo impulso de defender um homem que já não fazia mais parte da sua vida.

Ainda assim, não conseguiu evitar.

– É mesmo? – comentou Elisabeth, descendo para o piso de madeira reluzente do saguão de entrada. – Achei que ele trabalhasse em um café.

Não era suposição. Griffin era ator em Nova York, vivia quase sempre desempregado e, quando precisava de dinheiro (o que acontecia o tempo todo), pegava turnos na cafeteria administrada pelo melhor amigo.

Elisabeth sabia disso. Todos sabiam. Sempre souberam. Mas Alice não se importava, porque ele era .

– Enfim – voltou a falar a mãe. – Como você mesma disse, está aqui agora, e é bom te ver depois de tanto tempo.

Alice se inclinou para retribuir o breve abraço da mãe, relaxando os dentes cerrados enquanto recebia um beijo em algum lugar próximo da orelha esquerda. Ela se perguntou quantas alfinetadas (veladas) teria que aturar sobre os últimos cinco anos até cumprir a penitência devida.

Mas não se perguntou quando sua mãe assumiria alguma responsabilidade pelo que tinha acontecido cinco anos antes. E pelo que acontecera depois (ou o que deixara de acontecer). não era uma das palavras de Elisabeth.

Alice se afastou, pegou a mão da mãe e examinou o rosto da mulher mais velha, a pele inacreditavelmente lisa, com pouquíssimas linhas finas, quase invisíveis – motivo de inveja de mulheres trinta anos mais novas –, fruto da combinação de uma genética excelente, disciplina militar com a proteção solar, uma esteticista que fazia visitas domiciliares e uma dermatologista com uma lista de clientes cujo patrimônio líquido equivalia ao PIB de um pequeno país europeu.

Nem a viuvez tinha conseguido afastar Elisabeth da sua rotina de cuidados com a pele. Para olhos destreinados, ela parecia sedosa, viçosa e sem inchaços. Fabulosa. Mas filhas são treinadas desde o nascimento para ler as emoções da mãe, e Alice notou as pequenas rachaduras na bela armadura: a tensão nos cantos dos lábios protegidos por filtro solar; o rubor despontando acima da gola impecável da camiseta branca de manga comprida – um dos itens básicos do guarda-roupa de verão de Elizabeth, com uma dúzia de peças idênticas que custavam mais do que o salário semanal da maioria das pessoas –; o inchaço quase imperceptível sob os olhos azuis deslumbrantes que Alice não herdara, já que era a única que puxara ao pai. Olhos que, naquele momento, estavam um pouco vermelhos.

Não que Elisabeth Winslow Storm fosse admitir que perdera o sono ou derramara lágrimas pelo homem que fora seu marido por mais de quarenta anos. Emoções não eram uma em que a mãe de Alice investisse.

– Você sabe que vamos receber convidados para um evento na segunda-

feira – disse ela. – A Greta está ajudando com os preparativos, mas tenho certeza de que vamos encontrar alguma função para você.

Nada de funeral. Nada de cerimônia. Um .

Alice engoliu em seco ao sentir a garganta apertada.

– Você me disse isso ao telefone.

Aquela tinha sido uma das poucas coisas que Elisabeth dissera a Alice quando conversaram no dia anterior.

Pessoas na ilha. Como se fosse uma recepção no jardim.

Como Elisabeth ficou em silêncio, Alice respirou fundo e perguntou:

– Como você está, mãe?

– Eu? – Elisabeth ergueu as sobrancelhas perfeitamente alinhadas e se desvencilhou da mão da filha. – Estou ótima.

Adeus, esperança de uma volta para casa digna de cinema. Nem sombra do luto que uma protagonista vivenciaria, mesmo vinte e quatro horas após a morte de Franklin. Nenhuma lágrima compartilhada. Nenhum abraço demorado. Nenhum sinal de emoção vindo de sua mãe.

Mas Elisabeth devia estar sentindo , não?

Mesmo que não quisesse pensar muito a respeito, estava sentindo alguma coisa.

Ela inclinou a cabeça.

– Mesmo?

– Todos vamos morrer um dia, Alice. Já tomou café?

Anos de fluência no idioma de Elisabeth Storm haviam ensinado a Alice que não adiantava insistir. Ela pousou a bolsa de viagem no chão.

– Ainda não.

Alice seguiu a mãe até os fundos da casa, onde o corredor estreito e escuro se abria para uma cozinha ampla e iluminada, em estilo rústico, com uma parede inteira de janelas envidraçadas, como em uma estufa, e tentou puxar uma conversa leve.

– Quem mais está aqui?

Elisabeth acenou para o teto, para os dois andares acima, com seus

estúdios e escritórios, quartos, cantos e recantos.

– Todos. vieram assim que souberam.

Alice cerrou os dentes diante da comparação com os irmãos, impossível de ignorar, com a mãe claramente já lhe tirando pontos pelas sete horas que ela passara dormindo sob outro teto. Alice pegou uma prensa francesa na prateleira e colocou em cima da bancada.

– Eu também vim assim que soube, mãe.

– Claro que veio. De trem.

Aparentemente, o trem seria o grande assunto, e não o fato de o marido daquela mulher ter morrido de repente.

– Pois é.

Alice foi até a despensa e acendeu a luz externa antes de entrar para pegar o café, a tristeza transbordando ao estender a mão para segurar a enorme embalagem laranja. Franklin Storm podia ter morrido bilionário, mas nascera em Quincy, Massachusetts, e passara a vida sendo fiel a Dunkin' Donuts.

Alice roçou os dedos no logotipo enquanto examinava o resto da despensa – o primeiro dos vários fantasmas do pai. Se fosse retratar a essência dele, começaria ali. Uma natureza-morta com pretzels à moda antiga, balas de alcaçuz preto, batatas chips rústicas, sardinhas enlatadas. Três potes de picles picantes. Molho de tomate heirloom que ele fazia questão de comprar em uma fazenda do outro lado da baía, em Tiverton.

, dizia ele, a voz retumbando com um entusiasmo que rivalizava apenas com a alegria da mulher que gerenciava o mercado – e que se apaixonava um pouco mais pelo excêntrico bilionário a cada visita dele ao seu quiosque de produtos da fazenda.

Aquele era o problema, né? Era incrivelmente fácil se apaixonar pelo pai dela, embora fosse absolutamente impossível amá-lo.

Também era fácil agradar a Franklin Storm, desde que a pessoa não fosse filha dele.

Alice era uma adolescente na última vez em que estivera na fazenda Skipping Stone, que era pouco mais do que um celeiro no meio do campo, e ficou revirando os olhos enquanto todos ao redor bajulavam Franklin, que enfiava uma caixa cheia de embalagens do molho de tomate – com uma

etiqueta de envio e identificação escrita à caneta – na traseira da caminhonete velha que dirigia como se fosse uma pessoa normal.

Alice pegou o pote na prateleira e passou os dedos sobre o rótulo novo e muito bem-feito. O desenho de um celeiro. O endereço de um site. Ingredientes. Aquele molho tinha percorrido um longo caminho, como todos eles.

O estranho é que o que a abalou foi um quadrinho de informações nutricionais. Ali, naquela despensa com cheiro de infância e de verões passados, carregada do ar salino que circulava sob o ventilador de teto antigo, cercada por um milhão de coisas que nunca teriam feito Alice pensar no pai e que, a partir daquele momento, nunca a fariam pensar em mais ninguém, uma lágrima grossa rolou pelo seu rosto.

– Não deixa a porta bater! – gritou a mãe da cozinha, onde estava colocando a chaleira no fogo. Alice secou o rosto, apagando qualquer sinal de emoção. – Ela emperra, e aí vamos ter que chamar o Charlie pra te tirar daí.

Charlie, o carpinteiro/jardineiro/faz-tudo de plantão (casado com Lorraine, cozinheira/arrumadeira/mulher-para-o-que-der-e-vier), morava em uma das três casinhas dos empregados no extremo norte da ilha, sempre a postos para atender a casa principal – o pau-pra-toda-obra particular da mãe, agora na casa dos 60 anos.

– Como estão o Charlie e a Lorraine? – gritou Alice, pigarreando e endireitando a coluna, estranhamente grata pela pergunta.

Pelo menos era algo a dizer quando não queria dizer nada importante.

– Continuam sendo o Charlie e a Lorraine – respondeu Elisabeth, em uma das suas respostas típicas, como quem diz:

Alice pegou o café e voltou para a cozinha, onde a mãe já não estava sozinha. Ao lado dela, revirando a antiga gaveta forrada de metal que tinha sido mantida desde a versão original da cozinha, usando apenas a calça do pijama, estava o irmão mais velho de Alice.

– Sam.

Ele ergueu os olhos, com um pacote de muffins ingleses na mão.

– Olha só! A filha pródiga voltou! E o papai não está aqui para matar o bezerro mais gordo.

Alice esboçou um sorriso tenso, o único escudo contra a ironia característica de Sam.

– Muito engraçado.

– Não era pra ser – disse ele, a falsa cordialidade rapidamente resvalando para algo que poderia ser desagradável se ele não fosse tão bom naquilo. – Veio a pé?

– Ela veio de – informou Elisabeth.

Sam deu um sorriso de lado e assumiu aquela expressão irritante que irmãos mais velhos aprendem cedo e usam com frequência.

– Podia ter pegado carona. Temos um helicóptero.

– Talvez te surpreenda saber que a última coisa que eu queria ontem era dividir espaço com a equipe de relações públicas do papai enquanto decidiam como proteger o valor das ações.

– Olha só, a mulher do povo – rebateu Sam. – Aposto que você é adorada nas reuniões mensais dos 99 por cento que não fazem parte da elite privilegiada, ainda mais considerando que não pode chegar nem perto da sede da Storm.

E lá estava. A referência ao passado. Alice foi até a cafeteira no balcão.

– E como está a sede da Storm, Sam? Como vai o emprego mantido sob as asas do papai?

– Bom, ele morreu, então não está indo muito bem – disse Sam, sem qualquer sensibilidade, como se fosse feito de Teflon… nada grudava nele, mas tudo era tóxico.

Ocorreu a Alice que, em algum lugar das emoções do irmão (tais como eram), havia um fio de… expectativa? Aquele era o momento em que Sam poderia tentar se articular para ficar com o título que considerava seu por direito desde que aprendera o significado da palavra : CEO da Storm Incorporated. Por Alice, ele podia ficar com o cargo. Mas todos sabiam a verdade, e, se Franklin já estivesse no túmulo, estaria se revirando com aquela ideia.

– Droga! – exclamou Elisabeth, circundando a bancada central da cozinha.

Alice e Sam se viraram para ela.

– O que foi?

– Deixei o maldito tablet lá em cima!

Eles se entreolharam, a animosidade entre os dois desaparecendo na

mesma hora, daquele jeito que só acontece entre irmãos. Sam arqueou a sobrancelha para Alice. A irritação de Elisabeth parecia desproporcional ao incômodo de ter deixado o tablet em outro andar da casa.

– Tudo bem… – disse ele devagar, como se falasse com uma criança birrenta. – A gente busca pra você.

– Não preciso de ninguém buscando nada pra mim! Sou perfeitamente capaz de buscar sozinha – rebateu a mãe, batendo com a cafeteira no balcão antes de sair da cozinha com passos firmes.

Alice lançou um olhar para o irmão.

– Ela parece estar lidando bem com tudo.

Sam assentiu.

– Sem dúvida.

O relógio de pêndulo no saguão anunciou sete horas da manhã. Sam se encostou na bancada, bronzeado e com os cabelos mais claros por conta do verão, daquele jeito bonito e descontraído que certos homens prestes a completar 40 anos costumavam ser. Mas, olhando com mais atenção, Alice percebeu que o irmão não parecia tão despreocupado assim. Ele parecia cansado.

– Você acordou cedo – comentou ela.

A observação, na verdade, era uma pergunta.

A torradeira estalou, liberando o muffin dele. Sam não se mexeu e devolveu o olhar da irmã. Era justo, pensou Alice, convencida de que escondia melhor as próprias fissuras. Mentindo para si mesma.

– Você também – respondeu ele. .

Muito bem. Ela não ia contar ao irmão onde estivera. Sam seria como um vampiro, sugando qualquer informação sobre a noite que Alice passara no Vila Vôngole – , , e – e usaria tudo contra ela pelos próximos cinco dias.

Assim, os dois guardaram as suas verdades e se dedicaram ao uso dos eletrodomésticos que tinham à sua frente.

– Ela tá puta – comentou Sam. .

– A mamãe? – Alice mediu o café para colocar na cafeteira. – Isso é normal, não? Coisa das fases do luto?

– Ah, qual é. Como se ninguém soubesse que ele ia morrer fazendo

alguma maluquice, tipo balão de ar quente, paraquedismo, submarino, viagem ao espaço…

– Pelo amor de Deus, Sam.

– Mas não é verdade?

Franklin Storm havia morrido em um acidente de voo livre, o que a internet com certeza já chamava de "a morte mais bilionária de todas as mortes bilionárias" e de "a morte mais Franklin Storm possível". O pai dela nunca recusara uma oportunidade de desafiar a morte, geralmente diante de câmeras.

– Sim, mas ninguém esperava que fosse .

Ele mordeu o muffin.

– Tá bom.

– Tente ter um pouco de…

– Um pouco de quê?

Humanidade? Empatia? Alice balançou a cabeça. A empatia não era um traço da família Storm e nunca compensava.

– Sei lá. Ele .

– E é mesmo um evento e tanto, grande a ponto de trazer de volta pra casa – disse ele antes de abocanhar o muffin de novo, alto e de forma exagerada, ressaltando coisas que irmãos adoram ressaltar, como se elas significassem algo.

A chaleira apitou.

– É. Eu sei. Grande o bastante pra fazer você falar comigo – retrucou Alice, que sabia muito bem que era inútil apontar o fato de que os irmãos a haviam visto partir e não tinham dito uma palavra.

Franklin pode ter sido o estopim da partida de Alice de casa, mas o restante da família também contribuíra para afastá-la, apavorados demais com a possibilidade de sofrer represálias dele para agirem de outra forma.

– Acabei de lembrar, tenho um acordo de confidencialidade aqui em algum lugar pra você assinar.

Foi uma piada. Não teve graça.

Alice despejou a água fervente na cafeteira e foi poupada de preencher o silêncio que se estabeleceu entre os dois quando a porta da cozinha se abriu, fazendo entrar a luz da manhã e Greta, a mais velha dos irmãos Storms.

– Meu Deus! aqui! – exclamou Greta, soando mais surpresa do que

Alice gostaria.

Ela engoliu a irritação e abriu os braços, tentando parecer imperturbável.

– Surpresa – disse ela.

– Quer dizer, é claro que você está aqui.

O silêncio se estabeleceu de novo por tempo suficiente para deixar a situação bem constrangedora antes que Greta cruzasse a cozinha e abraçasse a irmã. Um abraço tão rápido que praticamente não aconteceu.

Quando as duas se afastaram, Alice quebrou o silêncio incômodo:

– Como você… está?

– Bem – respondeu Greta, repetindo sem surpresa a resposta da mãe enquanto passava a mão pelos longos cabelos loiro-escuros, idênticos aos de Sam, e alisava o tecido esvoaçante da regata que usava sobre uma calça legging preta. – Eu estava… – ela apontou para a porta – fazendo uma caminhada.

Era uma mentira descarada, daquelas que Greta contava havia anos. Todos sabiam exatamente para onde a irmã Storm mais velha ia à noite, quando achava que a casa inteira estava dormindo. Mas Alice preferiu não comentar; aquele não era o momento certo.

Sam não teve o mesmo tato:

– Sabe, Greta, agora que ele morreu você não precisa mais esconder.

– Esconder o quê? – perguntou Greta, a voz mais aguda enquanto mexia na pulseira de diamantes.

Alice pegou uma xícara em uma prateleira.

– Acho que ele tá se referindo ao Tony.

– O que tem o Tony? – perguntou Greta, antes de perceber que tinha quebrado a principal regra dos Storms: nunca aceitar a premissa de uma pergunta. Tentou consertar, a coluna ficando ainda mais ereta. – Tony, o Tony do papai?

– Que não é mais do . Acho que ele vai ficar pra você de herança.

Alice ergueu os olhos:

– Sam!

– Ah, qual é! Foi só uma piada! – Ele abriu os braços. – Como se ninguém estivesse pensando nisso.

– Nem todo mundo está pensando no que vai receber de herança, Sam – rebateu Greta. – Só você, que vai tentar conquistar a promoção que não conseguiu quando ele estava vivo.

– Você está sensível demais pra alguém que passou a noite transando, Greta – retrucou ele.

– Sam… – repreendeu Alice, como se aquilo pudesse deter o irmão.

Não podia. Nunca pôde. E agora ela já não se iludia achando que tinha qualquer controle.

– A questão é: não faz mais sentido ela manter isso em segredo.

– Fazendo sentido ou não, não é problema seu – retrucou Alice.

O caso amoroso entre a irmã e o motorista/faz-tudo do pai, ao longo dos anos, era o segredo mais mal guardado da família. Todos sabiam, mesmo que Greta continuasse se recusando a tornar o relacionamento público por medo da reação de Franklin, um medo que Alice conhecia bem e que não era infundado. Não porque Tony fosse um funcionário, mas porque era "propriedade" de Franklin.

Franklin Storm era um homem que gostava de acumular coisas. Terras, obras de arte, empresas, experiências, dinheiro. Poder acima de tudo, mas também atenção. E pessoas. E ele não sabia dividir.

Alice estendeu a caneca fumegante para Greta, em um gesto de solidariedade entre irmãs. A mais velha aceitou a caneca, mas não o gesto. Já estava com a atenção voltada para a porta da cozinha.

– A mamãe já acordou?

– Como sempre – disse Sam.

Greta olhou de um para outro, e seu tom ficou ainda mais agudo:

– O que foi? O que aconteceu? Ela tá chateada?

Dos três, Greta era a mais atenta às mudanças de humor de Elisabeth, sempre procurando uma maneira de agradar à mãe – um dos inúmeros motivos pelos quais mantinha o relacionamento com Tony em segredo.

– De certa forma – disse Alice.

– Ela quase jogou a cafeteira na Alice.

Greta arregalou os olhos.

– – disse Alice. – E o Sam estava .

Todos riram e, por um momento, tudo pareceu bem.

– A que horas você chegou? – perguntou Greta, indo até a geladeira.

– Faz meia hora, mais ou menos.

Greta ergueu um iogurte na direção de Alice.

– Agora de manhã?

Alice assentiu, tanto para a pergunta quanto para o iogurte.

– Isso, vamos nos aprofundar nesse assunto – se intrometeu Sam, com o tom de um adolescente de 15 anos, não de um adulto. – Todo mundo sabe onde a Greta estava ontem à noite, mas e você?

Alice se concentrou em tirar o lacre de alumínio do potinho.

– Estava chovendo. Não quis arriscar pegar um barco com a tempestade.

Foi a vez de Greta e Sam trocarem um olhar.

– Claro. Você vai precisar de uma desculpa melhor do que essa se quiser que a mamãe acredite em você – disse Sam. – Sempre tem uma tempestade por aqui.

.

– Exato. E a gente não deve ficar no meio delas – retrucou Alice. – Além disso, havia fotógrafos.

Aquilo pegou os outros dois desprevenidos. Sam falou primeiro:

– Onde?

– Na estação.

– Como souberam que você estaria lá? – perguntou Greta.

Sam praguejou baixinho:

– Eles souberam porque a Alice se orgulha de não ser como os outros Storms. Professora de escola pública, heroína do proletariado que deu as costas pra família. Mas saber se ela ia aparecer ou não era uma das questões realmente interessantes do dia, e por quero dizer que valia uma .

– Isso estava fora de questão. É claro que eu viria – falou Alice, engolindo a irritação e o constrangimento por não ter previsto os fotógrafos. O pai teria previsto. Ela ignorou o aperto no peito. – Estou impressionada por você ter conseguido usar a palavra "proletariado" em uma frase, Samuel.

Sam ignorou o insulto. Ele não era do tipo que se ofendia.

– Eles tiraram fotos? – perguntou Greta.

Alice balançou a cabeça.

– Não.

Não havia necessidade de contar como eles tinham chegado perto daquilo.

Um longo silêncio voltou a se instalar enquanto os irmãos a observavam, tentando deduzir a verdade, que era um artigo raro quando os Storms

estavam juntos. Verdades eram contadas em partes, convertidas em segredos – valiosas demais para serem entregues de mão beijada.

Mas Alice tinha dito a verdade (sobre as fotos, pelo menos), e eles acreditaram (sobre as fotos, pelo menos).

– Não está rolando nada entre mim e o Tony – disse Greta, naquele tom casual que as pessoas usam quando a situação está longe de ser casual. E não era mesmo. O relacionamento entre Greta e Tony não era casual havia dezessete anos. Como nenhum dos dois comentou mais nada, ela mudou de assunto: – Você passou a noite na cidade?

– Ahã. No Vila Vôngole.

Um lapso. . Alice estava destreinada, tinha esquecido que conversas com a família deviam ser tratadas como depoimentos judiciais. Responder só o que foi perguntado e nada mais. Greta não perdoou:

– Com o Griffin?

Adeus, solidariedade.

– Não.

Alice ignorou o modo como os irmãos entraram em alerta, subitamente dominados por uma expectativa silenciosa. Ela fingiu naturalidade:

– Ele teve que trabalhar.

Greta tomou um gole do café.

– É mesmo? Ele já arrumou um emprego de verdade?

– E você?

Alice odiava se sentir na defensiva daquele jeito por causa de alguém que tinha feito as malas e ido embora sem nenhuma explicação, como se não tivessem passado anos juntos. Como se não tivessem planejado passar o resto da vida juntos.

Quer dizer, tinha planejado aquilo. Griffin, ao que tudo indicava, vinha planejando um jeito de escapar, e ela nem desconfiara.

Sam deu um sorrisinho de lado, ciente de que tinha tocado em um ponto fraco.

Irritada, Alice não se conteve:

– Cadê a Sila?

Talvez ela tivesse escapado por pouco de um equívoco matrimonial, mas Sam caíra de cabeça em um. A esposa dele, Sila, com certeza tinha se gabado

muito com a mãe, com as rivais e com qualquer pessoa com ouvidos sobre o dia em que fisgara Sam Storm como quem fisga um troféu.

Sam se calou, e Alice conteve o sorriso de satisfação assim que percebeu que também tinha atingido seu próprio nervo exposto.

– Você podia simplesmente ter dito que estava feliz em me ver, Sam.

– E por que eu estaria feliz em te ver? – retrucou ele.

Na boca de outro irmão, em outra família, talvez aquilo soasse como piada.

Mas aqueles eram os Storms.

Alice olhou para Greta, que encarava a caneca de café sem dizer nada. Como sempre.

Ela pousou a xícara em cima da bancada.

– Vou desfazer as malas.

Nenhum dos irmãos respondeu. O que diriam? Nem meia hora juntos e todos já tinham voltado aos seus antigos papéis.

.

CAPÍTULO 4

Havia características fascinantes nas mansões da Era Dourada dos Estados Unidos.

Uma quantidade infinita de cômodos de todos os tamanhos. Pés-direitos altos. Sancas ornamentadas. Pisos de madeira original dispostos em padrões intrincados. Pias enormes. Banheiras com pés em garra. Closets (uma das maiores invenções do país) com espaço suficiente para acomodar anáguas, espartilhos e metros e metros de seda e veludo.

Casas assumidamente exageradas no design, cheias de cantinhos e rincões e uma infinidade de locais pensados para abrigar segredos, fofocas e, sim, encontros às escondidas, como podiam atestar muitas irmãs mais velhas ao longo da história.

A Mansão Storm tinha sido projetada para competir com as mais belas mansões do século XIX em Newport – com toda a extravagância das outras e, de quebra, localizada em uma ilha particular. Vinte e cinco hectares de terrenos sinuosos e vistas magníficas: o Atlântico ao sul, a baía de Narragansett ao norte e algumas das paisagens mais belas de Rhode Island a leste e oeste.

A ilha tinha sido comprada dos indígenas do povo narragansett na década de 1660 por John Peckham, um inglês que buscava estabelecer seu próprio feudo em um novo continente, cujo nome original era Uhquŏhquot, em uma das línguas algonquinas. Pelos registros da sociedade histórica de Wickford, não se sabia ao certo se o Sr. Peckham chegara a perguntar o significado do nome da ilha na hora da compra, mas o consenso era que não, ou talvez ele tivesse pensado duas vezes antes de adquirir um lugar chamado Tormenta.

John morreu no meio de uma tormenta brutal durante o seu primeiro inverno na ilha, e sua família abandonou imediatamente o lugar – guiada pelo bom senso da esposa dele, Mary, que provavelmente não se surpreendeu com o destino do marido, considerando a imprudência da compra. Mary não voltou a se casar (o que só reafirma o bom senso citado anteriormente) e viveu até os 93 anos, pelo menos segundo a lápide no cemitério de Little Compton. Talvez tenha sido Mary quem enfim pediu a alguém a tradução do nome do lugar: Uhquŏhquot virou ilha Storm – depois de ser Tempest por algum tempo – e permaneceu desabitada por mais dois séculos, até ser incorporada pelo Estado e vendida por cinco mil dólares a um magnata do aço que não era considerado refinado o bastante para ser aceito em Newport – e, considerando o nível dos homens em Newport, o homem devia ser um príncipe da realeza.

A Mansão Storm foi erguida, imensa e soturna, no alto da colina – um enorme dedo do meio em riste para os magnatas do sul – e habitada por aquele homem inadequado e seus descendentes igualmente inadequados até os anos 1980, quando o lugar entrou em decadência, assim como o saldo dos fundos fiduciários da família.

Foi então que surgiu a solução para os problemas financeiros deles: Franklin Storm, muito jovem, arrogante e certo de que os muitos milhões ardendo no seu bolso eram só o começo. A ilha Storm era o seu destino, disse ele a Elisabeth quando os dois desceram do barquinho atracado no píer precário pela primeira vez. Afinal, o lugar já levava o nome da família dele.

Elisabeth não tinha tanta certeza, mas Franklin tinha um dom único: a habilidade de convencer qualquer um ao seu redor de que os desejos dele eram os desejos de todos. Ao longo dos anos, aquele talento lhe rendeu os rótulos de gênio, sedutor, charlatão e místico, dependendo de quem o

estivesse rotulando, mas, para Elisabeth, ele era Frank, o homem por quem ela se apaixonara, na alegria e na tristeza (e, naquela época, ainda era mais alegria).

Juntos, os dois fizeram da casa um projeto, transformando a ilha em um santuário particular. Enquanto a cobertura na Park Avenue, o sobrado em Londres e o rancho em Wyoming hospedavam políticos e figuras influentes, a ilha Storm era reservada exclusivamente à família e a amigos muito próximos. Franklin sabia melhor do que ninguém que o único jeito de manter o valor de algo era guardar aquilo a sete chaves. Afinal, todo mundo adorava a promessa de um segredo.

E todo mundo adorava mentir, se dizendo conhecedor daqueles segredos. Tanto na área da tecnologia quanto na alta sociedade nova-iorquina, sempre havia alguém pronto para entreter os convidados de um jantar com histórias mirabolantes sobre o playground particular de um bilionário excêntrico. E, como todo mundo mentia, no fim das contas ninguém sabia quem dizia a verdade, o que tornava a Mansão Storm ainda mais lendária. Naquelas histórias, a casa era palco de um sem-número de excessos e esquisitices, e Franklin se divertia com as descrições absurdas que inevitavelmente chegavam até ele – publicadas nas colunas sociais, pauta de entrevistas.

Nada do que se dizia era verdade: nem o extenso jardim de topiarias (ou, infelizmente, o elefante em tamanho real ali dentro); nem a piscina externa que rivalizava com a do Castelo Hearst (impraticável para os invernos da Nova Inglaterra e facilmente desmentida pelo Google Earth); nem a caverna subterrânea secreta cheia de invenções tecnológicas no estilo da Batcaverna (o lugar mal tinha um sinal de internet estável, de propósito, por decisão de Franklin).

O que havia de verdade na ilha era uma casa com cheiro de história, de óleo de limpeza e de um leve traço do perfume Opium, de YSL, que Elisabeth usava desde sempre, e cheia de lembranças que eram tanto uma dor quanto um conforto para Alice enquanto ela subia a escada até o seu quarto de infância, a melhor parte da Mansão Storm.

Quando Alice nasceu, Franklin e Elisabeth já tinham reservado quartos grandes no segundo andar para Greta, então com 7 anos, e para Sam, um garotinho de 5 anos que se achava o rei da casa. Como os pais ocupavam boa parte do terceiro andar como suíte principal, Alice ficou com a torre –

uma pequena torre circular que se erguia do canto sudoeste da casa, acessível por uma escada estreita escondida atrás de uma porta no fim do corredor do terceiro andar.

Era simbólico o fato de os Storms terem colocado a filha que tinha sido… não exatamente um , mas com certeza uma , no quarto da torre, como uma princesa esquecida de conto de fadas – mas aquilo era assunto para Alice e sua terapeuta às sextas-feiras, de quinze em quinze dias, às 10h15 (terapia era outro ponto da família contra ela, caso alguém esteja se perguntando).

Alice lembrou que tinha que remarcar a sessão daquela semana enquanto jogava as malas em cima da cama, ainda coberta pela colcha azul-turquesa de matelassê que sempre esteve ali. O quarto era uma cápsula do tempo: fotografias desbotadas na lareira, conchas e pedras coletadas nas caminhadas pela praia na infância, medalhas pelo segundo lugar em provas de equitação penduradas em espelhos dourados, garimpados onde quer que os pais buscassem mobília para o segundo quarto da terceira filha.

Elisabeth Storm nascera no seio de uma família rica e tradicional da Nova Inglaterra – um dinheiro tão antigo que já nem existia mais –, o que se traduzia em um ódio puritano por ostentações de riqueza (ilha particular à parte). Por isso, não importava que Franklin fosse um bilionário autodidata já há muito tempo quando a terceira filha chegou, pois quase não havia nada na casa que combinasse com o cromo, o aço e o vidro de safira que fundamentaram o império Storm. Em vez disso, o lugar era cheio de antiguidades herdadas do ramo Winslow da família.

Alice foi até as janelas grandes na parede curva e admirou o cenário de tirar o fôlego que antes fora tratado com descaso por ela. As janelas nos três lados do espaço arredondado ofereciam uma vista deslumbrante da ilha: árvores centenárias, dominadas pelo carvalho gigantesco a leste; a pequena construção com o sino de neblina na ponta sul, com o mar aberto ao fundo; e, a oeste, o píer e a casa de barcos que recepcionavam quem vinha de Wickford pela baía, ao longe.

A luz dourada da manhã inundava o quarto de um jeito mágico, e de repente os anos se dissolveram – Alice era criança de novo, os olhos perdidos no mar, com a música alta o bastante para irritar a casa inteira, pensando se conseguiria uma carona com Charlie até o continente para

fazer hora do lado de fora da sorveteria, de olho no garoto bonito atrás do balcão.

O romance adolescente que ela sonhava viver nunca se concretizou. Depois de mentir ao dizer que estava fazendo um bico durante o verão na lanchonete onde a tia dele trabalhava (uma terrível coincidência), tudo desandou. Mas foi ali que Alice provou pela primeira vez o gosto de fingir ser outra pessoa, alguém que não havia sido moldada pelos pais, e aquilo foi o começo do fim.

Claro que o fim já estava em curso havia muito tempo.

Ela levantou os dedos e os encostou no vidro, o olhar perdido no mar que atravessara naquela manhã, a água salgada e fresca, já tomada por aspirantes a capitão navegando nos últimos dias do verão. Ao longe, alguns barcos de pesca retornavam ao porto de Wickford, carregados de lagostas e caranguejos. O lampejo de uma lembrança: o pai comendo ostras no cais às oito da manhã, com os olhos brilhando, rindo com um grupo de pescadores, enquanto Alice observava de longe.

Ela sentiu um nó na garganta. De tristeza, claro. Mas também de frustração, pela maneira como aquilo evocava em vez do que .

– Nem pensar – sussurrou em resposta para si mesma.

Ia adiar a terapia daquela semana. De um jeito saudável.

Alice se afastou da janela e foi até a mala pegar a única distração possível para uma mulher de 33 anos em seu quarto da infância, escondida da própria família.

O celular.

Quando se conectou ao Wi-Fi, viu as bolinhas vermelhas que ignorara no trem na noite anterior ficarem mais agressivas: vinte e três mensagens de voz, cento e quarenta e-mails novos. Duzentas e treze mensagens de texto. Começou por elas, abrindo o aplicativo e rolando para baixo, já cansada.

A chefe. Depois.

O vizinho do apartamento da frente. Mais tarde.

Uma repórter do . De jeito nenhum.

Alguns amigos do colégio com quem ainda mantinha contato. Inevitável.

. Alice prendeu a respiração ao ver o nome em destaque – um

nome que vinha evitando desde o Quatro de Julho, quando ele partira seu coração e a deixara sozinha, sem nenhuma justificativa além de um…

. Ela pairou sobre o nome dele, sem conseguir evitar ler a prévia da mensagem. E se encolheu diante do apelido. Griffin tinha sido seu parceiro por cinco anos e desempenhara tão bem o papel que ela mesma acreditara (e olha que ele nem era tão bom assim no palco).

– Então não diz – sussurrou Alice.

E, demonstrando uma força de vontade impressionante (sobre-humana, na verdade), deslizou o dedo para apagar a conversa sem sequer abrir. Antes que mudasse de ideia.

.

Alice abriu a conversa com a melhor amiga, e uma série de mensagens não respondidas preenchia o lado esquerdo da tela, cada vez mais urgentes. Antes que pudesse ler todas, o celular vibrou na sua mão – o rosto de Gabi surgiu na tela em uma chamada de vídeo.

Alice encostou o celular no ouvido e abriu a mala.

– Foi um erro ter ativado a confirmação de leitura pra você.

– Eu também acho! Sabe aquelas músicas sobre ser ignorada? Experimenta ser ignorada sabendo que a mensagem !

Gabi era a amiga mais próxima de Alice desde meados do primeiro ano da faculdade, quando relutaram em ser colegas de quarto, vindas de mundos completamente diferentes (será que algum mundo era igual ao de Alice?). Depois de alguns meses, o amor mútuo pela escritora bell hooks e pela série (viva a dissonância cognitiva feminista) selou a amizade, e, no fim do primeiro ano, Gabi era a única pessoa do campus (além dos membros da reitoria) que sabia a origem de Alice. Ela jurou segredo durante o voo de helicóptero até Boston, quando Alice quebrou o braço. E sua única reação diante da revelação?

As duas nunca mais se desgrudaram.

– Faz dezoito horas desde a sua última mensagem. Que diabo aconteceu, Alice? – Pausa. Gabi se mexeu do outro lado da linha, saindo da cama. – E todas as ligações caindo direto na caixa postal? Achei que você tava morta.

Alice olhou para o conteúdo da mala, uma mistura bizarra de itens de higiene, sapatos e roupas que talvez fossem úteis, ou não, nos dias seguintes ( ), pegou um par de tênis brancos sem cadarço e o atirou no canto do quarto.

– Não estou morta. É que o sinal de celular nessa ilha é péssimo.

Era uma realidade que Franklin poderia ter mudado se quisesse, mas não havia nada que o pai dela gostasse mais do que impor controle aos visitantes como um ditador benevolente – todas aquelas biografias de William Randolph Hearst que ele leu tinham deixado uma marca poderosa. Portanto, era internet ruim vinda do continente ou nada.

Outra voz murmurou ao fundo.

– Ela sabe que é modo de dizer – falou Gabi, antes de se dirigir novamente a Alice. – Isso foi insensível da minha parte? Falar de morte? A Roxanne tá dizendo que sim.

– Você é advogada, então já espero um certo grau de insensibilidade – respondeu Alice, enquanto levava a nécessaire até uma mesinha baixa sob uma das janelas. Ela olhou para os barcos cruzando o mar.

– Exatamente. Faz parte do meu charme – afirmou Gabi, sem hesitar. – E a Roxanne tá se fazendo de santa só porque está desesperada pra saber as fofocas da sua família.

Alice ouviu um gritinho indignado ao fundo, e riu daquela dinâmica que conhecia tão bem. Roxanne Wolf era editora da coluna social da , uma das poucas revistas impressas que tinham tanto o respeito dos literatos nova-iorquinos quanto dinheiro suficiente para se manter em circulação. Anos antes, foi Roxanne que ajudou Alice a contar a história que mudaria tudo – a história que tinha acabado com a boa vontade do público em relação à Storm, dizimado os cargos da alta cúpula da empresa e destruído a relação dela com o pai.

E, embora a história pudesse ter alçado a carreira de Roxanne à estratosfera, ela tinha preferido passá-la a uma colega de confiança, recusando-se a ser o instrumento das consequências inevitáveis que cairiam sobre Alice. Quando chegava a hora da verdade, Roxanne sempre escolhia a amizade de longa data em vez de mais espaço para as suas colunas, e as três sabiam disso.

Gabi continuava falando:

– Onde você estava? Tá tudo bem?

– Meu celular estava desligado.

Uma pausa.

– Sim, mas isso parece uma coisa que deveria valer para os outros. Não pra mim.

Alice sorriu ao ouvir, apesar da conexão questionável, o leve deslizar da porta de correr que separava o quarto da sala no apartamento térreo em Boerum Hill que Gabi dividia com Roxanne. Ela fechou os olhos e desejou estar ali, naquele cômodo cheio de tapetes de brechó, móveis confortáveis e livros suficientes para reduzir pela metade a metragem disponível para uso.

– Me conta – pediu Gabi.

Alice fitou o mar reluzente, um dos cenários mais bonitos do mundo, com certeza.

– É estranho.

– Faz sentido.

– Não, estou querendo dizer que é… – Ela parou, tentando encontrar a melhor forma de descrever o que sentia. Um esforço inútil. Em vez disso, disse: – Tinha paparazzi me esperando na estação.

– Ah, merda. Sério? Quer que a Roxanne mexa uns pauzinhos? Bem, acho que o pessoal do seu pai também podia…

O pessoal do pai. Mesmo morto, Franklin ainda tinha o "pessoal" dele. Como aquilo poderia ser estranho?

– Não – disse Alice. – Eu resolvi… Foi resolvido. E, de qualquer forma, agora eu já estou na ilha.

– Ah. A ilha.

Em todos os anos de amizade, Gabi tinha ido poucas vezes à ilha Storm. Em um recesso de primavera na faculdade e em alguns fins de semana, depois de formadas, até Alice parar de voltar à ilha.

– E…?

– E… – Ela hesitou. Do outro lado da ligação, Gabi esperou até que a amiga finalmente completasse: – Faltam cinco dias pra eu ir embora.

– Tá tão ruim assim?

– Bom, lembra que a minha família não é exatamente boa em lidar com… sentimentos.

– E você é ótima nisso… – comentou Gabi, com ironia.

– Ei! Eu tô… melhorando.

– Tá mesmo – concordou Gabi na mesma hora, daquele jeito típico das melhores amigas, sabendo quando apontar falhas e quando ignorá-las por completo. – Como você está se sentindo?

– Eu estou… bem?

O que mais ela podia dizer?

– Mentira. Quer que eu vá praí?

.

Mas os Storms juntos daquele jeito, não importava o que estivessem sentindo – aquilo era mesmo luto? –, ainda parecia outra coisa. Como se Franklin fosse surgir pela porta dos fundos com as botas cheias de lama e colocar todos em uma competição: quem chega primeiro ao extremo norte da ilha, quem sobe no galho mais alto do carvalho-vermelho, quem se lembra dos nomes dos pintores dos quadros pendurados nas paredes da biblioteca, quem sabe o valor das ações da Storm Inc. na abertura do pregão. Então talvez fosse negação. Mas não importava: chamar reforços tão cedo seria admitir que não estava dando conta. Constrangedor.

Um pequeno bote branco cruzava a baía ao longe, quase idêntico ao que ela tinha pegado naquela manhã. Alice ergueu a mão, os dedos dançando sobre a trilha de ondas brancas deixadas para trás.

– A minha mãe chamou umas pessoas para estarem aqui na segunda-feira. Não sei como vai ser. Uma espécie de cerimônia, ao que parece, mas, conhecendo a minha mãe, vai ter bebida liberada, um quarteto de cordas ou algo assim. Meu pai não era religioso, então nem sei direito o que vamos fazer com… – Ela não queria dizer . – Enfim. Você não precisa…

– Eu vou – declarou Gabi, firme. Como a amizade delas. – Me manda os detalhes por mensagem.

– Você devia trazer a Roxanne. É uma boa época do ano.

– Ah, ótimo, porque eu estava planejando emendar o funeral do pai da minha melhor amiga com um passeio para ver as folhagens de outono.

Alice não conseguiu segurar a risada. Então, voltou para onde estava a mala e começou a revirar o que levara. Um moletom preto. Um jeans rasgado. Duas regatas pretas.

– Tá bom. Mas traz ela mesmo assim.

– Vou levar. Como está a sua mãe?

– A mesma de sempre, mas com uma dose extra de ansiedade não trabalhada.

– Que divertido! E o resto do pessoal já chegou?

– Ah, sim. A galera toda. O Sam continua um babaca, a Greta tá preocupada com a mamãe. Não vi as crianças. Nem a mulher do Sam, mas tenho certeza de que continua insuportável. – Filha de um bilionário que a mimou até o dia em que foi parar na cadeia por algumas décadas, Sila não tinha a menor capacidade de mudar.

– E a Emily?

A irmã mais nova de Alice, a caçula da família. Estava à frente de uma loja de cristais em Wickford, acendia incensos de sálvia como se aquilo tivesse algum significado e, apesar de ser a mais avoada da família, era a Storm preferida de todos, até da própria Alice.

O sentimento já não era mais recíproco.

– Ainda não vi.

– Ué, mas você não disse que todo mundo estava aí?

– Ela está, mas eu só cheguei hoje de manhã – disse Alice, enquanto abria uma gaveta da cômoda e enfiava todo o conteúdo da mala ali dentro.

– Você não pegou o trem ontem à noite?

– Eu… – as palavras ficaram presas na garganta quando Alice percebeu aonde aquela sequência de perguntas ia dar, e fechou a gaveta com um baque suave – peguei.

– E onde dormiu ontem?

– Em um hotel perto da estação.

– Por quê? – Pausa. Depois, em um tom mais agudo: – Inferno, o Griffin tá aí? – Gabi falou como outras pessoas diriam . – Aquele desgraçado. A gente faz coisas no calor do luto, Alice, mas você podia evitar fazer essas coisas com aquele ogro.

Alice riu. O problema era que Griffin não era um ogro. Era bonito, simpático, divertido e agia com uma espontaneidade que desarmava (ou ao menos era o que) – exatamente o oposto de tudo que Alice fora criada para desejar, o que foi motivo suficiente para que ela ignorasse tudo o

que o fazia ser errado para ela, principalmente depois que o pai deixou bem clara a sua desaprovação.

Então, Griffin terminou com ela sem dar nenhuma explicação (portanto, talvez ele fosse um pouco ogro).

– Preciso te lembrar que você gostava do Griffin?

– É exatamente por isso que eu odeio ele agora. Tive que recalibrar completamente o meu detector de babacas depois que aquele… – Uma pausa, enquanto Gabi se recompunha. – Meu Deus. Ele ?

– Você podia confiar mais no meu bom senso, sabia?

– Eu confio totalmente no seu bom senso, menos nisso. Pelo amor de Deus, você cortou por causa dele. quase cortei franja por causa dele.

– Muito bem, em primeiro lugar: isso é golpe baixo. Eu estava passando por um momento difícil. E, em segundo lugar, eu não estava com o Griffin ontem à noite.

As palavras mal tinham saído da sua boca quando Alice percebeu que tinha se entregado.

– Mas você estava com… outra pessoa? – Gabriela Romero-Jiménez, a melhor advogada da defensoria pública do Brooklyn, entrou na conversa.

– Preciso desligar – disse Alice.

– Você não precisa coisa nenhuma, sua mentirosa.

– Protesto. Agressiva – rebateu Alice.

– Negado!

O grito de Gabi foi interrompido por uma batida na porta do quarto.

– Ah, merda. Agora preciso mesmo desligar.

– Não! Quem é? Literalmente ninguém é mais importante do que eu nesse momento.

Alice riu quando a porta foi aberta e a cabeça da irmã mais nova apareceu na fresta, uma réplica perfeita do rosto da mãe, embora com algumas sardas a mais (sardas jamais ousariam se instalar no rosto de Elisabeth).

– Tenho que desligar!

– É alguém famoso? O presidente? O presidente do Banco Mundial? – perguntou Gabi, quase sussurrando.

– Nem sei quem é o presidente do Banco Mundial – respondeu Alice,

antes de acrescentar: – É a Emily.

– Ah – disse Gabi, entendendo mais do que Alice deixava transparecer. – Então vai. E manda um oi pra ela.

– A Gabi mandou um oi – disse Alice para a irmã, que acenou de leve e entrou no quarto. Emily estava com a aparência de sempre: pronta para uma aula de ioga, uma sessão de meditação ou um atendimento de reiki de emergência. Descalça, de regata preta justa e uma calça samurai larga, cinza e estampada. – Ela mandou outro.

– Me manda mensagem contando de segunda-feira.

– Mando, sim. – Alice largou o celular na cama e foi até Emily, mas parou antes de abraçar a irmã, sem saber se elas ainda faziam aquilo. – Oi.

Elas se abraçavam antes. Tinham sido uma dupla, já que Emily era muito mais próxima em idade de Alice do que dos outros irmãos. Mas naquele momento Alice hesitou, e, por fim, foi Emily quem estendeu os braços.

– Oi.

Greta era toda frieza e rigidez. Sam, arrogância espalhafatosa. Emily era a menos blindada dos irmãos. Ou, pelo menos, já tinha sido. Aberta e autêntica de um jeito que ninguém mais era, o que era até irônico, considerando que o negócio dela – uma loja de terapias holísticas no continente – dependia inteiramente de turistas com carteiras gordas e bom senso escasso.

Ou melhor, dependeria inteiramente disso se o pai delas não tivesse bancado tudo poucas semanas depois de Emily se formar na faculdade – um fato que enlouquecia Sam e Greta sempre que vinha à tona, apesar de Franklin ter bancado a vida inteira de Greta como autora de romances inacabados e acompanhante da mãe em almoços; e de ter dado a Sam uma sala no mesmo corredor da empresa, onde ele fingia ser adulto enquanto o pai pagava a escola particular dos netos e os caprichos de Sila… fosse lá no que ela estivesse metida na época.

Talvez fosse a idade de Emily – cinco anos mais nova que Alice, com todos os privilégios de caçula. Talvez o estoque de desconfiança genética da família tivesse se esgotado antes que o DNA de Emily se enrolasse em dupla hélice, mas, enquanto os outros escondiam a verdade com medo de ver aquilo exposto e usado contra eles, Emily vivia de um jeito transparente. Falava sobre sentimentos. Dizia que amava as pessoas. Era algo entre

revigorante e exaustivo, e ninguém sabia explicar direito como ela tinha se tornado quem era.

Nem mesmo Alice. Por isso tinha evitado os primeiros esforços da irmã em manter contato quando ainda não estava pronta para lidar com sentimentos. A honestidade de Emily exigia reciprocidade, e Alice não estava preparada. Quando enfim se sentiu pronta, Emily tinha sumido. Cansada de esperar.

Já era tarde demais para se desculpar. Ou, pelo menos, parecia.

Alice aceitou o abraço da irmã, quase apertado, quase purificador, e então… acabou. Rápido e tenso demais, antes que a caçula dos Storms se afastasse de novo.

. Alice deixou que ela se afastasse, sentindo a decepção atingi-la como uma onda, ameaçando seu equilíbrio.

– Você veio – disse Emily, abaixando os braços, e dezenas de pulseiras de contas (labradorita, malaquita, pedra da lua, peridotos… já deu pra entender, né?) tilintaram juntas.

– É claro que eu vim.

Emily assentiu.

– Fico feliz por isso.

Palavras que, na boca de qualquer outra pessoa da família, soariam como uma acusação ou chantagem emocional, ditas por Emily soavam como outra coisa: verdade. De alguma forma, aquilo deixou Alice com uma sensação mais próxima do luto do que qualquer coisa que tivesse sentido até então. Nem Emily tinha certeza de que ela apareceria ali.

Antes de mais nada, nem Emily sabia o verdadeiro motivo da partida da irmã.

Alice engoliu a vontade de se defender.

, diria a terapeuta. .

– Como você tá?

Alice quase se encolheu ao ouvir a pergunta banal que saiu da própria boca. Mas Emily não pareceu notar, apenas deu de ombros com delicadeza.

– Bem. Quer dizer, até ontem. Mas essa parte tá sendo boa. Eu não sabia se você ia…

– Pois é. Ninguém sabia – disse Alice, tentando aceitar as palavras pelo

que eram. Ignorando as que queriam escapar pela sua boca.

.

– Eu fiquei torcendo pra você vir no Quatro de Julho.

O Quatro de Julho, aquele fim de semana que Franklin e Elisabeth tinham reivindicado para sempre – um feriado da família, no mais tradicional estilo do dinheiro tradicional da Nova Inglaterra. Se os seus ancestrais lutaram na Revolução, você era convocado a honrá-los com roupas de anarruga e mocassins no casarão da família, no Dia da Independência.

Alice tinha perdido o feriado nos últimos cinco anos, mas, em junho, pela primeira vez em anos, Emily tinha ligado. Pediu a ela que fosse. E, embora Alice tivesse dito que tentaria, ambas sabiam que ela não iria. E não foi.

– Eu… – Ela se deteve, lembrando de todos os motivos pelos quais não pisava na ilha havia cinco anos. – Não deu pra vir.

– Claro – disse Emily. – Você é uma pessoa ocupada.

– O que você quer dizer com isso?

– Nada – mentiu Emily. – Você é ocupada. Não conseguiu vir no Quatro de Julho. Eu não fiquei surpresa. Não foi a primeira vez que você faltou a um evento.

E lá estava. A lembrança de que, mesmo sendo a caçula da família, uma mulher alegre, doce e encantadora, Emily ainda era uma Storm. Sabia bem como cravar um comentário afiado. Alice entendeu muito bem.

– O papai não poderia ter deixado mais claro que eu não seria bem-vinda aqui, Em. E a mamãe também.

– Sim, mas não era o casamento deles – retrucou Emily. – Era o meu.

, disseram os sites de fofoca três anos antes, junto a fotos tremidas feitas por um drone acima da ilha. Emily e Claudia, de vestidos brancos estilo , sob um arco de flores montado diante de um dos antigos muros de pedra da ilha. Menos de vinte pessoas presentes. E Alice não estava entre elas.

– Desculpa – pediu. E estava sendo sincera, embora a palavra tenha saído ríspida, áspera e carregada de mágoa, porque ninguém jamais havia pensado em pedir desculpas a ela pelo exílio. – A Claudia tá aqui?

– Vai chegar. Ela vai cozinhar hoje, foi pegar umas coisas na fazenda.

Alice ergueu as sobrancelhas.

– A mamãe deixa ela cozinhar?

Emily deu um meio sorriso, e era o máximo que estava disposta a compartilhar.

– A mamãe gosta mais dela do que da gente.

– É difícil culpá-la.

– Não é?

Alice viu um lampejo da antiga Emily, a sua companheira de infância. Como Greta e Sam eram quase da mesma idade, tinham se unido contra as irmãs mais novas e depois partido para "conquistar o mundo" (mais ou menos), deixando Alice e Emily para trás – e transformando as duas em uma dupla.

Até que tudo mudou.

– Em… – começou Alice, sem saber ao certo o que pretendia dizer.

– Topa meditar mais tarde? – disse Emily ao mesmo tempo, oferecendo uma trégua. – Eu posso te guiar, se quiser.

– Talvez – falou Alice, sem graça, resistindo ao impulso de rir só de se imaginar fazendo uma prática de meditação. O que ela praticava era ansiedade. Irritação. E, atualmente, um pouco de "o que diabo tá acontecendo". – Como você tá?

Uma pausa.

– Bem mal. E você?

.

– Está tudo meio… estranho.

– É a energia do papai. Não está vibrando na mesma frequência.

, teve vontade de dizer Alice.

. Mas não quis estragar a trégua que tinham firmado. Do jeito que dava.

E, no exato momento em que o silêncio começou a se tornar incômodo, Elisabeth gritou do andar de baixo:

– Emily! Alice! Desçam agora. – O grito da mãe podia ser descrito como agudo, não fosse o tom de resignação. – Temos visita.

Imediatamente unidas, as irmãs trocaram um olhar. Emily articulou sem som:

– Quem?

Alice deu de ombros.

– Gente da empresa?

Pessoal da publicidade, do marketing, gestores… podia ser qualquer um.

Emily fez que não com a cabeça.

– Não chegou nenhum helicóptero.

Elas teriam ouvido a chegada da Storm Inc. Alice foi até a janela, de onde dava para ver a casa de barcos, no lado oeste da ilha, onde ela havia atracado seu barco mais cedo – e que no momento estava ao lado de outro, idêntico.

– Alguém que sabe quais são os barcos da marina que pertencem à ilha.

– Meninas! – Daquela vez, o tom de Elisabeth foi estridente. Urgente.

As irmãs se adiantaram na hora, como tinham sido treinadas a fazer.

A poucos degraus do fim da escada, Emily estacou tão de repente que Alice quase derrubou as duas, mas conseguiu parar a tempo.

– O que…?

Ela nem terminou a frase. Seu olhar se voltou para a porta principal da casa – emoldurada por entalhes elaborados e vitrais coloridos –, onde o tal convidado de Elisabeth esperava.

Mas não era um convidado de Elisabeth. Não, aquele escoteiro de pernas compridas, tatuagem no antebraço e olhos cinzentos era convidado de .

Ou não?

Com o detalhe de que o homem não era um estranho. O resto da família claramente o conhecia. E, pelo desconforto coletivo – olhares belicosos (Sam), lábios cerrados (Greta), silêncio tenso (Elisabeth) –, não gostavam dele. Até mesmo Emily, a rainha da aceitação radical, parecia abalada com a chegada do homem: ela ergueu e girou os ombros, como se tivesse algo a provar.

Pior ainda: o homem obviamente conhecia todos eles – o que significava que, na noite anterior, ele já sabia quem era. E não disse nada. Meu Deus, como ela tinha sido idiota, achando que podia ter algo só para si. Nem mesmo uma noite com um estranho, sem consequências.

Ela devia ter imaginado. Afinal, que sempre havia consequências. Não tinha sido aquilo que o pai lhe ensinara?

E aquele homem, fosse quem fosse, tinha chegado trazendo as consequências.

Ele parecia alheio à tensão que vibrava no saguão de entrada. Na verdade, parecia absurdamente tranquilo, com seus olhos passeando por todos ali, um a um. Alice esperou até que pousassem nela, preparando-se para o peso daquele olhar.

Quando finalmente aconteceu, foi de uma forma tão fria e breve que ela quase pensou ter se enganado. Quase acreditou que não o conhecia. Os olhos do homem passaram direto por ela, e Alice o examinou com mais atenção. Ele agora usava as mangas da camisa abaixadas, mas ela conseguiu ver os nós dos dedos ainda vermelhos – prova do soco dado no fotógrafo na porta da estação de trem. Prova de que ela não tinha imaginado nada. Nem aquilo nem… o que veio depois.

Que diabo aquele homem estava fazendo ali?

Antes que pudesse perguntar, a mãe falou, chamando todos com um gesto para o enorme salão da frente da mansão.

– Pois bem. Agora que estamos todos aqui, imagino que Jack tenha algo a dizer.

As palavras quebraram o encanto do momento. Todos se moveram ao mesmo tempo, com suavidade e calma, como se estivessem esperando por aquilo. É claro. Anos ao lado de Franklin haviam preparado todos para momentos como aquele, em que a vida desmoronava e as emoções transbordavam, mas nunca, jamais, eram demonstradas.

.

Alice acompanhou a família até a porta da sala, ficando por último no cortejo, tentando pôr os pensamentos em ordem.

Não exatamente por último.

Porque ele esperava à porta e deixou que todos passassem antes.

Alice hesitou antes de entrar. Olhou para ele. Obrigando-o a encará-la. Os olhos cinzentos não diziam nada, muito diferentes da noite anterior, quando aquele homem a contemplara com prazer, desejo e algo tão íntimo que ela jamais imaginou que veria a luz do dia.

– Seu nome é Jack.

Ele não desviou o olhar, mas a expressão em seus olhos continuou indecifrável.

– É.

– Eles sabem quem você é.

– Sabem.

– Você sabia quem eu era.

– Sabia. – Sem constrangimento. Sem hesitação.

A raiva invadiu Alice. Raiva, frustração e algo parecido com uma sensação de traição. Ela havia se enganado. Ele não era estável como um trem. E não era o segredo dela, a sua parada não programada. Era o segredo de outra pessoa, que tinha sido escondido dela.

E estava ali para humilhá-la.

Mas ela preferia qualquer castigo a ter que demonstrar aquilo para ele. Em vez disso, Alice ergueu o queixo e disse:

– Que belo escoteiro você se saiu, hein?

E entrou na sala, rumo ao caos que a aguardava.

CAPÍTULO 5

– O FRANKLIN ME MANDOU AQUI.

Sem dúvida, uma fala de abertura impactante.

Alice não conseguiu conter um arquejo ao ouvir aquilo de Jack, como se o pai dela estivesse apenas em outro cômodo, ou preso em uma reunião com acionistas na cidade, mas fosse chegar dentro de algumas horas.

Ele falou sem rodeios, como se já tivesse enfrentado plateias bem mais difíceis do que aquela e dito coisas ainda mais absurdas. Alice se deu conta de que todos tinham assumido as posturas defensivas habituais no salão principal da Mansão Storm, com suas paredes abarrotadas de arte do século XX, como uma galeria do MoMA.

Elisabeth estava sentada na poltrona alta que tinha comprado por uma ninharia em um brechó em Paris. Greta e Emily pareciam aparadores de livros desalinhados nas pontas do sofazinho de dois lugares de veludo caramelo coberto por uma manta turca artesanal. Greta havia trocado de roupa e agora usava uma calça cigarrete preta e uma camisa social azul-clara . Toda angulosa, costas retas, quadris e joelhos formando noventa graus, era a réplica perfeita de Elisabeth e o completo oposto de Emily, que

estava sentada em posição de lótus, com os pés descalços dobrados embaixo do corpo, uma das mãos brincando com a base de um estudo de Rodin que enfeitava a mesinha laqueada ao lado.

Sam tinha dado um jeito de ocupar duas almofadas do sofá enorme, deixando a terceira para Alice. Ela se rendeu ao inevitável, foi até o lugar que tinha sido seu por décadas, dobrou uma das pernas enquanto se acomodava no couro macio e virou as costas para a poltrona Eames logo ao lado. A que permanecia vazia. A que todos estavam cuidadosamente evitando.

Em vez disso, se concentravam em Jack.

Jack, que se sentara ao lado dela no trem sem dizer uma palavra. Que a seguira noite adentro. Que a beijara no escuro, a protegera, a levara para a cama… fingindo ser um cara legal, quando, na verdade, tinha sido enviado pelo pai morto de Alice para o que quer que fosse aquilo.

Um jogo, com certeza. Franklin adorava um jogo.

– Cadê o Arthur? – interrompeu Elisabeth, antes que Jack pudesse dizer qualquer outra coisa.

Ela se referia a Arthur Settlesworth, o eterno advogado de Franklin, vindo de uma longa linhagem de advogados especializados em heranças e inventários.

Jack fez uma pausa e deixou a pergunta pairar no ar pesado do verão, como se soubesse mais do que estava disposto a dizer. O que, claro, era verdade.

– Está em Nova York.

– E a Lauren? – perguntou Greta, tensa.

Lauren Peabody, a chefe de comunicação da Storm Inc., provavelmente estava em algum lugar próximo, planejando a melhor forma de transformar a morte de Franklin em alta das ações.

– Também na sede. – Jack se agachou e abriu o zíper da mochila aos seus pés. A mesma que levava no ombro na noite anterior, quando dera um soco num fotógrafo e roubara alguns cartões de memória para ela.

Embora não fosse para ela, e sim para o pai dela.

– E Evelyn? – perguntou Emily, em um tom quase suplicante.

Ela se referia à assistente de longa data de Franklin – a mulher para quem todos ligavam quando precisavam saber como estava o humor do pai, fosse para conseguir dinheiro, uma tábua de salvação… ou ambos.

– Na sede – respondeu ele, a voz ligeiramente mais suave ao falar com

Emily.

– Os Figurões? – foi a vez de Sam perguntar, em um tom que, diferente do habitual, no momento soava ríspido.

Mark Houseman, Larry Manford e Adam Grossman. Um trio de membros do conselho que o pai conhecia desde sempre e a quem se referia como Os Figurões.

Jack tirou um maço de envelopes brancos da mochila. Havia um traço de irritação em sua voz quando disse:

– Sou só eu. O Franklin mandou aqui.

– é você?

Todos na sala se viraram para Alice, surpresos.

– O quê? – Agora era Elisabeth quem se mostrava irritada.

– Eu nunca vi esse homem antes – falou Alice.

Ela hesitou por um instante, menos que isso, quando se deu conta da mentira em suas palavras. Mas não era mentira. Não a rigor. Ela nunca tinha visto aquela versão do homem – de mangas abaixadas, trazendo alguma espécie de mensagem final do pai. O homem que tinha visto na noite anterior era outro.

Mas Alice não teve tempo de refletir a respeito. Não quando Elisabeth voltou a falar, em um tom que só mães falam:

– Alice. Você conhece o Jack.

– Eu juro que não conheço – retrucou ela.

Alice voltou a olhar para Jack e encontrou seu olhar calmo e firme, como se tudo estivesse na mais perfeita ordem. Como se os pensamentos dela não estivessem à deriva, desesperados por algo em que se agarrar. Como se ela não tivesse se agarrado a ele na noite anterior.

.

Por isso, deixou que a frustração se transformasse em raiva e repetiu:

– Quem é você?

Outro homem teria pigarreado. Ou mudado o peso de uma perna para a outra. Não ele.

– Eu sou Jack Dean. Trabalho… – Ele fez uma pausa – … trabalhava para o seu pai.

Sam soltou uma risada zombeteira.

– Trabalhava é pouco.

Alice se virou para ele.

– Como assim… pouco?

– Sabe quando dizem que todo pai tem um filho favorito? – O irmão apontou para Jack. – Aí está. Jack Dean, o queridinho. Diretor-executivo.

Enquanto Sam falava, Jack evitava cuidadosamente o olhar de Alice, concentrado em reorganizar os envelopes.

.

– Diretor-executivo do quê? – perguntou Alice.

Quem respondeu foi Sam:

– Da mão direita do nosso pai. O filho que ele gostaria de ter tido.

– Ah, pelo amor de Deus – murmurou Elisabeth, ajeitando o corpo na poltrona, enquanto Emily deixava escapar um murmúrio de conforto para Sam.

Emily tinha mais paciência do que Greta, que claramente já conhecia aquela ladainha e rebateu:

– A gente precisa mesmo fazer isso agora, Sam?

– Não. O Jack pode falar, por favor. – Sam levantou as mãos. – Por sinal, ele me odeia.

Jack voltou a se concentrar nos envelopes em sua mão, como se Sam não tivesse dito nada – o que Alice até teria apreciado se já não tivesse decidido que não havia nada naquele homem digno de apreciação.

– Como eu estava dizendo…

A porta da sala foi aberta, revelando a esposa de Sam – uma mulher branca magérrima, vestida da cabeça aos pés no estilo "polo chique" da Ralph Lauren de 2004: camisa branca abotoada, calça de montaria bege e botas de couro até os joelhos, o cabelo loiro-dourado preso em um rabo de cavalo bem alto e apertado. Só faltava o chicote – uma pena, porque Alice tinha certeza de que logo alguém naquela sala precisaria de um corretivo.

– Que bom. A Sila chegou – disse Elisabeth em um tom que, para ouvidos desavisados, poderia soar caloroso.

– Ah, Elisabeth! – A risadinha estridente de Sila soava totalmente deslocada ali. – Você é uma figura!

As irmãs trocaram um olhar diante da frase. Sila Evans tinha sido criada em uma cobertura sofisticada no meio de Manhattan, com todos os

símbolos de um novo-rico que fez fortuna na bolsa. O pai dela, Mitchell, tinha começado a investir em uma época em que cinco mil dólares podiam virar centenas de milhões, depois se casara com a mãe de Sila (trinta anos mais jovem) e fizera de tudo para que a filha nunca precisasse fingir ser uma princesa, porque acreditava que já era uma.

As conexões de Mitchell entre Nova York e o Vale do Silício tinham empurrado Sila para a mesma órbita dos jovens Storms, e ela mirara em Sam (mais de uma vez) até acertar. Uma gravidez de surpresa veio no momento perfeito, e os dois se casaram em uma cerimônia rápida de verão que foi estampada nas colunas sociais – poucos meses antes de a família Evans virar notícia por outro motivo: Mitchell Evans, segundo se soube, era o responsável por um dos maiores esquemas de pirâmide financeira da história e naquele momento cumpria uma pena de 190 anos em uma prisão federal.

Sila havia tirado o Evans do nome o mais rápido que pôde, esperando, naturalmente, ser acolhida de braços abertos pelos Storms. Se o olhar fulminante de Elisabeth para ela era algum indicativo, seu desejo não tinha se realizado nos últimos cinco anos.

– Espero não estar interrompendo – disse Sila, claramente torcendo para estar interrompendo. Ela se espremeu entre o espaço que Sam tinha deixado no sofá e Alice, colocou uma expressão solidária no rosto e pousou a mão na coxa da cunhada. – Oi – sussurrou. – A gente achava que não te veria aqui!

Alice respondeu com um sorriso tenso, antes que a cunhada, sempre incansável, soltasse um de seus sussurros inconfundíveis para Sam – baixo demais para se ouvir com clareza, mas, ainda assim, alto demais para ser ignorado:

– O que o Jack tá fazendo aqui?

Ótimo. Até sabia quem era Jack.

Alice olhou para ele.

– Então você trabalhava para o nosso pai, que te mandou vir falar com a gente no dia seguinte à morte dele?

Jack assentiu, e as palavras dela o fizeram retomar o foco.

– É desnecessário dizer que gostaria de estar aqui por outro motivo. Sinto muito pela perda de vocês.

A sala inteira o ignorou – os Storms raramente perdiam tempo com banalidades. Sam apontou para os envelopes na mão de Jack.

– O que é isso?

Ele ergueu os envelopes.

– Cartas.

Todos na sala ficaram paralisados. Alice podia ouvir a própria respiração, leve como um sopro.

– Do papai? – perguntou Greta.

– Sim. Para vocês – respondeu Jack.

O pai deixou cartas para eles. É claro que deixou. Se havia alguém no mundo que adorava uma entrada dramática, era Franklin Storm. Então por que não fazer uma saída no mesmo estilo? Mas como? E por quê? E por que aquele estava com as cartas?

Meu Deus, ela tinha transado no quarto em que estavam as últimas palavras do pai e nem fazia ideia.

– Aquele desgraçado – disse Sam, baixinho, estendendo a mão. – Deixa a gente ver.

Jack balançou a cabeça.

– Ainda não.

Todos arregalaram os olhos.

– Por que não? – perguntou Sila.

Jack não olhou para ela.

– Eu preciso explicar por que estou aqui.

– É verdade, você está aqui, Jack? – perguntou Emily, finalmente se manifestando, o polegar acariciando a base do pequeno Rodin.

Uma breve pausa. Quase imperceptível. Só o suficiente para Alice perceber o leve enrijecer da coluna de Jack, como se estivesse prestes a levar um soco. Mas não estava. Estava prestes a desferir um.

– Estou aqui para apresentar os termos da herança de vocês.

Um suspiro coletivo preencheu a sala, a casa, a ilha. Então… Alice riu. Todos se viraram para ela, um espectro de choque e censura, mas ela não se importou. Em vez disso, falou:

– Ah, pelo amor de Deus. que haveria termos para a herança. O papai provavelmente passou anos decidindo os e de tudo isso. – Ela olhou para Jack, que continuava impassível. – Deixa eu adivinhar. Um repeteco das Olimpíadas Storm.

Uma ruguinha mínima surgiu entre as sobrancelhas escuras dele.

A confusão em sua mente quase alta o bastante para Alice ouvir.

Ela explicou:

– Quem nada mais rápido, corre mais longe, salta mais alto, soletra a palavra mais difícil, resolve a divisão mais complicada, sabe o nome de mais presidentes. Quem entrou na melhor faculdade, apresentou à família o melhor parceiro ou parceira, obedeceu mais. Tudo era uma competição para receber um elogio daquele homem. E agora a gente tem que competir pelo dinheiro dele.

Jack pigarreou.

– Continua – incentivou ela, sentindo uma estranha sensação de triunfo. Passara cada hora desde que soubera da morte de Franklin esperando o próximo golpe, e finalmente ele tinha sido desferido. Aquilo era algo que compreendia muito bem. – Faça o seu pior.

– Se isso tem a ver com o fundo fiduciário, por que o Arthur não está aqui? – perguntou Sam.

– O Arthur não está aqui porque foi confiada a mim a tarefa de apresentar os termos.

Se ele não tomasse cuidado, ia acabar derrubando o Modigliani no canto com uma de suas bombas.

– Que merda é essa? – disse Sam.

– Olha como fala, Sam – repreendeu Elisabeth automaticamente, antes de acrescentar: – Isso não é possível, eu teria sabido. Nossos testamentos deixam claro que o Arthur é o executor.

– O Arthur é o executor dos testamentos de vocês, Elisabeth – disse Jack com uma paciência infinita. – Esse fundo é uma entidade separada, composta da vasta fortuna e dos ativos do Franklin, incluindo a participação dele na Storm Inc.

Participação era uma palavra pequena, insignificante, surpreendentemente modesta para o que estavam discutindo: 35 por cento da maior empresa de capital aberto do mundo. Uma quantia tão imensa que rendia, em um ano, mais do que uma pessoa (ou cinco, nesse caso) seria capaz de gastar razoavelmente. Era riqueza herdada além de qualquer sonho e, se Jack estivesse dizendo a verdade, não estava garantida para a segunda geração.

– Puta merda – disse Sam.

– Olha como fala, Samuel.

– Esse patrimônio não vai simplesmente vir pra gente? – perguntou Greta, inclinando-se para a frente. – Somos os herdeiros. Não é nosso? O que vai acontecer?

– O seu pai deixou instruções claras sobre como proceder a partir de agora – respondeu Jack com uma calma absoluta.

Naquele momento, Alice se viu invadida por uma súbita lembrança da noite anterior, quando ele praguejara e mandara que ela entrasse no carro para se esconder dos paparazzi em um tom bem menos calmo. Ela engoliu uma risada nervosa ao pensar que uma foto era mais perturbadora para aquele homem do que dezenas de bilhões de dólares.

– Tipo o quê? – perguntou Emily.

Jack hesitou. Seu olhar passou brevemente por Alice, que ignorou a respiração acelerada e o calor que se espalhou pelo seu corpo. O seu corpo era um traidor. Jack também.

– Um jogo, de certa forma.

Ela assentiu.

– Estão vendo? E qual é a competição? Sobreviver uma semana sem comida nem abrigo? Pular do penhasco Moonstone e nadar ao redor da ilha? Comer uma dúzia de pimentas serrano de uma vez?

Podia ser qualquer coisa. Franklin adorava um desafio – quanto mais insano, melhor. Vide a asa-delta dele caindo em um pasto de cavalos em South County na manhã anterior.

Jack ergueu os envelopes.

– A explicação está aqui.

Ele distribuiu os envelopes, um a um, pousando-os nas mãos ansiosas por qualquer competição absurda que estivessem prestes a enfrentar. Mãos dispostas a fazer o que fosse necessário para garantir a sua parte. Não foi por isso que todos eles suportaram as asneiras do pai por tantos anos?

Mas Alice não era um deles. Por isso as suas mãos permaneceram vazias. Ela cerrou os punhos no colo, enquanto os envelopes eram rasgados pela sala – o som da sua punição final.

.

Greta foi a primeira a ler.

–

Emily encarava a carta, o cenho franzido.

– Foda-se isso aqui – disse Sam, e Sila arregalou os olhos enquanto lia por cima do ombro do marido. – Foda-se isso e foda-se ele. – Olhou para Jack. – E foda-se você também, já que estamos aqui.

Jack não se abalou. Mais tarde, Alice ainda se surpreenderia com a indiferença dele diante da fúria do irmão dela, considerando o peso daquele momento. Jack continuou, como se Sam não tivesse dito nada:

– Cada um de vocês recebeu uma tarefa… ou uma série de tarefas… que, uma vez concluída, vai ativar a distribuição do fundo.

– – repetiu Greta, como se fosse a única coisa que conseguia dizer.

– São as Olimpíadas Storm – respondeu Alice. – A época favorita do papai no ano, quando coloca os filhos uns contra os outros e espera pra ver quem aguenta até o final.

– Vai se foder, Jack – repetiu Sam. – Você já interfere no meu futuro há tempo demais. Eu sei que passou meses sussurrando no ouvido dele contra mim. . Vou contratar a merda de um advogado.

Fosse lá o que estivesse na carta de Sam, ele não tinha gostado.

– O que você tem que fazer, Sam?

– Lixar barcos. Limpar o sino de neblina. Envernizar o cais. – Ele amassou a carta. "Trabalho manual". Pigarreou. – Trocar telhas?

Greta abriu um sorriso irônico.

– Isso vai acabar com as suas unhas, Samuel.

– O que o Sam quer dizer – interveio Sila, como se o marido não tivesse acabado de deixar tudo muito claro – é que esse tipo de tarefa não é o que deveria estar fazendo.

As irmãs ergueram as sobrancelhas em sincronia, e Alice disse:

– Como é?

Sila continuou, falando por Sam:

– Ora, quem mais? Ele é o Storm.

– Todos somos Storms – zombou Greta.

– Claro. Mas não como o Sam é um Storm. – Sila pousou a mão na coxa do marido. – O é o futuro da Storm Inc. E com os filhos… – Ela fez uma pausa dramática, com um sorriso presunçoso no rosto enquanto

lançava um olhar direto para Elisabeth – nós somos o futuro da Storm também.

– Ah, – disparou Greta. Uma onça foi cutucada.

– A questão é – disse Sam – que ele não pode obrigar a gente a entrar em um joguinho para receber a herança.

Era quase impossível acreditar que o pai confiaria tudo ao filho que, entre os outros, era o menos sério, mas Alice não era a melhor pessoa para comentar aquilo, considerando seu passado com o pai e a empresa.

Jack claramente já tinha ouvido o bastante das provocações.

– Fiquem à vontade para consultar um advogado, mas garanto que se trata de um fundo fiduciário sigiloso legal. E era desejo do pai de vocês que não soubessem o plano dele para o espólio.

– Nem agora – disse Alice, atraindo todos os olhares.

– Eu não…

Pela primeira vez, Jack pareceu confuso.

– Ah, qual é. Tem mais nesse jogo do que algumas palavras finais. – Alice apontou para os irmãos, todos agarrados aos envelopes brancos. – Esse é o . Sempre tem mais uma surpresinha. – Ela voltou a encarar Jack. – Ele não quer que a gente saiba o plano dele.

Ele não respondeu; não precisava.

– Não deveríamos nos surpreender – falou Elisabeth, com um quê de desagrado na voz. – O que o Franklin mais gostava na vida era de ter o controle. E aqui estamos. – Ela ergueu a carta e olhou para Jack. – Pronto. Falei uma coisa agradável. E agora?

– Acho que não era isso que ele queria dizer, Elisabeth.

– E eu acho que pouco me importo, .

Alice olhou para a mãe.

– O que você quer dizer com isso? "Falei uma coisa agradável"?

Por um momento, pareceu que Elisabeth não responderia. Por fim, disse:

– Tudo bem. Eu começo. Seu pai solicita que eu . Embora eu não faça ideia do que isso signifique. Sou absolutamente sincera sempre.

Alice mordeu a língua. Ninguém no mundo contornava a verdade como Elisabeth Storm.

– Além disso, devo… – Elisabeth ergueu a carta e leu em voz alta: –

“Dizer uma coisa agradável sobre o Franklin por dia. Em voz alta. Para outra pessoa.”

Ela olhou para Jack.

– Pelo resto da vida?

Alice teria rido do horror na voz da mãe se não estivesse tão impressionada com o pedido certeiro do pai. Dizer algo bom sobre Franklin seria quase impossível para Elisabeth – e ela já se vira obrigada a conversar com Silvio Berlusconi, o controverso ex-primeiro-ministro italiano, durante todo um jantar de Estado.

– Não – disse Jack. – Por uma semana.

Claro. Uma contagem regressiva. Mesmo do além, o pai ainda amava uma confusão.

– O que isso quer dizer? – explodiu Greta, revelando uma ponta de irritação que quase sempre mantinha sob controle. Qualquer que fosse a tarefa dela, não era fácil.

Jack explicou:

– Se os pedidos não forem cumpridos dentro de uma semana após a morte do Franklin, vocês não terão mais direito à herança.

Alice tinha que admitir: o pai sempre soube como fazer a família agir.

– Quem não terá mais direito? Só a pessoa que falhar? Ou todos nós? – quis saber Greta.

– Todos vocês.

A família se enrijeceu; as apostas tinham acabado de aumentar – agora não era apenas uma questão individual. Precisavam cuidar uns dos outros também. Sila se inclinou para a frente.

– O que cada um de vocês tem que fazer?

A carta de Greta caiu dos seus dedos tensos.

– A gente tem que fazer o que o papai quer. De novo. Porque sempre vai ser o que ele quer. Pra sempre.

O grupo ficou em silêncio. Alice olhou para Jack, que não teve sequer a decência de parecer desconfortável, mesmo quando sustentou o olhar irritado dela.

Sam estava furioso.

– Isso é uma insanidade. Se um de nós falhar, todos perdem? São milhões.

– – corrigiu Sila, como se todas as manhãs conferisse o valor das ações da empresa na bolsa de valores. O que provavelmente fazia.

Sam parecia prestes a cometer um crime.

– E você? O que ganha com isso?

Alice estreitou os olhos para o recém-chegado. O que ganhava por bancar o mensageiro?

– Isso não é relevante – disse Jack.

Parecia extremamente relevante, mas ninguém comentou, enquanto Sam fazia um gesto em direção a Jack, olhando para Alice.

– Tá vendo? O queridinho do papai.

Alice começava a acreditar.

– Isso não é um jogo, Jack – falou Emily. – É a nossa .

– E se a gente não quiser jogar? – perguntou Greta.

– A gente vai jogar, cacete – afirmou Sam. – Seja lá o que estiver na porra da sua carta, você vai fazer, Greta.

Ela lançou um olhar gélido na direção dele.

– Cuidado, Sam. Talvez eu esteja disposta a perder a minha parte da herança só para ver você perder a sua…

Pronto, o jogo tinha começado. Franklin teria adorado ver a família inteira se debatendo entre vencer juntos ou sabotar uns aos outros. Embora os Storms tivessem sido criados para acreditar na família acima de tudo, ninguém jamais dissera que exilar parentes não fosse um jogo justo.

Alice sabia disso melhor do que ninguém.

– O que ele mandou você fazer? – provocou Sam, cutucando Greta. – Descer do pedestal?

Greta dobrou a carta e a colocou de volta no envelope.

– Isso não é da sua conta.

O silêncio se estendeu quando ela se deu conta do erro. Se não queria que soubessem qual era a sua tarefa, não devia ter transformado aquilo em um segredo. Sam lançou um sorriso satisfeito na direção da irmã, guardou a informação para usar depois e voltou a atenção para Emily e Alice.

– E você?

Emily apertou mais o envelope contra o peito.

– Você tá sendo um idiota.

Ele se recostou na poltrona e exibiu os dentes brancos irritantes.

– Fique à vontade para não contar. A gente vai acabar sabendo mesmo. Alguém vai ter que fiscalizar essa merda de jogo.

Olhou para Jack.

– Aliás, quem vai fiscalizar?

– Eu – respondeu Jack, com uma calma inacreditável, como se a manhã toda fosse um acontecimento corriqueiro. Como pedir um sanduíche. Pastrame no pão de centeio com um showzinho carregado de emoções como acompanhamento.

– Você vai ficar aqui a semana toda? – Alice não conseguiu evitar a pergunta. Nem conter o tom de desespero na voz. Ou evitar a traição do próprio corpo diante das pernas compridas, das mãos firmes e da tatuagem de bússola no braço dele.

Era meio irônico, levando em consideração que tinha sido Jack o responsável por desviar todos do caminho.

Ninguém notou o caos interno de Alice (o que não era uma surpresa). Em vez disso, Greta encarou Jack.

– Vou perguntar de novo. Se a gente não jogar, o que acontece com o dinheiro?

– Será retirado do fundo.

Sobrancelhas se ergueram ao redor da sala. Elisabeth falou:

– E vai para onde?

– Não tenho autorização para dizer.

A sala inteira ficou em silêncio… ninguém parecia acreditar que Jack tinha realmente se negado a responder à pergunta de Elisabeth Storm. A postura dela agora era rígida como aço.

– Estive ao lado de Franklin enquanto ele conquistava cada um daqueles malditos bilhões, e você não tem autorização para dizer para onde vai o dinheiro se eu não conseguir pensar em uma coisa boa para dizer sobre ele todo dia?

As palavras eram afiadas. Acusatórias. Como se Jack tivesse algo a ver com as regras. E talvez tivesse. Mas ele não reagiu ao desafio de Elisabeth.

Ao que parecia, para Jack, cumprir os caprichos de Franklin, por mais bizarros que fossem, era, , algo perfeitamente normal. Não que ele parecesse particularmente interessado no caos dos Storms, que estava a todo vapor no momento, com direito a frustração, raiva e uma boa porção de arrogância explodindo em todos eles.

– E, se você não disser a verdade, sim – completou ele.

– E devo presumir que você sabe qual é a verdade, Jack?

Os Storms mais jovens observavam, de olhos arregalados, pois conheciam muito bem aquele tom afiado da mãe.

– É o que eu presumiria se fosse você – respondeu ele.

. O homem conseguia parecer tão composto que chegava a ser quase magnífico de assistir. Quase… porque Alice se recusava a considerar magnífica qualquer coisa naquele homem.

– Isso é maluquice – declarou Emily, rompendo o silêncio.

– Exatamente! – disse Sam, à beira de um colapso. – A gente não se desfaz de patrimônio. O papai era um maldito bilionário, e a gente tem que abrir mão de tudo porque ele quis? Não é assim que bilionários funcionam!

– Deixando as regras da riqueza geracional de lado, Sam – disse Alice –, acho que não foi isso que a Emily quis dizer.

Ela não gostou da surpresa nos olhos de Emily diante daquelas palavras, como se a caçula não esperasse que Alice a compreendesse, embora ela sempre tivesse sido a que mais a compreendia.

– Hum… Isso mesmo – disse Emily. – Eu quis dizer: como é que a gente vai conseguir jogar um dos joguinhos idiotas do papai essa semana? No meio do pela morte dele?

A doce Emily. Sempre otimista. Imaginar que Greta, Sam ou Elisabeth tivessem alimentado um pensamento sequer sobre a família ou sobre a morte do pai desde que Jack pisara naquela casa seria risível se não fosse tão claramente impossível.

E foi o que eles se apressaram em provar.

– Vamos chamar os advogados – prometeu Sila, mais uma vez, em uma tentativa de acalmar um Sam furioso e a si mesma, sem dúvida. – Isso é absolutamente arbitrário. O Jack nem é da .

Não era arbitrário. Franklin Storm teria subornado o Congresso para garantir que fosse. E Alice não era a única ali que sabia daquilo. Já tinham visto Franklin subornar o Congresso antes.

Elisabeth caminhou até o carrinho de bebidas.

– Mãe, são nove da manhã – disse Alice.

– O seu pai aprovaria – retrucou Elisabeth por cima do ombro, e acrescentou: – Isso é verdade. Não é, Jack?

Jack deixou a pergunta retórica no ar. Aparentemente, não tinha intenção de morrer.

.

– Eu não entendo – disse Emily. – Por que o papai faria isso?

– Por que o papai fazia qualquer coisa? – perguntou Alice. – Manipulação. Controle. Suas armas favoritas.

Emily balançou a cabeça.

– Mas qual é o objetivo?

Elisabeth ergueu uma garrafa de gim.

– Você sempre viveu com a cabeça nas nuvens, Emily. O seu pai morreu. Tá na hora de enxergar quem ele era.

.

A família inteira estava pronta pra atacar onde pudesse. Valia tudo para vencer.

Exceto por Alice. Porque Alice não tinha recebido uma carta.

Ela tentou sentir alívio enquanto a mãe raspava uma casquinha de limão e jogava no coquetel. Emily esfregava as mãos, Greta bombardeava Jack com perguntas, Sila reclamava e Sam falava em procurar o advogado dele – que também era o advogado de , então boa sorte com aquela ideia.

Ela se sentir aliviada, afinal, depois de tantos anos brigando com o pai pelo próprio futuro. Pela própria identidade. Alívio, porque ele não a incluíra naquele último joguinho sórdido.

Mas não sentia alívio. Sentia-se… .

E aquele era o objetivo.

Não importava o que sentia, disse a si mesma ao se levantar e ir em direção à porta. Em direção ao corredor. Ao próprio quarto. Ou talvez fosse para o lado de fora. Talvez fosse correr, embora correr ao redor da ilha não fosse exatamente libertador.

– Aonde você vai, Alice? – chamou Elisabeth, de onde estava agora, ao lado da lareira imensa de mármore preto, cuja base devia ter ameaçado afundar o barco em que chegara, um século antes. – Ainda não contou o que tem que fazer.

– Nada – respondeu ela, encarando a mãe. – Eu não recebi nenhuma carta.

Todos olharam para ela, uma Última Ceia de egocentrismo. Que o pai

tivesse se esquecido de incluí-la no jogo gerava emoções complexas, mas o fato de a família não ter percebido… Bem, só lhe restava rir.

Sam foi o primeiro a se recuperar do susto e voltar toda a sua atenção para Jack.

– Isso quer dizer que ela recebe a parte dela sem fazer nada? Ou que não está no jogo?

– Ela não pode estar no jogo – disse Sila, com um entusiasmo impossível de ignorar. – Meu Deus. Ela está fora. Vai ser dividido entre quatro.

Algo cintilou no olhar de Jack quando encarou os irmãos dela – um lampejo discreto, mas impossível de ignorar. Desprezo. Mas logo desapareceu, substituído pela calma imperturbável que Alice começava a entender como seu estado natural. Ele olhou para o relógio, lento e metódico, como se tivesse todo o tempo do mundo armazenado em aço e mecanismo suíço.

Então, ignorou Sila e disse:

– Você deveria se dar conta, Sam, de que agora são nove horas. Se pretende garantir a sua parte, deve permanecer calado por mais… – fez uma pausa – quarenta e três minutos.

Ao redor da sala, todos ficaram boquiabertos, os olhos arregalados. Menos Sam, que ficou com o corpo tenso e rígido. Mas não falou.

Alice olhou para o irmão, outra risada subindo pela garganta.

– Você não pode falar? – Uma pausa. – Achei que a sentença fosse uma semana de trabalho forçado.

– É. Mas não é a única tarefa – respondeu Jack por ele. – Nas horas ímpares, o Sam não pode falar.

Não seria exagero dizer que a reação na sala foi algo próximo de alegria.

– – perguntou Emily.

– Nadinha – confirmou Jack.

– Por uma semana inteira! – riu Greta. – Parece que o papai nos deixou um presente, afinal.

Gestos obscenos ainda eram permitidos a Sam, e ele não hesitou em usá-los.

– Isso não é justo – queixou-se Sila, fazendo Alice reconsiderar se

Franklin havia deixado um presente… já que o silêncio de Sam significava ouvir Sila em dobro. – Não é só ficar sem falar. A gente tem uma lista inteira! Não é pra isso que o serve?

– É estranho que o tenha que fazer tudo isso.

Era impossível não perceber a falta de confiança de Elisabeth nas habilidades do filho único para cumprir qualquer tarefa da lista. Ou para ficar de boca fechada.

– As tarefas são para toda a família do Sam – interveio Jack –, inclusive os filhos.

– Eu sei que dissemos que não precisaríamos da Avery essa semana – sussurrou Sila para Sam –, mas acho melhor que ela venha pra cá. Ela dá conta disso tudo.

– Lamento, mas não – disse Jack. – Nenhuma assistência ou ajuda externa está indicada.

Sila lançou um olhar gélido para ele.

– "Indicada" dá a entender que temos escolha, Jack.

– Ah, pelo amor de Deus, Sila – cortou Greta. – Você estaria aqui mesmo se tivesse escolha. Qualquer coisa pra garantir a fortuna, né?

– Greta – disse Emily baixinho. Um alerta. – Respira fundo.

Greta não era do tipo que respirava fundo. Ainda mais quando Sila respondeu, erguendo o queixo e encarando a cunhada com firmeza:

– Estou porque pari o .

Um golpe direto em Greta – solteira e sem filhos –, que sempre a atingia em cheio. Ela enrijeceu o corpo e entrelaçou os dedos no colo para evitar o toque apaziguador de Emily.

Alice não foi tão sutil. Mesmo sem compreender Greta o tempo todo, não ia deixar Sila atacá-la assim.

– Infelizmente, Sila, apesar de o nosso pai claramente acreditar que governaria do alto para sempre, não existe nenhum direito divino de reis aqui. – Ela se virou para Jack. – Ou estou errada? A Sila ganha alguma coisa por ter parido o herdeiro?

Ela viu a expressão que cruzou rapidamente o rosto dele – fugaz, mas nítida. . Não que Alice quisesse ser admirada por ele, uma pessoa profundamente não admirável.

– Não, que eu saiba, não.

– Parece que os barcos vão ter mesmo que ser limpos – falou Alice com um olhar frio para o casal no sofá. Pena que não tinham que esvaziar a fossa; se havia duas pessoas que precisavam passar um tempo mergulhadas na merda, eram Sam e Sila. – Enfim, acho que vejo vocês quando terminarem de… sei lá… esfregar as mãos de nervoso ou o que for.

Ela se virou e tentou abrir a porta, mas encontrou resistência imediata. Através da fresta, viu os olhares assustados dos filhos de Sam e Sila, Saoirse e Oliver, que provavelmente estavam com as orelhas coladas à porta. Alice arqueou as sobrancelhas, e as crianças pareceram apavoradas, o que fez com que ela sentisse uma pontada de culpa.

Claro que estavam nervosas, sabiam que não deveriam estar ali – e não imaginavam que ela guardaria o segredo. Alice não via os dois desde que tinham 9 e 4 anos. Tinha ficado muito empolgada por ser a Tia Alice naquela época e encarara a missão com seriedade, levando Saoirse ao circo e fazendo pinturas com os dedos com Oliver. Os sobrinhos eram loucos por ela – uma vantagem de ser professora. Mas ela os perdera junto com todos os outros, cinco anos antes.

E agora parecia tarde demais para reconquistá-los.

Antes que pudesse avisar às crianças que não era dedo-duro, Jack chamou:

– Alice.

O som do próprio nome percorreu todo o corpo dela, a voz rouca e carregada de algo que se assemelhava a… ela não sabia o quê. Gentileza? Pena?

Provavelmente pena, decidiu enquanto se virava para encarar Jack, que não se movera de onde estava. Aqueles olhos cinzentos e sérios a mantiveram presa ali, na sala, mesmo quando ela dizia a si mesma para virar as costas e deixar o caos com quem o herdara. Com quem o queria.

– O que foi?

– Você não foi deixada de fora.

. E Alice odiou se ver grata por aquilo.

Um grunhido de Sam (talvez ele achasse que aquilo não contava como fala) foi seguido por uma tradução de Sila:

– Como assim? Ela não tem que fazer nada, mas ainda assim recebe o

dinheiro? Isso é muito injusto!

O protesto não despertou simpatia.

– Esse é o ponto – disse Emily.

– Nada disso é justo – declarou Greta, a voz carregada de algo que Alice não conseguiu identificar.

– Franklin nunca se importou com justiça – disse Elisabeth, tirando a casca de limão do copo e mordendo com gosto, o sabor doce para a amargura dela. – Então Alice não joga e ainda vence.

Não era uma vitória. Tudo parecia horrível. Alice balançou a cabeça e disse a verdade (o que foi um erro):

– Eu não quero jogar.

– Ah, vá. Nenhum de nós quer, Alice – rebateu Greta. – Se manca.

Alice olhou para Jack.

– E onde está a minha carta, então?

– Você não recebeu uma carta – respondeu Jack. Com certeza sentia pena. – Mas mesmo assim o seu pai te deixou uma tarefa.

– E você foi escalado para desferir o golpe diretamente?

Ele assentiu, o movimento tenso. Quase como se lamentasse. Mas é claro que não lamentava. Se o pai confiara a Jack o papel de juiz, júri e executor daquele jogo absurdo, então Jack sabia exatamente no que estava se metendo. E o que faria naquela manhã.

Alice afastou o pensamento e o trancou junto com todas as lembranças que talvez tivesse desejado guardar antes de Jack aparecer ali e fazê-la detestá-lo por saber mais sobre o futuro dela do que ela mesma.

– Você tem que ficar – disse ele. – A semana toda.

Ela riu, incrédula.

– Não. Não sou obrigada.

Fazia cinco anos que ela não pisava ali. E não devia nada a ninguém. Não tinha que obedecer ao pai. E não precisava ficar com a família enquanto todos disputavam a herança em vez de viver o luto. E certamente não precisava ouvir aquele homem que a encantara antes de mentir e humilhá-la.

– Essa é a exigência – disse ele, então enfiou a mão na mochila que parecia sem fim e pegou um documento. Os detalhes do fundo, sem dúvida.

– Seu pai foi bem claro: sua única tarefa é permanecer na ilha Storm por uma semana.

É claro que era. Franklin provavelmente se divertira horrores bolando aquele plano – levando-a de volta à ilha para uma última afirmação de controle. Um lembrete de que ainda era o homem mais poderoso da sala, mesmo agora, mesmo morto.

– Mas isso é fácil demais – protestou Sila. – Que babaquice!

– Olha como fala… – murmurou Elisabeth.

– A Sila não está errada – observou Alice. – E vocês sabem disso. Isso tudo é uma enorme babaquice. Não tem chance de o papai abrir mão do controle só porque uns barcos foram lavados e umas palavras bonitas foram ditas sobre ele e seja lá o que a Greta e a Emily têm que fazer. Vai ter uma segunda fase nesse jogo. E uma terceira.

Uma onda de emoções ameaçou dominá-la, mas Alice foi rápida em escolher a mais poderosa: determinação.

– Eu, por exemplo, escolho não jogar. Tô fora. Podem ficar com a minha parte. Menos uma bilionária para o mundo detestar. Me avisem quando quiserem voltar a planejar o funeral.

– Não é um funeral – corrigiu Elisabeth. – É uma .

– Ótimo. Mal posso esperar.

Tirar qualquer coisa parecida com um encerramento daquela situação não era uma possibilidade. Alice deu meia-volta e seguiu novamente em direção à porta, orgulhosa de si mesma – tão orgulhosa, na verdade, que chegou até a considerar ligar para a terapeuta.

– Alice.

Por que Jack dizia o nome dela daquele jeito? Firme, suave e autoritário, como se tivesse o poder de detê-la.

Pior: por que ela havia parado?

Pelo menos não olhou para trás. Depois, se orgulharia disso. Especialmente por causa do choque que sentiu quando ele disse:

– Você não pode desistir. Ou todos jogam, ou ninguém joga.

CAPÍTULO 6

ALGUÉM TINHA LEVADO AS ROUPAS DELA.

Parecia impossível – e muito estranho –, mas, quando Alice saiu do banho no pequeno banheiro ao pé da escada da torre, descobriu que o pijama limpo que tinha separado (o único acerto entre os itens colocados na mala) havia sumido do cabide atrás da porta.

Junto com as roupas sujas que ela deixara no chão antes de entrar debaixo do jato escaldante, torcendo para que a quentura da água incinerasse de sua mente os eventos do dia. Da semana. Do verão, sendo bem sincera.

Quase funcionou, até ela desligar a água, afastar a cortina, sair da banheira com pés em forma de garra e descobrir que alguém tinha entrado no banheiro enquanto ela tomava banho e pegado as suas roupas.

E a toalha.

Como arma na guerra familiar, era uma atitude profundamente imatura, então ela não tinha dúvidas de que Sam tinha algo a ver com aquilo. Além do fato de que qualquer pessoa capaz de enxergar conseguiria ver que o irmão dela era um idiota a quilômetros de distância, eram nove da noite,

portanto ele não podia simplesmente dizer na cara dela o que estava pensando – já que não tinha permissão para falar, graças à determinação na carta que o pai deixara.

A lembrança de Jack impondo aquela regra com mão de ferro naquela manhã tinha levantado o ânimo de Alice uma meia dúzia de vezes ao longo do dia, enquanto fazia o possível para evitar a família depois das revelações da manhã – um feito, honestamente, já que o planejamento sucessório insano do pai fazia com que todos quisessem manter os olhos nela o tempo inteiro. Alice tinha conseguido escapar para uma corrida pelo perímetro da ilha enquanto Jack, imaginava ela, era obrigado a garantir para o restante da família, pela quarta, quinta e trigésima primeira vez, que sim, o fundo de Franklin era legal, e não, não havia uma maneira fácil de escapar das determinações do falecido.

O pai provavelmente gargalhara enquanto escrevia aquelas cartas, absolutamente encantado com a chance de orquestrar uma última semana de caos. Deve ter rido ainda mais quando decidiu não escrever para Alice. A punição final. A prova definitiva de seu exílio definitivo.

Só que Alice não estava nem um pouco interessada em ser manipulada direto do além. Tinha amigos que amava e um trabalho de que gostava e que pagava o aluguel de um apartamento de um quarto em Park Slope (pagava com dificuldade, agora que estava morando sozinha, mas daria um jeito) e uma centelha de futuro como artista de verdade, um futuro que era só dela, apesar do desprezo antigo do pai por aquele sonho. Ela havia conquistado aquilo. Sem ele.

E era por isso que o pai nunca gostara dela, não era? Porque não podia jogar na sua cara meia dúzia de coisas que fizera para lhe proporcionar a vida que desejava, como fazia com o resto da família – bancando o romance eternamente engavetado de Greta, a carreira de Sam, os infinitos clubes de que Sila participava, a loja de cristais de Emily, as escolas, os acampamentos e os interesses em constante mudança dos netos – mantendo todos ao seu redor, sob a sua tutela.

Quando as pessoas queriam algo, Franklin enfiava a mão no bolso e abria um sorriso caloroso, capaz de rivalizar com o sol. Mas a sua atenção tinha um preço: o controle.

E, quando Alice parou de pagar aquele preço – de forma bastante espetacular, por sinal –, o pai não hesitou em abaixar o termostato e deixá-la

no frio. Cinco anos se passaram desde que ela passara a conhecer o mundo além dos Storms, ciente de que, ao escolher ficar fora, não haveria mais chance de retorno. Franklin e Elisabeth tinham construído a família como se fossem da realeza: ou você estava dentro ou estava fora, não havia meio-termo.

Alice escolheu (ou foi escolhida para): ficar fora.

Se restava alguma dúvida sobre o lugar dela, tanto na família quanto no coração de Franklin, a reunião conduzida pelo braço-direito dele – um homem que Alice não conhecia (exceto biblicamente, o que era de fato constrangedor) – servira para esclarecer tudo. O pai não tinha se dado ao trabalho nem de deixar uma última palavra para ela.

Em vez disso, deixou algo muito pior: a família. O grupo inteiro foi atrás dela depois que Jack largou as bombas – provavelmente para lidar com o elemento crucial da herança: garantir a permanência de Alice na ilha, como se ela estivesse prestes a fugir a qualquer momento.

Como se ela não fosse ficar para o funeral do pai.

.

Ao que parecia, tinham feito de Alice um projeto em comum. Assim, durante toda a tarde, ela foi visitada pelas irmãs, pela mãe e pelo irmão, em uma procissão digna dos fantasmas de Dickens.

Emily e Claudia foram as primeiras a chegar – os Fantasmas da Energia do Dia do Trabalho – e interceptaram Alice quando ela voltava da corrida. Para ser justa, Claudia parecia genuinamente preocupada com o estado mental de Alice (que não era bom), e, como ela só podia correr em volta da ilha por um tempo limitado, aceitou a sessão que a cunhada, uma massoterapeuta formada, ofereceu. Sim, Emily resolveu usar a tigela tibetana durante o processo, e aquele zumbido era uma trilha sonora muito pouco relaxante, mas ainda era melhor do que o que a aguardava quando voltou para casa.

O Fantasma das Mães Presentes, Elisabeth, estava à beira de um colapso. Greta tinha desaparecido, o que Alice interpretou como um sinal de que finalmente estava conseguindo passar o tempo todo com Tony no chalé dos empregados no extremo norte da ilha, onde o ajudante pessoal de Franklin devia estar completamente perdido sem a sua estrela-guia – não mais à

espera de ser convocado a qualquer momento para escoltar, dirigir ou pilotar.

Bom para Greta, que ao menos estava tirando algo de bom daquele pesadelo completo.

Deixando de lado a recusa em reconhecer o caso Greta e Tony, Elisabeth não estava nada feliz com a ausência da filha mais velha e mais confiável. Estava precisando desesperadamente de uma assistente – alguém a quem pudesse delegar (seu passatempo favorito). E, na ausência de Greta, Alice teria que assumir o posto.

Começou ali uma série de tarefas, os trâmites pós-morte. Buscas por endereços e números de telefone, formulários e certidões. Uma videochamada com a equipe pessoal de Franklin e com o pessoal de relações públicas da Storm Inc. Um panorama do esquema de segurança da ilha com os profissionais da empresa – prelúdio para uma reunião maior que envolveria o Serviço Secreto (quando Elisabeth dizia que todos viriam prestar homenagens, queria dizer literalmente). Uma ligação para um agente funerário, convocando-o para a ilha na manhã seguinte (celebração ou não, era preciso lidar com os restos mortais), contatos com floristas e bufês do continente que disputavam a chance de se projetar – afinal, esbarrariam com a nata da elite na misteriosa ilha Storm.

Para uma mulher que costumava usar funcionários da empresa para fins pessoais, Elisabeth parecia estranhamente comprometida em manter aqueles preparativos entre os familiares. Ou talvez só estivesse comprometida em manter Alice ocupada demais para ir embora da ilha.

Depois veio Sam, o Fantasma dos Irmãos Arrogantes, que passou as horas pares jogando o seu charme para a irmã, contando piadas como se não tivessem se agredido naquela manhã. Até teria funcionado se Sila não estivesse grudada nele o dia inteiro, oferecendo ajuda à sua maneira clássica – recheada de uma impotência cuidadosamente calibrada para ser usada como arma. Até Saoirse e Oliver passaram no escritório onde Elisabeth tinha confinado Alice, para oferecer alguns bolinhos recheados comprados em uma banquinha do lado leste da baía (os preferidos de Alice, que coincidência).

Todos queriam um tempo com Alice. Tempo a sós com Alice. Porque o futuro deles estava nas mãos dela. A ovelha desgarrada, agora convertida em galinha dos ovos de ouro.

Todos queriam estar com Alice – exceto Jack, que tinha se enfiado no escritório de Franklin para fazer algum trabalho de verdade, evitando com maestria o contato com a família.

Quem dera Alice pudesse fazer o mesmo. Em vez disso, durante tudo aquilo – a barulheira, os incontáveis
vindos dos bufês e floristas, as intervenções esganiçadas de Sila –, Alice remoía o que tinha acontecido. E, quanto mais remoía, mais furiosa ficava.

Jack sabia quem ela era desde o começo. No trem. Na plataforma. Quando deu o soco no fotógrafo. Quando a fez rir no escuro. Quando a fez suspirar junto ao corpo dele.

E não tinha dito uma palavra.

Nem quando se conheceram, nem quando estavam juntos no carro, nem quando ficaram se esfregando um no outro, encostados na porta do quarto de hotel… Alice resistiu à tentação de se deter nas lembranças que a invadiram, indesejadas, quando fechou os olhos e ficou sob a água quente. O toque dos dedos dele em sua cintura, os lábios na curva do pescoço, o olhar deslizando pelo seu rosto, o som do prazer de Jack em seu ouvido, o calor dele.

Então, ela se lembrou de que Jack a seguira naquela manhã e arruinara tudo, inclusive qualquer lembrança boa da noite da véspera.

O cara obviamente era um sociopata. Pelo menos ela continuava consistente quanto ao tipo de homem que a atraía.

Alice ficou mais alguns minutos no banho, planejando tudo que diria a Jack da próxima vez que estivessem a sós, então desligou a água, renovada pelos planos de se tornar uma mulher brilhante e articulada, uma víbora elegante pronta para derrubar Jack com seu veneno erudito… quando descobriu que as suas roupas tinham sumido.

.

De glamourosa a irmã irritada. A raiva cresceu. Alice entreabriu a porta do banheiro, espiando o corredor, pronta para atirar um tubo de pasta de dente no rosto presunçoso e debochado do irmão.

O corredor estava vazio. Uma decepção para uma irmã mais nova sedenta por vingança, mas uma bênção para uma mulher adulta que ainda pingava do banho e precisava chegar ao quarto completamente nua.

Não era a primeira vez que Alice precisava fazer aquilo – a sua infância

tinha sido repleta de banhos pós-praia e toalhas esquecidas –, por isso disparou pelo caminho conhecido até a escada da torre, prometendo a si mesma voltar depois para limpar as pegadas molhadas enquanto atravessava o corredor e subia os degraus correndo, entrando intempestivamente no quarto com a intenção de ir direto até a cômoda, onde uma toalha reserva estar à vista.

Mas sua visão foi bloqueada pelo instrumento de pernas longas da comoção familiar. E da sua própria comoção, verdade seja dita. O que, definitivamente, não estava disposta a dizer.

Jack se virou em sua direção, e sua surpresa com a chegada dela – e com sua nudez – se manifestou apenas em uma elevação quase imperceptível das sobrancelhas.

– Merda! – disse Alice, e o palavrão saiu tão rápido quanto os movimentos para cobrir o corpo com os braços nus (embora tenha sido em vão). – O que você está fazendo aqui?

Impassível, Jack enfiou a mão na bolsa de couro surrada que estava em cima da cama, tirou uma toalha de banho perfeitamente enrolada e estendeu para ela.

– Precisa de uma toalha?

De jeito nenhum ela diria que sim. Não tinha acabado de prometer que ia ser uma víbora? E víboras não eram frias? Donas de si?

– Você trouxe as próprias toalhas?

– Ainda bem, porque parece que está em falta – disse ele, o olhar deslizando pelo corpo dela e voltando a se fixar novamente em seu rosto.

Alice ignorou o arrepio quente que aquele olhar provocou.

– Um cavalheiro viraria de costas.

Ele nem fingiu pensar na sugestão.

– Estou oferecendo uma toalha. Isso não é melhor? Resolver o problema?

Ele não estava resolvendo o problema. Ele o problema.

Provavelmente, a única coisa mais humilhante do que estar molhada, com frio e nua no próprio quarto de criança diante de um homem que era responsável pelo seu orgasmo mais recente, e pela sua crise existencial mais recente, era aceitar a ajuda dele para aliviar a humilhação.

Alice franziu o cenho, foi até a cama e puxou com força o edredom – força o bastante para derrubar a bolsa dele do pé da cama. Jack pegou a

bolsa antes que chegasse ao chão (é óbvio que pegou), e ela o ignorou completamente enquanto se enrolava no tecido pesado, tomando cuidado para que nem um milímetro de pele ficasse à mostra abaixo do pescoço.

– O que você está fazendo aqui? – repetiu.

– Eu podia perguntar a mesma coisa.

– Esse é o quarto – falou, ciente de que soava como a adolescente rabugenta que costumava se trancar ali por dias.

– Caramba, que situação constrangedora… – disse Jack, os lábios se contraindo como se estivesse achando graça de tudo aquilo. Como se não estivesse sob risco real de ser empurrado pela janela. – Este quarto também é meu. – Uma pausa, e disse: – Fico aqui quando estou na ilha.

Alice ergueu rapidamente a cabeça, surpresa. E com a sensação de algo muito semelhante a ter sido traída.

– Por quê?

Ele olhou ao redor.

– É uma pergunta que eu mesmo já me fiz várias vezes, pra ser sincero. Não é todo dia que um homem adulto é convidado a dormir em uma cápsula do tempo, direto de 2005.

– A casa tem três quartos de hóspedes. Sem contar os chalés dos empregados. E tem uma cama na casa de barcos.

Ele deu de ombros, como se tudo aquilo fosse perfeitamente razoável. O que não era.

– Acho que o seu pai achava que eu ia gostar da vista daqui de cima – comentou Jack, o olhar passeando por ela de novo, como se lembrasse. Sua voz ficou mais grave quando ele acrescentou: – Você não usa mais tinta no cabelo.

Alice resistiu ao impulso de passar a mão nos fios. Resistiu à tensão de seu corpo diante daquela observação.

– Eu me perguntei como você sabia que era tinta.

– O seu pai tinha muito orgulho do seu trabalho.

Foi uma declaração risível, considerando o passado, e Alice odiou o homem à sua frente por dizer aquilo. Odiou também saber que a família tinha entregado o quarto dela a outra pessoa com tanta facilidade. Aquilo não deveria incomodá-la. Afinal, tinha 33 anos, pelo amor de Deus. Era só um quarto.

Mas incomodava. Doía.

– Por que… – começou Alice, depois balançou a cabeça. – Quer saber? Não importa. Esse quarto é meu, e eu estou aqui. Sai.

– Eu… – Foi a vez de Jack hesitar. – Eu não sabia que você estava aqui em cima, Alice.

– Você não percebeu que tinha coisas minhas? – Ela parou. Observou o quarto: o armário aberto, sem a mala vazia que ela havia deixado ali dentro nem o vestido preto que pendurara; o canto onde tinha largado os tênis brancos estava vazio; a penteadeira no fundo do cômodo, onde ficava sua nécessaire… que não estava mais ali.

Ela passou por Jack e abriu a primeira gaveta da cômoda, atrás dele. Vazia. A segunda e a terceira, também.

– Onde estão as minhas coisas? – Alice olhou em volta lentamente, confirmando o que os dois já sabiam. – O filho da puta do Sam.

Havia uma pontinha de surpresa na voz de Jack quando ele perguntou:

– Sam?

– Ele levou.

– As suas coisas?

Ela assentiu.

– E as roupas e a toalha que estavam no banheiro.

Uma pausa.

–

Ela olhou para ele.

– Você tem irmãos?

– Não.

– Que sorte.

– Isso é… um comportamento normal? Para… adultos?

– Eu não diria que o Sam é adulto.

Alice foi até o armário e checou o que restava ali – resquícios da cápsula do tempo. Meia dúzia de vestidinhos de verão da adolescência, o vestido de madrinha do casamento de Sam e Sila, uma roupa de mergulho.

– Ele é – disse Jack, como se aquilo significasse alguma coisa.

– Que fofo você achar que ter filhos transforma alguém em adulto – comentou Alice, passando rápido por um vestido do seu baile de formatura. – Você não trabalhava para o meu pai?

– Trabalhava – respondeu Jack. – E ele era adulto, Alice. E uma boa

pessoa, no fim das contas.

Aquele adendo vinha carregado de anos de acúmulos. De acusações. Ela não esteve lá para vê-lo no fim, esteve?

Alice olhou por cima do ombro, para além do edredom volumoso, até encontrar o olhar resoluto dele.

– Bom, ele era um bilionário que achou que seria divertido obrigar a família enlutada a participar de um joguinho de herança nos dias seguintes à própria morte, causada por um dos seus brinquedinhos tão amados, portanto o veredito sobre a maturidade e a decência dele ainda está em aberto. E sobre a sua também.

– A minha maturidade?

– A sua decência.

Depois de uma pausa, em que Jack claramente pensou em dizer algo e logo em seguida desistiu, ele levantou o queixo na direção das roupas penduradas.

– Acho que nenhuma dessas vai servir como roupa de dormir. Quer que eu fale com o Sam?

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Vai fazer o quê? Bater nele até que devolva o meu pijama?

As palavras saíram antes que ela pensasse, acompanhadas da lembrança da noite anterior – dos fotógrafos, dos cartões de memória, dos nós dos dedos esfolados, da chuva, do meio-sorriso daquele homem quando ela segurou a mão dele. E de como ela havia se sentido naquele momento, como se alguém, finalmente, a tivesse colocado em primeiro lugar.

Mas não era Alice que Jack estava colocando em primeiro lugar. Era

.

Apegando-se àquela lembrança, ela falou:

– Muito obrigada, mas lido com o meu irmão há 33 anos. Posso dar conta sozinha.

– Parece que você precisa de… roupas?

– Não vou precisar assim que você sair deste quarto. Está pensando em fazer isso em algum momento ou…?

Jack enfiou a mão na bolsa e tirou uma camiseta e um short.

– Talvez você não precise de roupas agora, mas vai precisar amanhã. –

Como Alice não se mexeu, ele acrescentou: – Ou estava contando em passar a semana trancada na torre?

Ele era a primeira pessoa a sugerir que ela não estava prestes a fugir da ilha, provavelmente porque achava que ela só ficaria para garantir a sua parte na herança. Ainda assim, até que era uma mudança de perspectiva bem-vinda.

Alice se aproximou dele, pisando firme, e estendeu o braço por dentro do edredom para pegar as roupas, resmungando:

– Ótimo. Não precisa continuar fingindo que é um cara legal. Eu já sei a verdade.

Ele assentiu.

– Eu também.

As palavras foram ditas em um tom baixo e grave, quase uma confissão, que fez acender algo no fundo do estômago de Alice. Ela ignorou aquilo, porque já tinha sido traída o bastante naquele dia e não precisava envolver o próprio corpo naquela história. Em vez disso, disse:

– Vira de costas, por favor.

Em silêncio, Jack se virou para a cômoda, e Alice vestiu rapidamente as roupas que ele lhe entregou – uma camiseta da Universidade de Delaware e um short de corrida que ficou justo no quadril generoso dela. Melhor do que nada.

Alice puxou a camiseta para baixo, cobrindo ao máximo as suas curvas – não importava que ele já tivesse visto todas na noite anterior, o homem agora era o inimigo –, endireitou a postura e olhou para onde ele estava, de costas para ela.

Só então percebeu que, ao se virar, Jack tinha ficado de frente para o espelho em cima da cômoda, que refletia o quarto inteiro.

Mas ele estava de olhos fechados.

Alice ficou parada, observando por um instante, reparando no rosto dele – as sobrancelhas escuras e fartas, os traços perfeitos, o queixo anguloso sombreado por uma barba de um dia. Os cílios fazendo sombra na pele bronzeada do verão.

Ainda encarando-o através do espelho, ela disse:

– Delaware, é?

– Lar do Galo de Briga Azul – respondeu ele, sem olhar, referindo-se à mascote da Universidade de Delaware.

– Parece assustador – comentou Alice, sabendo que precisava parar de flertar com ele. O que estava acontecendo com ela?

– Terminou?

Teria ela imaginado o toque de rouquidão na voz dele ao fazer a pergunta?

– Sim – respondeu ela.

A palavra mal saíra dos lábios de Alice quando os olhos de Jack se abriram e encontraram os dela, de imediato, no espelho.

– Você não olhou – disse ela.

Mas ele olhava agora, seus olhos percorrendo as roupas –

– cobrindo a pele dela.

Ele disse, olhando para as pernas nuas de Alice:

– Olhar não seria algo digno de um cavalheiro.

rouquidão não foi imaginação. Nem o efeito que teve sobre ela – tirando-a do prumo.

Para tentar retomar o controle, Alice falou:

– Mas seduzir a filha do chefe morto… isso pode?

Ele ficou imóvel. Não gostou. Não era mesmo para gostar. Ela ergueu o queixo.

– Você está com raiva de mim.

– Por que eu estaria com raiva, Jack? Você só escondeu quem era antes de me levar pra cama. Que motivo eu teria pra ficar brava?

– Não lembro de ter precisado te convencer a ir pra cama comigo.

E não tinha precisado mesmo, mas Alice não estava disposta a admitir aquilo.

Como ela não falou mais nada, ele acrescentou:

– Foi um erro de cálculo.

– Aposto que isso doeu. Você não parece ser do tipo que comete erros de cálculo.

– Não sou mesmo.

As palavras saíram gélidas, e ela se deu conta de que outro homem talvez pedisse desculpas, mas Jack não parecia ser aquele tipo de pessoa.

Ainda bem, porque Alice não estava se sentindo tão compreensiva assim. Ela o encarou com uma expressão fria.

– Queria poder dizer o mesmo.

– Eu não menti pra você – disse ele, as palavras soando tensas, como se tivessem sido forçadas a sair.

– Não? Todo aquele papo de ;

; ?

?

– Eu hospedado no Vila Vôngole. E aqui a trabalho.

– É, mas você não é uma pessoa comum. Você trabalha pro meu pai! O que estava fazendo no trem, então? Não tem acesso ao helicóptero da empresa?

– O que estava fazendo no trem? Não tem acesso ao helicóptero?

– Eu não tenho acesso ao helicóptero há anos, Jack. E aposto que você sabe disso.

Um músculo se contraiu no maxilar dele.

– Claro. Porque você é uma mulher independente.

Ela estreitou os olhos.

– Porque eu não sou propriedade do meu pai. Diferente de você. Diretor-executivo dos caprichos de Franklin Storm.

Os olhos cinza dele cintilaram.

– Eu levo o meu trabalho a sério.

– Ah, sim. Muito a sério se a gente levar em conta o que aconteceu ontem à noite no Vila Vôngole. – Ela estava cutucando a onça com vara curta, mas não ligava. E ergueu a mão antes que ele respondesse. – Já sei. Foi um erro de cálculo. Então o que você fazia pro meu pai quando

?

Jack hesitou.

– O que ele precisasse.

– Apagava incêndios.

Ele assentiu.

– Entre outras coisas.

Sempre tão enigmático.

– E você sabia quem eu era.

Jack respirou fundo, como se ela fosse a pessoa irritante da conversa.

– É claro que eu sabia. O seu pai me pagava para saber de tudo. Mas, mesmo que esse não fosse o meu trabalho, eu saberia quem você era porque

vi a sua foto na mesa de Franklin todos os dias desde que comecei a trabalhar para ele. Ouvi o seu pai falar sobre você. E dormi no seu quarto.

Ela ficou surpresa diante daquelas palavras. Diante da força inesperada que elas carregavam. Como ele ousava fazer com que ela sentisse algo diferente de raiva? Alice não queria aquilo.

– Se bem me lembro – continuou ele –, eu tentei te contar quem eu era.

, tinha dito Jack na plataforma do trem. Antes de ela interrompê-lo.

– "Sem nomes", não foi o que você disse? "Nomes complicam as coisas."

– Ah, então agora eu é que deveria me sentir culpada por você saber quem eu era e não ter me contado? Está mesmo sugerindo que eu não tenho o direito de estar furiosa por você ter transado comigo sabendo que eu era filha do seu chefe? Horas depois da morte dele, sabendo que no dia seguinte ia aparecer aqui pra jogar uma bomba na minha família?

Ele não respondeu, e aquele silêncio só deixou Alice ainda mais furiosa. Ela sentia vontade de gritar.

– Parece que eu tinha razão – disse ela. – Nomes complicam mesmo as coisas.

Jack passou a mão pelo cabelo e olhou pela janela, onde a escuridão transformava três paredes do quarto em espelhos, refletindo tudo ali dentro e, de algum modo, nada que importasse.

– É – concordou ele, então pegou a bolsa e jogou no ombro. – Parece que você tinha mesmo.

Jack seguiu em direção à porta, passando por ela, e Alice se obrigou a ignorar a forma como seu corpo reagiu à proximidade daquele homem, como se ainda se lembrasse do que tinha sentido na noite anterior. Em vez disso, ficou apenas olhando enquanto ele abria a porta, hesitava no alto da escada e então se virava para dizer:

– Se vale de alguma coisa… desculpe. Eu devia ter contado.

Aquele pedido de desculpa a pegou desprevenida.

– Cuidado. O meu pai não acreditava em pedir desculpas.

Como ele não falou nada, Alice murmurou, mais para si mesma do que para ele:

– No fim das contas, acho que foi mesmo uma "caminhada da vergonha".

– O que mais poderia ser se você saiu do quarto do hotel quase antes de amanhecer?

Se Alice não estivesse em uma posição tão vulnerável, talvez percebesse certo tom na pergunta. Algo como… decepção. Mas não estava disposta a se importar com um homem que a manipulara daquele jeito.

– Acredite ou não, eu não tinha pensado nisso até agora.

– Que transou com um empregado – disse ele.

– Que transei com um – corrigiu ela.

Jack assentiu, aceitando o golpe com dignidade. E ela não devia se sentir mal pelo que dissera. O homem tinha mentido. Sabia quem ela era, por que ela estava ali, por que estava ali – e mesmo assim tinha dormido com ela.

– Já que estamos falando de mentiras… – Ele olhou por cima do ombro. – Você não está noiva?

A pergunta veio como um golpe. Um lembrete de que talvez ela também tivesse mentido na noite anterior. Que ela também tinha um segredo.

– A casa é para uso da família. Você pode dormir na casa de barcos.

Daquela vez, Jack não hesitou. Saiu, fechando a porta atrás de si, encerrando a conversa. E deixou Alice sozinha. Ela ouviu seus passos descendo a escada de madeira, rangendo sob o seu peso enquanto ele se afastava da torre.

Alice deveria ter apagado a luz e ido dormir. Em vez disso, apagou a luz, foi até a janela e ficou observando enquanto Jack atravessava o campo de tomilho selvagem que levava até a água, as pernas longas chegando rapidamente até a casa de barcos ao fundo.

Ele parou sob o poste de luz amarela do deque, com mariposas dançando ao seu redor, e se virou na direção da casa, o olhar percorrendo a construção enorme, escura e gótica.

Por um momento, Alice achou que ele estivesse olhando para a torre.

Depois, Jack se foi, e ela ficou sozinha de novo.

CAPÍTULO 7

Quando Alice saiu de casa na manhã seguinte, com uma caneca na mão, usando a camiseta e o short que, coagida, tinha pegado emprestados na noite anterior, encontrou Greta sentada nos degraus da varanda atrás da cozinha, observando o mar.

Quando percebeu que os degraus onde planejava se acomodar já estavam ocupados, segurou a porta de tela com o ombro.

– Posso? – tentou.

A irmã assentiu, sem desviar os olhos do mar, onde o sol cintilava sobre as ondas brancas ao longe. Alice se sentou ao lado dela, e o silêncio da manhã envolveu as duas, pesado com a promessa de um dia quente e com o perfume quase imperceptível do Féminité du Bois que Greta usava.

Greta falou primeiro:

– Isso é uma merda.

– Com certeza – concordou Alice. A irmã olhou para ela ao ouvir aquilo, e Alice enfim reparou no rosto dela em plena luz do sol. Os olhos vermelhos e inchados, o rosto esquelético, o nariz vermelho. – Nossa. Você tá péssima.

– – retrucou Greta, ofendida.

– Não… não – se corrigiu Alice. – É que… Você chegou a dormir um pouco que seja essa noite?

Greta fixou os olhos no fundo da caneca de café.

– Não.

Na tentativa de encontrar alguma coisa que pudesse fazer a irmã se sentir melhor, Alice perguntou:

– Cadê o Tony?

Foi a coisa errada a dizer. Greta fechou os olhos e comprimiu os lábios por um momento antes de sussurrar:

– Não consigo falar com o Tony. Não sobre isso.

– Por que não? – Alice franziu o cenho diante da admissão tácita de que a irmã talvez conversasse com o piloto do pai sobre algo além de planos de voo. Era a primeira vez que Greta chegava perto de admitir abertamente a relação dos dois. – Meu Deus, Greta. O que tinha na sua carta? Ele te arranjou um casamento forçado ou algo assim?

– Não – respondeu Greta, rindo, apesar da expressão ainda triste. – Isso seria maluquice.

– E ele nunca teria uma ideia maluca. Tipo proibir o Sam de falar durante doze horas por dia.

Greta se virou com um sorriso no rosto.

– Essa foi ótima, né?

– Diabolicamente ótima. O papai em um de seus melhores momentos – comentou Alice, então esperou um pouco, olhando para o oceano reluzente e vendo o azul se transformar em dourado sob o sol. – Mas, pelo visto, o que ele deixou pra você é só diabólico mesmo. O que você tem que fazer?

Greta suspirou e voltou a fitar o mar.

– Eu tenho que terminar tudo. Com o Tony.

Não era diabólico. Era cruel.

– Ah, .

– Exatamente – disse ela após uma longa pausa. – Que filho da puta.

Não havia como discordar.

– Você sabe que ele não pode nos controlar do além – comentou Alice.

– É claro que pode – rebateu Greta, no tom que costumava usar na maioria das coisas que falava: como se existisse verdade e mentira, e nada fosse mais estúpido do que confundir uma com a outra. Após uma pausa, disse: – O Tony queria contar pra ele sobre nós, sabia? Dez anos atrás.

Queria arrumar outro emprego e se casar comigo. Imagina o que o papai teria feito.

Alice suspirou e ficou em silêncio por um momento. Depois disse:

– Talvez ele tivesse deixado você viver a sua vida.

As irmãs se olharam de soslaio, e Alice riu.

– Tá bom. Talvez não.

– Talvez não – repetiu Greta, dando de ombros como se a discussão não valesse a pena. – A questão é que ele me deixou com a pior das tarefas. Eu preferia não falar por uma semana. Ou… sobre o papai por alguns dias.

A disparidade entre as tarefas era escandalosamente injusta, mas Franklin não se importava com aquilo. Só se importava com a capacidade de forçar os filhos a fazer o que ele queria.

– Então não faz.

Greta a olhou.

– Como é que é?

– Exatamente o que eu disse. Não faz. Assuma o relacionamento com o Tony, viva a sua vida – sugeriu Alice. Após um instante, continuou: – O que de pior poderia acontecer? A mamãe ter que contratar uma secretária?

– Eu sou mais do que uma secretária pra mamãe. Ela precisa de mim.

Antes que Alice encontrasse uma forma de se desculpar (aquele tipo de pedido de desculpa que custava a sair, já que exigia um desvio da verdade), Greta afastou as palavras com um gesto.

– Se eu não fizer o que ele disse… – ela se interrompeu e balançou a cabeça, deixando o resto da frase no ar, embora ambas soubessem o que viria.

– Eu não tenho nenhuma habilidade digna de nota.

Alice percebeu o que havia por trás daquela frase. O que aconteceria quando Greta precisasse de uma identidade? Quem ela era se não o dinheiro? O sobrenome? O poder que vinha com ele? Quem ela era sem Elisabeth, sem a ilha Storm, sem o mundinho enorme e ao mesmo tempo tão pequeno que habitavam?

Alice não sabia e passara cinco anos tentando descobrir.

– Isso não é verdade. Você tem um mestrado.

Um mestrado em Artes e um livro que vinha escrevendo havia mais de uma década. Algo que usava para se convencer de que era mais do que o próprio DNA. Mais do que uma estátua moldada à imagem da mãe.

Greta olhou de lado para a irmã.

– Como eu disse.

– Bom, se piorar muito, você pode trabalhar com o Sam. Ele vai ser o CEO.

Era horrível demais para ser uma piada decente.

– Meu Deus, já pensou em como ele vai ficar insuportável?

– Aprendeu com os melhores – comentou Alice, sem conseguir evitar uma risada, se permitindo um instante de leveza antes de voltar ao tom sério: – Não é tão ruim, sabia? Pagar aluguel. Fazer compras no mercado. Comprar móveis na IKEA.

– Você tem móveis da IKEA?

Ignorando o horror no tom da irmã, Alice repetiu:

– Não é tão ruim assim, Great.

Talvez fossem as próprias palavras – esperançosas demais. Talvez fosse o apelido de infância usado por Alice, criado no mesmo dia em que o pai mostrara o autocorretor ao mundo (ao mesmo tempo profundamente falho e cosmicamente perfeito) – pesado demais.

Fosse o que fosse, Greta balançou a cabeça.

– Não consigo.

– É uma pena – disse Alice, com sinceridade. – Você devia ter algo só seu. Você merece, depois de todo esse tempo.

Um longo silêncio se instalou, repleto de coisas que Greta não diria, até que Alice acrescentou:

– Tem… mais alguma coisa? Que o papai disse?

Após uma eternidade, Greta tornou a balançar a cabeça e repetiu:

– Mesmo que eu estivesse disposta a abrir mão da herança, a família vem em primeiro lugar.

– O que isso quer dizer?

– Você não ficou fora tanto tempo assim – respondeu Greta, com um toque robótico na voz. – Nós somos tudo o que temos.

– Impressionante essa sua imitação da mamãe – retrucou Alice. – Me

diz. Se isso é verdade, então onde você estava quando o papai me mandou ir embora e nunca mais voltar?

Greta ficou em silêncio. O que poderia dizer?

– Não tem problema – disse Alice. – Você não foi a única.

– Alice – disse Greta, por fim. – Você sabe. Não é… fácil.

Alice examinou a irmã, as mechas loiras que já começavam a ficar grisalhas nas têmporas, escapando do coque que ela usava. As rugas finas nos cantos dos olhos e da boca revelavam discretamente a verdade sobre a idade dela. Quarenta anos.

Quarenta anos e ainda presa às regras da juventude, determinada a ser a filha exemplar, a mais comportada, a que ficava por perto e dava tudo de si à família. Criada desde o berço para ser a sombra de Elisabeth, com apenas uma concessão aos próprios desejos: o ano sabático que passou em Genebra, quando tinha 19 anos e estava na Universidade Brown, da qual voltou magra como um palito, obcecada por Kierkegaard e com um vício nos cigarros Parisienne Jaune que jamais admitiria.

Agora, Greta morava em um bangalô dos anos 1920 ao leste de Providence, onde organizava arrecadações de fundos para ONGs inofensivas e candidatos políticos insossos, marcava almoços quinzenais com a mãe e mantinha a parte mais importante da própria vida guardada com a mesma discrição de contratos de confidencialidade e contas em paraísos fiscais.

E mesmo agora, com o pai morto, Greta não conseguia enxergar que podia enfim se libertar – que podia escapar do peso esmagador do controle dele. Em vez disso, ela sofria, envolta em segredos quase invisíveis, como as novas sardas no dorso das mãos. Impossíveis de ver, a menos que alguém olhe com muita atenção.

Alguém como Alice, que sentiu o peito apertar de raiva e tristeza ao perceber que nenhuma delas conseguiria escapar com facilidade do fantasma do pai – novo no cargo, mas já ótimo em assombrar.

Mas talvez elas pudessem aliviar a carga uma da outra.

– Se eu for embora – disse Alice, olhando para o perfil da irmã. – Se eu não ficar a semana toda, você não vai precisar fazer isso.

Foi a coisa errada a dizer. Greta se virou, o olhar afiado e perigoso.

– Você não pode ir embora.

– Por que não?

– Porque todos nós temos uma função nesse jogo.

Alice balançou a cabeça.

– Eu não tenho.

– Tem, sim. Todos temos. Somos todos Storms. Até você. Não importa o que tenha acontecido entre você e o papai, ou entre você e a mamãe, ou entre você e a . Nem todas essas coisas que você usa pra se consolar: o emprego de verdade, o parceiro de verdade, a vida de verdade, os amigos de verdade. E a gente? – Alice não teve dúvida quanto a esse "a gente": Greta. Sam. Emily. – Você nos deve isso, Alice.

Alice arregalou os olhos, e qualquer resquício de empatia foi imediatamente atropelado pela indignação.

–

– Sim. Você deve – insistiu Greta, aumentando o tom de voz. – Tudo é sempre sobre você.

Uma vez na vida, seria uma boa se você pudesse pensar no resto de nós.

– Talvez eu pudesse pensar em ? No que você estava pensando quando ele ?

– Alice – disse Greta, o tom cortante, cheio da arrogância típica dos primogênitos e que sempre fez com que elas fossem mais rivais do que amigas.

Alice voltou o olhar para o mar, a raiva subindo quente.

– Nenhum de vocês veio em minha defesa, porque tudo o que importava era isso. Estar aqui. Ter o calor da aprovação dele – disparou ela, as palavras cortando como navalha. – E não vamos esquecer a promessa de uma herança que, de repente, não é mais uma certeza.

– Você adora isso, né? Bilhões de dólares, e a gente pode perder tudo, só por sua causa.

– Dane-se esse dinheiro – disse Alice. – Eu não paguei o preço por ele antes, e não acredito que você esteja cogitando que eu pague agora.

Greta ficou em silêncio, e Alice voltou a falar com o mar.

– Mas é claro que está. Você foi criada pra isso.

– Nem todo mundo é tão perfeito quanto você – disse Greta. – Firme nas próprias convicções.

Alice se virou para a irmã.

– Essa é boa, vindo da cópia da mamãe. Se você fosse um pouco mais perfeita, ia ser canonizada. Um dia, você vai sair de dentro da bolsa da mamãe e tomar as próprias decisões.

– Você sabe ser bem venenosa quando quer – disparou Greta, a máscara caindo.

O silêncio se instalou entre elas. O que mais havia a dizer?

Depois de um tempo, Greta perguntou:

– Por que você odeia tanto estar aqui? Por que é tão difícil ficar com a gente?

Uma pergunta impossível com uma resposta impossível, cheia de palavras como , e – e todas as outras coisas que Alice queria dizer, provar e resistir. Todas muito mais complexas do que ela estava disposta a compartilhar.

– Eu não disse que não ia ficar – disse Alice com um suspiro, virando o rosto. – Mas, se eu não ficar, talvez não seja o fim do mundo.

– Pra você.

, pensou Alice.

Como queria ficar com a última palavra – um tesouro incalculável na família delas –, Greta mudou de assunto:

– Achei que o Griffin tinha estudado na Universidade de Nova York.

O que o Griffin tinha a ver com essa conversa?

– Estudou.

Greta ergueu o queixo, indicando a camiseta que Alice usava. A que ela havia esquecido que estava usando nos últimos minutos. Alice puxou a barra da blusa.

– O Sam roubou minhas roupas, aquele idiota.

– O Sam fez Harvard – disse Greta, com uma observação que trazia uma insinuação bem clara.

Alice ignorou.

– E que honra deve ser para Harvard ter aquele babaca na lista de ex-alunos. Terminou?

Greta ainda não tinha terminado.

– Sabe quem estudou na Universidade de Delaware?

Alice suspirou.

– Na verdade sei, sim. Eu confesso, detetive. Ele estava no meu quarto

ontem à noite, quando descobri que o Sam roubou as minhas roupas. O Sr. Dean… na torre… com o short de corrida.

Greta ergueu as sobrancelhas.

– A convite?

– A convite do papai, pelo que eu entendi.

Greta se deu conta do que tinha acontecido. E fez uma careta.

– A gente devia ter avisado a ele que você estava lá em cima. – era um verbo bem Storm, principalmente quando se tratava das responsabilidades deles uns com os outros. – Ou te avisado que aquele é o quarto dele.

– Aquele quarto é meu – afirmou Alice.

– É claro. Não foi isso que eu quis dizer – Greta se apressou em corrigir. – Mas ele sempre dorme lá. Porque você nunca…

Ela não terminou, mas Alice entendeu mesmo assim.

– Bom, ontem à noite ele não dormiu lá.

– Impressionante. Qualquer outra pessoa teria implorado.

– Bem, deixando de lado a aparência irritantemente boa do homem, eu não implorei.

Nem sequer pensou em implorar. Pelo menos, não enquanto ele no quarto.

As sobrancelhas de Greta se ergueram ainda mais.

– Na verdade, não quis dizer que você deveria ter implorado. Quis dizer que devia ter implorado, considerando o tanto que esse short valoriza a sua bunda.

Era um ramo de oliveira. Aquele tipo de não desculpa que só irmãs conseguiam oferecer e perdoar mesmo depois de tanto tempo. Depois de um instante, Alice cedeu – e aceitou a trégua que aquilo representava.

– Bom, isso é o mais perto que Jack Dean vai chegar da minha bunda – mentiu Alice.

– Tem certeza disso? Aparência irritantemente boa? – Quando Alice revirou os olhos, Greta acrescentou: – Sabia que a Sila tá de olho nele há anos?

Alice piscou.

– No Jack?

Greta deu de ombros.

– Pode ser só impressão minha.

Talvez. Mas provavelmente não era. Greta era a mais atenta da família – uma qualidade cultivada por ter que estar sempre alerta, caso alguém descobrisse a verdade sobre o seu relacionamento.

– O que o Sam pensa disso?

– O Sam pensa? – As duas sorriram, e Greta continuou: – Sinceramente? Acho que é por isso que o Sam não suporta ele. Isso e o fato de que ele sempre recebia a promoção que o Sam esperava ganhar.

Não era nenhuma surpresa. Jack Dean não parecia o tipo de homem que se acomodava.

– O Sam podia tentar trabalhar de vez em quando – falou Alice, olhando para o mar. – E você? O que acha dele? –

Greta ficou em silêncio por um tempo.

– Acho que o papai tem motivo para gostar tanto do Jack. – Foi um alerta, e Alice entendeu. – De qualquer forma, a Sila vai surtar quando vir você com a camiseta dele. E esse short. Um combo e tanto.

Alice fingiu examinar o próprio traseiro.

– E eu aqui pensando que devia encontrar as minhas roupas para me trocar.

– E perder toda a diversão?

Por um instante, tudo pareceu leve de novo. Como se elas fossem só irmãs, e aquela fosse só uma visita comum a uma família comum. Mas nada ali era comum.

– Fica. Por favor – sussurrou Greta.

Antes que Alice pudesse responder, a porta de tela rangeu e Elisabeth se inclinou para fora.

– Ah, vocês estão aí. Entrem, por favor. A gente precisa conversar.

As irmãs trocaram um olhar e entraram, Alice se desviando do olhar incisivo da mãe. Elisabeth também reparou no short.

Lá dentro, Sam estava encostado na bancada da cozinha, ao lado da torradeira, olhando para o próprio celular. Ao lado dele, Saoirse segurava um iogurte em uma das mãos e o próprio celular na outra. Alice acenou na direção da sobrinha.

– E aí, como você tá?

Saoirse prendeu o cabelo comprido (loiro de sangue azul, igual ao do

pai) atrás da orelha, mas não levantou o olhar.

– O papai não pode falar.

Alice checou o relógio – sete e quarenta e cinco.

– E você veio servir de intérprete pra ele?

– Não, eu meio que gosto do fato de ele não poder falar – declarou a adolescente em um tom impassível, arrancando risadas enquanto saía da cozinha, ainda grudada na tela.

– Ela é engraçada – disse Alice a Sam. – A quem será que puxou?

Ele não achou graça.

Emily e Claudia estavam sentadas juntas do outro lado da mesa de madeira, segurando canecas fumegantes de cerâmica, mas Claudia se levantou e deu um beijo na testa de Emily assim que a porta de tela bateu atrás de Elisabeth.

– Vou deixar vocês conversarem à vontade.

– Tem certeza? – falou Alice com um sorrisinho. – Essa conversa promete.

Claudia devolveu o sorriso.

– Tenho. Se alguém quiser chá de cogumelo, deixei no balcão.

– É alucinógeno? – sussurrou Alice.

– Não! – Claudia pareceu horrorizada com a ideia, o que era curioso, já que Alice sabia muito bem que a irmã e a parceira não eram exatamente abstêmias quando se tratava de substâncias psicoativas.

– Uma pena – respondeu Alice.

– Ninguém vai beber chá alucinógeno – disse Elisabeth, como se essa fosse uma possibilidade real, e estendeu a mão para Claudia. O gesto chocou mais Alice do que ela gostaria de admitir, principalmente quando foi seguido por: – Claudia, querida. Você não precisa sair. Faz parte da família.

Alice olhou para Sam, que claramente não gostou da afirmação. Elisabeth jamais tinha se referido a Sila como sendo . Na verdade, a nora sempre fora o oposto disso. A mulher que roubara a atenção do filho. Além disso, se Elisabeth um dia chamasse a esposa de Sam de , Alice suspeitaria de um derrame.

Mas Claudia era tranquila e discreta, um ponto de equilíbrio para Emily e para Elisabeth – presente, mas nunca carente. Forte, mas nunca opressora. E, mais do que tudo, sabia a hora de sair de cena.

– Tenho alguns atendimentos para remarcar – explicou ela –, mas a gente se vê no almoço. A Emily disse que a Lorraine fez salada de frango.

– É claro que fez – disse Elisabeth, com ternura. – A gente sabe que é a sua preferida.

Alice arregalou os olhos e encarou o olhar límpido de Greta, que ergueu o queixo – a única reação que indicava ter entendido a surpresa da irmã.

Claudia saiu, e a mãe delas voltou a toda.

– Se vamos receber algumas centenas de pessoas nesse fim de semana, não posso tolerar o caos em casa. Estou me referindo a vocês quatro.

Todos olharam ao redor da cozinha impecável, parecendo eternamente pronta para aparecer em uma matéria de revista de decoração. Greta falou:

– Mãe. A casa está perfeita.

– A despensa não está – respondeu Elisabeth. – Alguém deixou a bagagem lá dentro.

Alice se recostou no banco e olhou para o cômodo ao lado. De fato, ali no fundo, estavam a mala e a sacola de lona.

– É minha.

– Você tem um quarto perfeitamente bom lá em cima, Alice. Por que a sua bagagem está na despensa?

Alice olhou para Sam.

– Eu não sei, Sam, por que a minha bagagem está na despensa?

Ele a ignorou e continuou digitando no celular. Bem quando Alice estava prestes a declarar que ele era a pior pessoa, o aparelho falou:

– Como. Eu. Vou. Saber.

A voz mecânica fez todos se virarem, enquanto Sam exibia um sorriso que só poderia ser descrito como cínico e digitava de novo:

– Uma brecha.

Alice revirou os olhos.

– Que legal! O celular também ajuda a tirar o limo dos barcos?

Sam olhou para ela de cara feia.

– Se vocês dois terminaram – disse Elisabeth, parada na ponta da ilha da cozinha –, tenho algo a dizer.

O silêncio se instalou, todos esperando a bomba que Elisabeth poderia lançar.

– O pai de vocês tratava qualquer um como se fosse um velho conhecido.

Era amado por pessoas no mundo todo, e não acho que tenha sido só pelo dinheiro. Não totalmente. Afinal, eu também o amei.

Ela fez uma pausa, e Alice se perguntou se estaria cogitando qualificar a declaração. Algo como:

.

Mas, ao que tudo indicava, decidiu não seguir por aquele caminho e concluiu.

– Em consideração a isso, vamos abrir a ilha na segunda-feira para a… – Elizabeth procurou uma palavra e escolheu . A palavra saiu estrangulada. Como se ela nunca tivesse refletido de fato sobre o conceito e, agora que pensava a respeito, não tivesse certeza de que gostava. – E espero que seja… que não seja triste.

Quando ninguém comentou nada, Elizabeth enfatizou a declaração:

– É isso.

Como ela parecia estar na expectativa de que os filhos falassem algo, foi isso o que eles fizeram, sempre atentos às expectativas da mãe.

Emily começou:

– Adorei que você tenha estabelecido uma intenção tão positiva, mãe. Talvez a gente possa meditar sobre isso mais tarde.

– Ah, acho que não vai ser necessário – respondeu Elisabeth.

– Parece. Ótimo – disse o telefone de Sam.

– O papai ia gostar disso – acrescentou Greta, e Elisabeth torceu os lábios, sugerindo que, se soubesse disso antes, talvez tivesse dito outra coisa.

Mas não tinha dito. Então Alice fez a sua parte.

– Foi uma coisa bem bonita de dizer, mãe. Sobre o papai. E por ele.

– Ótimo – disse Elisabeth. – Não se esqueçam de contar isso ao Jack. Decidi cumprir a minha cota diária logo cedo.

Alice não conteve a risada.

– Tipo… comer legumes.

Um mês antes, Elisabeth talvez tivesse rido da piada. Mas esse tempo tinha ficado para trás.

– Ei. Falando. Em. Exigências. – disse o celular de Sam, enquanto ele olhava diretamente para Greta. – O. Que. Você. Tem. Que. Fazer.

Alice examinou o fundo da xícara de café enquanto Greta respondia:

– Não interessa.

Seu tom era leve demais. Mesmo se Sam não soubesse ler as emoções dela desde pequeno, daria para perceber que as tarefas atribuídas por Franklin não tinham nada de leves. E muito menos divertidas.

Com um olhar satisfeito, ele digitou:

– Parece. Que. Exige. Muito.

Como Emily diria, o universo provê. Alice não resistiu:

– Exige?

Greta se agarrou à mudança de assunto.

– Bom, quando tudo isso acabar, as tarefas terão exigido tanto do Sam que ele vai ter virado um mestre na manutenção do sino de neblina.

– E não se esqueça das telhas – disse Emily, entrando no roteiro de cabeça.

– Vai. Se. Ferrar.

Perfeito.

Todos caíram na risada, menos Sam, que mostrou o dedo do meio para todos antes de digitar furiosamente:

– O. Que. Ele. Mandou. Você. Fazer. Emily.

Ele lançou um olhar sério para a irmã mais nova, e todos se voltaram para ela, inclusive Elisabeth, que estacou no processo de borrifar pela terceira vez, só naquela manhã, o desinfetante orgânico na bancada.

A hesitação da caçula dos Storms era palpável. A criatividade de Franklin estava em seu auge na hora de distribuir tarefas, e todos queriam saber o que ele teria reservado para Emily, a filha que, convenhamos, merecia bem menos castigo do que os outros.

Emily respirou fundo, enquanto Alice prendia a respiração.

– Nada.

Silêncio. Então…

Elisabeth ergueu as sobrancelhas.

– Nada?

Um ruído sufocado escapou da garganta de Sam antes que ele voltasse a digitar:

– Mas. Que. Porra.

– Nada do tipo… você tem que ficar na ilha? – Alice tentou esclarecer. – Ou nada, nada?

Emily deu de ombros, meio culpada.

– Acho que , nada.

Era uma reviravolta estranha. Era verdade que Emily nunca tinha sido o calcanhar de Aquiles de Franklin, como os outros pareciam ser, mas a ideia de que ele não tivesse deixado absolutamente nada para ela fazer? Nem mesmo ficar na ilha? Para Emily, aquilo não seria um castigo, como era para Alice. E ela até recebera uma carta, ao contrário de Alice. Parecia mais… um presente.

E aquilo doía.

Em Greta também, como logo ficou claro.

– Como assim ! – exclamou ela.

– Eu… – Emily olhou para a irmã mais velha. As duas nunca tinham se dado muito bem, já que Greta era catorze anos mais velha e a primeira a admitir que tinham pouco em comum. Ainda assim, sempre fora óbvio para o resto da família que Emily não buscava a aprovação de Elisabeth, mas sim a de Greta. – Desculpa, Greta.

– Aí já é demais. A Alice basicamente ganhou férias de uma semana, você não tem tarefa nenhuma, o Sam recebeu uma lista de a cumprir, e eu tenho que… – Ela se interrompeu antes de revelar o que lhe tinha sido designado. – E nenhum de nós tem garantia de que vai receber um centavo no final disso. É…

Ela engoliu o .

Lágrimas brotaram nos olhos de Emily.

– Desculpa. Eu não sabia que ele estava planejando…

– Nenhum de nós sabia – falou Alice, intervindo. – O papai fazia o que queria, quando queria, sem se importar com quem pudesse magoar. Não é culpa sua. É o jogo dele. – Ela olhou para Greta, que estava vermelha de raiva. – Quando a Greta se acalmar, ela vai entender.

– mandando me acalmar – retrucou Greta, virando-se para Alice. – Essa é boa. Você, que em vez de continuar na família. Você não se importa com esse jogo. É a mais provável de ferrar com todo mundo!

E, de novo, a sugestão de que Alice não era leal.

– Antes de mais nada: eu não . Ele me expulsou.

Silêncio. Não que ela esperasse outra coisa.

– Segundo: a culpa não é minha se o papai… – Alice hesitou, sem querer dizer ; por que aquela palavra parecia tão estranha? – …manipulou todos nós como peças em um tabuleiro de xadrez. Eu não criei o jogo. Não

fiz as regras. E você tem razão: se dependesse de mim, eu ia embora agora mesmo, porque, diferente do que conclui a sua análise, Greta, isso aqui pra mim não são férias, mas um lembrete constante de que, quando o papai me daqui, nenhum de vocês se importou de verdade.

O silêncio se instalou e, por um momento, ela imaginou que todos estivessem, enfim, refletindo sobre o que acontecera, até um pouco envergonhados. Que nada.

– Mas. Você. Não. É. Uma. Peça. – disse o celular de Sam.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou Alice.

Greta assentiu, concordando com o celular.

– somos as peças.

– E eu não estou no tabuleiro?

Aquilo não devia importar. O (plural). O (singular).

– Você não é uma peça – esclareceu Emily. – É uma das jogadoras. O papai deu a você todo o controle. Não tem nada a fazer além de ficar e jogar.

Eles não conseguiam ver que o pai não tinha dado controle nenhum a ela. Que ele nunca permitiu que ela tomasse uma única decisão na vida, desde o momento em que teve uma quedinha por um menino no sétimo ano, e Franklin contratou o pai do garoto para trabalhar na Storm Silicon Valley porque queria minimizar as distrações de Alice.

.

Não importava que Franklin não tivesse frequentado uma universidade.

Alice tinha planejado cursar uma escola de artes. Fez uma lista cuidadosa das melhores do mundo pouco tempo depois de aquele menino do sétimo ano desaparecer. Trabalhou no próprio portfólio por meses. Implorou ao pai para que a deixasse se candidatar a uma delas, depois que ele lhe entregou uma lista de universidades aprovadas, nenhuma delas com formação em artes.

Não importava o que Alice queria.

Franklin foi o orador da turma na cerimônia de formatura dela, na Amherst. Fez uma piada sobre , que ele esperava que todos achassem muito espirituosa, mesmo que tivesse um único propósito: deixar clara a decepção dele.

Durante o dia e meio que ela ainda passou no campus, as pessoas a

bajularam. Como o pai era interessante. Como era esperto e engraçado. Inspirador. Como ela era sortuda.

A verdade também não importava.

Cada vez que ela tentava tomar uma decisão por conta própria, Franklin usava dinheiro, poder e influência – como pai e como um dos homens mais ricos do mundo – para manipular aquela decisão até que se encaixasse no que ele queria. E quando ela finalmente se recusou? Quando reagiu? Quando reivindicou o próprio espaço? O pai a deixou ao relento e garantiu que os outros também a deixassem.

E naquela semana, em vez de permitir que todos simplesmente pudessem viver o luto, ele a acorrentou de novo. Alice podia ficar ou ir embora – de qualquer forma, seria Franklin quem escreveria o próximo capítulo.

Se ela ficasse, ele vencia. Se fosse embora, ela perdia.

.

A frustração começava a se transformar em algo pior, e Alice sentiu a garganta apertada de um jeito sufocante, a pele formigando.

– Vocês estão errados. Ele está me tratando como sempre tratou. Como uma criança. E eu não sou mais uma criança, tenho 33 anos.

– Melhor tomar cuidado. Essa não é uma boa idade para mártires.

Todos se viraram para Sam, que tinha falado em voz alta. Alice olhou para o relógio. Passavam alguns segundos das oito horas.

– Não há nada em sair dessa casa que faria de mim uma mártir, Sam. Nenhum sofrimento envolvido. – Era mentira, mas ela jamais admitiria.

– Já chega – disse Elisabeth. – Por mais que queira, a Alice não vai sair da ilha. Ninguém vai sair da ilha. Centenas de pessoas virão prestar homenagens na segunda-feira, e todos nós – acrescentou, olhando diretamente para Alice com severidade – vamos estar presentes. Que imagem passaríamos se não estivéssemos? O que as pessoas pensariam?

Ela fez uma pausa, longa o bastante para que todos completassem mentalmente as palavras que não disse em voz alta.

– Provavelmente pensariam a verdade – falou Alice.

Elisabeth não gostou da resposta.

– E qual seria a verdade, Alice?

. Mas a pergunta era apenas retórica, por

isso ela permaneceu em silêncio.

– Todos vocês vão estar aqui – repetiu Elisabeth no silêncio denso, encarando cada um dos filhos. – E todos vão de estar.

Sobrancelhas se ergueram ao redor da cozinha, provavelmente porque ninguém estava certo de que iria "gostar" do funeral do pai, cheio de magnatas da indústria, líderes mundiais e uma boa dose de excêntricos.

– Alguma pergunta?

– Sim, tenho uma pergunta – disse Sam.

As irmãs reviraram os olhos. É claro que ele tinha. Sam sempre precisava dar a última palavra.

– Por que a Alice está usando uma camiseta da Universidade de Delaware?

Um instante de silêncio enquanto todos refletiam sobre a pergunta. E sobre a resposta.

– Porque a minha mala está na despensa – respondeu Alice, olhando primeiro para Sam, depois para Elisabeth. – E ninguém avisou ao Jack que o meu quarto não é de hóspedes essa semana.

– Ora. Se você voltasse para casa de vez em quando, talvez tivéssemos pensado em fazer isso – respondeu Elisabeth, sem um pingo de remorso na voz. – As regras não mudaram. A sua mala fica no andar de cima, como você bem sabe.

– Eu não coloquei… – Alice engoliu a resposta que ameaçou escapar, sentindo-se subitamente com 9 anos outra vez e furiosa por ter que assumir a responsabilidade pelas besteiras do irmão mais velho. – Tudo bem.

– Uma roupa apropriada seria de bom tom – acrescentou Elisabeth, lançando um olhar frio para o pijama improvisado de Alice antes de se voltar para Sam. – Sam, imagino que tenha trabalho a fazer?

Ele pegou o celular e encarou a tela por um momento.

– Eu liberei a minha agenda do dia, então acho que vou limpar alguns barcos. – Sam olhou para Emily. – Acho que você devia ajudar.

– Hummm… – Ela inclinou a cabeça. – Acho que não.

– Peçam ajuda às crianças, assim elas se mantêm ocupadas – sugeriu Elisabeth, voltando sua atenção para Greta. – Tenho uma lista para você.

Greta já esperava por aquela convocação.

– O que precisar.

– Posso ajudar, mãe? – interrompeu Emily.

– Ah, Emily. – Elisabeth se virou para a caçula. – Achei que você fosse fazer o que sempre faz. Acender velas para o solstício ou coisa parecida!

– Mas não é solstício…

– Deve ser solstício em algum lugar, não? Ou lua cheia? – falou Elisabeth, e pegou o tablet na bancada da cozinha, já distraída com as informações na tela.

– Não. – A luz se apagou nos olhos de Emily, mas ela insistiu, tão ansiosa naquele momento, já adulta, por receber uma fração da receptividade que Elisabeth destinava à Greta desde a infância, sem entender o peso daquela atenção. – Estou livre para ajudar.

– Humm – falou Elisabeth. – Então vem com a gente.

As duas a seguiram para fora da sala como patinhos, exatamente como a mãe gostava – súditas de Elisabeth, não de Franklin. Quantas vezes ele tinha ficado naquela mesma cozinha e mandado todos irem ajudar a mãe?

Não que Alice fosse diferente. Ela foi direto pegar a mala no fundo da despensa – a tira de uma calcinha de seda escapava pelo zíper fechado. Claro que Sam nem se dera ao trabalho de ser cuidadoso com as coisas dela.

Alice se abaixou para avaliar os danos e tentou ajeitar o zíper, xingando mentalmente o irmão insuportável, a mãe autoritária, o pai morto e seu braço-direito irritante – o dono da camiseta que ela usava e que ainda mantinha o cheiro dele, um aroma que Alice havia apreciado até demais enquanto estava deitada na cama, na noite anterior. E aquela era uma verdade que jamais admitiria. Para ninguém. Nunca.

Então, como se tudo aquilo já não fosse humilhante o bastante, as lágrimas vieram. Por que ela sempre chorava naquela porcaria de despensa? Alice redobrou o esforço com o zíper, decidida a fazer pelo menos uma coisa dar certo, mesmo que para isso tivesse que ficar ali o dia inteiro.

A casa, no entanto, tinha outros planos. Atrás dela, a porta bateu com força e a luz se apagou, mergulhando o cômodo inteiro na escuridão.

Com um suspiro, Alice foi até a porta, chutou uma garrafa pesada – azeite de oliva, talvez? – e tateou em busca da maçaneta. Girou e empurrou. Nada. Encostou o ombro e deu um tranco.

Nada. Estava presa.

Do outro lado da porta, ouviu uma cadeira sendo arrastada pelo chão. Alguém estava ali. Sam, sem dúvida.

– Hilário – resmungou para a escuridão, antes de bater na porta. – Me

tira daqui, seu bebezão.

Nada aconteceu.

– Sam. Eu não estou brincando.

Os passos se afastaram da cozinha.

Ela estava trancada ali dentro.

GRETA

Quando o assunto era filha exemplar, ninguém no mundo superava Greta Storm.

E não era só por ser a mais velha, embora ela fosse um exemplo clássico de primogênita: emotiva (agressivamente atenciosa), controladora (extremamente confiável) e intensa (com um estômago sensível, resultado de uma preocupação constante e profunda de que, a qualquer momento, alguém da família pudesse se desviar do caminho).

Em outra linha do tempo, Greta talvez tivesse se casado e formado a própria família, dominando o universo das associações de pais e mestres. Nunca pisaria nos arredores da escola sem uma bolsa térmica cheia de sucos orgânicos e tangerinas. Teria passado uma dose respeitável de ansiedade para uma nova geração como uma de alto nível.

Mas aquilo significaria deixar a própria mãe.

Embora nunca tivesse tido filhos, Greta sempre entendera intuitivamente que filhos pertenciam apenas a um dos pais. Não do jeito banal e superficial como o mundo costumava definir (filhinho da mamãe, princesinha do papai), nem no sentido de preferidos (ainda que Elisabeth e Franklin Storm

nunca tivessem hesitado em identificar os deles). Era um entendimento mais profundo. Celular. Sináptico.

Greta pertencia a Elisabeth desde o início. Nunca tivera sequer escolha, desde o dia em que nasceu, no aniversário de 25 anos da mãe. Até o nascimento de Greta foi um presente para Elisabeth – ela chegou ao mundo com uma eficiência notável, para evitar qualquer desconforto desnecessário à mãe. Elisabeth passou menos de noventa minutos em trabalho de parto, e Greta nasceu na ala particular da maternidade do hospital St. Luke's – Roosevelt, antes que o pai ao menos tivesse tempo de chegar.

Se Franklin chegou a se desculpar por perder o nascimento da primogênita, aquele detalhe não foi incluído no folclore familiar daquele dia. Em vez disso, ele dava sua risada estrondosa todo dia 11 de janeiro, jogava uma caixinha da Cartier na direção da esposa e dizia: "Mas nem se compara à Greta!" E então voltava ao trabalho.

Diamantes talvez sejam para sempre, mas Greta era para sempre e além. Amém.

Assim, quando Elisabeth subiu a escada rumo ao seu escritório particular naquela manhã, a cabeça tomada pela distração bem-vinda de organizar um evento ao ar livre que reuniria metade do planeta para paparicá-la, todos preocupados (e para celebrar a vida do marido dela), foi Greta quem seguiu logo atrás.

Emily vinha um pouco depois, como um filhote perdido, sem jamais ter se sintonizado tão bem com as necessidades da mãe quanto a irmã – e como poderia? Mesmo que Elisabeth estivesse interessada em treinar outra discípula, Greta jamais cederia o lugar, que estava reservado àquela que o mundo provavelmente enxergava como a preferida da mãe.

Mas ela não era a preferida da mãe. Aquele posto pertencia a Sam – embora Greta evitasse pensar naquilo, afinal era mais do que .

Ser o filho ou a filha era algo frívolo; Greta havia sido criada para ser indispensável. Para oferecer conforto. Para entender intuitivamente do que Elisabeth precisava em qualquer momento.

O que era ser a , comparado a ser essencial?

– A empresa mandou uma lista – falou Elisabeth com clareza e objetividade, enquanto atravessava o escritório até a poltrona de encosto alto junto à janela com vista para a baía, atraindo a atenção imediata de Greta.

– Lista de quê? – perguntou Emily.

A mãe não ergueu o olhar da tela de altíssima resolução do tablet (conhecido como 1107 – em homenagem aos 1.107 dólares que Franklin tinha usado para fundar a Storm Inc., quase cinquenta anos antes), em que uma planilha colorida cintilava em meia dúzia de tons.

Greta respondeu à irmã:

– A lista dos convidados para o funeral.

– Não é um funeral – corrigiu Elisabeth, e passou o dedo pela lista aparentemente infinita. Será que a ilha comportava todas aquelas pessoas?

É claro que sim. Elisabeth Storm daria um jeito.

– Mas é, não é? – perguntou Emily, olhando para Greta.

– É uma – respondeu Elisabeth.

Greta percebeu que nada havia sido acrescentado à palavra "celebração". Nada . Nada . Apenas uma celebração. Como se a morte dele fosse uma dádiva para todos, e Elisabeth, a responsável por comandar a alegria que aquilo invocava.

A mais velha dos Storms ignorou a tristeza pela perda que sussurrava nos cantos da sua consciência – sim, pelo pai, como deveria ser. Como seria para uma boa filha. Mas também por outra coisa – por um tipo diferente de perda que ela não conseguiria ignorar por muito tempo.

.

As palavras de Alice teriam ecoado se Greta permitisse. Mas ela não tinha a menor intenção de se deixar levar. Alice não entendia… nunca havia entendido. Nenhum deles entendia.

Greta tinha um trabalho a cumprir.

– Vou ligar para o bufê.

– A Alice já ligou ontem à tarde. Quando você não foi encontrada em lugar nenhum.

Greta controlou o impulso de se encolher, recusando-se a pensar no local em que estivera. E com quem. Também conteve o pânico que apertava o seu peito diante da ideia de que Elisabeth pudesse ter precisado dela e de que outra pessoa tivesse ocupado o seu lugar.

– Estou aqui agora – disse Greta.

Elisabeth tinha chegado ao fim da lista e voltava ao início.

– Essa lista não serve. Não tem ninguém íntimo aqui. Nenhum dos

nossos amigos.

Emily se inclinou para espiar por cima do ombro da mãe.

– Na verdade, mãe, parece que os seus amigos estão marcados em verde. Estou vendo… Os Nadirs, os Silverbergs, os Nelsons, os Haskins, os Singhs…

– Esses são amigos .

Considerando que a família passara os verões e feriados com todas aquelas famílias durante a infância dos filhos, aquilo foi uma surpresa. Ainda assim, Emily pegou um bloco de anotações na escrivaninha de Elisabeth.

– Tudo bem. Quem está faltando?

Elisabeth fez um gesto com a mão.

– Você sabe… os outros.

Feliz por ter uma tarefa, Emily escreveu os nomes enquanto falava, listando da elite da Nova Inglaterra, que tinha sido a contribuição de Elisabeth para o casamento.

– Hummm – murmurou Elisabeth, voltando-se para Greta. – A Evelyn precisa dos números do seguro social.

Independentemente da presença de alguns daqueles sobrenomes na lista de passageiros do Mayflower – o navio que levou os primeiros colonos puritanos à América –, haveria pelo menos dois ex-presidentes na cerimônia, e sobrenomes não bastavam para o Serviço Secreto. Greta assentiu. Antes que pudesse responder, Elisabeth acrescentou:

– Você vai ter que ligar para todos. Não quero falar com eles.

– Eu ajudo – disse Emily, animada.

– Não. A Greta pode fazer isso.

Emily contraiu o maxilar, e Greta observou enquanto a caçula respirava fundo para se acalmar. Ela se perguntou se aquilo funcionava para a irmã.

– Mãe, já tem o quê? Quarenta pessoas nessa lista? E ainda nem adicionamos os nossos amigos.

Elisabeth franziu o cenho.

– Os amigos de ?

Um segundo de silêncio.

– É, mãe. Os nossos amigos.

– Por que diabo vocês convidariam os seus amigos?

Certa vez, por insistência de Alice, Greta tentou fazer terapia e durou três sessões (de algum modo, ela conseguiu passar 165 minutos sem revelar que era uma Storm… relacionada à Storm Inside™), antes de confessar a transgressão à mãe, que franziu o nariz (um choque – Elisabeth jamais franzia nem um centímetro de pele se pudesse evitar) e disse:

Anos atrás, Greta não respondera à pergunta, mas agora Emily respondeu:

– Porque eles nos apoiam. Porque isso traz paz. E equilíbrio.

Se Emily achava que qualquer argumento envolvendo paz e equilíbrio convenceria a mãe, claramente não vinha prestando atenção nos últimos 28 anos. Elisabeth se voltou novamente para a planilha da Storm Inc.

– Não. A lista de convidados está fechada.

– O quê? – Emily se interrompeu. Mas logo recomeçou: – Mãe…

Greta interveio:

– É melhor a gente começar.

Emily a ignorou.

– Mãe… você não está…

Quando a frase se perdeu no ar, Greta prendeu a respiração e balançou a cabeça. . .

Mesmo se tivesse dito aquilo em voz alta, não sabe se Emily escutaria.

– Você não está… triste?

Greta ficou imóvel.

Elisabeth, não. Continuou rolando a tela do tablet.

– Particularmente, não.

Emily arregalou os olhos e se voltou para Greta, seu silencioso, tão eloquente quanto um tiro. Greta deu de ombros em resposta, mas não conseguiu negar o toque de satisfação que a pergunta lhe causou. Emily não entendia, mas Greta sim. Porque ela era a boa filha.

Greta balançou a cabeça para impedir que Emily dissesse mais alguma coisa e redirecionou a irmã para a tarefa em andamento. Durante a hora seguinte, as duas atuaram como secretárias pessoais de Elisabeth, fazendo ligações enquanto a mãe respondia a e-mails e mensagens de texto vindas de diversos funcionários, colegas e amigos íntimos de Franklin.

Greta fez duas ligações para cada uma que Emily fazia, porque a caçula

dos Storms parecia incapaz de completar uma conversa sem chorar ou mencionar algum tipo de energia de cura.

E, claro, Alice não deu as caras. Na verdade, era até melhor assim – Greta sempre tinha a impressão de que a irmã do meio a julgava em silêncio. Talvez fosse só impressão, talvez fosse apenas por serem tão diferentes uma da outra. Enquanto Greta (quase) sempre fora a estável, a confiável, a que comparecia a todos os jantares, coquetéis, inaugurações de ONGs, tudo o que exigia que um Storm sorrisse e falasse em nome do pai, mas era insignificante demais para justificar a presença de Elisabeth. Já Alice…

Bem, Alice tinha sido a filha má.

– Certo. A gente se vê lá, então, Twyla – disse Emily ao encerrar mais uma ligação. Era a última, se Greta estava acompanhando corretamente (e estava, é claro). Uma pausa, enquanto Emily ficava de olhos marejados. – Muito obrigada. Isso foi muito gentil.

Greta voltou a atenção para a própria lista, resistindo ao impulso de revirar os olhos. Elas mal conheciam a esposa do cofundador da Storm Inc., Mike Haskins – os dois eram recém-casados. Twyla tinha a metade da idade do marido, era chefe de marketing da mais recente empreitada de Mike, e as colunas sociais adoravam sugerir que ela havia sido o motivo do divórcio, amplamente divulgado e que transformara a primeira esposa de Mike na mulher mais rica do mundo.

Emily precisava se apressar. Greta queria terminar as ligações e sair dali. Queria ver Tony. Ela tentou engolir o nó na garganta que surgia sempre que pensava nele.

– Quem era? – perguntou Elisabeth, com frieza, quando Emily desligou.

– Twyla Haskins. Ela e o Mike vêm – respondeu Emily. – Acho que é…

– Quem te disse para convidá-los?

O ar pareceu parar na sala. Emily ergueu o bloco de anotações.

– Você disse.

– Eu com certeza não disse isso. – O tom antes seco agora beirava o estridente, e Greta ficou paralisada, confusa e desconcertada com o aborrecimento óbvio da mãe.

– Mãe. – Emily encarou Elisabeth, o tom mais firme do que o habitual. Irritada. – Nós lemos a lista em voz alta. Os Haskins estão nela. – Uma breve pausa. – O tio Mike…

– Michael Haskins não é seu tio, e eu jamais teria colocado ele na lista.

O olhar de Emily se voltou para Greta, em súplica silenciosa, e de repente ela parecia ter 7 ou 8 anos de novo, prestes a levar a culpa por alguma travessura boba, implorando à irmã mais velha – uma adulta – para que se adiantasse em sua defesa. Que se colocasse ao lado dela, ombro a ombro, contra Elisabeth em um de seus momentos de frieza absoluta.

Greta permaneceu em silêncio.

Ao perceber que não teria o apoio da irmã, Emily se voltou para Elisabeth.

– Mãe…

– Para de dizer isso.

– O quê?

– Isso mesmo. Não tenho a intenção de receber Michael Haskins. – Elisabeth estava ficando vermelha, uma cor pouco lisonjeira para uma mulher com a pele tão clara e que raramente demonstrava emoções acaloradas. – Foi exatamente por isso que eu pedi para a fazer as ligações.

O golpe atingiu o alvo.

– Tá certo… muito bem… então é o seguinte: é o funeral do meu pai, e quero o tio Mike aqui.

Greta ergueu as sobrancelhas, surpresa. Aquele tom não era o de Emily. Era o de… Franklin.

Elisabeth também percebeu.

– Pela vez. – O tablet da mãe aterrissou no tapete turco, com um som seco e alto o bastante para assustar todos na sala, já que nenhum escorregão acidental causaria um tão contundente. – É uma .

O silêncio que se seguiu foi carregado e desconfortável, e Greta se recusou a encarar Emily quando a caçula se levantou da cadeira com a graça adquirida após anos de prática em posição de lótus.

– É claro. Como eu pude esquecer?

Ela deixou a sala e empurrou a porta com firmeza – não o suficiente para se chamar de um estrondo, mas com certeza suficiente para deixar claro o que sentia.

Elisabeth se abaixou para pegar o tablet.

Greta pigarreou, um nó na garganta.

– Mãe…

– Você também pode ir – disse Elisabeth, oferecendo a liberdade pela qual ela ansiava em um tom frio e inflexível, já que Greta não sabia como a mãe terminaria a frase. – Está bem claro como vocês estão se sentindo.

Greta ficou confusa e logo sentiu o já conhecido e desagradável incômodo diante da decepção da mãe.

– O que quer dizer com isso?

– Nós terminamos aqui.

Não parecia que tinham terminado. Parecia que estavam apenas começando, mas Greta não diria aquilo. Em quarenta anos, o que ela nunca havia sido parte da relação entre as duas.

O que ela era reservado a outro lugar. A outra pessoa.

Greta hesitou à beira do precipício, sentindo-se paralisada naquele jeito já tão familiar, com medo de agir e desagradar Elisabeth, com medo de não agir e também desagradar.

Elisabeth voltou à escrivaninha, e nem ergueu o olhar quando disse:

– Não fui clara?

Greta engoliu o misto de culpa e empolgação que a dominava (sempre entrelaçados) e obedeceu, escapando antes que Elisabeth pudesse fazer as duas mudarem de ideia.

Era um caminho que ela já percorrera centenas de vezes no passado – saindo pela porta que levava ao lado norte da ilha, com vista para a parte menos interessante da baía. Embora o porto de Providence ficasse longe demais para ser visto dali, não havia como negar que, seguindo para o norte, os visitantes deixariam para trás a promessa luxuosa da lendária Rhode Island, em direção às comunidades operárias que mantinham o estado funcionando com indústrias, transporte marítimo e, sim, pesca – mas não do tipo glamouroso.

Talvez fosse por isso que a parte norte da ilha sempre tivesse sido a favorita de Greta – tão sem glamour quanto um pedaço de terra com heliponto podia ser.

Mas não era aquele o motivo. Ela gostava dali porque o heliponto, o trio de chalés revestidos de cedro para os funcionários e os anexos de apoio que abrigavam as bombas d'água e os geradores que mantinham a ilha Storm funcionando eram os lugares mais privados da ilha – construídos

propositalmente fora da vista da casa principal, pensados para dar a impressão de que toda a propriedade funcionava por magia.

Obviamente não era magia. Dava bastante trabalho manter a ilha funcionando. Do tipo que não era valorizado.

Greta entendia bem.

Ela passou pelo heliponto, desceu um lance de degraus e se aproximou de um dos pequenos chalés de dois cômodos. Entrou descalça e atravessou o espaço quase inexistente, mobiliado com uma cama de casal, uma mesa para duas pessoas, frigobar e uma chapa elétrica, e saiu para a varanda dos fundos, minúscula e perfeita, com vista para a água… e para Tony.

Ele desviou os olhos do livro quando ela apareceu nos degraus de cedro já desgastados pelas tempestades e pela maresia, tirando os óculos de leitura para encará-la.

Tudo em Greta relaxou quando ela se aproximou dele – a mola que parecia sempre tensionada em seu peito quando estava com a família desaparecia perto de Tony, tão tranquilo, tão confortável e . Greta se acomodou ao lado dele no banco de vime e logo sentiu seu braço pesado envolvendo-a, puxando-a para perto.

– O que você está lendo? – perguntou ela.

– Mais um da série do Jack Reacher.

– Livro de trabalho? – brincou ela.

Tony sorriu com o rosto junto ao cabelo dela, que se deliciou sentindo o calor dele, seu cheiro – salgado do mergulho matinal – e o som da sua voz, vibrando no peito.

– Vai ser útil quando eu tiver que enfrentar alguém pra te proteger.

As palavras eram bobas, ditas só para levantar um pouco o ânimo dela. E o dele também, já que os dois estavam de luto, não estavam? E pelo que Tony acreditava ser o mesmo motivo – o mesmo homem.

Só que Tony não sabia que Greta, na verdade, também estava de luto por todo o futuro dos dois.

Ela não ia contar. Ainda não. Não enquanto pudesse continuar ali por mais algum tempo, guardando os próprios segredos.

Mas também não riu do comentário dele. Em vez disso, se aconchegou mais, mergulhando nas palavras e na fantasia dos dois juntos, em fuga. Ele, grande e forte, o queixo quadrado e o nariz romano, fazendo justiça com as próprias mãos, como nos livros. E ela ao lado dele. Sem nome.

Aquilo era impossível, é claro. Greta Storm sempre seria uma Storm. E aquilo significava lealdade à família, antes de qualquer coisa. Não importava o que Alice pensasse.

Alice achava que ela estava cometendo um erro. Sempre tinha achado, não é mesmo? A irmã nunca conseguira entender como era difícil ser a mais velha, dar o exemplo, carregar o peso das expectativas maternas. Do desapontamento paterno. Ser melhor, pensar mais rápido e sempre, sempre colocar a família em primeiro lugar.

Alice não via aquilo. O fardo que Greta carregava. Sam nunca teve que assumir um pingo de responsabilidade, e Emily era a caçula – cheia de charme e limites bem estabelecidos, mas Alice era algo completamente diferente. Alice sempre tinha sido pura resistência, brilhante e firme, desafiando as expectativas e se recusando a ceder.

Nem mesmo pela irmã.

As duas nunca tinham sido próximas. Assim como Greta pertencia a Elisabeth, Alice pertencia a Franklin – e, embora dissesse a si mesma que não importava o fato de o pai claramente amar mais a irmã, mesmo depois de a mais nova ter ido embora, construído uma nova vida, longe deles, se Greta tivesse continuado na terapia, teria descoberto uma palavra para descrever o que sentia.

, provavelmente. Talvez – por Franklin amar Alice daquele jeito, sem que ela precisasse qualquer esforço. Não era inveja. Pertencer a Franklin não era fácil. Greta sabia disso – afinal, amava alguém que pertencia a ele.

Só que Tony Balestreri não pertencia mais ao pai dela. E Franklin preferia destruir um brinquedo a deixá-lo nas mãos de outra pessoa.

Com o peito apertado, ela afundou mais o rosto no calor dele e afastou o pensamento, enquanto Tony perguntava:

– Manhã difícil, é? – Ele esperou que ela assentisse. – Você está bem?

Quando foi a última vez que alguém fez aquela pergunta a ela? E quando foi a última vez que ela respondeu a verdade?

– Você devia dar uma passadinha lá em casa – respondeu Greta, porque sabia que ele não iria.

– Acho que a sua mãe não ia gostar.

– Não me importo – mentiu ela, baixinho, sabendo que Tony não

acreditaria.

– Conversei com o Jack hoje de manhã.

Greta sentiu o corpo rígido.

– Sobre o que vocês…

Greta se interrompeu, e Tony afastou uma mecha de cabelo do rosto dela com os dedos.

– Ei. Não foi sobre você.

É claro que não tinham falado dela. A lealdade de Tony nunca havia sido posta em dúvida – ninguém no mundo sabia mais sobre Franklin do que ele, que ainda assim nunca contara nada a ninguém. Mas o fato de Jack ter falado com ele ainda parecia perigoso. Era perigoso. Um movimento contra o qual ela não tinha defesa.

– E sobre o que vocês conversaram?

Ele deu de ombros.

– Coisas da empresa. Ele queria saber se eu ia voltar para a cidade nos próximos dias.

Tony falava com muita naturalidade. Não percebia que aquilo não era uma mensagem para ele, e sim para Greta. Uma pergunta. Ela tinha feito o que o pai mandara?

Greta engoliu o pânico.

– E você? O que respondeu?

– Que estou por aqui se ele precisar de uma carona.

Ela riu, o som levemente histérico.

– Greta. Meu amor. Tá tudo bem. Não vou a lugar nenhum.

As palavras a deixaram embriagada – não o tipo suave e enevoado de tontura resultado de champanhe demais na festa de fim de ano da empresa, mas o tipo rodopiante, de perder o controle, resultado de vodca tônica demais antes de entrar no Porsche Boxster do irmão nos Hamptons e não conseguir impedi-lo de enfiar o carro direto em uma duna.

Ela tinha cinco dias.

Greta apoiou a mão na de Tony em seu rosto.

– Não gosto dele.

– Do Jack? – falou ele, com um toque de surpresa na voz. – Acho que ninguém dele. Quer dizer, com exceção do seu pai.

– Por que o papai gostava do Jack?

– Lealdade.

Mas ele não gostava assim de Greta. E ela não tinha sido leal? Leal até demais.

– Como você – afirmou Greta.

Tony cerrou os lábios volumosos, mas não discordou. Em vez disso, assentiu.

– Acho que sim.

As palavras encheram a garganta dele, e o som, rouco e comovido, provocou lágrimas em Greta – as primeiras que derramava diante de alguém.

Ela secou rapidamente o rosto enquanto Tony pigarreava e dizia:

– Enfim. Jack é complicado, mas não é um cara ruim.

– Ele não é da família.

– Eu também não.

Greta se virou rapidamente para encará-lo.

– Mas você…

O que estava prestes a dizer, para insistir na ideia de que ele estava errado, travou em sua garganta, recusando-se a sair. Porque, é claro, Tony não era da família. Se fosse, ela não estaria ali, escondida em um lugar secreto, dentro de um lugar secreto, dentro de outro lugar secreto, mantendo-o o mais longe possível da casa, naquela ilha que jamais os deixaria ir embora.

Ele balançou a cabeça e se inclinou na direção dela.

– Greta. Tá tudo bem.

Tony a beijou, daquele jeito suave, cálido e demorado que confortava. Greta suspirou e se entregou àquele gesto, a mão pousada no peito dele, onde o coração batia em um ritmo lento e constante. Como se ele se encaixasse ali.

Como se ela também se encaixasse.

Tony sempre conseguia fazer Greta se sentir daquele jeito – como se existisse algo além daquele pequeno mundo, cheio da mãe e do pai, e da responsabilidade dela com tudo aquilo. Algo que não era compartilhado. Algo que pertencia só a Greta.

As palavras de Alice, mais cedo, ressoavam dentro dela.

Greta interrompeu o beijo e procurou os olhos de Tony, escuros e profundos, cheios de uma compreensão que ela jamais teria.

– Por que você não se incomoda por nunca termos te acolhido? Por nunca ter te acolhido? Você passou vinte anos ao lado do meu pai. Podia ter ido a qualquer lugar. Ter sido qualquer coisa.

– Você está parecendo o seu pai falando – disse Tony. – Há pouco tempo, ele me chamou e me disse a mesma coisa. Que eu podia ir embora. Me fez até uma proposta de aposentadoria. Excelente, por sinal.

Greta endireitou o corpo no assento.

– Você não aceitou.

Ele balançou a cabeça.

– É claro que não.

– Você dedicou a vida ao meu pai.

Uma pausa. Então ele disse:

– Não só a ele.

As palavras não soaram leves, como deveriam. Ou fáceis, como talvez tivesse sido o caso uma semana antes. Em vez disso, pareciam urgentes, como se tudo tivesse mudado e agora Tony tivesse algo a dizer.

Ou talvez ela tivesse algo a ouvir.

, Greta suplicou, em silêncio.

Durante anos, ela teve certeza de que, se assumisse Tony, se tornasse pública a existência dele em sua vida, ele seria tirado dela. Se havia uma coisa que todos sabiam sobre Franklin Storm, era que ele não gostava de dividir. Por isso, durante anos, Greta mantivera Tony em segredo e se consolara com o fato de que, ao fazer aquilo, conseguia mantê-lo ao seu lado. Só dela. Privado. Seguro. Confortável.

Mesmo depois da carta da véspera, escrita pelo pai, Greta dissera a si mesma que ainda tinha tempo. Que podia manter tudo com Tony exatamente igual por mais um dia/hora/minuto. Mas, claro, aquilo não seria possível. Não havia mais como desfrutar daqueles momentos. Franklin não permitiria. Elisabeth não permitiria.

Greta não permitiria.

Ela voltou a ficar tensa com a consciência do mundo que existia do outro lado da ilha. Das responsabilidades que a aguardavam lá, mesmo enquanto

Tony segurava a mão dela e levava seus dedos aos lábios. Dedos que Greta nunca tinha pensado como despidos até aquele instante. Ela se desvencilhou do gesto carinhoso e passou a mão pela barba que ele não fizera naquela manhã. Porque não precisava. A barba que combinava com os fios grisalhos nas têmporas.

Grisalhos como as tábuas de cedro do chalé, castigadas pelas tempestades.

– Eu disse isso a ele, sabia? Que havia outras coisas que me mantinham aqui.

– Disse? – A mão de Greta hesitou ao longo da linha do maxilar dele.

– Não falei que era você. Mas acho que ele sabia. – Tony puxou-a para mais perto. – E não tentou nos impedir.

Mas Franklin os impedira, sim. Só tinha esperado o momento certo.

– Quando isso aconteceu?

Tony suspirou.

– Há alguns meses. Greta, eu não quero falar disso. Quero falar…

Ele parou, e, por um instante insano, ela achou que ele fosse fazer alguma loucura. Como pedi-la em casamento.

E fez algo do tipo.

– E se eu dedicasse a minha vida a você agora? A nós?

Greta prendeu a respiração diante da pergunta que ele nunca tinha feito antes, aquela que os dois tacitamente haviam concordado em não formular. Ela sentia um nó na garganta, tentando encontrar palavras. Ou contê-las.

– Merda – murmurou Tony, mais para si mesmo do que para ela. – Eu não queria fazer isso hoje. – Balançou a cabeça. – Esquece. Não é importante.

Mas era.

Greta permaneceu em silêncio, esperando, até que o vazio entre os dois forçasse Tony a preenchê-lo.

– Você nunca quis contar para eles. Eu sempre entendi, meu amor. De verdade. E entendo. A última coisa que eu queria… que eu quero… é ser um peso pra você. Quero ser a única pessoa na sua vida que não te pede nada. Mas… se você quisesse me pedir… pra dividir o fardo… só quero que saiba… que estou disposto. Eu faria isso.

Mas ele não podia. Aquele era o ponto.

Greta estava naquele maldito Porsche de novo. Seguindo em disparada

em direção às dunas.

Só que, agora, tinha a sensação de que talvez não sobrevivesse.

CAPÍTULO 8

– Tia Alice? Você tá aí?

Do chão da despensa escura, Alice olhou para a nesga de luz sob a porta.

– Sim! Estou aqui! – gritou em resposta, batendo na porta. – Saoirse! Eu tô na despensa!

Houve uma pausa, e a maçaneta foi sacudida.

– Tá emperrada – disse a sobrinha, com um toque de pânico na voz, típico de quem tem 14 anos e se vê naquele tipo de situação. – O que eu faço? Chamo alguém pra ajudar?

– É melhor procurar alguém que não seja da família.

– O quê?

– Isso mesmo, por favor!

Pausa. Então a menina disse:

– Hã… tá bom… então, não sai daí, tá?

– Engraçadinha.

Saoirse já tinha ido buscar ajuda – Alice ouviu os passos da sobrinha se afastarem e só então percebeu que deveria ter pedido a ela que acendesse a

luz. Suspirou, se recostou na porta e voltou a esperar, desejando ter pelo menos um pouco da habilidade de Emily com meditação.

Mas, em vez disso, se viu tomada por um temor silencioso de que, se Saoirse não conseguisse ajuda – se por acaso se distraísse com o celular, por exemplo –, os pensamentos desconfortáveis que a consumiam na escuridão poderiam voltar. Não gostava de ficar sozinha com os próprios pensamentos. Não gostava de pensar em Griffin e em como tinha ficado com ele por tanto tempo, e por quê. Orgulho. Rebeldia. O desejo de viver algo que fosse o completo oposto daquele lugar. Daquela gente.

Também não gostava de pensar neles. Que a haviam deixado partir. Na maneira como a mãe a mantinha rigidamente à distância. E, claro, no pai, que a controlava, pressionava e ficava cada vez mais furioso quanto mais ela resistia. Então, quando finalmente conseguira o pretexto ideal, ele a banira.

Alice não gostava de pensar no tempo que havia passado longe dali. Ela jamais o teria de volta. Assim como o tempo que ficou presa naquela maldita despensa.

Depois do que pareceu uma eternidade, bateram à porta, com força e firmeza.

– Alice?

A voz soava tão próxima que parecia que a pessoa estava olhando através da porta e sabia exatamente onde estava a orelha esquerda dela. Era baixa, suave, aveludada e muito irritante.

– Sim – resmungou ela.

– Encontrei o Jack – anunciou Saoirse, dando a impressão de já ter voltado às suas mensagens de texto.

– Ótimo – disse Alice, com uma falsa animação na voz.

Pausa. Então Jack disse:

– Você está presa na despensa.

– Jura? Nem tinha reparado.

A luz do teto foi acesa e Alice se encolheu com a claridade súbita. Céus. Ainda estava usando as roupas de Jack. …

A maçaneta foi sacudida de novo.

– Humm.

Ela imaginou a expressão de reprovação dele do outro lado, como se

jamais houvesse, em toda a sua vida, encontrado uma porta que não se abrisse ao seu comando. Jack Dean: Mestre das Portas.

– Se afasta da porta, por favor.

Alice ergueu as sobrancelhas.

– O que você vai fazer, arrombar a porta?

– Não sou um herói de filmes de ação.

Uma imagem muito vívida do corpo dele estirado na cama do Vila Vôngole, a luz dourada do poste da rua projetando sombras sobre o tórax musculoso, surgiu na mente dela. Os músculos firmes das coxas. Aquele corpo ser de um herói de filmes de ação.

– Alice? – chamou Jack.

E era melhor mesmo que alguém interrompesse o rumo daqueles pensamentos.

Alice pigarreou e recuou um passo.

– Tô doida pra ver você bancar o Tony Stark com essa porta.

Pausa. A resposta veio em um tom distraído:

– O Tony Stark não conseguiria arrombar uma porta sem a armadura.

– Não subestime o impulso de adrenalina de uma pessoa que se permite sentir alguma coisa. – Silêncio. – Mas aposto que você não faz isso. Sentir.

– Será que irritação conta como sentimento? Acho que sou capaz de sentir isso no momento.

Alice franziu o cenho para a porta.

– Acho que, se alguém tem o monopólio da irritação essa manhã, esse alguém sou eu.

– Então tenta você arrombar a porta – sugeriu ele, casualmente, as palavras pontuadas por uma batida rítmica.

Alice o ignorou.

– Saoirse – falou para a sobrinha –, pode chamar o Charlie?

Havia um motivo para Charlie e Lorraine morarem na ilha – alguém ali precisava ter habilidades práticas (Charlie também não conseguiria arrombar a porta, mas aquilo era irrelevante).

– A gente não precisa do Charlie – disse Jack, sua irritação evidente como se estivesse dentro da despensa com ela. Mais batidas. Quando pararam, Saoirse disse:

– Beleza!

As batidas recomeçaram. Então, com um baque suave, a porta inteira tombou para dentro da despensa, apenas o bastante para que ele a segurasse com as mãos. Jack encostou a porta nas prateleiras ali dentro e olhou para Alice.

– Sem sentimentos: só um martelo.

– Meu pai teria ficado orgulhoso.

Jack indicou com um gesto de cabeça a embalagem de balas na mão dela.

– Tanto quanto se ele te encontrasse aqui comendo alcaçuz.

– O café da manhã dos campeões.

Alice guardou o saco na prateleira, pegou a mala e saiu da despensa. Passou por Jack e se dirigiu à sobrinha, que ainda rolava a tela do celular – a menina usava uma regata vermelha, short rasgado e o cabelo loiro preso em um rabo de cavalo bem no alto da cabeça.

– Obrigada pela ajuda, Saoirse – falou Alice. – Da próxima vez, quem sabe você consiga encontrar alguém um pouco mais… generoso?

– Não fui generoso o suficiente com você? – Uma pausa incisiva, enquanto as palavras surtiam o efeito que ele queria, junto com a lembrança da noite no Vila Vôngole, quando Jack havia sido muito generoso. Deliciosamente generoso.

Alice ignorou o calor que aqueceu o seu rosto.

– Eu quis dizer generoso de espírito. O que você está fazendo aqui, afinal? Na casa principal?

Saoirse respondeu por ele, enquanto ia até a fruteira na bancada, completamente alheia ao subtexto no ar.

– Ele estava procurando você.

– É mesmo? – Alice olhou para Jack e repetiu: – É mesmo?

– Só queria saber quando vou receber meu short de volta.

Saoirse se virou de novo, a mão na porta, uma maçã verde a meio caminho da boca e os olhos azuis voltados para Alice.

– Esse short é ?

O rubor de Alice ficou ainda mais intenso.

– É.

A sobrinha fez uma pausa e soltou:

– Deixou a sua bunda linda.

– Obrigada, Saoirse.

– De nada – respondeu ela com um sorrisinho antes de morder a maçã, lembrando muito o pai quando se recostou na bancada da cozinha, tendo claramente decidido que Alice e Jack eram mais interessantes do que as mensagens de texto no celular (ao menos por ora).

Quando ninguém se mexeu, a garota arregalou os olhos com uma percepção digna de alguém muito mais velho, e disse:

– Ahhh… táá… Então, eu tenho que ir encontrar a mamãe e o papai no cais. Vamos desinfetar uns barcos ou alguma coisa assim.

– Vão lixar os barcos – disse Jack.

– Tanto faz.

O desdém adolescente era pura perfeição, e Alice teve vontade de engarrafá-lo.

– Divirta-se – disse ela enquanto a sobrinha saía pela porta da cozinha com pernas que pareciam crescer a cada segundo. Logo seria mais alta que Alice. Mais estilosa ela já era. Quando aquilo tinha acontecido?

.

Saoirse respondeu, sem olhar para trás:

– Hum, acho que isso não vai acontecer. A gente só tá fazendo isso pelo dinheiro.

Claro que Sam e Sila tinham contado para os filhos sobre o jogo. Era totalmente inapropriado e típico dos dois. Alice adotou a sua melhor expressão de tia.

– Não se preocupa com o dinheiro, Saoirse. Isso não é um problema para vocês.

– Como você sabe? Não tá nem aí se a gente não receber o dinheiro. Você nem tem filhos. Não sabe quanto a gente custa.

Foi como ouvir Sila – as palavras eram carregadas de algo muito próximo do veneno, e Alice não conseguiu esconder a surpresa com a mudança brusca de tom.

– É claro que me importo.

– Não – respondeu Saoirse, enfática do jeito que só adolescentes de 14 anos conseguem ser. – A mamãe disse que você não se importa com a gente. Que não tá nem aí se eu não puder continuar na minha escola. E que não liga se eu não puder ir para a Suíça com as minhas amigas nas férias de inverno. Ela disse que você pode basicamente ir embora a qualquer

momento, até antes do funeral, e estragar tudo, e que não precisa fazer nada além de ficar aqui, enquanto o vovô obrigou a gente a lixar o barco e envernizar o deque. Mas você não se importa com o vovô. Provavelmente nem se importa que ele tenha morrido.

Nada como uma adolescente para desferir um golpe de misericórdia.

Alice cerrou os lábios, resistindo à vontade de responder – à vontade de rebater cada uma daquelas palavras, à forma como expunham tudo que Saoirse ouvira dos pais. O fim do monólogo da sobrinha saiu com uma leve hesitação – o suficiente para que Alice se recompusesse. Então, ela respirou fundo, antes de tentar de novo:

– Saoirse, eu não…

– Para. – A menina se empertigou ao ouvir o próprio nome, engolindo a tristeza pela perda, como todos estavam fazendo, e abriu a porta de tela que dava para fora. – Eu já disse. Você não entende.

Depois que a menina saiu, Alice evitou a todo custo olhar para Jack, desejando muito que ele não tivesse presenciado aquele momento com a sobrinha. Aquele homem não precisava saber mais nada sobre ela, além do que já sabia. Por isso, voltou à despensa para pegar a bagagem, passou a alça da bolsa no ombro e puxou a mala para fora do espaço estreito, sabendo que era pedir demais que ele tivesse ido embora quando ela reaparecesse.

É claro que ele ficou. Estava encostado na bancada, observando-a.

, ela pediu em silêncio. .

– Não vai me agradecer?

Ela o encarou, surpresa.

– O quê?

– É de praxe agradecer quando alguém te resgata.

Ele estava mudando de assunto. Um gesto de gentileza (ainda que irritante).

– Obrigada.

– Um agradecimento mal-humorado, mas aceito.

– Enfim. Bom, prometi que ia ajudar a minha mãe.

– Coisas do funeral?

– Não é um funeral – disse Alice de pronto.

– É claro. – Uma pausa. – Ele não teria desejado um funeral, sabe. Todo mundo de preto, chorando e se lamentando.

Jack tinha razão, mas Alice não queria admitir.

– Você tem pensado muito em como meu pai gostaria de ser homenageado?

– Acha que ele desejado todo mundo de preto, chorando e se lamentando?

– Talvez não de preto, mas o meu pai raramente perdia a chance de fazer um drama.

Jack pensou por um momento.

– É, ele talvez quisesse o choro e os lamentos – ponderou, enquanto começava a recolocar a porta que tinha tirado das dobradiças.

Alice ficou observando – sabia que deveria ir embora, mas acabou se distraindo pelo modo como as mangas da camisa se ajustaram aos ombros de Jack quando ele levantou a porta para encaixá-la.

– Bom, acho que ele não vai ter isso se levarmos em consideração o que a minha mãe está planejando: quartetos de cordas, bebida liberada e discursos de meia dúzia de dignitários internacionais.

– Dá pra ver que você não cresceu na minha família – disse ele, concentrado em alinhar os gonzos. – Bebida liberada seria garantia de choro e lamentos.

Havia algo muito pessoal na brincadeira – a revelação de que ele tinha uma família e não tinha sido jogado no mundo já formado, aos 35 anos, com aqueles ombros largos e cheio de si. Alice disfarçou a surpresa quando Jack olhou por cima do ombro e disse:

– Poderia me dar uma ajuda?

Alice largou a bolsa de viagem e pegou os pinos das dobradiças da porta. Então, se aproximou de Jack e fez o papel de assistente, entregando as ferragens, enquanto tentava ignorar o perfume dele, que lembrava o ar fresco do mar.

Ela se afastou e continuou a observar enquanto ele martelava o pino da parte de cima.

– Então, no fim das contas, sentimentos também fazem parte do seu repertório.

– Em certas condições, sim. – Jack lhe lançou um olhar direto que, sendo bem honesta, provocou um tipo muito específico de sentimento em Alice. Um tipo de sentimento que ela não pretendia revisitar.

Alice pigarreou, e Jack voltou ao trabalho.

– Era isso que você queria dizer quando falou que apaga incêndios? Conhecimentos básicos de carpintaria?

Ele martelou o último pino.

– Entre outras coisas.

– Estou impressionada.

– É fácil demais impressionar você – comentou Jack, o tom irônico.

– O que você quer dizer com isso?

– Só que você deveria esperar mais das pessoas.

O que ele queria dizer com agora?

– Como é que é?

Ele abriu a porta da despensa. Fechou. Então, se virou para Alice, ignorando a pergunta.

– Precisa de ajuda com as malas?

– Se eu… – Ela olhou para a mala e para a bolsa. – Não. Consigo muito bem subir com elas.

Ele assentiu brevemente.

– Tá certo.

– Obrigada – falou Alice, sem um pingo de gratidão.

– De nada.

Por que tudo o que ele dizia a irritava? Por que era tudo tão esquisito? De qualquer forma, ela não tinha tempo para aquilo. Prometera ajudar a mãe, ainda que sob pressão.

E, por falar na mãe, Alice ouviu um grito vindo do andar de cima. Foi ininteligível, mas a voz definitivamente era de Elisabeth, e estava exaltada, se o pesado que se seguiu servia de indício. Alice e Jack ergueram as sobrancelhas e levantaram a cabeça, como se o teto estivesse prestes a se abrir para revelar o que estava acontecendo.

Os dois trocaram um olhar e, por um breve instante, tudo entre eles foi esquecido – estava acontecendo alguma coisa no andar de cima que não os incluía, e, fosse o que fosse, soava estranhamente emotivo para uma família que não costumava lidar com emoções.

Alice endireitou os ombros e, por um segundo, se viu dominada pela vontade de fugir. Talvez conseguisse – com o drama se desenrolando lá em cima e Sam e a família dele na outra ponta da ilha, talvez ninguém

percebesse. Havia vantagens em pertencer a uma família que era o retrato do narcisismo.

Mas Jack perceberia. Ele parecia perceber tudo.

– Você estava me procurando? – perguntou ela.

Ele pensou em negar. Ela percebeu pelo modo como respirou um pouco fundo demais. Então disse:

– Também tenho uma tarefa a cumprir.

Interessante.

– Do meu pai?

Silêncio.

– Alguma coisa além de avaliar o nosso desempenho nessa nova rodada de "Filhos de Franklin Storm disputam o título de favorito"?

A forma como aquele homem conseguia se fechar seria impressionante se não fosse tão irritante. Tudo bem. Se ele não queria falar, ela também não falaria. Não precisava saber. Não era da sua conta. Ainda assim, perguntou:

– Tem alguma coisa a ver comigo?

– Não.

Ótimo. Alice não queria mesmo que tivesse.

– Pelo menos, não exatamente.

Ótimo Ela ignorou o pensamento.

– Qual é a tarefa? – O silêncio voltou a se instalar, mas Alice sabia que não adiantava tentar vencê-lo naquela disputa. – Não pode ser pior do que todas as outras.

Ele suspirou.

– A sua não é tão ruim assim, Alice.

– Logo se vê que você não cresceu na minha família.

Ele não comentou nada sobre Alice ter retomado sua fala de pouco tempo antes, fez só um gesto com o queixo na direção da mala.

– Você devia subir com isso.

– E o que você ganha se jogar o jogo? – perguntou ela.

As palavras mal tinham saído da boca de Alice quando Sila surgiu pela escada dos fundos, entrando na cozinha, claramente com um propósito. Ela parou de repente, o rabo de cavalo apertado balançando na altura do maxilar, o rosto de ângulos marcados e pálido, apesar das horas de idílio à beira-mar acumuladas durante o verão.

– Ah! Vocês estão aqui. – Ela hesitou, os olhos fixos nos dois, e completou, em um tom que fazia tudo parecer muito mais lascivo do que era: – Juntos.

Alice era esperta o bastante para não corrigir a cunhada, já que negar só deixaria tudo ainda mais . Além do mais, não sabia se conseguiria controlar a raiva pela conversa que havia tido com Saoirse se começasse a discutir com a outra mulher.

Sila pareceu não notar. Apontou para a porta dos fundos e disse, animada:

– Eu estava só… os barcos.

– Dia bonito pra isso – comentou Jack, e Alice não conseguiu evitar um olhar de soslaio para ele diante daquela banalidade.

– Não é mesmo? – disse Sila, com uma das mãos na porta de tela, toda a atenção voltada para Jack, enquanto mudava de tom. – Quer ir comigo, Jack? Só pra garantir que estamos fazendo tudo certinho? Ficar preso nessa casa pode ser demais.

Que coragem, fazer uma investida daquelas na cozinha dos sogros. Mas o histórico da esposa de Sam já provou que ela era praticamente uma lenda na arte de atirar a sua flecha. E acertar.

Antes que Alice pudesse continuar analisando a situação, Jack pegou a mala aos pés dela e surpreendeu a todos na cozinha.

– A Alice me pediu ajuda com as malas.

A desculpa mais básica de todas. Completamente transparente e, de algum modo, muito divertida. Não para Jack, é claro, o que tornava tudo ainda melhor. Alice virou de costas para os outros, para disfarçar a vontade de rir, e se abaixou para pegar a bolsa.

Quando Sila saiu da cozinha, deixando a porta bater com força atrás de si, Alice disse:

– Tenho quase certeza de que eu falei que dava conta das malas sozinha.

– Você falou.

Ele levantou a mala e foi na direção da escada que levava aos quartos de cima e à torre.

– Só estou falando porque talvez você tenha entendido errado – comentou ela, seguindo-o.

– Não entendi.

– Tem certeza? – provocou Alice.

– Absoluta – resmungou Jack, e acelerou o passo no patamar da escada, rumo ao próximo lance.

Ela não falou mais nada e o seguiu em silêncio, sem querer chamar atenção. Enquanto isso, aproveitou o tempo para se surpreender com o fato de que a mala pesada não parecia demandar esforço algum daquele homem. Alguma coisa conseguiria incomodá-lo?

Quando começaram a subir para o terceiro andar, ela insistiu:

– Engraçado. Achei que você fosse o cara que conserta as coisas para o .

– Alice.

Ela ignorou o tom de alerta na voz dele.

– Só estou dizendo que me pareceu que a Sila tinha alguma coisa que talvez precisasse de…

– Para.

– Conserto.

O suspiro que ele soltou ao chegar à base da escada da torre foi longo e recompensador. Alice o seguiu pela passagem estreita e escura até a porta do quarto, sentindo-se orgulhosa por ter provocado aquele suspiro.

Jack largou a mala na entrada do quarto e se virou para encará-la – aparentemente para ir embora, mas acabou ficando a centímetros dela.

– O seu pai tinha razão sobre você.

Ela ignorou o aperto na boca do estômago que a frase provocou. O sem-número de possíveis respostas para "Em que sentido?".

– Você é insuportável.

Alice soltou o ar com força ao ouvir aquelas palavras irônicas, inegavelmente do pai, embora mais suaves do que ele provavelmente teria dito. Mais gentis. Quase como se Jack gostasse dela (claramente não gostava).

– Que surpresa, considerando que ele era um encanto de pessoa.

Jack não riu – Alice mal conseguia imaginá-lo rindo –, mas seus lábios se curvaram em um daqueles sorrisos curtos e contidos.

– Pois é.

Alice se afastou, abrindo espaço para que Jack chegasse até a porta, sabendo que não devia deixá-lo ali. Naquele quarto. Onde havia uma cama. Na qual os dois já tinham dormido (separados, mas ainda assim não era sensato).

– Por que você estava me procurando? Na cozinha?

Jack parou e olhou por cima do ombro, e ela o acompanhou até a porta, alcançando a maçaneta, querendo deixar claro que ele não precisava se preocupar. Que ia deixá-lo sair. Que ia fechar a porta. Com ele do lado de fora. No entanto…

Jack desviou o olhar em direção à escada escura, como se fosse uma escotilha de emergência, e Alice se perguntou se ele simplesmente a ignoraria. Sinceramente, não seria uma surpresa, considerando toda essa aura de homem misterioso – cheio de segredos e com um conjunto único de habilidades, como remover cartões SD de câmeras fotográficas e consertar portas de despensa.

Para ser honesta, o homem também tinha habilidade em remover outras coisas. Como roupas. Bom senso. E a magia que acompanha um bom sexo.

.

Antes que ela pudesse fazer aquilo, Jack a surpreendeu.

– Vem velejar comigo amanhã.

CAPÍTULO 9

SAIR PARA VELEJAR COM JACK FOI UM ERRO.

A noite anterior tinha sido pavorosa. Um jantar repleto de longos silêncios e drinques fortes, que terminou com os Storms se recolhendo aos seus respectivos cantos, deixando as áreas comuns da casa vazias para todos, menos para Charlie e Lorraine, que apareciam todas as noites, como a neblina, para limpar, arrumar e preparar a casa para o dia seguinte – eficientes e invisíveis (garantindo que as raízes puritanas e trabalhadoras de Elisabeth não fossem postas em xeque).

Alice ficou na cozinha, apesar da resistência de Lorraine em deixá-la ajudar. Acabou vencendo a batalha e ficou secando panelas de ferro esmaltadas e talheres antigos, enquanto trocava histórias com a mulher mais velha, cujos biscoitos com geleia no meio eram presença garantida nos verões da infância.

Talvez aquele tenha sido o motivo para aceitar sair para velejar. Talvez as lembranças a tivessem atraído.

Ou então foi a curiosidade que a fez descer furtivamente e sair pela porta da cozinha, sob um sol fraquinho, e dourado demais, que ainda não tinha

evaporado o orvalho do tomilho selvagem, do trevo e dos tufos brancos das teias de aranha afuniladas. Talvez tivesse visto o convite como uma chance de entender melhor aquele homem que mantinha a família dela sob um controle tão rígido.

Uma expedição de reconhecimento. Foi o que Alice disse a si mesma que estava fazendo.

Fazia anos ela não pisava no – o veleiro de trinta pés que o pai batizara em homenagem à mãe, uns vinte e cinco anos antes, uma homenagem que, em retrospecto, indicava que ou Elisabeth tinha feito algo muito certo, ou Franklin tinha feito algo muito errado.

O barco fora inaugurado com uma chuva de Dom Pérignon e um coro entusiasmado que alguém – provavelmente Greta, que na época estava em uma fase de fotografia em preto e branco – capturara perfeitamente. A foto de Elisabeth e Franklin rindo juntos no púlpito do veleiro havia sido emoldurada e afixada à parede da cabine de comando, os contornos nítidos há muito já desbotados pelo sol e pelo sal.

Antes do , tinha havido outro barco. Um iate, maior e mais espalhafatoso, e menos ágil, projetado para a pura exibição, do tipo muito adquirido por homens que se viam subitamente ricos e acreditavam que o consumismo desenfreado inspiraria respeito – comprando a admiração de colegas do mesmo escalão (e dos parentes de sangue azul da esposa). Assim, por alguns anos, Franklin gastara dinheiro, até se acomodar no novo papel como 1% do 1% do 1% e perceber que havia algo mais recompensador do que uma carteirinha do exclusivíssimo Union Club: estar em todos os lugares.

Os celulares e tablets da Storm se tornaram parte do , do espírito do tempo, e a obsessão de Franklin por aprovação evoluiu para uma resistência arrogante à velha guarda. Ele mudara o mundo. Gostava de dizer que o havia democratizado, colocando informação e acesso nas mãos de todos – desde líderes mundiais e celebridades até jardineiros e pescadores de ostra.

Mas o mundo de Franklin estava mais para uma ditadura do que uma democracia. Liberdade e igualdade – desde que todos se comportassem como ele queria. Políticos, Wall Street, desenvolvedores de tecnologia, engenheiros.

Os filhos dele.

O não era o barco em que Alice aprendera a velejar, mas sim onde aprendera a amar fazer aquilo. Luxuoso e deslumbrante, todo de teca entalhada à mão, com metal reluzente e velas brancas e impecáveis que cintilavam na água, o veleiro podia ser pilotado por uma pessoa só, embora Alice sempre tenha saído nele acompanhada por Franklin. Era quase impossível acreditar que ele não estaria ali naquela manhã, seguindo rumo à foz da baía – os cabelos, da cor da areia da Nova Inglaterra, voando ao vento enquanto gritava ordens.

Jack já estava no convés quando Alice chegou e cumprimentou-a com um aceno breve de cabeça, enquanto ela subia do barquinho que pilotara até o , ancorado a uma curta distância da ilha. Alice logo se ocupou com o trabalho tão conhecido de preparar o barco para zarpar, permitindo-se sentir, pela primeira vez desde que chegara à ilha, a aspereza dos cabos, o brilho escorregadio da teca, o estalo da vela principal enquanto saíam para o mar. Jack estava no leme – provavelmente com medo de que ela os levasse para o continente e fugisse (hipótese que Alice de fato considerara).

Ela ficou na proa, deixando o mar invadir os seus sentidos e limpar a sua mente. Durante cerca de quinze minutos, os dois permaneceram em algo semelhante a um silêncio confortável, e diante dos respingos da água, do sal na pele, do estalar da aba espessa da vela de proa, rígida ao vento – o som alto o bastante para abafar tudo, menos o vento, a água, o sol –, ela quase esqueceu a presença de Jack ali. Se fechasse os olhos, Alice conseguiria ouvir o pai gritando citações sobre o oceano, como as pessoas costumam fazer – meio insuportável, meio encantador, dependendo do humor.

Mas ela não fechou os olhos. Tinha trabalho a fazer. Virou as costas para a proa, apoiou o quadril em um dos corrimãos do barco e ficou observando Jack. Ele conduzia o veleiro com uma segurança que não se conquistava em uma semana de aulas nos Hamptons.

– Você já fez isso antes!

Ela gritou por cima do vento, mas a atenção imediata de Jack dava a impressão de que ele teria ouvido de qualquer forma. Embora não respondesse.

– Foi ele que te ensinou?

Não era difícil imaginar. O pai adorava levar pessoas para o barco, ou

treinar uma nova tripulação, como ele dizia.

– Eu cresci entre barcos.

Mas Alice podia ver que não era aquele tipo de barco. A riqueza tinha um jeito próprio, uma fluidez difícil de explicar, mas impossível de não reconhecer, especialmente para quem convivera com ela a vida toda. Embora viesse em muitas formas – da confiança à negligência –, ela permeava a visão de mundo de uma pessoa, sendo impossível de replicar e muito difícil de esconder.

Riqueza nenhuma justificava aquelas tatuagens do braço dele, a aspereza das mãos, a rigidez da mandíbula. Tudo naquele homem era tenso, como se ele estivesse sempre pronto para a batalha, e nada daquilo recendia a jantares no clube náutico.

– Aposto que o meu pai gostava disso.

Ele girou o leme. Conferiu o mastro.

– Eu gostava de velejar com ele.

Alice tentou ignorar as palavras, a ternura que traziam, as lembranças que evocavam de quando era ela quem estava no barco com Franklin. De quando gostava de estar no barco com o pai. Ela respirou fundo, deixando o ar salgado circular pelo seu corpo e se instalar nos pulmões. O mar curava, não era o que os vitorianos diziam? As águas curavam.

Mas aquelas águas ali traziam perguntas.

– Você estava aqui? Quando ele morreu?

Se a pergunta o surpreendeu, Jack não demonstrou.

– Não.

– Falou com ele naquela manhã? Antes de ele sair?

– Sim.

Doeu saber daquilo.

– Ele disse alguma coisa? – Alice odiava ter de perguntar àquele homem, a um estranho. Odiava que ele soubesse mais sobre o pai do que ela. Do que ela jamais soubera. Antes que Jack pudesse responder, Alice voltou a falar: – Esquece. Não quero saber.

– Eu contaria – disse ele. – Se ele tivesse dito algo.

Alice não tinha motivo para acreditar. Ainda assim…

– Por que você me chamou para velejar?

Jack ficou em silêncio por um longo tempo.

– É você que ama velejar.

. Em comparação com todos os outros, ele quis dizer. Sam odiava a paciência que aquilo exigia – era pouco emocionante para ele. Emily não gostava de mar aberto. Greta não suportava as aranhas que invariavelmente apareciam (aventureiras de oito pernas, como o pai costumava dizer). E Elisabeth, bem, o nome do barco foi escolhido em sua homenagem, mas Alice não se lembrava da última vez que ela havia se dignado a colocar os pés nele.

Era Alice quem amava velejar.

– Como você sabe disso?

A pergunta ríspida estava aquém de ambos.

– Eu sei muita coisa sobre você, Alice.

As palavras saíram em um murmúrio, úmidas de maresia e de tudo o que aquele homem sabia. O modo como ela segurara o jornal no trem, a tinta de um branco opaco que tinha deixado marcas no seu cabelo depois de uma breve manhã no ateliê, o tremor da voz diante dos fotógrafos na estação, o tremor diferente – melhor – quando ele percorrera a pele dela com as mãos, mais tarde naquela noite.

Alice segurou firme o corrimão da proa às suas costas. E falou a verdade:

– Eu gosto de velejar.

– Essa é a minha tarefa. Velejar. – A verdade dele.

Considerando as tarefas que o pai deixara para todos, até que aquela era boa. Provavelmente a melhor. Mais uma prova de que Franklin não fazia a menor questão de ser justo.

– E o que você ganha? Se fizer isso?

Ele ajustou o curso.

– Encerramento.

– E não dá para conseguir isso brincando de executor do jogo de herança?

– Esse é o meu trabalho – falou Jack.

– Que funcionário dedicado – comentou Alice, com ironia.

– Devo isso ao Franklin.

E estava dito. Jack era um devoto do pai dela. Como os outros na equipe de Franklin pelo mundo, como os que iam às conferências de desenvolvedores, os que analisavam cada declaração, cada comentário jogado ao vento, capaz de mover mercados. Franklin Storm não apenas

mudara o mundo, ele também convencera esse mesmo mundo de que, sem ele, jamais conseguiria mudar.

– Por quê?

– O seu pai… mudou a minha vida.

– Tenho certeza de que ele adorava saber disso.

Jack enrijeceu inteiro com a resposta, como se ele tivesse meia dúzia de argumentos em relação àquilo. Como se, caso não estivessem naquele barco, ele a levaria para a sala de reuniões mais próxima e ligaria um projetor para apresentar todos os motivos pelos quais devia tanto a Franklin Storm.

– Então tem que velejar – falou Alice, conduzindo a conversa de volta para águas calmas. – Por que estou aqui?

– Faz tempo que não venho para o mar. Achei que o mesmo valesse pra você.

Não era uma resposta, mas Alice não esperava uma. Ela levantou o rosto em direção à vela principal, creme e reluzente sob o sol, e respondeu como se os dois tivessem o hábito de contar a verdade um ao outro:

– Faz tempo, sim.

Mas ela não contou toda a verdade. Não disse que a última vez que velejara tinha sido ali, naquele mar. Naquele barco. Naquela ilha.

Com aquela família.

O silêncio se instalou por algum tempo, e Alice agradeceu pelos óculos espelhados que Jack usava, que impediam que ela visse o olhar intenso dele, quando Jack perguntou:

– Quando foi sua última vez?

– Eu estava em um barco de pontão alguns anos atrás, daqueles largos, sustentados por flutuadores. – Jack deixou escapar um som que tornava claro o que achava de barcões de pontão. – Eles são bem estáveis, sabia? Assim como barcos a remo. E até iates. Todos mais seguros do que veleiros. Ninguém cai de um barco de pontão por causa de uma retranca de seis metros.

– Seu pai nunca foi muito inclinado a se preocupar com segurança.

– Bem, considerando que faz três dias que ele caiu de asa-delta, ele de fato podia ter sido um pouco mais cuidadoso.

Alice sabia que não era uma coisa gentil de dizer. Mas, de algum modo, aquele barco, que ela achava que a faria relaxar da tensão da ilha, estava se

provando ainda mais opressivo. Ela se levantou e foi até a popa da embarcação.

– Vou checar o mastro da popa. Ele não devia estar tão…

Caótico. Desgovernado.

Alice não pretendia olhar para Jack ao passar, mas era difícil evitar. Mesmo que ele não fosse o tipo de homem que atraía atenção apenas por existir, ela não conseguiu ignorar o fato de que ele a observava. Então, para piorar as coisas, Jack chamou o seu nome. Sólido. Calmo. Como terra firme.

– Alice.

O que ela deveria fazer? Ignorar? Seria falta de educação. Então olhou para ele, sob autoprotesto.

– Sinto muito pela sua perda – disse ele.

Jack já tinha dito aquilo antes, para toda a família, quando apresentara as instruções do jogo. E ninguém falou nada. Talvez ela devesse dizer algo agora. Mas não queria. Sabia que aquilo a tornava uma pessoa teimosa, mas o que poderia dizer?

. Aquilo era o mais gentil que conseguia imaginar dizer. O pior era:

E havia ainda o .

Alice se decidiu por:

– E eu sinto muito pela sua.

O maxilar dele se contraiu. Ela não deveria ter reparado.

– Obrigado.

Então, como se a gratidão a desbloqueasse, Alice falou:

– Na última vez em que estive nesse barco, eu discuti com o meu pai.

Eles se aproximavam da ponte de Jamestown, e dezenas de barcos disputavam posição para passar em direção à foz da baía, onde a luz do sol se refletia com um brilho ofuscante.

– Era fácil acabar discutindo com um homem como o seu pai – comentou Jack.

– Aquela discussão em particular vinha se desenvolvendo fazia tempo – respondeu Alice. Jack se concentrou no trabalho de navegar em meio àquele congestionamento, evitando encará-la. Mais tarde, ela entenderia que era

uma estratégia. Uma tática para fazê-la falar mais. Toda uma geração de estrategistas da comunicação sentiu um arrepio gelado quando ela fez exatamente o que ele queria: – Imagino que você saiba por que nunca nos conhecemos.

Jack não fingiu não entender.

– Eu e você? Faço uma ideia.

Dava para perceber por que Franklin adorava aquele homem e sua astúcia insuportável.

– Você sabe o que eu fiz com ele. Com a Storm.

Ele assentiu.

– Você é bem famosa.

– Você não prefere dizer venenosa?

Ele balançou a cabeça com firmeza.

– Quer me contar?

– Tenho certeza de que você sabe as partes importantes – falou Alice, com um tom brincalhão. – Tenho a minha própria seção na página da Storm Inc. na Wikipédia.

– É lá que estão as partes importantes?

Não era.

Alice reformulou a frase:

– Você sabe as partes que foram importantes para o mundo. As que foram reveladas pelas mulheres.

Alice tinha 26 anos e trabalhava no departamento de design industrial da Storm quando descobriu que uma dúzia de mulheres da empresa havia se unido para denunciar o comportamento inadequado do diretor de operações – um homem que cometera abuso de poder por anos. Motivadas pela mudança de maré no mundo e pelo apoio umas das outras, as vítimas se pronunciaram, esperando ser ouvidas, validadas e amparadas.

A má conduta – que variava de meras insinuações a assédio escancarado, culminando em acusações e, mais tarde, em episódios comprovados de agressão física – veio a público em um momento em que empresas do mundo todo enfrentavam acertos de contas sociais e financeiros. Quando Alice soube, foi direto a Franklin e logo descobriu que, em vez de se posicionar, colocar tudo às claras e fazer uma limpa na empresa, o pai tinha aprovado uma série de acordos sigilosos, acordos de confidencialidade inalteráveis e uma bela varrida para debaixo do tapete mais próximo.

Alice ficou indignada. Enfrentou o pai, furiosa, quando ele se defendeu dizendo que ela era pouco mais que uma criança e não compreendia o peso do escândalo. As mulheres seriam bem recompensadas – generosamente –, e o diretor de operações logo seria deposto, com um pacote de rescisão generoso e sem qualquer exposição pública, mas aquilo era um "negócio", e, se Alice quisesse comandar a Storm um dia, decisões desagradáveis como aquela faziam parte do pacote. Ela não enxergava a complexidade da situação? Não via que aquela era a melhor solução para todos?

Mas Alice não conseguia enxergar. Aquilo não era uma solução. Era errado.

Quando saiu da sala do pai, ela escreveu na hora sua carta de demissão, ligou para a amiga Roxanne e expôs a empresa.

A matéria saiu no três dias depois, com relatos das vítimas ao lado da própria declaração pública de Alice, expressando a sua decepção com a liderança da companhia. A mídia se esbaldou, funcionários abandonaram escritórios da Storm em vários países, clientes ameaçaram boicotes a poucas semanas do lançamento do novo tablet 1107, o diretor de operações caiu em desgraça, logo foi preso… e o preço das ações despencou.

Tudo por causa de Alice Storm, herdeira de uma fortuna e improvável novo rosto da luta contra o capitalismo tardio.

– Você mudou o mundo.

Ela balançou a cabeça.

– Elas mudaram o mundo. Eu só sabia para quem ligar.

Jack assentiu, girou o leme e avisou da troca de lado da retranca, que oscilou, certificando-se de que Alice não corria o risco de se machucar.

– E o seu pai ficou uma fera.

– é um eufemismo – disse ela.

Franklin tinha um legado a proteger – era bilionário, sim, mas gostava de parecer um bilionário "gente como a gente". Um cara que começara seu negócio na garagem dos pais. Alguém que supostamente entendia que quem governara o mundo até ali não seria quem o levaria para o futuro.

A equipe de relações públicas da Storm trabalhou dobrado, e em poucas horas a postura de Franklin mudara da água para o vinho. Ele se mostrou chocado. Devastado mesmo. Preocupadíssimo. Vieram as doações públicas e vultosas a organizações de defesa das vítimas. Uma reestruturação no RH

da Storm. E um tour de desculpas de fazer história: faculdades, grandes empresas, revistas, jornais – Franklin sentou para conversar com todos que pediram.

Todos, menos Alice.

Ele nunca a perdoou.

– Ele me puniu – disse ela, meio para Jack, meio para o mar. – Eu não deveria ter ficado surpresa. Foi a primeira vez que o enfrentei. – Alice fez uma pausa. – Ou melhor, foi a primeira vez que eu ganhei.

O vento diminuiu com o peso das palavras, permitindo que Alice terminasse a história.

– O meu pai passou dois anos fingindo que eu não existia. Eu ia aos jantares de família, às festas… e ele nem olhava na minha cara. Tem uma foto que saiu na seção de Estilo cerca de um ano depois de tudo acontecer. Nós dois, em um evento beneficente, sorrindo, parecendo . Lembro como foi estranho ver aquilo, porque literalmente naquela manhã eu havia me mudado do apartamento onde morava, o apartamento que ele tinha comprado pra mim.

– Ele te expulsou? – A pergunta veio afiada, incrédula.

– Não – disse Alice. – Para isso ele teria que falar comigo. Mas aquele apartamento cheirava à raiva do meu pai, e eu não ia mais viver ali.

Ela ficou com os olhos perdidos no brilho da água por um instante, então acrescentou:

– Enfim. Isso durou dois anos, até a última vez que estive aqui.

– Vocês discutiram.

Ela assentiu.

– A última vez que estive neste barco. – Acenou para um barco que passava, grata por ter algo para fazer. – A última vez que vi o meu pai.

– Deus. Eu não devia ter…

– Não – se apressou a dizer, horrorizada com o início do pedido de desculpas, como se Jack fosse tratá-la de outro jeito agora, com delicadeza. Com cuidado. Ela não queria aquilo. – Por favor, não. Se não tivesse acontecido aqui, teria acontecido em outro lugar. É assim quando alguém enfrenta Franklin Storm. O mais louco é que eu nunca quis trabalhar na Storm.

Jack ergueu as sobrancelhas por trás dos óculos escuros.

– Por que você estava lá, então?

– Jack, em todo o tempo em que você trabalhou com ele, alguma vez viu o meu pai conseguir o que queria? – Ela fez uma pausa. – Ele está e mesmo assim continua conseguindo. – Como ele não negou, Alice continuou: – Eu trabalhei lá porque o meu pai queria. Porque esse era o plano dele. – E seguiu, contando nos dedos: – Ele escolheu as minhas amizades, a faculdade onde estudei, os estágios de verão, os apartamentos onde morei. Eu estava vivendo o sonho de Franklin Storm.

Os outros filhos não eram o foco dele: Greta era uma cópia de Elisabeth; Sam era o tipo que desabrochava com dinheiro e poder, mas tinha dificuldades com trabalho; e Emily era doce, mas nada interessante para acionistas. Já Alice…

– Não importava o que eu queria. O meu pai estava convencido de que eu era o futuro da Storm. A filha que ele moldaria à própria imagem. – Ela passou os dedos pela água salgada acumulada no corrimão. – Eu tinha conseguido uma bolsa para estudar em Roma. Conservação de obras de arte. Tinha me matado de estudar pra isso. Fazia vinte anos que um americano não conseguia aquela bolsa. Me inscrevi em segredo, sabendo que o meu pai ia odiar. Estava tão orgulhosa. Era a primeira coisa que acontecia na minha vida e que eu sentia que era só minha. E sabe o que ele fez?

– Alice.

Claro que ele sabia. Alice o encarou.

– Por que estou te contando isso? Você era o faz-tudo dele. Sabe muito bem o que o meu pai fazia. O que era capaz de fazer pra conseguir o que queria.

Ela tinha ficado arrasada quando recebeu a carta informando que o financiamento da bolsa tinha sido cortado. Implorou dinheiro à mãe, depois implorou ao museu que a deixasse bancar a viagem do próprio bolso.

Seis meses depois, a Storm Inc. aparecia como um dos principais doadores no site da instituição. O pai não escondeu – queria que ela soubesse que ele sempre venceria. Quando ela o confrontou, ele respondeu, com aquela arrogância superior de sempre, que ela era

.

A cada vez que Franklin dizia aquilo, mais obstinada Alice se tornava. E

buscava algo ainda mais distante. Algo menos parecido com ele. Menos Storm.

– Durante toda a minha vida, o meu pai teve planos pra mim. Quem eu podia namorar. Onde podia estudar, o que ele queria que eu estudasse, onde queria que eu morasse, trabalhasse. E eu isso. – Ela deu de ombros. – E a verdade é que, no momento em que o meu pai teve que constatar que eu não queria as mesmas coisas… ele simplesmente deixou de me querer. Mas, mesmo assim, não me deixava livre.

– Então você mesma se libertou.

Alice estreitou os olhos.

– Como assim?

– Só estou fazendo as contas… – disse ele. – Faz sete anos que fizeram o seu verbete na Wikipédia, e só cinco desde a última vez que você esteve aqui. Então qual foi a gota d'água? Me deixa adivinhar… o noivo.

– Griffin. – Ela ergueu o queixo. – O Griffin não está na equação. Não mais.

Alice tivera medo de parecer uma fracassada ao dizer aquilo. Mas, quando Jack apenas assentiu e falou "Eu sei", a sensação foi outra. Liberdade.

– Como?

Houve um breve momento de hesitação. Quase imperceptível, que logo desapareceu quando ele respondeu:

– Você não está usando aliança de noivado.

Alice abaixou os olhos para a mão, sem a aliança.

– Você foi o único que prestou atenção nisso.

– Eu presto atenção em você.

Alice arregalou os olhos por trás dos óculos escuros e não soube o que dizer – tinha passado a vida toda tentando ao máximo passar despercebida, mas nunca lhe parecera tão perigoso ser notada quanto naquele momento, quando aquele homem, de mãos fortes e maxilar firme, dizia prestar atenção nela.

Como se já não tivesse que lidar com confusão suficiente na vida.

O som do pigarro dele deveria ter se perdido no vento, mas não. Nem as palavras que se seguiram.

– O seu pai não gostava do seu noivo.

– O meu pai mal conhecia meu noivo.

– Tudo bem – falou ele, os olhos novamente fixos na água, navegando

pelas ondas. – Você gostava dele? Do Griffin?

Alice não pôde deixar de reparar no jeito como ele disse o nome, como se tivesse um gosto ruim.

– Obviamente. – Mas será que era tão óbvio assim? Ela olhou para o mar e respirou fundo. – Ele foi a segunda coisa que senti que era só minha.

Alice tinha 28 anos, se sentia devastada por uma vida inteira de batalhas – grandes e pequenas – com o pai, e pela guerra então impossível de vencer, depois da traição que cometera, depois de dar as costas à rota que ele havia traçado para ela desde o nascimento.

– Ele era bonito e engraçado. Tinha uma personalidade forte.

Griffin era todo sorrisos simpáticos, gargalhadas, histórias extravagantes sobre quando fizera mochilão pela Europa em um ano sabático, antes de ir para a Universidade de Nova York, e tinha amigos espalhados por toda parte. E não, ele não tinha um emprego fixo (era ator), e ninguém sabia direito como pagava o aluguel do apartamento em Greenpoint (não era com atuação), mas será que isso importava se o cara era tão divertido?

– Eu estava me escondendo. O mundo inteiro sabia o que eu tinha feito. O meu pai não falava comigo. O resto da família já começava a se afastar, sem saber o que esperar e sem a menor vontade de ser atingido pelo fogo cruzado. Eu tinha um emprego novo, estava tentando construir uma vida nova. E o Griffin… ele era só… diferente.

Alice fez uma pausa, então continuou:

– Ele comandava uma noite de perguntas e respostas em um bar perto da escola onde eu dou aula. – Ela nunca havia ido até aquele bar, com medo de que os colegas fizessem perguntas que não quereria responder. Mas ninguém fez. Foi divertido. Alice se sentiu feliz. – Quando o nosso time ganhou, o Griffin veio correndo até a gente. Eu tinha respondido certo uma pergunta que ele achou que ninguém ia conseguir. Aí ele me pagou uma bebida. – Era mentira. Foi Alice que pagou as bebidas. Mas ela já repassara aquela noite tantas vezes que se esquecera da verdade. – Nunca tinha conhecido alguém tão… desinibido.

– Desinibido – repetiu ele, no mesmo tom que dissera .

– Impulsivo – corrigiu ela. – Filhos de Franklin Storm não têm o direito de ser impulsivos. A imprensa presta atenção. As redes sociais explodem. A Wikipédia é atualizada.

Jack ignorou o argumento.

– Qual era a resposta que ele achava que você não ia saber?

– – respondeu Alice, e encontrou um certo conforto no fato de Jack não esboçar nenhuma reação, provavelmente por não entender a referência ao quadro.

Griffin entendera, e, enquanto outros homens talvez se afastassem de uma mulher com paixão por aquela pintura específica, ele se impressionara (claro, não conhecia a história dela com aquele tipo de do quadro).

Um mês depois, Griffin foi morar com ela em seu pequeno apartamento de um quarto, e todo mundo adorava ele – até Gabi, que costumava detestar todos os caras com quem Alice saía. Griffin era divertido, um bom companheiro, e tratava Alice bem. Quem se importava se ele não tinha um emprego fixo? Quem se importava se ele não levava nada a sério? Os dois estavam na casa dos 20 anos, e Griffin era pura diversão.

Além disso, e o mais importante de tudo: ele era uma escolha de Alice (para o bem ou para o mal).

– Certo – disse Jack, pronto para deixar esse assunto de lado. – E o que aconteceu?

– Eu trouxe o Griffin para a comemoração do Quatro de Julho.

Jack ergueu as sobrancelhas.

– Aqui?

– Sim.

– Com o seu pai.

– Pelo seu choque evidente, imagino que esteja familiarizado com o Dia da Independência versão Storm.

Ele assentiu.

– Nunca tive o prazer de comparecer, mas sim.

O Quatro de Julho era um evento familiar para os Storms – não porque alguém tivesse grande apreço por vermelho, branco e azul, mas porque era uma época gloriosa do ano na ilha, perfeita para um fim de semana inteiro dedicado a jogar croqué e bocha, a velejar, a comer ostras e lagosta, e a tomar coquetéis, isso sem falar nas rodadas e mais rodadas de jogos de cartas que faziam todos se sentirem parte de uma família normal… até Franklin se entediar. Então começavam os Jogos Olímpicos Storm – com o

patriarca da família atribuindo tarefas cada vez mais absurdas aos filhos… e a qualquer um que eles levassem para ser testado naquele ritual de fogo.

Não era para os fracos de espírito, e geralmente era a prova final de um recém-chegado à família. Pretendentes só eram levados ao Quatro de Julho quando o relacionamento era sério mesmo. Sila só foi convidada depois que se casou com Sam (e na época já estava grávida de Saoirse, então não dava mais para voltar atrás). Emily quebrou as regras e levou um namorado no ensino médio (coisas de filha caçula), e todos surtaram – inclusive o pobre garoto, que ficou em choque quando Franklin insistiu para que todos pulassem do penhasco, ligando depois para os pais irem buscá-lo em Wickford, alegando uma conveniente "emergência familiar".

Emily gostava de brincar que só namorou mulheres depois daquilo, porque homens não tinham estrutura para aguentar as loucuras do Dia da Independência da família Storm (Claudia, aliás, arrasou na estreia – pulou do penhasco sem hesitar e como troféu ganhou o respeito de Franklin).

Já Griffin… não. Ele não tinha estrutura para os jogos Storm, e Alice sabia disso na época. Mas não esperava que ele passasse pelo circuito tradicional. Charmoso, engraçado, incapaz de tratar alguém como estranho – muito parecido com Franklin, naquele sentido. Ela esperava que Griffin simplesmente atravessasse o feriado como um golden retriever, alegre demais para sentir medo.

– O meu pai odiou ele.

– Imagino que fosse esse o objetivo – disse Jack, como se fosse óbvio.

E era, agora Alice compreendia, com o benefício do tempo e de muita terapia. Mas naquela época não queria admitir que jamais esperara, de fato, que Griffin fosse aceito pela família.

– Não tinha a ver com ele. Não exatamente.

– Nem com vocês dois, eu diria. – Quando ela lançou um olhar irritado na direção dele, Jack completou: – Todo esse movimento foi por querer que seu pai voltasse a falar com você, não é?

Era possível que ela odiasse aquele homem e o jeito como ele enxergava tudo com tanta clareza – o jeito como ele fazia perguntas sobre pontos que ela vinha se esforçando para evitar. Se soubesse qual seria a consequência, teria feito algo diferente? Impossível saber. Impossível não se torturar com os "e se" agora.

– E o meu pai? Para ele, foi por quê?

– Raiva – respondeu Jack. – Você era o bem mais valioso dele, e ele tinha te perdido.

Fosse ou não o protegido do pai, Jack claramente não entendia o que Franklin sentia por ela. Alice soltou uma risada forçada.

– Muito engraçado.

– É a verdade.

O silêncio se instalou, e ela o preencheu olhando para o sul, onde a baía se abria para o Atlântico. E indicou aquela direção com um movimento de cabeça:

– É melhor a gente voltar. Contornando Beavertail. Subindo além de Castle Hill.

Jack não falou mais nada, apenas virou o barco. Alice foi até a retranca, para checar os cabos do mastro principal, ajustando conforme ele manobrava. Ela olhou para o farol de Castle Hill, no alto da costa acidentada, vigiando-os como fizera com incontáveis embarcações no último século. Alice já tinha pintado aquele farol em tela para o pai (cinza Davy,), mas nunca mais vira o quadro.

– A gente não tinha passado nem uma hora na ilha quando ele me chamou para velejar – continuou contando, erguendo o queixo em direção à cabine. – Mal me olhou, de tanta raiva por eu ter vindo para o feriado. Por ter trazido o Griffin.

Ela ainda ouvia a voz do pai, ainda sentia a satisfação de finalmente ter arrancado uma reação de Franklin.

, perguntara Alice, sem recuar, grata pela briga. Pela atenção que ela tanto desejava, mesmo naquela idade, mesmo já adulta (alguém é realmente adulto sob o peso do desprezo do pai ou da mãe?).

tinha dito ele.

Alice ficara furiosa.

, retrucou Franklin.

Ela mudara de ideia. Mudou as palavras.

Na época, Alice não se dera conta de quanto aquilo podia ter doído. Mas agora, lembrando que aquelas foram as últimas palavras que disse a ele…

Ela engoliu a emoção que ameaçava transbordar. E lembrou a si mesma que tinha sido Franklin quem terminara com tudo.

– Ele me disse para ir embora – falou ela.

Alice endireitou os ombros. E ergueu o queixo, como fazia sempre que discutia com o pai. Quantas vezes já revivera aquelas palavras frias e ríspidas ao longo dos anos, com o telefone na mão, se perguntando se deveria ligar para casa. Nunca ligava – sempre acabava distraída demais com o som daquelas palavras na sua cabeça, com o jeito como se impregnavam nela e reacendiam a sua própria raiva. A própria recusa em ceder.

Mesmo por trás dos óculos escuros, Alice notou a surpresa de Jack.

– Com essas palavras?

Aquilo tinha sido dito em um tom calmo e indiferente – o que tornava pior do que se o pai tivesse gritado, se a tivesse jogado no mar com as próprias mãos. Ele não se importava, e aquilo doeu. Mas uma parte de Alice ficou grata por aquela dor. Por tudo o que veio depois. Pelo jeito como aquilo a tornou corajosa.

Nunca passara pela cabeça dela que aquela seria a última conversa dos dois. Nunca imaginou que o pai morreria – Franklin Storm não era o tipo de homem que morria.

Ela assentiu.

– Foi isso.

O barco pareceu infinitamente menor depois daquela confissão embaraçosa, e Alice não gostou da sensação. Ela olhou para Jack, os lábios cerrados, e uma centelha daquela velha raiva voltou a acender, agora por causa de Jack.

– Valeu a pena? – perguntou ele, interrompendo os pensamentos dela. – Ir embora?

– Sempre vale a pena ir embora quando alguém não quer que você fique.

A terapeuta dela ficaria orgulhosa daquela resposta.

Griffin não valia a pena, mas a liberdade de Alice? Saber que conseguia viver sem eles, que podia ser mais do que Alice Storm Inc.? Aquilo, sim,

valia. E a família? Será que valia a pena ser ignorada por eles? Ser esquecida? Ser ignorada pelo pai, que nem sequer deixou palavras finais para ela? Nenhuma carta, nenhum telefonema, nada.

Uma punição final. Nenhuma resposta. Só perguntas. Ela olhou para a água por um longo momento, as perguntas se avolumando em sua mente, então se virou para Jack:

– Aquela noite. No trem. No Vila Vôngole.

Se Jack ficou surpreso com a mudança brusca de assunto, não demonstrou. Era o trabalho dele não se surpreender.

– Se serve de consolo, não era minha intenção dormir com você. No começo.

– Engraçado, porque você poderia ter evitado isso me contando a verdade sobre quem era.

Ele mal tinha aberto a boca para responder quando Alice ergueu a mão e disse:

– A culpa foi minha por insistir em não dizer nomes. Acabei provocando um caso irreversível de paralisia vocal.

– Não. – A resposta veio curta e inabalável. – Quando você disse que não queria nomes, pra mim foi ótimo.

As sobrancelhas dela se arquearam.

– Foi?

Ele a encarou, então.

– O que você quer que eu diga, Alice? Que eu queria transar com você?

A resposta atravessou o corpo dela – inesperada, surpreendente, . Alice não era o tipo de mulher com quem os homens queriam transar. Pelo menos não era o tipo a quem diziam aquilo. E, se alguém tivesse perguntado uma semana antes se ela gostaria de ouvir uma coisa daquelas, a resposta teria sido:

Aparentemente, estaria enganada.

Felizmente, a pergunta era retórica.

– Tá certo. Eu queria transar com você. E sabia que, se dissesse quem eu era, isso não aconteceria.

Ela ficou boquiaberta, mas ele ainda não tinha terminado.

– Talvez eu estivesse triste. Talvez estivesse com raiva. Em choque. E

talvez, naquele momento, eu não quisesse encarar a vida real. E você também não. Você quis o que aconteceu tanto quanto eu.

Ele tinha razão. Alice apertou com força as bordas lisas do barco. Ela quis. E, caso se permitisse admitir, ainda queria.

Como se tivesse escutado a confissão silenciosa, Jack falou:

– Como já falei: você devia esperar mais das pessoas.

Alice abaixou os olhos para as mãos dele, firmes no leme, com aquela bússola de traços belíssimos tatuada no antebraço. Era a primeira vez que via a tatuagem à luz do dia, e só naquele instante percebeu que não era só uma bússola. Ali, embutido nos traços finos da bússola, havia também um sextante – um instrumento de navegação antigo, usado para se orientar pelo mar com as estrelas. O tipo de coisa que só alguém que velejou a vida inteira faria questão de tatuar.

Aquele homem que prestava atenção nela. Que fazia perguntas e deixava lacunas para que ela respondesse, atraindo-a para decisões ruins. Jack não era bom para ela.

– Quando eu espero mais das pessoas, me decepciono – declarou Alice, os olhos fixos na água. – Esperei mais da minha família. Dos meus irmãos. Da minha mãe. Do meu pai. Esperei mais do Griffin. – Ela olhou para Jack. – De você.

Foi a primeira vez, desde que entrara naquele barco, que Alice viu suas palavras atingirem Jack.

– Era pra você ser um cara legal. Você me disse que era.

Ele assentiu.

– Você tem razão.

– O meu pai não é o único que está jogando, né?

– Alice…

– Não – disse ela.

Eles estavam se aproximando do lado leste da ilha, o sol já mais alto no céu, projetando uma sombra de um azul profundo da encosta sobre uma enseada minúscula – azul da Prússia, contrastando com o azul-marinho reluzente da baía sob o sol. A maré baixa revelava a pequena faixa de areia, um dos segredos mais bem guardados da ilha Storm.

– Você também está jogando. Não está?

Jack balançou a cabeça.

– Naquela noite, não.

– Mas agora?

Silêncio. Alice não conseguiu conter a risada – surpresa e plenamente consciente de que acabara de contar mais a Jack do que jamais teria dito se soubesse.

– Meu Deus. A gente não é só peça no jogo dele. A gente é peça no seu jogo também.

– Alice…

Ela o interrompeu:

– Você sabia quem eu era. Sabia que eu precisava chegar à ilha. Sabia que eu tinha que ficar aqui. Era que sabia que eu tinha que ficar. O meu pai não me escreveu nenhuma carta. Ele mandou você.

Alice olhou para a ilha, o domínio do pai, cheio de lembranças. Não importava o que Jack estava fazendo ali, era um teste – como tudo ali sempre fora. Um teste impossível de gabaritar.

– Todo mundo achou que estava tudo bem no primeiro dia do jogo. Sete dias, mas você só chegou no segundo. Só que você chegou por minha causa – concluiu ela.

Se ele cerrasse mais o maxilar, ia quebrá-lo.

– A não é o seu jogo. sou.

Ele não respondeu. Nem precisava. Ela estava certa.

– Você não está aqui só para avaliar o jogo, e sua tarefa não é apenas . Você é meu guardião. Está aqui para me manter na ilha porque ele achava que eu podia ir embora e estragar a diversão, não é isso?

Um longo momento se passou, e Jack parecia absolutamente furioso. Alice sentiu uma onda de triunfo encher o seu peito – tinha descoberto tudo. Então se adiantou, indo direto para a vela principal.

– Alice! – gritou Jack. – Deixa eu explicar.

– Não. Agora que eu sei qual é o jogo, sei como jogar. – Alice soltou a adriça com facilidade, liberando o imenso triângulo de tecido enquanto gritava, as palavras vindo no instinto de quem tinha tantos anos de experiência no mar: – Capear!

Lufar as velas desaceleraria o barco o suficiente para que, quando ela mergulhasse na água, não fosse arrastada em sua esteira. Não que aquilo

fosse detê-la – naquele momento, Alice estava completamente embriagada de poder e de algo ainda mais perigoso: a tristeza do luto.

Ela descalçou os tênis e subiu para a borda do barco.

– Mas que…

Jack correu até ela.

O palavrão dele se perdeu na água quando Alice mergulhou do , as águas frias da baía acolhendo-a como uma velha amiga.

.

Ela emergiu ao som do próprio nome, dito em uma voz grave e furiosa, e começou imediatamente a nadar rumo à pequena praia, deixando que a certeza de ter chocado e enfurecido Jack a invadisse com uma satisfação quase cínica. Mesmo que ele quisesse parar o barco e gritar, não poderia. Não dava para desligar o vento. Parar um veleiro com precisão e rapidez exigia prática – centenas de horas no mar (e uma boa quantidade de broncas paternas).

Alice chegou à costa em menos de cinco minutos e pisou na faixa de areia estreita com o coração disparado e a respiração saindo em arquejos profundos, que enchiam os pulmões.

Ela afastou os cabelos molhados do rosto e sorriu.

Jack podia achar que sabia tudo sobre ela, sobre aquela família, sobre o barco do pai, mas não sabia. Se os cálculos de Alice estivessem certos, o já estaria fora de vista, rumando para o extremo norte da ilha, ao redor do penhasco. Se ele quisesse alcançá-la, teria que dar a volta toda outra vez. E até lá ela já estaria subindo os degraus furtivamente em direção à casa.

Alice olhou para a água e estacou, surpresa e tomada por uma admiração nada modesta.

O não estava fora de vista. Estava parado, virado na direção do vento, o mastro de ré mantendo-o ancorado na água reluzente, mais próximo da costa do que quando ela pulou.

Ele tinha capeado como um velejador experiente.

Não. Não como um velejador. Não enquanto estava parado na borda do barco, braços cruzados sobre o peito absurdamente largo, observando-a.

Como um pirata, se piratas usassem óculos escuros.

Como se tivesse ouvido o pensamento dela, Jack ergueu a mão, tirou os

óculos e os jogou longe, sem se importar em saber onde cairiam.

Então, mergulhou na baía e nadou direto em direção a ela.

CAPÍTULO 10

– Você não "só cresceu" entre barcos.

Alice falou primeiro, porque não queria que Jack assumisse o controle daquele momento, nem que percebesse como ela apreciara vê-lo nadando com perfeição olímpica, até emergir do mar com a camisa de linho grudada ao corpo – uma imagem que talvez fizesse alguns se lembrarem imediatamente de Mr. Darcy.

Mas não Alice. Ela definitivamente não estava comparando aquele homem a um herói romântico apaixonante. Jack era o oposto dos heróis românticos.

Definitivamente, isso não é algo que Darcy diria.

Além disso, nenhum herói de Jane Austen tinha tatuagens espalhadas pelo peito. Alice vira todas na outra noite, no escuro, mas não se detivera em examiná-las – aquele momento tinha sido intenso e apressado, como se os dois soubessem que tudo mudaria no dia seguinte.

No entanto, só Jack sabia mudaria.

Alice endireitou o corpo diante daquela ideia e afastou para longe a

curiosidade sobre a tinta sombreada sob a camisa molhada dele, forçando-se a lembrar da verdade: Jack era o vilão da história.

Ela manteve os olhos fixos no rosto dele, que avançava pela areia vindo do mar, ergueu o queixo e disse:

– Você sabe mesmo velejar.

Soou como uma acusação.

– Isso já não estava claro?

Na voz dele não havia mais qualquer traço da calma anterior. Jack estava furioso – como se odiasse ser manipulado.

Ora, os dois tinham aquilo em comum.

– Você parou aquele barco em um instante.

– Além de ser treinado para fazer isso quando alguém pula no meio de uma via aquática ativa… – Ah. Era daquilo que ele não tinha gostado. – Sim, eu sei o que estou fazendo. Já disse que cresci no mar.

– Eu não corri risco nenhum. Não fiz nada que já não tenha feito centenas de vezes.

Por um momento, Alice se perguntou se teria ido longe demais.

– Não me importa o que você fazia nos barcos dos seus amigos idiotas quando era mais nova, toda riquinha e inconsequente. Quando estiver no leme, você vai se comportar.

Ela resistiu ao calor que aquela preocupação rude fez disparar pelo seu corpo. E ao impulso – ainda que bem de leve, quase nada – de fazer exatamente o que ele mandava.

Jack era irritante e autoritário, falava como se ela nunca tivesse chegado perto do mar. Estava errado ao dizer que nadar na baía era perigoso?

. Mas, por outro lado, ela não tinha ficado boiando por ali – havia nadado direto até a praia. Assim como ele.

– Achei que tinha deixado claro que não preciso de babá.

– Se os últimos três dias servem de exemplo, você definitivamente precisa.

– Se eu soubesse que você tinha sido contratado pra isso, nunca teria aceitado o seu convite para velejar.

– E isso deveria me abalar?

A respiração de Jack ainda estava acelerada, e Alice tinha a impressão de que aquilo não tinha nada a ver com o mergulho.

Ela estreitou os olhos.

– E, só pra constar, eu nunca fui inconsequente.

– É claro que foi – afirmou Jack, recusando-se a ceder. – Jovem, rica e com o mundo inteiro aos seus pés. Receita certa pra inconsequência.

– Mas todo jovem não é assim?

Alice estava se sentindo petulante, exatamente como a garota mimada da metáfora dele.

– Sim, mas para os ricos isso não é só uma sensação. Eles que é verdade.

Alice cerrou os lábios diante daquelas palavras. Da crítica embutida nelas. Justo? Talvez apenas certo.

– E você? O mundo também ficava aos seus pés?

– O que você acha?

Ela conseguia imaginá-lo: alto, bonito – provavelmente o garoto mais bonito da escola, provavelmente já com ombros largos e uma atitude autoritária. Capitão de algum time, com certeza. Um daqueles caras que derretem corações. Lacrosse. Ou, pelo jeito como nadava, algum esporte aquático. Mergulho. Polo aquático.

– Você jogava polo aquático?

Jack soltou o ar com força, ainda exasperado. .

– Não.

– Fazia mergulho?

– Não.

– Que esporte você praticava, então?

– Nenhum. – Ele levantou os olhos para o alto do penhasco. – Onde a gente tá?

– Do outro lado da ilha, depois do carvalho gigante. – Alice fez uma pausa. – Você fazia teatro, então.

Jack lhe lançou um olhar significativo em resposta – um lampejo de divertimento por um segundo antes de desaparecer por trás daquela máscara bonita demais –, e ela ignorou o frêmito de triunfo que aquilo provocou.

– Eu não tinha tempo pra… atividades extracurriculares.

– Ocupado demais ganhando o primeiro milhão?

– Ocupado demais… – Ele pensou antes de completar: – Ocupado

demais.

Algo no tom dele fez Alice hesitar. Algo que soava sincero. Ela ignorou a pontada de curiosidade e olhou para o barco, imóvel, apesar do vento.

– Meu pai teria ficado impressionado com o seu jeito de controlar o barco.

– Eu não fiz isso pra impressionar o seu pai. Fiz porque a conversa entre a gente ainda não tinha terminado.

– Não? – perguntou Alice. – Pra mim terminou. Chega de conversar com você. De contar coisas que não devia. – Ela fez uma pausa. – Ou isso também faz parte do plano? Me fazer passar vergonha contando os meus erros?

– Não… – Ele passou a mão no cabelo. – Sim. Eu tenho que ajudar a te manter aqui. Mas não sou um inimigo, porra.

Ele acreditava naquilo. Já Alice não tinha tanta certeza.

– Engraçado. Se você não é meu inimigo, talvez eu comece a achar que gosta de mim.

– Eu jamais ousaria gostar de você – disse ele, seco. – Não ia querer te assustar.

Mais uma observação que Alice teria detestado se não a tivesse deixado tão surpresa. Por mais que ainda não soubesse direito qual era a de Jack – de onde tinha vindo, quem era –, sabia que ele não era como os outros homens da vida dela. Não era bobo e doce como os colegas de trabalho, ou sensível e despreocupado como Griffin, nem tinha aquele ar intelectual dos caras do meio artístico de Nova York, assim como não era um engomadinho, como os garotos com quem ela crescera. Pelo menos não parecia ser. Ele passava uma impressão diferente – de força, firmeza, inteligência… e de saber se defender, física e intelectualmente.

Jack não era o tipo de homem que fazia alguém se sentir à vontade, e Alice estava bem longe de se sentir confortável naquele momento.

– Você me deixou apavorado, Alice. Pulando de um barco em movimento.

– Preocupado em não ser pago se eu me afogasse no seu turno?

Aquilo não foi nada gentil, mas ela não se importou.

– Pelo amor de Deus.

Alice ignorou a forma como o seu coração acelerou, se afastou de Jack e encarou a pequena faixa de areia, mantendo os olhos fixos em qualquer

coisa que fosse ele – ou todos os ângulos dele. As palavras, o maxilar, os músculos visíveis pela camisa branca e o olhar obstinado que não se desviava dela.

– Eu sou uma nadadora excelente.

– Sim. Eu percebi.

– Sempre fui – afirmou Alice, e os dois ouviram a surpresa na voz dela, a lembrança das outras vezes em que ele prestara atenção nela. No trem. Na estação. No hotel de paredes de madeira. No quarto dela, duas noites antes… quando ela estava nua.

Ora. Alice não queria pensar naquilo (pelo menos, não com Jack ali,).

– Muito bem. O que você com isso? Em me manter aqui?

Silêncio por um longo momento. Então veio a resposta:

– Eu já te disse. Devo isso ao seu pai.

– É claro – falou Alice, e se abaixou para pegar um seixo branco, perfeitamente redondo, na areia. – Por ele ter mudado a sua vida.

Jack assentiu.

– Correto.

– O que isso significa exatamente?

– Ele estava do meu lado muito antes de eu ser valioso ao lado dele.

Era uma coisa estranha de se dizer – embora houvesse dezenas de adjetivos para descrever o pai dela (, etc.), raramente alguém se sentia motivado a chamá-lo de generoso. Ou solidário. Ou leal. Ou gentil. Pelo menos, não em um primeiro momento.

– Há quanto tempo você conhecia o meu pai?

Uma pausa. Longa o bastante para Alice se perguntar se ele diria a verdade.

– Cerca de dez anos.

– Há quanto tempo você trabalha para ele?

– Trabalho na Storm há cinco.

Mas não era aquilo que ela tinha perguntado.

– E para o meu pai?

Jack se virou para encará-la.

– Há mais tempo.

– Você não vai me contar o que fazia, vai?

Ele se abaixou para pegar um seixo idêntico ao dela. Quando se levantou de volta, estendeu a pedra na palma larga da mão, como uma oferta de paz.

– Ele te queria aqui. Você está aqui. O resto depende de você.

Por quê? Aquilo não fazia sentido. Franklin ainda conseguia fazer todo mundo correr para cumprir as suas ordens – mesmo morto. Mas Jack deveria fazer o quê… aproveitar um período de férias? Impossível.

– E se eu ficar a semana inteira? O que você ganha com isso?

– Acho que a pergunta é: o que ganha com isso?

Não foi uma resposta, mas Alice não insistiu. O homem era uma muralha, não adiantava ficar lá batendo cabeça.

– E se eu não ficar?

– Você perde a herança. Os seus irmãos também.

– E o que você perde?

– Eu tenho que perder alguma coisa?

– Você não quer admitir que tem um incentivo – apontou ela. – Então, sim.

– Se o incentivo não for positivo, então vai ser na marra mesmo?

Ela levou as mãos aos bolsos de trás do short.

– É o jeito Franklin Storm de fazer as coisas. No caso da família, com recompensa e na marra ao mesmo tempo.

Jack assentiu, sem desviar o olhar sempre fixo nela.

– E se o incentivo for isso aqui?

Alice sentiu uma onda de calor percorrer o seu corpo diante daquelas palavras. Ele não podia estar se referindo a…

– Isso o quê?

– Navegar. – Jack fez um gesto amplo, indicando a baía azul reluzente, e recitou: –

.

Alice reconheceu as palavras que o pai repetira tantas vezes que todos à volta dele sabiam de cor. E respondeu, com uma ironia seca como areia:

– Se meu pai alguma vez leu Rumi, eu abro mão da herança inteira agora mesmo.

As sobrancelhas escuras dele se ergueram.

– Achei que você abrir mão da herança agora mesmo.

Ela engoliu o nó de frustração na garganta, e Jack pareceu notar porque

mudou o rumo da conversa, indicando a pequena faixa de areia.

– Eu não sabia que essa praia existia.

Alice se agarrou ao novo assunto.

– Ela nem sempre está aqui.

Jack continuou olhando ao redor – areia úmida, o limo verde nos degraus de ardósia ao pé do penhasco ali perto.

– Maré baixa.

Alice assentiu, sem conseguir conter o orgulho na voz:

– Um dos melhores segredos da ilha.

Havia poucas coisas que ela amava mais do que aquele pedaço estreito de areia, salpicado de tesouros revolvidos do fundo do mar, deixados ali para serem descobertos por um instante antes de serem devolvidos aos mistérios da baía.

Pelo canto do olho, Alice viu Jack se aproximar, então endireitou o corpo, hesitando, o coração na garganta.

– Aposto que você trazia todos os garotos aqui – disse ele.

Ela não conseguiu conter a risada diante da ideia, como se algum garoto tivesse qualquer chance de aparecer naquela ilha sem ser destruído pela família dela. Ele não estava prestando atenção?

– Ah, claro. Vários – ironizou Alice, e se abaixou para pegar uma concha branca e brilhante, meio enterrada na areia molhada.

Ele indicou os degraus de ardósia:

– E aqueles degraus ali, levam para onde?

– Para o bosque, atrás do carvalho grande.

– Pela encosta do penhasco? A ideia de ter que nadar de volta para o barco me parece encantadora agora.

Ele pontuou a frase com uma careta – daquelas claramente encenadas. Alice poderia apostar que o homem era capaz de subir aqueles degraus sem suar uma gota.

– Então vamos apostar corrida até lá em cima – falou Alice, e se abaixou para lavar o achado no mar.

– Não gosto muito da vantagem para o time da casa. – Jack estava perto o bastante para ver o tesouro dela agora, a bolacha-do-mar mais perfeita que ela já tinha encontrado. – Acho que nunca vi uma dessas na natureza. – As palavras saíram baixas, uma trégua momentânea no que quer que eles estivessem fazendo.

– Elas só têm essa aparência quando estão mortas – explicou Alice, estendendo a mão que segurava a carapaça achatada. – Mesmo assim, é legal. Pré-histórica.

Jack estendeu a mão.

– Posso?

– É claro.

Os dedos de Jack roçaram de leve na pele dela – quentes, firmes – antes de ele levantar a carapaça para examiná-la.

– Um verão, quando eu tinha uns 9 ou 10 anos, essa foi a minha tarefa nas Olimpíadas Storm.

Ele ergueu rapidamente os olhos.

– Como assim?

– O meu pai me largou aqui na maré baixa. – Alice apontou para o penhasco. – A tarefa era achar o caminho de volta para casa.

– O quê?

Jack estava horrorizado.

– Você tinha 9 anos?

– Ou 10.

– Ah, claro – zombou ele. – Isso muda tudo e torna a coisa bem menos insana.

– Esse era o meu pai. – Alice deu de ombros, os olhos fixos na encosta do penhasco, subitamente se dando conta de como tinha sido uma loucura deixar uma criança ali, sozinha, diante daquilo. Ela afastou o pensamento. – Nem foi tão difícil. Foi só escalar.

– E se você tivesse caído? E se tivesse se machucado e a maré tivesse voltado a subir?

– Eu não caí. Não me machuquei.

– Mas podia ter acontecido.

Ela não conteve o leve sorriso, satisfeita com a indignação dele.

– Mas não aconteceu. Fiquei um tempo por aqui. Explorei o lugar até a maré voltar. Então subi e fui pra casa.

A lembrança daquela tarde surgiu vívida e nítida na mente dela – o céu azul, as árvores verdes, a sensação de triunfo quando chegou ao topo dos degraus. Quando atravessou a mata e se aproximou do escritório envidraçado do pai pelo lado de fora e bateu na janela. Ele se virou, com o

telefone no ouvido, e assentiu por trás do vidro – o mais próximo que Alice já havia chegado de um gesto de aprovação.

Ela afastou a lembrança.

– Enfim, gosto daqui.

Jack parecia ter algo a dizer – para ela, talvez. Para Franklin. Para a família toda –, mas permaneceu em silêncio.

Alice apontou para a bolacha-do-mar que ele ainda segurava, esquecida em sua mão, e disse:

– São bichinhos esquisitos. Quando a água está calma, eles ficam inclinados, meio que na vertical. E, geralmente, em grupo.

– E quando o mar está agitado?

– Ficam deitados e se isolam. Pra se protegerem. – Ela fez uma pausa. – É a melhor forma de atravessar uma tempestade. – Jack já não olhava mais para a carapaça branca. Alice pigarreou. – Pode ficar com ele.

– Uma oferta de paz?

A pergunta foi feita com um leve tom de provocação, e Alice entrou no jogo, grata por ele embarcar na mudança de assunto. Ela abriu um sorriso e lhe deu as costas enquanto ele guardava a bolacha-do-mar no bolso.

– Uma intenção.

Alice poderia jurar que ele tinha soltado uma risadinha, mas o som foi levado pelo mar antes que pudesse ter certeza. Mas uma certeza que ela tinha era de que Jack tinha os olhos fixos nela – podia sentir o olhar dele, quente e atento, enquanto recolhia dois pedaços de vidro marinho e mais uma pedra redonda perfeita. O tempo e o silêncio se estenderam entre os dois, e Alice se viu cada vez mais ciente da presença dele. Será que Jack estava reparando no modo como o short molhado grudava no corpo dela? Como a camiseta branca mostrava – ela abaixou os olhos – praticamente tudo?

Ela não tinha o abdômen trincado dele, mas pelo menos estava usando um sutiã decente.

A consciência exacerbada de si mesma estava fazendo com que Alice questionasse tudo. Quando a maré voltasse a subir daquela vez, o que ela faria? O caminho já não era tão fácil quanto tinha sido quando era criança. Quando voltasse para casa, haveria outro tipo de teste. Perguntas. Onde ela estivera? Deveria fingir que não tinha passado o dia com Jack? Ou seria

melhor contar a verdade à família? E como responderia à outra pergunta:

não parecia suficiente.

era definitivamente informação demais. Será que ela um dia esqueceria que Jack havia dito aquilo? Com certeza não. Mas não era relevante. Pelo menos não para a família dela.

A verdade.

– Por que todo mundo acha que você vai embora?

A pergunta atravessou a cacofonia dos pensamentos dela, e Alice não conteve a surpresa ao perceber que Jack de algum modo acompanhara aqueles pensamentos. Não que ela devesse se surpreender, é claro. O homem era pago para isso – para saber o que todo mundo estava pensando.

Ela deu de ombros.

– Eu sou a única que já foi embora.

Jack a observava com atenção.

– Não há motivos suficientes pra ficar?

– Uns cem milhões deles, pelo que andei ouvindo – falou Alice, sem conseguir evitar o sarcasmo.

– Não é pouca coisa.

– Não é…

– Alice. Por favor, não diz que não se importa com o dinheiro.

– Eu não ia dizer isso – respondeu ela. – É claro que o dinheiro importa. Se o meu pai fosse contador, ou carpinteiro, ou professor, você acha que estaríamos todos aqui, participando desse joguinho idiota? – Alice fez uma pausa, mas Jack não mordeu a isca, forçando-a a continuar. – Acha que estaria aqui? Se sentindo em dívida com ele por algum ato generoso de dez anos atrás? – Ela não esperou que ele argumentasse em relação à veracidade da dívida. – Se o meu pai tivesse qualquer uma dessas outras profissões, seria diferente. Mas ele era Franklin Storm… gênio visionário, adorado por sua ampla influência, valorizado pelo brilhantismo, perdoado pelas falhas e famoso por não aceitar o fracasso.

Agora ela estava embalada.

– Franklin Storm, força da natureza. Irrefreável. E quem iria querer deter o meu pai? Ele estava mudando o mundo.

– Ele o mundo.

– Sim. Eu sei. – Alice não conseguiu conter o sarcasmo na voz. – É difícil não perceber.

– Você sente raiva disso?

– E de que adiantaria? Seria como ter raiva da cor do meu cabelo ou do ar que eu respiro – tentou explicar. – O sucesso do meu pai simplesmente… era real. Como o oceano. Era tudo o que a gente conhecia. – Alice fez uma pausa. – Bem, menos a minha mãe. Ela provavelmente tem raiva do sucesso dele.

– Mas ela não foi embora. – Jack deixou a segunda parte da frase subentendida.

– Eu não ia dizer que o dinheiro não importa – falou Alice, na defensiva. – Ia dizer que não é o bastante.

Jack arqueou as sobrancelhas, mas permaneceu em silêncio. Alice voltou a olhar para a areia, louca para mudar de assunto. Um caranguejo pequeno se arrastava na água rasa, sem conseguir impedir que a corrente o carregasse com trancos desajeitados.

Ela falou com a criaturinha azul.

– O dinheiro não pode me dar o que eu quero.

– E o que você quer?

– Não tenho orgulho disso – sussurrou.

– Ainda bem que não estou interessado em julgar.

Alice acreditava nele, e talvez por isso fosse tão fácil dizer:

– Ninguém se importou quando eu fui embora. E todos ficaram surpresos de me ver aqui no dia seguinte à morte dele, como se tivessem se esquecido de mim. E agora…

Jack assentiu.

– Agora só querem que você fique porque há dinheiro envolvido pra eles.

– Exatamente.

– Tem dinheiro envolvido pra você também.

– Eu não quero.

Ele riu. Alice passou a gostar menos dele.

– O que tem de engraçado nisso?

– Nada. Não exatamente – falou ele. – Só que é o tipo de coisa que uma

garota como você diria.

Ela piscou.

– Uma garota como eu.

– O dinheiro não importa pra você porque você nunca precisou se preocupar com ele.

Alice sentiu a irritação ganhar força, junto com uma leve decepção por Jack também pensar nela como Alice Storm, Inc.

– Não que eu devesse ter que me explicar, mas, quando saí do apartamento do meu pai, ele me cortou da folha de pagamento. Encerrou todas as minhas contas. Hoje em dia, sou eu quem paga tudo. Sem veleiro. Sem helicóptero. Sem ilha particular.

– Vendo as baratas subirem pelas paredes, hein?

Ela reconheceu a referência. Sabia o verso seguinte da música "Common People", da banda Pulp, sobre a pobre menina rica. E resistiu ao impulso de mandá-lo pro inferno.

– Eu nunca ligaria pedindo pro meu pai ir me resgatar.

– Ele ainda banca os seus irmãos.

– Sim. E eles o deixam ditar as regras da vida deles. Quando eu digo que o meu pai queria controle, quero dizer que ele ficava furioso quando a gente o contrariava. E ele me puniu da única forma que sabia.

– Tirando o dinheiro.

Ela balançou a cabeça.

– Essa foi a parte fácil. Honestamente, considerando a minha idade, já estava mais do que na hora. Ele devia ter feito isso com todos nós. Talvez agora a gente não estivesse se atacando com a mente fixa na herança em vez de lamentar a perda do nosso pai. – Uma pausa. Então soltou: – Não foi o dinheiro. Foi o acesso.

Outra pausa.

– Ele tirou tudo. E levou todos eles junto. – Alice ficou absorta por um momento, perdida nas lembranças dos meses que se seguiram à sua expulsão da ilha, esperando que alguém estendesse a mão. Ninguém fez isso por meses. – Eles escolheram o meu pai. Ele se certificou disso.

Jack mudou de posição e, pela primeira vez desde que se conheceram, pareceu desconfortável.

– Bem, agora dá pra entender por que eles acham que eu posso ir

embora. Porque sabem que consigo sobreviver. Mas não querem descobrir se eles mesmos conseguem.

– Mas você quer descobrir isso. Se eles conseguem sobreviver às consequências da sua partida.

– Não. Eu não quero que eles fiquem sem nada. Só quero…

Ela virou uma concha nas mãos e passou o polegar pelo interior liso, pensando em misturar ali tintas azuis do céu e do mar. Então, procurou as palavras certas.

– Quero que eles queiram que eu fique.

Mas será que aquilo era possível? Família voltava a ser família depois que você ia embora? Talvez Thomas Wolfe tivesse razão. Talvez não se possa voltar para casa.

Deus, a morte era mesmo esquisita. E ter aquele homem por perto – com aquele queixo esculpido, os olhares severos, as tatuagens e a capacidade de velejar – não tornava a coisa menos esquisita. Na verdade, Jack tornava tudo ainda mais estranho. Como se a pintura de base de uma aquarela estivesse errada.

Só pra constar: sentir atração pelo homem de confiança do pai morto era, definitivamente, uma pintura de base errada.

Alice respirou fundo e olhou para o , perfeitamente ancorado à distância – liberdade e armadilha. Um pensamento lhe ocorreu.

– Eu quebrei as regras?

– O quê? – A pergunta foi feita em um tom seco, como se Jack estivesse perdido em pensamentos que não pretendia dividir com ela.

– Não era pra eu sair da ilha. – Alice indicou o barco com um leve movimento do queixo. – Não foi isso que o meu pai decretou?

Jack acompanhou o olhar dela.

– Entendo que o barco não conte. É basicamente parte da ilha. Eu sabia que você gostava de velejar. – Ele já tinha dito aquilo antes, mas agora soou diferente. Mais suave. Menos acusador. Com um toque de algo que ela até poderia gostar se ele fosse o tipo de pessoa de quem ela pudesse gostar. – Isso e o fato de que você está comigo.

Jack se aproximou até não haver mais nada entre eles além do vento, do cheiro do mar e daquele lugar que ela tanto amava. Aquela aproximação não

deveria ter sido tão boa. Deveria ter parecido perigosa e forçada. Ameaçadora. E, fosse o que fosse, ela não deveria deixar como era agradável. não deveria deixar que Jack a fisgasse como uma linha com a isca certa.

Mas ele era uma isca excelente. E o que de pior poderia acontecer?

Já estava acontecendo, é claro. Ela já estava imaginando que não era uma isca.

Ela ergueu o rosto para encontrar o olhar dele e mentiu:

– E se eu não quiser estar com você?

– Humm. – O som reverberou de dentro dele e atingiu-a em cheio. – Já é um pouco tarde pra isso.

Alice sentia a respiração superficial e sabia que mais tarde colocaria a culpa no vento vindo da baía, como se aquele vento pudesse soprar uma parte dela para longe.

– Eu nunca trouxe ninguém aqui – sussurrou Alice.

Jack estava próximo o bastante para que ela sentisse o calor do seu corpo antes mesmo de erguer a mão e tocá-lo. Perto o bastante para que ele não precisasse levantar a voz quando disse:

– Que bom. – A satisfação brusca naquelas palavras era mais atraente do que deveria, segundo os princípios feministas de Alice. – É melhor você tomar cuidado.

Algo se acendeu dentro dela. Quente. Seguro.

– é que devem tomar cuidado.

O maxilar de Jack se enrijeceu em resposta, os lábios cerrados em uma linha firme, o que, de algum modo, o deixava ainda mais bonito.

– É. Devem mesmo.

Alice ergueu a mão sem pensar e se impediu por muito pouco de passar a ponta dos dedos pelos lábios dele. Ela conteve o gesto no último instante, a coragem vacilando enquanto seus dedos desciam pelo braço de Jack até encontrar a mão dele, cerrada ao lado do corpo. Ela olhou para os nós dos dedos que começavam a cicatrizar. Logo não haveria mais vestígio de como ele punira quem deveria tê-la tratado melhor.

Alice pegou a mão de Jack, que cedeu sem resistência, permitindo que ela passasse os dedos pela sua pele.

– Você estava com raiva naquela vez. Na estação de trem.

– Eles foram desrespeitosos.

Alice não conteve uma risada.

– Que jeito mais antiquado de ver a situação. Eles estavam fazendo o trabalho deles.

Assim como o próprio Jack estava fazendo o dele. Mas ele não parecia enxergar a semelhança.

– Que se foda o trabalho deles.

Uma rajada de vento pontuou a resposta grosseira, dando a Alice uma desculpa para o arrepio delicioso que percorreu o seu corpo. Ela não parou de tocá-lo. Pelo contrário, virou a mão dele na sua, passando a ponta dos dedos pelas suas reentrâncias ásperas.

– Obrigada – sussurrou, tão baixo que o vento impediu que fosse ouvida. – Naquela noite, você superou as minhas expectativas.

Ele prendeu a respiração ao sentir o toque sobre a pele. Ergueu a mão, segurou o rosto dela, o polegar a acariciando. Inclinou o rosto de Alice em sua direção.

Era uma péssima ideia. Mas a história estava cheia de mulheres tomando decisões ruins em relação a homens.

Ele a beijou. Ou talvez tenha sido ela que o beijou. Mais tarde, Alice não saberia dizer, porque naquele momento, naquela praia, onde passara boa parte da infância imaginando ser beijada, ela queria tanto aquele beijo que não conseguia mais distinguir realidade de fantasia.

Fosse como fosse, Jack fez a fantasia parecer real. Ele se inclinou na direção dela com aquele beijo, como um pirata que havia mergulhado no mar, deixando o navio para trás, só para segui-la até a praia. Só que, no momento em que pulou do barco, Jack estava furioso. Alice viu isso em seus movimentos controlados, precisos.

Agora, não havia controle. Não havia raiva. Mas ainda assim era perfeito.

Ele tinha gosto de sal, e Alice deslizou a língua dentro da sua boca, se deleitando com o modo como ele a puxava para mais perto, como deixava as mãos acariciarem as suas costas, descerem pela coluna.

Alice tinha 1,68m e sabia muito bem que não era o tipo de mulher que os homens erguiam do chão. Já tinha saído com pessoas o bastante para enterrar de vez qualquer sonho de ser girada no ar como uma princesa da Disney (qualquer pessoa navegando no caótico mercado de encontros

românticos de Nova York sabia que era indispensável fazer concessões realistas).

Mas, no momento em que as mãos grandes de Jack deslizaram para os bolsos traseiros do short dela, ativando um número considerável de vias neurais até então desconhecidas, toda lucidez se perdeu no mar. Então ele fez o que ninguém tinha feito… até ali: ergueu-a do chão com uma pegada firme, com uma facilidade de que Alice certamente se lembraria depois, quando não estivesse tão envolvida no momento. Ela não teve opção senão se agarrar a Jack, envolvendo seus quadris com as pernas, interrompendo o beijo com um arquejo:

– Ai, meu Deus.

– Humm.

Uma das mãos dele – como Jack conseguia segurá-la com uma mão só? – deslizou pelo cabelo dela e trouxe seus lábios de volta aos dele enquanto seguiam até a parede de pedra do penhasco, onde uma saliência formava o lugar perfeito para Alice se equilibrar. Jack interrompeu o beijo e roçou os lábios pelo rosto dela, descendo até o pescoço, a língua saboreando o sal da pele.

Alice suspirou. Ele gemeu.

– A gente não devia estar fazendo isso – falou Jack, seus lábios entre o ombro e o pescoço dela. – Não quero que você pense…

– Que você quer transar comigo de novo?

Ele ergueu o rosto e a encarou, os olhos quentes nos dela. Irresistíveis.

– Que você planejou vir pra esse canto – Alice se roçou no corpo dele, satisfeita com o som rouco que ouviu em resposta – assim que pisou nessa praia? Que ficou esperando a sua chance?

Jack não respondeu. Em vez disso, segurou o rosto dela entre as mãos e beijou-a de novo, roubando palavras, pensamentos e o fôlego de Alice até não sobrar mais nada além do gosto dele, da presença dele e de um desejo profundo e selvagem por tudo o que viria a seguir. Tudo o que ele estava prestes a fazer.

E ele estava prestes a fazer alguma coisa… Ela conseguia sentir pela tensão nos músculos, pela forma como o corpo dele reagia ao toque dela, pela língua que se movia junto com a dela, pelo polegar que acariciava seu rosto, pela pressão firme que ela sentia entre as coxas.

Pelo deslizar da mão absurdamente quente por baixo da camiseta dela,

tocando a pele úmida e fria, empurrando o tecido para cima e tateando, enquanto ela prendia a respiração, esperando ser tocada onde mais queria.

Então Jack chegou lá, a mão grande e forte testando o peso do seio dela, o polegar acariciando o mamilo rígido. Alice arquejou contra os lábios dele, sentindo o seu sorriso triunfante:

– Frio?

Ela balançou a cabeça.

– Nem um pouco.

Ah… aquilo era perigoso.

Ela não devia gostar dele. Talvez ainda conseguisse evitar aquilo. Mas, com certeza, não conseguiria evitar desejar. Como poderia? Aquele homem era uma decisão ruim ambulante (e que ainda velejava, nadava e

).

Mas aquilo era um problema para a Alice do Futuro.

Ela lidaria com aquilo mais adiante. Assim que a Alice do Presente terminasse o que estava fazendo.

E logo terminou, porque Jack começou a se afastar, interrompendo o beijo, os dois ofegantes, como adolescentes pegos no fundo de um cinema.

Alice estendeu a mão quando ele recuou, em um gesto instantaneamente constrangedor, como se não suportasse a ideia de deixá-lo ir.

Aquele era um problema que ele parecia não ter. Jack logo voltou a ser o homem sério e contido que havia invadido a sala de estar da infância dela e causado caos na família.

Se ele não tivesse pigarreado, ela poderia ter achado que tinha imaginado tudo aquilo – um devaneio febril de frustração sexual com um homem bonito demais para o próprio bem.

E definitivamente bonito demais para o bem dela.

. Alice puxou a camiseta para baixo no exato momento em que ele passou aquela mão grande – a mesma que momentos antes tinha sido pesada, quente e perfeita sobre ela – pelo cabelo.

– É melhor eu… voltar pro barco.

Ela se afastou da saliência na pedra, sentindo-se desajeitada, exposta e um tanto burra por ter se permitido daquele jeito naquele dia – no barco, na praia, naquele beijo –, como se a vida real não estivesse pairando sobre eles como o paredão de pedra acima.

– Claro – falou Alice, tentando soar despreocupada, enquanto levava a mão até os óculos de sol no topo da cabeça, grata pelas lentes espelhadas que esconderiam dele seus pensamentos.

Só que os óculos não estavam na cabeça. É claro que não estavam. Porque tinham caído quando ela se jogou no mar.

E agora estavam no fundo da baía de Narragansett.

Ou seja, ali estava ela, parada como uma idiota, com a atenção de Jack na mão dela tateando o alto da cabeça.

.

Sem desviar os olhos da mão dela, Jack pigarreou de novo.

– Eu não devia…

. Ele ia se desculpar. E não havia nada pior do que isso.

– Não – sussurrou Alice. .

– Não?

Ela balançou a cabeça.

– Não.

Jack não parecia convencido, provavelmente porque ela já estava se afastando aos poucos, indicando as escadas.

– Eu vou… é. Enfim. Obrigada pelo… – Ela se interrompeu. – Sim. Obrigada.

Jack olhou para os degraus, o cenho franzido enquanto examinava a ardósia coberta de algas.

– Cuidado.

O tom foi firme o bastante para deixá-la irritada. Afinal, não era uma criança e, mesmo que fosse, já tinha subido aqueles degraus mil vezes. Mas, em vez disso, uma onda de calor se espalhou pelo corpo de Alice, muito semelhante ao prazer que sentira quando Jack se indignara com o seu mergulho não programado.

– Você também.

Ele assentiu, mas não falou nada, então Alice se virou e seguiu em direção aos degraus de pedra, dizendo a si mesma para não olhar para trás.

E não olhou. Mesmo que, enquanto subia os degraus de volta para a casa, fosse ela a se sentir perdida no mar.

CAPÍTULO 11

– VOCÊ ESTÁ PINTANDO.

Alice deu as costas à vista da baía pelas janelas da torre para encarar Emily na porta.

– Oi – disse em voz baixa, fazendo um gesto para a irmã mais nova. – Quer entrar?

– São só seis e meia da manhã. – Emily entrou no quarto, mas parou logo depois do batente. – Achei que você ainda estivesse dormindo.

Alice balançou a cabeça.

– Sou professora. A gente acorda cedo.

– Ah, claro – disse Emily, como se nunca tivesse parado para pensar na rotina diária de uma professora da rede pública. – Ah, isso é ótimo. A luz da manhã é a melhor pra alinhar os chakras, antes que as impurezas contaminem tudo. Posso te dar uns cristais úteis, talvez um citrino rolado?

– Achei que estava me faltando mesmo um citrino rolado – respondeu Alice, com um sorriso.

– Engraçadinha – retrucou Emily, cerrando os olhos. – Você está precisando. Talvez um quartzo-rosa também. – Antes que Alice pudesse

perguntar para que servia um quartzo-rosa, Emily esticou o pescoço para olhar o caderno dela. – Você é muito boa nisso.

Alice acompanhou o olhar da irmã.

– É a minha versão de um citrino rolado.

Emily pegou o caderno.

– Posso?

Alice assentiu e se afastou para que a irmã pudesse folhear as páginas, voltando no tempo – a baía pela manhã (ultramarino, cerúleo, violeta dioxazina), o nascer do sol a leste (amarelo-limão, rosa, laranja cádmio), a ilha no escuro (anil, Vandyke, o sépia cru das luzes na parte de cima da casa de barcos).

Jack a evitara na noite anterior, o arrependimento pelo beijo quase palpável, mesmo a distância. Alice obviamente tinha feito o mesmo – ela havia se trancado na torre assim que voltou da praia e se ocupara em recuperar, com todo o cuidado, a paleta antiga de tintas aquarela que tinha encontrado nos fundos do armário. Sim, havia pintado e decidido evitar Jack até o fim da estadia na ilha, mas aquela era uma decisão que cabia a . Não a ele.

Alheia aos pensamentos de Alice, Emily virou outra página, revelando uma série de estudos. Uma bolacha-do-mar. Um caranguejo. Um conjunto de degraus de ardósia, cobertos de algas na maré baixa. O , mais uma vez ancorado, com as velas enroladas à perfeição, sem nenhum indício de que havia navegado naquela manhã.

– São lindos – comentou Emily, passando os dedos pelas pinceladas de Alice: o azul da Prússia no casco, a madeira de teca. O mar, verde-azulado e azul-ftalocianina.

Alice tinha um olhar mais crítico.

– Não ficaram tão bons – falou, indicando a coleção de conchas de vôngole, cheias das tintas que havia misturado. – Não consegui acertar o cinza.

Emily não disse nada, concentrada em observar as pinturas. Alice preencheu o silêncio.

– Lembra quando a gente pintava aqui?

Emily assentiu.

– No cais. Você sempre foi melhor.

– Você só queria pintar flores. Pintar flores é mais difícil do que parece – disse Alice, lembrando da paciência curta da irmã. – Aí acabava se irritando e estragando os meus pincéis.

– Não vou me desculpar por isso – retrucou Emily. – Você era muito chata. Ficava tentando fazer o oceano perfeito, como se ele não mudasse o tempo todo.

– E veja só, ainda tenho esse problema – respondeu Alice, com um sorrisinho. – Por isso eu pinto Nova York agora. – Em sua trajetória de sucesso moderado como pintora, ela era mais conhecida pelas paisagens urbanas em aquarela, admiradas por galerias e colecionadores fascinados pela fusão de uma técnica tradicionalmente associada à natureza com o ambiente urbano. Ainda assim, quando pintava só para si, Alice sempre voltava para a água… cheia de segredos, impossível de capturar sem se render ao caos. – Difícil demais acertar o mar.

O olhar de Emily parou nas dezenas de conchas de vôngole espalhadas pela cômoda.

– Eu lembro de quando você teve a ideia de usar as conchas como paleta de mistura. Me obrigou a catar um monte com você.

Alice balançou a cabeça.

– Não lembro disso.

– Eu só queria tomar sorvete, mas não tinha idade pra tirar licença pra pilotar, e você passou três dias aqui em cima misturando azul em concha de molusco.

– Ninguém mais podia te levar?

Emily balançou a cabeça.

– A Greta e o Sam já eram adultos, e a mamãe e o papai estavam… sei lá onde. Mas, pra ser sincera, eu queria mesmo era ir com você.

Uma pausa.

– Naquela época, ainda éramos nós duas. Uma dupla.

– Emily… – disse Alice, o nome da irmã apertado na garganta enquanto buscava algo pra dizer. Algo melhor do que "Desculpa".

– Não se desculpe – falou Emily na mesma hora. – Você fez as suas escolhas. Abriu um novo caminho. Só queria que entendesse que eu não sou… que eu nunca fui… sua inimiga.

E não era mesmo. De toda a família, Emily tinha sido a mais atingida pelo fogo cruzado.

– Eu sei disso. Sinto muito por não ter vindo ao seu casamento.

– Não foi só isso. Você também não veio pro Quatro de Julho.

As palavras saíram carregadas de acusação, o suficiente para deixar Alice na defensiva.

– Eu pedi pra você vir.

Em junho, Emily tinha feito contato pela primeira vez desde que Alice recusara o convite para o casamento, pedindo à irmã que fosse às celebrações do Quatro de Julho na ilha. , tinha escrito.

Aquilo era uma mentira tão descarada que Alice nem considerou a possibilidade.

– Emily. Você sabe que eu não podia vir.

– Claro. Você estava ocupada.

Alice odiou aquelas palavras e a falta de compreensão que carregavam, como se o problema sempre tivesse sido ela. Antes que pudesse se defender, Emily mudou de assunto:

– Enfim, estão te esperando lá embaixo.

Alice hesitou ao ouvir o "estão".

– Por quê?

– A mamãe convocou uma reunião.

– Sobre o quê?

Emily deu de ombros.

– O pessoal do Serviço Secreto vem fazer uma visita técnica hoje. A mamãe tá impossível, a Greta tá uma pilha de nervos, o Sam tá… sendo o Sam. E me mandaram subir pra te chamar.

– Parece a diversão de sempre da família Storm – disse Alice, com ironia, e jogou os pincéis em um pote com água. – Já vou.

– Tá bom.

Emily começou a descer a escada, mas Alice a alcançou no patamar e chamou:

– Em?

Ela se virou.

– Está tudo bem entre a gente?

A irmã inclinou a cabeça.

– Poderia estar pior, né?

Uma pausa.

– Mas podia estar melhor também.

Emily assentiu levemente.

– É. Podia estar melhor.

.

– Já vou descer.

Ela precisava recolocar a armadura.

Alguns minutos depois, Alice descia a escadaria central com o cabelo preso em um rabo de cavalo apertado e usando regata preta e calça flare de yoga, também preta. Ela decidiu pular o café (um erro) e ir direto ao encontro da família, que já estava reunida no escritório do pai.

Alice parou diante da porta aberta, fora do campo de visão, e escutou enquanto a mãe dava as ordens que os filhos haviam ouvido dezenas de vezes ao longo da vida – centenas de pessoas vindo… os olhos do mundo voltados para eles… e, acima, de tudo…

– Nada de teatrinho. Não precisamos atuar para uma plateia.

Alice prendeu o ar ao ouvir as palavras familiares, pensadas para inibir qualquer emoção. Se era para haver luto, se era para haver lágrimas, se alguém pensar em fazer uma cena, aquilo não aconteceria sob a vigilância atenta de Elisabeth Winslow Storm.

Algo se moveu na visão periférica de Alice, e ela viu Tony ao longe, no corredor escuro, parecendo… desarrumado. Nada do terno impecável de sempre, nem do cabelo milimetricamente penteado ou do rosto recém-barbeado. Ele estava de jeans e camisa branca; o tecido repuxando sobre o peito largo, como se não soubesse o que fazer sem um paletó para contê-lo. E isso sem falar no vinco entre as sobrancelhas.

Preocupado com Greta, sem dúvida.

Alice sorriu com um leve encolher de ombros e uma inclinação de cabeça na direção do escritório.

A mão que Tony levantou em cumprimento foi hesitante, como se não tivesse certeza se deveria interagir com ela. Só então Alice se deu conta de que ainda não o tinha visto desde que chegara à ilha – apesar de ele ter sido uma presença quase constante durante anos, a sombra do pai dela em carros, helicópteros, salões lotados e ruas apinhadas.

Alice sempre gostara de Tony – era difícil não gostar. Ele era calado e tranquilo, testemunhara as esquisitices familiares deles por anos sem

(muitas) críticas e já protegera Alice de assédio público mais vezes do que ela seria capaz de contar.

Mas naquele momento, sem Franklin, Tony tinha voltado para as sombras.

A menos que Greta o puxasse para a luz. O que, pelo tom marcial de Elisabeth, do outro lado da porta, não ia acontecer naquela manhã.

Então, Alice fez o que os dois sabiam que a irmã dela não faria. Apontou para a porta, fazendo o sinal universal de "vem comigo".

Tony fez que não com a cabeça, com um olhar estranho, como se jamais fosse ousar invadir aquele espaço.

Quem dera ela tivesse aquela mesma liberdade. Alice se despediu dele com um breve aceno e entrou pela porta aberta.

Ela não entrava no escritório do pai desde que voltara para a ilha – o que era resultado de uma evasiva cuidadosamente cultivada, embora jamais fosse admitir. Mas, no instante em que pisou ali naquela manhã, foi impossível evitar as lembranças.

Greta estava de costas para a enorme lareira vitoriana – tão grande que a irmã poderia estar dentro dela –, de braços cruzados. Um enorme Picasso a espreitava da parede acima.

Franklin comprara o quadro com parte dos primeiros milhões, no começo dos anos 1980, e pendurara na sala do apartamento da família em Nova York, para que qualquer um que passasse por lá soubesse que Franklin Storm era tão rico que podia ter um Picasso.

Alice odiava o quadro desde que se entendia por gente – não só pela motivação óbvia da compra (

), mas também, com o passar dos anos, pela incapacidade de separar a arte do artista.

Franklin certamente passara noites sorvendo uísque e fitando a obra cubista enquanto lamentava o gosto artístico da filha – que, na cabeça dele, jamais conseguiria ser uma artista de verdade.

O pai nunca tivera a arte de Alice em boa conta – nem quando ela ganhara prêmios importantes no ensino médio e na faculdade (ela não precisava ser artista para trabalhar na Storm, que era o plano dele), e muito menos quando decidira dar aulas depois do exílio (quem não sabe fazer,

ensina, não é mesmo?) –, então, ela passara a manter a sua arte pública em segredo da família.

Aquela parte da vida de Alice havia desabrochado nos anos que ela passara afastada dos Storms, e não pertencia mais a eles. Ela nem mesmo carregava o sobrenome deles como artista – assinava como Alice Foss, um nome escondido nos galhos antigos da árvore genealógica, distante o bastante para que nem família nem os fanáticos (havia alguns, depois que ela abalara as ações da Storm Inc. por alguns meses) pensassem em procurá-la por aquele nome.

Sam estava sentado no sofá de couro macio, ao pé de uma parede tomada por fotografias, placas e homenagens, de frente para Emily, que tinha se acomodado em posição de lótus do outro lado do cômodo, em uma das poltronas Arne favoritas de Franklin. Atrás dela, as janelas enormes, que iam do chão ao teto, exibiam uma das vistas mais bonitas da Nova Inglaterra – a baía de Narragansett em todo o seu esplendor, estendendo-se para além do carvalho-vermelho centenário que o pai deles jurava ter sido o motivo para ter escolhido aquele local específico para ser seu escritório.

Mas ninguém estava olhando para a vista naquele momento. Em vez disso, todos tinham os olhos fixos na enorme escrivaninha de mogno de Franklin – pesada, escura e o completo oposto do aço, cromo e vidro de safira que haviam lhe rendido toda a sua fortuna. Era impossível ignorá-la; ela era intimidante por si só, e ainda mais por causa de Elisabeth, que tinha o olhar firme fixo no tablet em cima da escrivaninha.

– … como vocês sabem muito bem, não gosto de bagunça – concluiu ela, encarando um filho após o outro, até pousar os olhos em Alice, parada na soleira da porta. – Que bom que resolveu se juntar a nós.

Alice se colocou imediatamente na defensiva. E deu um passo para dentro do cômodo, saindo da porta.

– Não sabia que íamos ter uma reunião de família às seis da manhã.

– Considerando que amanhã é um dia bastante importante, achei que vocês acordariam mais cedo – respondeu a mãe, como se tudo estivesse perfeitamente normal.

– Na verdade, eu já estava acordada – rebateu Alice, sem conseguir evitar, embora odiasse o tom que a fazia parecer uma pré-adolescente. – O que eu perdi? Imagino que os maiores destaques.

– O que isso quer dizer? – perguntou Elisabeth. – Eu não tenho maiores

destaques.

– Não me envergonhem na frente das visitas – disse Sam, com ironia.

– Não me envergonhem na frente do Serviço Secreto – emendou Emily.

Até Greta entrou na brincadeira:

– Se me envergonharem na frente do primeiro-cavalheiro, é por conta e risco de vocês.

Elisabeth não gostou nada das brincadeiras. E menos ainda quando Alice soltou uma risadinha.

– Pelo amor de Deus, mãe. Você já fez esse mesmo sermão umas mil vezes.

A mãe cerrou os lábios com força por um instante.

– E, mesmo assim, parece não ter surtido efeito, já que você envergonhou o seu pai diante do mundo inteiro.

O silêncio se instalou no escritório, e Alice fez o possível para ignorar o golpe, certeiro e cruel, ainda pior por ninguém dizer uma palavra em sua defesa.

Antes que ela pudesse responder, Claudia entrou.

– A Emily achou que você gostaria de um chá, Elisabeth.

Agindo de forma perfeitamente normal, como se não tivesse acabado de dar uma estocada venenosa na filha, Elizabeth respondeu:

– Quer saber? Vou aceitar, sim.

Claudia serviu o chá e entregou a xícara à sogra.

– Claudia, você é realmente a melhor das filhas.

– A ideia foi minha – apontou Emily, ao mesmo tempo que Sam dizia:

– Ela não é sua filha.

Elisabeth sorriu e deu uma palmadinha no braço de Claudia.

– Então, a melhor das noras.

Todos arregalaram os olhos. Claudia, por incrível que pareça, foi a primeira a recuperar a voz.

– Ora, isso com certeza não é verdade – disse ela, e, antes de deixar a sala, lançou um sorriso divertido na direção da esposa, que respondeu com um revirar de olhos.

Elisabeth levou a xícara aos lábios, mas não retrucou.

– Obrigada. Onde eu estava mesmo, Sam?

– Estava mandando a real pra Alice – disse Sam, deixando o comentário da mãe passar.

– Tem certeza? – interveio Greta. – Achei que fosse pra Sila.

Antes que Sam pudesse responder, um coro de alarmes soou pelo cômodo, e Emily e Greta olharam para os próprios relógios.

– Aaaah. Que azar o seu, Sam – disse Emily, radiante. – São 6h59, você tem que fazer uma pausa.

– Programa um alarme para as 8h59 – disse Greta, encarando Sam.

– Isso é diabólico – disse Alice.

– Não é? – perguntou Greta.

– Queria ter pensado nisso.

– Ainda tenho um minuto pra mandar vocês se foderem – interveio Sam.

As palavras mal haviam saído quando Sila surgiu na porta.

– Bom dia – disse ela, com um sorriso que não chegou aos olhos. – Programei um alarme para cinco minutos antes, caso o Sam precisasse de mim.

– E… a proscrita chega bem na hora – comentou Greta, em um sussurro.

Sam ouviu e não gostou. Pegou o celular e digitou, enquanto Sila cruzava o cômodo e se sentava ao lado dele, no sofá.

– Você. Já. Fez. O. Que. Tinha. Que. Fazer. – falou a voz robótica do telefone, enquanto ele encarava Greta.

– Fiz o quê? – perguntou ela.

O celular não precisou responder. A expressão de Sam disse tudo.

Greta se voltou para Alice:

– Você contou pra ele?

– É claro que não – protestou ela.

– Parece que contou.

– Greta, eu…

– Ninguém contou nada a ele – se adiantou Sila, descartando qualquer possibilidade de estar defendendo Alice: – A gente encontrou a sua carta.

– – repetiu Emily, com descrença evidente, saindo da poltrona e se inclinando em um alongamento lateral.

Alice não conteve o riso de deboche.

– Vocês foram procurar, isso, sim.

Sam teve a decência de parecer culpado, mas, sem dúvida, estava grato

por estar proibido de falar (ou de se desculpar), enquanto Sila franzia o cenho.

– É justo que todos nós saibamos como cada um está lidando com as suas tarefas, afinal as nossas são bem públicas. O Sam não está falando. Estamos limpando barcos e consertando sinos de neblina. – Ela se recostou e cruzou os braços, como se fosse a nora favorita de Elisabeth. – A gente tem o direito de checar. Afinal, é a nossa herança.

– A herança do Sam – corrigiu Alice.

– O quê? – perguntou Sila, irritada.

– A herança é do Sam. Não sua.

Sila estreitou os olhos enquanto continuava a encarar Alice.

– O Sam tem filhos, Alice. Eu falo por eles.

– Alguém pode, por favor, me dizer o que a Greta precisa fazer? – interveio Elisabeth, claramente irritada. – Odeio quando vocês todos se juntam contra mim.

Como se não estivessem todos contra Greta.

Sila seguiu em frente:

– A Greta precisa terminar com o Tony.

Não era preciso ser vidente para perceber que todos ali estavam pensando alguma variação da mesma coisa:

– É uma pena, claro – acrescentou Sila no silêncio (ela não era vidente, ao que parecia) –, mas acho que todos podemos concordar que a herança é… o mais importante?

Como se a herança não estivesse sempre na mente de todos.

– Emoji de polegar levantado – disse o telefone de Sam, tendo a última palavra.

Alice ignorou tudo, a atenção concentrada em Greta, que ainda estava paralisada, os olhos fixos no tapete. Em silêncio. Como sempre. A verdade de Greta vivia se perdendo no silêncio, e havia momentos em que Alice não aguentava, tinha vontade de sacudir a irmã até que ela reagisse.

– Greta – falou, em um tom suplicante. – Ele estava aqui agora há pouco.

Greta levantou os olhos ao ouvir aquilo.

– Onde?

– No corredor. Provavelmente, pra ver se você estava bem. E se não

estava sendo manipulada. Você devia ir ver se ele…

– A Greta não vai a lugar nenhum – disse Elisabeth. – E ninguém está manipulando ninguém.

– É claro que não. Você jamais faria isso, mãe – retrucou Alice, irônica.

– Cuidado – disse Emily, aproveitando o embalo. – Ela não gosta de ser chamada assim.

– De ser chamada de quê? – perguntou Alice.

– De .

Elisabeth levou a mão à testa.

– Ah, pelo amor de Deus, Emily. Será que você pode parar de fazer drama? É exatamente por isso que eu me preocupo com a credibilidade dessa família.

Por um instante, os irmãos se uniram, a declaração absurda criando um laço fugaz entre eles, antes que Elisabeth decidisse que já bastava daquela bagunça entre os filhos.

– vou receber duzentas pessoas nessa ilha, muitas delas , e simplesmente não posso permitir que vocês estejam emocionalmente . – As palavras foram praticamente cuspidas na direção de Greta, antes de ela voltar a atenção para o tablet à sua frente. – Espero que resolva isso.

Antes que Greta pudesse responder, Elisabeth prosseguiu:

– A equipe da Storm e o pessoal do Serviço Secreto vêm hoje para fazer varredura de segurança, então espero que você não planeje sumir de novo, Alice.

– Eu não sumi. Estou aqui.

– E ontem? Onde você estava? – perguntou Greta. – Devia estar ajudando.

A pergunta veio carregada de acusação, no tom mais familiar possível – Greta, procurando uma forma de tirar o foco de si. Um traço de uma vida inteira.

Alice ergueu o queixo.

– Passei a tarde no meu quarto. Claramente todos estavam bem ocupados sem mim.

– E de manhã? Quando devia estar ajudando? – insistiu Greta.

– Ela. Estava. Com. Jack.

Alice fechou os olhos ao ouvir a voz do celular de Sam.

– O quê? – disseram Elisabeth, Greta e Emily em uníssono.

Alice se virou para o irmão:

– Eu não estava… – Sam encarou a irmã com um olhar agudo, desafiando-a a negar. – Como você sabe disso?

– A Saoirse estava na casa de barcos quando você saiu com o bote – disse Sila. – Achou que você podia estar indo embora, então veio nos contar… E aí nós vimos você.

– Eu não estava indo embora.

– A Saoirse achou que estivesse. Mas aí viu que você estava velejando, e entendemos que você estava só… de férias.

– A Alice estava em um barco ontem? – perguntou Elisabeth.

– Sim. No veleiro – informou Sila, animada. – Estávamos no sino de neblina, desmontando para limpar e lubrificar, conforme as ordens do Franklin. Estamos sendo muito dedicados, como você sabe, Elisabeth. – Sila fez uma pausa dramática, então continuou: – Não te culpo por ter ido velejar, Alice. Teríamos feito o mesmo se não tivéssemos recebido uma carta do seu pai. .

Alice não tinha sido criada como uma Storm à toa. Não mordeu a isca da cunhada. Nem mesmo quando Emily disse:

– Relaxa, Sila.

– Por que diabo você estava com o Jack? – perguntou Elisabeth Storm, sempre muito boa em manter o foco.

– O Jack e a Alice têm passado bastante tempo juntos – informou Sila, com o tom de uma adolescente que acabara de descobrir o poder da fofoca, e uma expressão de pura satisfação no rosto. – A Saoirse disse que ele resgatou a Alice da despensa, onde tinha ficado trancada na sexta de manhã.

Muito bem. Alice precisava assumir o controle da situação antes que tudo saísse completamente dos trilhos – mesmo que, para isso, tivesse que desafiar a tradição da família e contar a verdade.

– O papai deu uma tarefa pro Jack também. Ele tem que velejar.

Todos trocaram olhares.

– Por quê? – perguntou Greta.

– No meu barco? – disse Elisabeth, afiada, mesmo não tendo posto os pés no na última década.

Sam se adiantou:

– Ele está…

Todos se viraram para Sam, que imediatamente percebeu o erro. Pegou o celular e começou a digitar furiosamente.

– Ele. Está. Recebendo. Uma. Parte. Da. Herança. Aquele. Filho. Da. Puta.

– Samuel – disse Elisabeth, com firmeza. – Olha como fala.

Emily soltou uma risadinha do outro lado da sala.

– Fica tranquilo, Sam – disse ela. – Você pode se consolar com o bônus absurdo que vem com esse cargo de CEO que você vai assumir.

Sam voltou a digitar.

– Nossa. Ter que esperar ele digitar é irritante, né? – comentou Elisabeth, enquanto todos prendiam a respiração ao som das teclas do celular.

Alice e as irmãs trocaram um olhar divertido antes que Sam completasse:

– A. Gente. Precisa. Saber. Se. Ele. Está. No. Jogo. – Mais digitação. – E. Se. Alice. Está. Trabalhando. Com. Ele.

– Eu não estou trabalhando com ele – se defendeu Alice. – Não que eu saiba o que isso quer dizer, mas imagino que vocês já tenham inventado alguma teoria conspiratória a respeito. Será que eu ainda não deixei claro que não tenho o menor interesse nesse jogo idiota, que é uma armadilha garantida?

– Então por que você estava com ele? – perguntou Sila.

Sam largou o celular e fez um gesto teatral na direção da esposa, como se tivessem acabado de vencer alguma coisa. Alice revirou os olhos e olhou ao redor da sala, mas logo percebeu que a família toda aguardava uma resposta.

– Ele me chamou pra velejar – disse Alice, enquanto Sam semicerrava os olhos e voltava a digitar furiosamente. – Só isso. Não aconteceu nada.

As sobrancelhas de Greta se arquearam, e Alice resistiu ao impulso de se encolher diante do deslize. Mas Greta não estava em posição de questionar exatamente que tipo de tinha ou não acontecido. Por isso, perguntou apenas:

– Por que você foi?

– Eu… – Alice parou. – Eu não sei.

– Só amigos casuais em um passeio de lazer?

Ela olhou para Emily.

– Eu e o Jack não somos amigos.

A irmã riu:

– É claro que não. O Jack não parece ser do tipo que tem amigos. Ele é muito sisudo e difícil. Sabia que uma vez eu me ofereci pra fazer o mapa astral dele, e ele disse que não tinha tempo? Não quis me dizer nem sua data de nascimento, então nem sei o signo solar dele, mas suspeito que seja Capricórnio. Ascendente em Virgem. – Ela se virou para Sam. – Isso explicaria por que você não o suporta: ariano.

– A Alice não tem um noivo? – perguntou Sila, de repente alerta.

– Nós não somos amantes. – Alice fez uma pausa. – Eu e o Jack, obviamente. Não eu e o Griffin. – Aquilo estava virando um caos. – O ponto é que eu não estou dormindo com o Jack.

A família inteira a encarava agora.

– É o que eu espero – declarou Elisabeth.

Ninguém disse nada por um momento, e Alice sentiu o rosto quente de vergonha diante do silêncio, até que Sam salvou o dia – ainda que contrariado.

– Isso. É. Um. Monte. De. Mar. Da – Pausa. – Mar. – Outra pausa. – Mar. – Ele soltou um gemido de frustração diante da dificuldade de digitar o "merda" que queria.

– É um veleiro, Sam – ironizou Emily, impassível. – É óbvio que estava em um monte de mar.

O irmão lhe lançou um olhar fulminante.

– Isso aqui está uma bagunça – decretou Elisabeth, olhando de Alice para Greta. – Pensem só no que vão dizer. O joguinho ridículo do seu pai, a Alice sassaricando com o Jack…

– Muito bem, vou repetir mais uma vez: a gente não estava sassaricando.

Elisabeth continuou:

– A Greta arrastando correntes por aí porque se recusa a terminar essa… aventura…

Foi uma coisa cruel de se dizer. Diminuía o que Greta e Tony obviamente tinham.

– Não é uma… – Greta começou a defender Tony, mas se deteve diante do olhar frio de Elisabeth, porque sabia que não valia a pena discutir.

– Sabe, estou começando a achar que o pai de vocês sabia o que estava

fazendo com esses jogos. – Elisabeth torceu a faca. – Resolve isso, Greta. – Depois de dar a ordem, ela se virou para Alice. – E você. Espero que lide com discrição ao falar com seus amiguinhos . – A mãe pronunciou do mesmo jeito que dizia . Ou . – Já basta termos fotógrafos na estação de trem.

– Como você ficou sabendo da estação de trem? – perguntou Alice, embora já soubesse a resposta. Olhou para Greta, que mantinha os olhos fixos no chão, concentrada no tapete azul. É claro que ela tinha contado para a mãe. E sem esperar lealdade em troca. – Não importa – disse Alice, endireitando o corpo e firmando o tom. – Eu não falei com eles.

– Tem certeza?

Alice se voltou novamente para a mãe, a sensação de traição ardendo no peito. Havia tensão no rosto da mulher mais velha. Sombras suaves sob os olhos. A rigidez nos cantos dos lábios.

– Sim, mãe, tenho certeza de que não mencionei, por acaso, para um grupo de pessoas pagas pra me fotografar, que o meu pai inventou um joguinho de herança elaboradíssimo. E o caso secreto de anos da minha irmã também não foi assunto, veja só.

– Ora – rebateu Elisabeth –, você não pode nos culpar por considerar essa possibilidade. Afinal, a rigor não faz mais parte da família.

Alice ficou imóvel. As palavras não eram totalmente inesperadas, mas, mesmo assim, doeram mais do que ela imaginava. Mas não foram as palavras que a esvaziaram. Foi o silêncio que veio depois – ninguém se dispôs a contradizê-las.

Emily estava olhando pela janela para a árvore do Franklin. Greta mordia o lábio, dominada pelas próprias angústias. Sila assistia a tudo de olhos arregalados. O celular de Sam se manteve em silêncio.

Eles não precisavam dizer nada. O consenso estava claro. O que quer que tivesse acontecido quando o pai a expulsara da ilha e da família tinha sido, na melhor das hipóteses, escolha de Alice. E, na pior, culpa dela.

– É sério? Nenhum de vocês… – Ela balançou a cabeça. Não valia a pena. – Tudo bem. Não importa o que vocês pensem, a verdade continua a mesma. Eu não contei nada pra ninguém.

– Humm.

O som não era reconfortante, tampouco o modo como a mãe se recostou

na cadeira e soltou um suspiro, como se tivesse vencido uma batalha.

Alice tremia de frustração e raiva. Tudo o que queria era . Qual era o sentido de ficar? Não era pelo luto, ou pela dor compartilhada da perda. Era risível imaginar que aquela família seria capaz de acessar qualquer uma das duas emoções.

Ela não precisava daquilo. Nem deles. Nem do dinheiro. Tinha uma vida. Amigos. Um futuro. A herança não faria nada por Alice além de destruir o que ela mesma havia construído.

Com o dinheiro do pai, sempre seria Alice Storm Inc. Sem ele… talvez encontrasse alguém que a amasse por algo além do sobrenome. Que a valorizasse por mais do que seu berço de ouro. Além do que ela podia oferecer – ao contrário daquele bando de gente que só sabia tirar.

Ninguém corrigiu Elisabeth.

Ninguém impediu Franklin.

Nada havia mudado.

Ela talvez tivesse ido embora ali mesmo se Greta não tivesse escolhido aquele momento para falar com o chão, em um sussurro baixo e devastado:

– Por favor, Alice.

A irmã levantou os olhos, e Alice viu tudo – a tristeza, o luto, a frustração, a perda. Greta, que tinha a tarefa mais difícil de todas. Greta, que nunca tinha conseguido ir embora. Greta, arrasada.

Por um instante, incapaz de desviar os olhos daquela cena – a irmã em primeiro plano, e aquele maldito Picasso ao fundo –, Alice se perguntou se todos ali estavam arrasados… de um jeito ou de outro.

– Por favor – repetiu Greta, baixinho, e havia algo na palavra, como se soubesse que tinha decepcionado Alice e mesmo assim estivesse pedindo ajuda. Não precisava dizer o resto. Alice ouviu mesmo assim.

Ela demorou um segundo, mas assentiu. Garantindo a Greta um porto seguro. Porque eram irmãs. E era aquilo que irmãs faziam. Ou, pelo menos, era o que Alice sempre imaginou que faziam. Em famílias normais.

Fossem lá como fossem essas famílias.

CAPÍTULO 12

FAZIA CINCO ANOS QUE ALICE não era oficialmente reconhecida como integrante da família Storm, mas ela ainda sabia o básico sobre como as coisas funcionavam por ali, inclusive uma regra essencial: quando o Serviço Secreto aparecia para uma visita, era preciso estar apresentável.

Uma hora depois, ela desceu a escadaria central, após usar o secador de cabelo jurássico e até passar rímel, e encontrou a mãe, Claudia e o resto dos irmãos reunidos de um jeito que só podia ser descrito como suspeito. Pelo que Alice conseguiu perceber, estavam todos olhando para um quadro na parede do saguão, o que já seria estranho em um dia normal, quanto mais em um dia em que várias equipes de segurança presidencial estavam a caminho.

– O que estão fazendo? – perguntou Alice, antes que Greta lançasse um olhar significativo e inclinasse a cabeça na direção de Elisabeth.

A mãe delas estava parada, imóvel, fitando o quadro pendurado no fundo do saguão de entrada desde antes de Alice nascer – uma tela em óleo mostrando o outono em Arles na Belle Époque, com choupos dourados e sarcófagos. Elisabeth estava ladeada por Emily e Greta, com Sam a alguns

metros de distância, encostado na parede, emoldurado pelo azul vitoriano clássico (cobalto) e pelo lambri de mogno.

– Mãe? – chamou Alice, confusa, mas Elisabeth não respondeu. Então se virou para Greta e perguntou: – O que aconteceu?

– Sabe por que o seu pai era tão bem-sucedido nos negócios? – perguntou Elisabeth, sonhadora, os olhos fixos no quadro. Ela não esperou uma resposta e continuou a falar com as pessoinhas vestidas de preto pintadas no caminho de terra da pintura: – Ele agia como se nada importasse. Não é de espantar que as pessoas jogassem milhões em cima dele. Era cativante demais a forma como o Franklin acreditava que tudo simplesmente… aconteceria. Como se pudesse transformar a realidade pela mera força do seu desejo. – Ela fez uma pausa e olhou para Alice. – Mas com você, não. Ele não conseguia te forçar a fazer nada. Oi.

.

– Oi?

Elisabeth voltou a olhar para o quadro e falou com os choupos ali:

– Árvores são muito reconfortantes.

– Gente, mas… – começou Alice, trocando olhares com os irmãos, todos igualmente chocados. – O que tá acontecendo com ela?

– Não tem nada acontecendo comigo – respondeu Elisabeth.

– Tem sim, e é sério – retrucou Alice.

– Acho que vou dar uma volta – disse Elisabeth. – Talvez nadar um pouco.

Greta soltou uma risadinha aguda que parecia puro pânico. Ela estava tendo um dia ruim.

– Hum. O Serviço Secreto está vindo fazer uma varredura de segurança. E uma equipe da empresa do papai está vindo preparar tudo. A gente tem uma lista quilométrica de coisas para fazer, mãe. Duzentas pessoas muito importantes vão estar aqui amanhã, lembra? – alertou Greta. – Você não pode simplesmente sair pra nadar.

– Você fala como se fosse o lançamento de um produto – comentou Alice.

– E é mais ou menos isso se você parar pra pensar – disse Sam, do outro lado da sala.

– Bem. Aconteça o que acontecer hoje – falou Emily, em um tom calmo,

e passou o braço ao redor dos ombros de Elizabeth –, a mamãe vai tirar uma folga.

– Uma ? – repetiu Greta, como se Emily estivesse falando um idioma desconhecido, o que fazia sentido, considerando que, em toda a sua vida, Elisabeth Storm jamais tirara uma folga.

Emily assentiu.

– Exatamente.

Elisabeth se virou para encarar a filha mais nova.

– Emily, você tem olhos lindos. É muito parecida comigo.

– Pois é! – respondeu Emily. – Que tal a gente beber um pouco de água? Você tá com sede?

Elisabeth estalou os lábios, testando a resposta.

– Talvez?

– Ai, meu Deus – disse Alice, os olhos arregalados. – Ela tá .

Todos ficaram imóveis.

– Impossível – afirmou Greta, segurando o outro braço de Elisabeth. – Como ela poderia…

– Eu estou? – perguntou Elisabeth, aparentemente sem muito interesse pela resposta.

– Que é essa, Greta? – disse Sam, se afastando da parede.

– Como é que eu vou saber? – rebateu Greta. – Tenho certeza de que a mamãe não quis ficar chapada, Sam.

Era um eufemismo que beirava o absurdo. Elisabeth Storm faria aquilo.

– Mas ela estava sob os seus cuidados – acusou ele.

– Eu não sou babá da mamãe – retrucou Greta, ríspida.

– Tem certeza?

– Para, Sam. Você não está ajudando em nada e tá sendo insuportável – interveio Alice. – Não importa como isso aconteceu…

– O que aconteceu? – Claudia surgiu no corredor que vinha da cozinha.

Sam se virou para encará-la.

– Você!

Claudia arqueou as sobrancelhas.

– O que tem eu?

– Você drogou a nossa mãe! – Ele olhou para Emily e falou alto o bastante para todos ouvirem: – É claro que foi você. Vocês duas trouxeram a porra de uma farmácia natural inteira. Eu sinto o cheiro do fumo toda noite. O meu quarto é bem embaixo do de vocês, Emily.

– Ah, eu sei disso – rebateu Emily. – Também consigo ouvir vocês dois gritando um com o outro toda noite. Vocês deviam lembrar que têm filhos com boa audição, Sam.

– Sua vac…

– Ei! – interveio Claudia. – Cuidado com o que vai falar.

– Ou o quê? Vai me drogar também?

– Não me dá ideia… – disse Claudia, surpreendendo a todos.

– Claudia – falou Emily, pousando a mão no ombro da esposa. – Está tudo bem.

– Quer saber? – atacou Sam. – Você também é uma vac…

– Sam. – A palavra, seca e baixa, cortou o espaço como um estalo.

Todos se viraram na direção de Jack, que estava na porta, parado sob um facho de luz matizada; o sol o iluminava através de um vitral enorme na parede, fazendo com que parecesse uma estátua de mármore, colocada ali para julgar todos eles, e sua opinião já estava muito clara no maxilar cerrado.

Alice ignorou a reação intensa do seu corpo à súbita presença de Jack, e ninguém ousou falar nada, todos concentrados na expressão taciturna do recém-chegado voltado para o irmão dela.

– Já chega.

Sam se calou, como se Jack tivesse acelerado o tempo e seu silêncio fosse uma exigência contratual.

– Bom dia – disse Jack para a família, antes de encontrar o olhar de Alice. – Alice.

Por que ele tinha que falar daquele jeito? Com aquela voz grave, como se estivesse parado ali no escuro, esperando só para dizer o nome dela?

Alice ergueu o queixo. E se esforçou para que seu tom soasse bem do dele.

– Jack.

– O Serviço Secreto vai chegar em uma hora e meia – informou Jack, em

tom tranquilo, enquanto consultava o relógio. – Eles prezam pela pontualidade.

– Você vai recebê-los?

– Essa era a ideia. Não é a primeira vez que organizo esse tipo de visita pela Storm.

– Eu posso cuidar disso – falou Sam, o tom petulante. – Sou um homem adulto.

– Pode até ser – respondeu Jack –, mas a varredura vai levar algumas horas.

Ou seja, Sam teria que permanecer calado por boa parte do tempo.

Ele estreitou os olhos para Jack; os nós dos dedos pálidos ao redor do celular. Sam não poderia estar cogitando um confronto com Jack – um homem claramente superior a ele.

– Você fez isso de propósito.

Como se fosse combinado, o alarme de Greta tocou. Emily sorriu, animada.

– Falta um minuto.

– Você não pode falar, Sam – anunciou Elisabeth, com um tom sonhador. – Quem for receber o pessoal provavelmente precisa poder falar. Eles protegem a .

– Quer saber – bradou Sam, abrindo os braços –, talvez seja melhor mesmo. Assim não preciso explicar pros agentes federais por que a mamãe tá totalmente chapada.

– O que nos leva de volta ao ponto principal: a mamãe tá totalmente chapada?

Todos olharam para Emily e Claudia, que sabiam que não adiantava negar. Emily começou:

– Pode ter havido um mal-entendido. Com relação ao chá. Hoje cedo.

– Ah, você está se referindo ao chá que a da mamãe serviu hoje? – disse Greta, olhando para Claudia.

– Você não contou pra eles? – perguntou Claudia à esposa.

– Não imaginei que ia… – Emily fez um gesto vago com a mão. – Achei que ia acalmar ela!

– Bom, para sermos justos, acalmou mesmo – comentou Alice, então

acrescentou: – Emily, digo isso com todo o carinho, mas onde você tava com a cabeça?

Emily estava de olhos muito arregalados.

– É sério, achei mesmo que ia só… relaxar ela.

– A Emily passou a noite toda preocupada com a ansiedade da mãe de vocês – defendeu Claudia. – Ela só quis facilitar as coisas. Especialmente pra Greta.

– Por quê? Eu estou bem – insistiu Greta, como se ninguém tivesse acabado de testemunhar um colapso emocional seu. – Não preciso que ninguém facilite nada.

– Humm – comentou Claudia, preenchendo o silêncio cético que se seguiu à declaração. – Acho que subestimei a quantidade que ela podia aguentar. Você comeu alguma coisa hoje, Elisabeth?

– É claro que não – responderam Emily e Greta em uníssono.

Claudia ralhou e se virou para o grupo.

– Sinto muito.

– Não precisa se desculpar, querida – disse Elisabeth, baixinho, segurando a mão de Claudia. – Eu tô .

Alice foi a única que riu.

– Tudo bem, mãe – falou Emily, muito calma, assumindo o controle da situação. – Que tal deixar a visita dos agentes federais pra lá e se sentar embaixo de uma árvore?

– Pode ser a árvore do Franklin. – Elizabeth se virou para Claudia. – Ah! Vamos fazer um piquenique! Tem aquela salada de frango que você gosta!

Claudia assentiu e encontrou o olhar de Emily.

– Perfeito. Vou pegar.

A disposição da cunhada de fazer qualquer coisa para sair dali foi admirável, e Alice voltou a rir.

– Meu Deus, Alice! Isso não tem graça! – exclamou Greta, tão agitada que parecia prestes a sair quicando pela porta da frente.

– Tem um pouco de graça – comentou Alice.

– Não tem graça nenhuma – rebateu Greta. – Agora sou eu que tenho que cuidar dela!

– Não, não é – interveio Emily. – Obviamente sou eu que estou cuidando dela agora.

– – disse Greta. – Você não consegue nem servir uma xícara de chá, Emily. Ah, mas é óbvio, né? Você nunca precisou se preocupar com nada, nem pensar em nada, nem assumir responsabilidade nenhuma a vida inteira.

Era uma coisa cruel de se dizer, e Alice interveio:

– Greta.

– Não. – Emily se empertigou, parecendo muito mais alta do que seu 1,57m. – Eu não sou criança, sabia? Posso cuidar da mamãe. Se você deixasse, eu realmente poderia aliviar um pouco desse peso que você faz tanta questão de carregar cheia de orgulho pra todo lado, caramba.

As duas se encararam e, possivelmente pela primeira vez na vida, Alice entendeu Emily. Ela não era fútil nem avoada. Era uma mulher adulta. Era estranho pensar isso, considerando a situação, mas talvez aquele fosse exatamente o tipo de cenário que colocava a maturidade à prova. Um erro assumido às claras em vez de transformado em segredo.

– Claudia – disse Jack, lembrando a todos de que ainda estava ali, observando. – Você já usou esse chá antes?

– Ah, claro – respondeu ela, fazendo um gesto com a mão. – Eu jamais teria preparado um chá com alguma substância desconhecida. Não sou amadora.

– Eufemismo – registrou o celular de Sam.

Alice soltou outra risadinha, e Greta lançou um olhar fulminante a todos. Alice deu de ombros.

– Talvez você devesse deixar que elas cuidem disso.

Uma eternidade se passou antes que Greta assentisse, quase imperceptivelmente.

– Tudo bem.

O clima mudou, e Emily não resistiu à piada:

– Quer experimentar, Greta? Vai que você curte a onda.

Ninguém no universo aproveitaria menos uma onda daquele tipo do que Greta.

– Não, obrigada – respondeu Greta, enquanto checava o relógio. – Toda a equipe do papai está prestes a chegar junto com o pessoal do Serviço Secreto, a mamãe está chapada, e amanhã metade do mundo vai estar aqui

para avaliar como estamos lidando com o luto. Deus do céu. precisa estar sóbrio no meio de toda essa catástrofe.

– Ah, qual é – disse Alice. – Você acha que o Serviço Secreto nunca viu isso antes? A diretoria inteira da Storm Inc., incluindo o papai, diga-se de passagem, passou os primeiros dez anos da empresa cheirando cocaína. Além disso – ela fez um gesto na direção de Jack –, é pra isso que temos o Jack. Pra consertar as coisas. – Alice encontrou o olhar dele. – Não é mesmo, Jack?

A única reação de Jack que denunciou sua surpresa foi o leve arquear das sobrancelhas.

– Correto.

– Jack. Não. Está. No. Comando – disse o celular de Sam.

Greta assentiu.

– O Sam está certo. Essa não é a família dele. Não é dele esse funer…

Ela parou.

– . É da mamãe. – Na verdade era de Franklin, mas ninguém a corrigiu. – Alguém precisa ser adulto e resolver as coisas se a mamãe não puder, porque ela está…

– Sentada debaixo de uma árvore – completou Alice.

– A árvore do Franklin – esclareceu Elisabeth novamente, sonhadora.

Greta franziu o cenho. E olhou para Emily.

– Quanto tempo ela vai ficar assim?

– Ela vai ficar bem. Só precisa passar o efeito.

– E quanto tempo vai demorar pra isso acontecer? – perguntou Alice.

– Não muito. Amanhã ela já vai estar ótima.

– – gritou Greta.

– Calma, Greta. Tem coisas piores do que a dose mínima que ela consumiu – falou Emily, olhando para Jack. – O Jack pode cuidar do Serviço Secreto. Olha pra ele.

Jack ergueu as sobrancelhas.

– Isso soa como um insulto.

– Bom, não é exatamente a vibe que eu procuro nos meus amigos – admitiu Emily. – Mas preciso reconhecer que é útil de vez em quando.

– O Jack vai cuidar disso. E você, Greta – interveio Elisabeth, sem notar

a expressão cada vez mais fechada de Sam ao perceber que estava sendo excluído da frase. – Não estou interessada em reuniões hoje.

Alice e Emily trocaram um olhar bem-humorado.

– Se é assim que você prefere, mãe.

– Não – cortou Sam, os polegares digitando furiosamente, o equivalente manual a levantar a voz no tom de "homem disputando o controle". – Jack. Não. Tem. Que. Receber. O. Serviço. Secreto. Isso. É. Assunto. Da. Família. Storm.

Todos olharam para ele.

– Vai ter um Storm com eles, seu jegue. – Emily foi a primeira a se manifestar. – A Greta. Todos nós somos Storms. Por que você não fala logo o que realmente quer dizer?

Ele a encarou por um momento, a fúria evidente. Então digitou:

– Deveria. Ser. Eu.

As três caíram na gargalhada, do jeito que só irmãs conseguem.

– Sam – disse Greta. – Você é o menos confiável de todos nós, e a Emily acabou de drogar a mamãe. Fala sério.

Elisabeth, que vinha observando o embate entre o grupo, aproveitou aquele momento para se manifestar, como se tivesse acabado de ter um insight importante (drogas são ótimas para convencer as pessoas a dizerem exatamente o que não deveriam):

– Sabe… ouvindo vocês quatro, se eu pudesse fazer tudo de novo…

A frase disparou um gatilho. Greta enrijeceu. Sam revirou os olhos. Emily desviou o olhar.

Alice a encarou.

– Sim, mãe. A gente sabe.

– Sabe o quê? – perguntou Jack.

– Que, se ela pudesse fazer tudo de novo, não teria filhos.

– É o que ela mais gosta de dizer pra gente – contou Alice. – Que se não fosse por nós, ela poderia ter… como é mesmo, mãe? Ter sido mais?

– Não sei que "mais" poderia ser esse, considerando a autoridade que ela sempre teve – acrescentou Emily.

– O seu pai tinha a autoridade – disse Elisabeth. – Ninguém nunca percebeu que fui eu que fiz dele o que ele era. Fui eu que fiz todos vocês serem quem são.

Verdade seja dita, ela não estava errada.

A mãe deles vinha lamentando a existência dos filhos havia décadas; eles nunca retrucaram antes, então por que fariam isso agora? Por mais controlador que o pai deles tivesse sido, ao menos nunca parecera se arrepender da paternidade.

Exceto pela vez em que exilara Alice. Ela sentiu uma pontada de alguma coisa que preferiu não analisar, e ignorou.

Sam quebrou o silêncio, ciente de que havia perdido a disputa.

– Tudo. Bem. Vou. Lubrificar. O. Sino. De. Neblina. Com. Os. Meus. Filhos.

Ele se empertigou e encarou Jack – algo naquele olhar fez Alice se lembrar de um documentário antigo sobre a natureza. Sam tentando disputar território com um homem que tinha total consciência da própria força. Um pouco patético.

Alice olhou para Greta, depois para Jack, se perguntando a quem era dirigida a expressão no rosto dele, que misturava irritação e frieza. Então ele falou:

– Elisabeth, posso sugerir…

– Você nunca me chama de Sra. Storm. – Quando ele inclinou a cabeça, em um questionamento silencioso que ecoava o de todos os outros, ela continuou: – Todo mundo na empresa me chama de Sra. Storm. Até o Tony me chama de Sra. Storm, e ele dorme com a Greta.

– Ai, meu Deus – disse Greta, como se fosse murchar até virar uma poça, mas ninguém estava prestando atenção nela. Todos aguardavam a resposta de Jack.

Ele não precisou de tempo para pensar. A resposta foi rápida e sincera:

– Prefere que eu te chame de Sra. Storm?

– Não – respondeu Elizabeth, depois de refletir por mais tempo do que o necessário. – Não.

Ele assentiu.

– Imaginei que não.

– Suponho que você queira que eu diga algo de bom sobre o Franklin – disse ela. – Conforme as regras.

– Se quiser – respondeu ele, o tom ligeiramente frustrado, como se também estivesse cansado do jogo. Como se quisesse levar as coisas mais a sério.

Alice não o culpava. Quem imaginaria o que a mãe diria naquele estado?

A mulher pareceu escolher as palavras com muito cuidado.

– Ele era generoso. – Nossa. Era algo bastante positivo a se dizer, embora ligeiramente questionável. Talvez os cogumelos não fossem tão ruins assim. Até que a mãe completou: – Na cama.

– Ah, não – deixou escapar Emily, sem pensar.

– Eca! – reagiu Greta.

– Nunca mais vamos falar sobre isso – disse Alice.

E nem precisava sugerir. Todos haviam feito um voto silencioso de jamais voltar a tocar no assunto.

– Vocês podem não gostar de ouvir – disse Elisabeth, pra quem quisesse escutar –, mas é verdade.

– Certo – disse Jack, ignorando a frase como se não tivesse sido dita. – Eu ia sugerir que você aproveitasse o dia com a Emily. Não precisa se preocupar com nada.

Aquilo foi gentil, pensou Alice. O tipo de coisa que se diria para uma viúva em luto que não fosse Elisabeth Storm.

Mas Elisabeth Storm não era Elisabeth Storm naquele momento, e talvez Jack estivesse percebendo aquilo. Talvez ele soubesse que ela responderia:

– Eu sei. Você vai cuidar de tudo.

– Vou, sim.

– Obrigada – disse a mãe, e se virou para as filhas. – E obrigada a vocês três.

– Por nada – respondeu Greta por todas.

– É por isso que o Franklin gostava mais de vocês.

Uma expressão aguda de mágoa passou rapidamente pelo rosto de Greta.

– Se ele gostava mais da gente, mãe, não fez muita questão de mostrar.

– Talvez não – disse Elisabeth, se deixando distrair por outro quadro. – Mas talvez tenha sido por isso mesmo. Ele não queria demonstrar preferência.

Era uma mentira descarada. Franklin adorava ter favoritos, colocava os filhos uns contra os outros e se divertia assistindo às disputas. Ele expulsara Alice da família e jamais fizera qualquer esforço para trazê-la de volta. E deixara para Greta a tarefa mais cruel de todas no jogo da herança. Mas Emily… talvez ela fosse a verdadeira favorita.

Ou talvez fosse tudo uma grande manipulação.

Seja como for, Emily estava praticando a aceitação radical.

– Vem, mãe. Vamos tomar um pouco de água. Você precisa se hidratar.

– Eu não preciso de água – disse Elisabeth, e as palavras se perderam no ar antes que ela completasse: – Acho que estou com sede.

.

Emily abriu os braços no gesto universal de . As duas desapareceram no corredor, sob o escrutínio incrédulo de Alice e Greta.

– Eu não acredito que… – começou Greta.

– Eu sei – respondeu Alice.

– Tem certeza de que elas vão ficar bem? – perguntou Greta, o pânico evidente na voz. Não que fosse admitir. – E se ela…

– Ela vai ficar bem. A Emily e a Claudia são profissionais – brincou Alice, rindo da cara da irmã antes de mudar o tom. – Você devia deixar as pessoas ajudarem. Não precisa cuidar da mamãe sozinha.

Greta balançou a cabeça e engoliu em seco, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa.

Mas, como a irmã não disse nada, Alice acrescentou, em tom de brincadeira:

– Pensa assim: se você for com ela, sou eu que vou ter que lidar com o pessoal da empresa. E você sabe como eu fico quando chego perto daquela empresa.

Greta forçou uma risadinha.

– As ações já caíram.

– Exatamente.

Greta estava na beira do precipício tão conhecido por todos os filhos do mundo: honrar o pai? Honrar a mãe?

Ou honrar a si mesma?

Foi Jack quem fez a balança pesar para um dos lados.

– Acho importante que alguém que conheça os detalhes da lista de convidados aprovados acompanhe o Tony e a equipe de segurança da Storm na vistoria. Quem é a melhor pessoa da família pra isso?

A menção a Tony selou a decisão de Greta, embora ela não olhasse para Jack.

– Se você acha mesmo.

– Acho, sim.

Greta inclinou a cabeça indicando Jack ao perguntar para a irmã:

– Você vai ficar bem com ele aqui?

Jack franziu o cenho. Não tinha gostado de ouvir aquilo.

– É óbvio que ela vai ficar bem comigo. Por que não ficaria?

Levando em consideração a forma como ele consumia os pensamentos de Alice, apesar de já ter mentido para ela mais de uma vez, não havia nada de naquilo. Por isso Alice o ignorou e falou diretamente com Greta:

– Vou ficar bem. Me avisa se precisar de alguma coisa.

A irmã mais velha não precisaria de nada. Greta fazia questão de não precisar de nada, nem de ninguém. Ainda assim, ela assentiu e saiu pelo corredor, passando pela cozinha, provavelmente em direção à porta dos fundos da casa para encontrar Tony, que não devia estar longe. Ele até podia não ter mais Franklin para proteger, mas o olhar que lançara naquela manhã deixara claro que estava mais do que disposto a proteger Greta enquanto ela permitisse.

O que, Alice temia, não seria por muito tempo.

Todos estavam muito empenhados em se curvar diante de Franklin…

– Então. Somos só nós dois de novo – disse Jack, que não havia saído do lugar onde a luz do sol o iluminava.

– Você é bom nisso – comentou Alice, se aproximando e pensando que fazia aquilo porque queria manter a conversa em particular.

– Bom em quê?

Ele endireitou o corpo daquele jeito que ela começava a reconhecer, como se estivesse se preparando para dar o bote a qualquer momento.

Alice deu mais um passo na direção dele.

– Em convencer a minha família a fazer o que você quer.

– Eu não tive nada a ver com isso – se apressou a dizer; então fez uma pausa e completou: – Bem. Talvez com o Sam.

– Com certeza com o Sam – afirmou ela, e ergueu o rosto para encará-lo. – Não tinha me ocorrido como pode ser útil ter um gestor de crise por perto.

– Não é preciso ser um gestor de crise pra saber que não se deve colocar o falastrão na mesma sala que o Serviço Secreto quando existe uma senhora chapada a dez metros de distância.

Por um momento estranho, os dois se renderam ao humor da situação e sorriram um para o outro.

– A sua família… – disse Jack por fim, balançando a cabeça, como se aquilo quisesse dizer alguma coisa.

E queria.

– Pois é.

– Por que você ainda não contou a eles que não está mais noiva?

Ele também era bom naquilo: fazer perguntas do nada, pegando os outros de surpresa. Impelindo-os a responder.

Fazendo com que ela quisesse contar coisas a ele.

– A minha família não reage bem ao fracasso.

Houve uma pausa, e Alice notou que Jack escolhia as palavras com cuidado.

– Foi um fracasso?

– Eu estava noiva, e agora não estou mais, então…

– Tenho a impressão de que teria sido um fracasso de fato se você tivesse se casado com alguém que não conseguia enxergar o que tinha nas mãos.

Ela ignorou o arrepio de prazer que aquelas palavras (tão lisonjeiras) provocaram.

– Acesso à herança Storm?

Ele balançou a cabeça.

– Não.

Alice desviou o olhar, querendo dizer que estava brincando. Que era só uma piada. Mas sentiu-se envergonhada, porque não era.

– Você não é um fracasso – repetiu Jack. – E se ele fez você se sentir assim…

O olhar dela caiu sobre a mão direita dele.

– Você vai defender a minha honra?

Jack ergueu a mão, flexionando os dedos sob a luz, que devolveu o tom avermelhado aos nós dos dedos já cicatrizados.

– A minha reputação fala por si.

Alice não conseguiu conter o sorriso diante da resposta provocativa e séria ao mesmo tempo. Não que estivesse interessada naquilo no momento. Tinha acabado de sair de um relacionamento muito sério, e isso antes mesmo de o pai morrer. O que se dizia mesmo sobre o luto? Nada de decisões importantes por um ano? Ora, permitir que Jack Dean mexesse com a cabeça dela… ou com o resto dela… era uma decisão importante. E Alice não estava disposta a deixar aquilo acontecer.

Começando naquele momento. Folha em branco. Nada de decisões importantes.

E, definitivamente, nada de Jack.

– Você está flertando comigo? – perguntou.

Ei, espera um pouco. O plano não prevê o uso de falas como essa. Era uma clara violação da regra.

Mas não dava mais para voltar atrás. Não quando ele já havia respondido:

– Não intencionalmente.

. .

– Na verdade, eu estava pensando que deveria me desculpar por ontem… na praia.

Era a última coisa que Alice queria que ele fizesse.

– A gente fez mais do que flertar, Jack.

A voz dele ficou um pouco mais rouca:

– Eu percebi.

Certo. Pelo visto, o começaria mais tarde, porque tudo aquilo parecia muito .

– Aquilo foi flerte intencional.

– Foi – admitiu ele, com algo no olhar que poderia ser descrito como doce se fosse qualquer outro homem. – Não sei qual é o problema comigo.

As más decisões se acumulavam naquele dia, e ele tinha grande potencial de ser a pior de todas. .

– É melhor eu ir. Ver se a Emily precisa de ajuda. Ver se a mamãe… quer uma banana ou alguma coisa assim.

Jack arqueou as sobrancelhas.

– Uma banana. Nunca ouvi esse remédio específico para…

– Quem está doidona? – completou Alice.

Ele riu, um som grave e baixo de que ela não deveria ter gostado tanto.

– É. – Jack passou a mão pelos cabelos, o primeiro sinal naquela manhã de que talvez não estivesse tão no controle quanto queria que todos acreditassem. – Meu Deus. Isso é…

– Só lembrando que foi quem decidiu passar a semana com a .

– Na verdade, eu não tive muita…

Ele se interrompeu, mas Alice conseguiu deduzir o resto.

Que ironia. Considerando que ele parecia ser o único com todas as escolhas nas mãos. O árbitro do que era aceitável, de quem estava seguindo as regras, de onde podiam ir, de quando podiam falar, das interações que cada um podia ter.

– Considerando algumas semanas que já tive, essa nem é das piores.

Alice sentiu todo o corpo vibrar ao ouvir aquelas palavras, tão suaves, quase como um segredo – o couro cabeludo, os dedos, a pele do pescoço, que ainda podia sentir o atrito da barba malfeita dele na noite anterior.

Não. Deus. Aquilo não era… .

– Sabe, Jack – falou Alice, para os dois, na verdade. – Quanto mais tempo passo com você, mais entendo por que a minha família fica incomodada com a sua presença.

– Por quê?

– Você se parece muito com meu pai. Parece sempre estar um passo, dois passos, oito passos à nossa frente. E faz sentido. Você aprendeu a jogar o jogo dele e está aqui pra terminar esse jogo por ele. Isso eu entendo. Mas tem uma parte sua que não se parece com o meu pai. E é essa parte que me assusta.

Jack franziu o cenho.

– Por quê?

– Porque foi ele que mandou você aqui. O meu pai fez de você o nosso inimigo comum por um motivo. – Ela respirou fundo, ou tentou. – Estou esperando a próxima bomba cair. E o problema é que… tenho medo de que essa próxima bomba seja você.

– Não sou eu.

A negativa veio na hora.

– Não acredito em você.

Ele suspirou.

– Alice. A sua mãe está chapada, a sua irmã está prestes a arruinar a própria vida, o seu irmão está culpando todo mundo pelos próprios problemas, e amanhã a ilha vai receber dois ex-presidentes, metade da lista , um ganhador do Nobel e um duque de verdade. Já não tem bomba o bastante?

Jack reduziu a distância entre eles, até ficar bem perto dela, e se inclinou, agora tão próximo que, se Alice se erguesse só um pouquinho na ponta dos pés, conseguiria encostar os lábios nos dele.

O fogo se espalhou rapidamente pelo seu corpo – desejo. Ela precisou reunir todas as forças para não ceder. Para não erguer a mão e pousar no peito dele, largo, quente e tão familiar, de tanto que já o havia imaginado quando absolutamente não devia.

– Eu sei que você não confia em mim. Sei que é demais pedir isso. Mas eu juro… – Uma pausa. – Não sou o inimigo.

Por algum motivo, aquilo foi exatamente a coisa certa a dizer – e ao mesmo tempo a mais errada. Porque de uma coisa Alice tinha certeza: confiança não fazia parte do jogo que estava em andamento. Confiar era a forma mais rápida de todos acabarem se machucando.

Não era assim que ela havia se machucado tantas vezes na vida?

De qualquer forma, quando Jack a encarou com firmeza, os olhos cinza pareciam carregados de alguma coisa que Alice raramente via nos meios em que circulava: sinceridade.

Ou talvez ele fosse só um ótimo mentiroso.

SAM

– Eu ainda não entendo por que a gente tem que ficar aqui.

Saoirse Storm não levantou os olhos do celular enquanto desativava e reativava os dados móveis, na tentativa inútil de encontrar algum sinal de rede jamais detectado naquela ilha.

Enquanto ela soltava um gemido alto de frustração, o pai mergulhou um pano na lata de óleo lubrificante guardada no canto da estação do sino de neblina e retomou a tarefa.

– Nada mudou. Estamos aqui porque o seu avô pediu.

Sila bufou delicadamente e disse:

– Estamos aqui porque fomos .

Sam cerrou os dentes e se concentrou na graxa que limpava da engrenagem grande, peça essencial de um dos elementos mais curiosos da ilha.

– Eca. O que é ? – perguntou Oliver, de 9 anos, ao lado do pai.

– Quer ajudar? – disse Sam, e estendeu um pano na direção do filho.

– Cuidado para não se sujar, Ollie! – alertou Sila, enquanto arrumava o cabelo usando a câmera frontal do celular como espelho.

– É verão – retrucou Sam, enquanto Oliver ignorava a mãe e se sentava no chão empoeirado para ajudar. – Eles têm que se sujar mesmo.

– Eu sei que você acha isso tudo romântico, pai, mas tem muitas
aqui – falou Saoirse, olhando para o alto, em direção a um canto da construção que abrigava o sino.

– Você podia limpar as teias das janelas – sugeriu ele.

– De jeito nenhum – respondeu Sila.

A recusa categórica não devia tê-lo surpreendido, mas, mesmo assim, Sam cerrou os dentes e se esgueirou para debaixo da base de ferro fundido da máquina do sino, desejando, pela primeira vez desde que abrira a carta do pai, que estivesse em uma hora ímpar, para não precisar falar.

– Odeio esse lugar – declarou Saoirse, deixando o celular de lado pela primeira vez em… seria possível que fizesse anos desde a última vez que Sam vira a filha sem o brilho da tela no rosto? – Não tem sinal, o wi-fi não pega, eu tô perdendo tudo que tá acontecendo em casa e a gente tá preso aqui há séculos.

– Nenhum de nós está se divertindo, Saoirse – retrucou Sila.

– Por que a gente não pode ir pra casa e voltar pra cá amanhã? É pra isso que helicópteros servem!

Ela parecia a mãe.

– Sabe, quando eu tinha sua idade… – começou Sam, arrancando gemidos dos presentes com o clichê. – Não tinha helicóptero levando a gente pra dentro e pra fora da ilha.

– E como vocês faziam? – provocou Oliver. – Montavam num dinossauro pra chegar aqui?

– Engraçadinho – disse Sam. – A gente dava um jeito de se divertir. Ia nadar. Explorava a ilha…

Ele se deteve, constrangido com o modo como as palavras faziam o lugar parecer mais do que realmente era: uma prisão de onde passavam o verão tentando escapar, com Elisabeth e Franklin quase sempre ausentes e os filhos muito pouco interessados na companhia uns dos outros. Emily e Alice eram pequenas demais, só davam trabalho, e Greta nunca tinha sido muito divertida. Sam limpou os suportes de ferro fundido e conferiu os parafusos.

– E a gente pegava um barco pra ir até o continente – continuou, respondendo à pergunta do filho.

– Que legal. A pode pegar um barco até o continente? – insistiu

Saoirse. – E ficar lá?

– Não – respondeu Sam, saindo de debaixo do sino e pegando o pano da mão de Oliver, para acelerar a limpeza da engrenagem. – Mas você pode me ajudar com isso, se quiser.

– Nossa, não – disse Saoirse.

– Nem eu – disse Sila, e se apoiou com cuidado na abertura da parede onde o enorme sino permanecia silencioso. – Prefiro assistir.

– O que mais eu posso fazer, pai? – perguntou Oliver.

– O que mais eu posso fazer, pai? – imitou Saoirse.

– Cala a boca, Saoirse!

– Cala você.

– Calados os dois – disse Sam, enquanto recolocava a engrenagem na máquina e se levantava para pensar no próximo passo.

Saoirse, percebendo que a paciência do pai estava chegando ao limite, se aproximou mais e se juntou a ele. Ela estendeu a mão e tocou o tambor de metal enorme, torcendo o nariz para a sujeira ali.

– Quando foi a última vez que alguém limpou isso?

– Quando foi a última vez que alguém usou isso? – reformulou Sila.

– O sino é usado, sim – respondeu Sam, frustrado e na defensiva.

– já usou isso? – perguntou Oliver.

Sam assentiu.

– Esse sino era uma das coisas favoritas do seu avô aqui na ilha.

Ele aproveitou o momento para apontar as partes importantes da máquina: a engrenagem, o tambor, o cabo preso a um peso, a manivela, o martelo centenário que iria de encontro ao sino enorme a cada quinze segundos quando tudo estivesse pronto.

– Se a gente estiver aqui na ilha e houver uma tempestade, basta dar corda, e o sino vai funcionar por horas.

– Nem um pouco irritante! – ironizou Sila.

Milagrosamente, as crianças a ignoraram.

– Pai? – chamou Saoirse, com um interesse na voz que ele não ouvia fazia tempo (ela era muito boa em ser adolescente). – Sem querer ofender, mas por que você sabe tudo isso?

Uma lembrança surgiu – algo em que Sam não pensava fazia anos. Uns 20 anos, talvez… Quase 25. Ele e Greta eram adolescentes, Alice devia ter 8

ou 9 anos, e Emily era tão pequena que era difícil acreditar que os pais a deixassem andar pela ilha sem supervisão.

– Uma vez, a gente veio pra ilha passar o aniversário do seu avô – disse ele. – E a sua tia Greta teve uma ideia… – Ele recolocou a engrenagem na máquina. – Nenhum de nós tinha comprado um presente pro papai, pro Franklin… pro vovô.

– Super me identifico – comentou Saoirse.

– A tia Greta achou que seria divertido se nós consertássemos esse negócio. Estava quebrado desde que a gente se lembrava, mas o Charlie conhecia um cara no continente que fazia manutenção em faróis, então…

A lembrança voltou vívida. Aquele senhor enrugado, com os cabelos brancos e os olhos úmidos, explicando o funcionamento da máquina. Os pequenos Storms ouvindo como se aquilo importasse.

Sam deu de ombros.

– Ele veio e ensinou a gente. – Depois que acabou de mexer na engrenagem, Sam voltou a se concentrar na máquina em si, onde o tambor precisava de um cabo novo. – Como limpar, como prender o cabo aqui… – Demonstrou. – Como dar corda com cuidado. – Sam girou a manivela e viu a corda se enrolar em fileiras certinhas. – A sua tia Emily era tão pequena que não tinha força para girar o tambor.

– Posso tentar? – perguntou Oliver.

Sam se afastou para abrir espaço para o filho. Saoirse encostou os dedos no cabo sendo enrolado, e Sam observou, sentindo uma satisfação imensa – como não experimentava fazia… Ele nem sabia dizer quanto tempo.

– Isso é legal, pai! – declarou Saoirse. O maior dos elogios.

Algo explodiu no peito dele. Que constrangedor… Parecia orgulho.

Sam manteve aquilo em segredo e apenas sorriu para a filha.

– Que bom que você gostou.

– Legal que você fazia isso quando era criança também.

Algo nas palavras, tão simples, tão óbvias, o aqueceu por dentro.

O que quer que acontecesse, ele tinha aquilo.

O barulho de um helicóptero interrompeu seu pensamento, e Sam o afastou enquanto todos olhavam pela janela, em direção ao sul, onde a baía se abria para o Atlântico, com o céu salpicado por dois enormes helicópteros White Hawk.

– Quem é? – perguntou Sila, finalmente interessada em alguma coisa, se afastando do peitoril.

– O Serviço Secreto.

– Que legal! Tipo, da presidente? – perguntou Oliver, com uma empolgação palpável. Contagiante se a pessoa não fosse um Storm, treinado a desprezar demonstrações de felicidade.

– A presidente não está com eles hoje, mas, sim, como o dela.

– Posso ir lá ver?

– Só não atrapalha.

– Posso ir também? – perguntou Saoirse. – A não ser que você… precise que eu fique.

Foi tão atencioso da parte dela que até pareceu uma armadilha.

– Vai.

O rosto dela, naquele ponto incômodo entre a menininha adorável que tinha sido e a mulher linda que estava prestes a se tornar, se iluminou com um sorriso largo.

– Brigada!

A filha seguiu o irmão para fora da pequena construção que abrigava o sino, deixando Sam em um silêncio que deveria lhe trazer alívio, mas o fez achar o local estranhamente vazio.

– O Serviço Secreto chegou?

O silêncio não estava tão completo assim, afinal.

– Foi o que eu disse.

– E você está aqui. Consertando o sino de neblina.

– Isso mesmo.

As palavras saíram secas. Sam sabia aonde a esposa queria chegar. Também já tinha pensado naquilo, mesmo sem querer. Deveria estar lá com o pessoal do Serviço Secreto, como o pai teria estado. Em vez disso, estava ali, lubrificando uma máquina de 150 anos que ninguém mais precisava usar, porque existiam mapas. Existiam computadores. Porque os barcos já não colidiam com ilhas.

– Não acha que devia estar lá fora? Sendo, sei lá, um homem?

Ela queria briga.

– O que isso quer dizer?

– Tenho certeza de que o tá lá, recebendo os helicópteros – falou

Sila.

– O Jack é diretor-executivo da Storm, então sim, acho que sim.

– Quem se importa com o diretor-executivo quando você vai ser o maldito CEO?

Sam ignorou a pergunta e o jeito como ela despertava algo desagradável nele. Nela também. Em vez disso, deu a volta na máquina e prendeu o peso que era necessário para o mecanismo funcionar.

– Você está me ouvindo?

– Seria difícil não te ouvir, Sila.

Ele voltou a girar o tambor, a tensão do cabo tornando a tarefa mais desafiadora e profundamente recompensadora. As engrenagens se moviam com suavidade enquanto ele colocava a máquina de novo em ordem, recolocava uma série de pinos nos devidos lugares e dava um passo para trás.

– Está ficando ótimo – disse. E estava mesmo.

Sila não gostava de sinceridade.

– Meu Deus, você é tão babaca.

Sam a encarou, apreciando o modo como as palavras escorreram dele pela primeira vez em muito tempo.

– O que você quer de mim, Sila?

– O que eu quero de você? – Ela parecia prestes a perder o controle. – Eu quero que você vença, Sam. Quero que fique furioso só de pensar na possibilidade de não vencer. Quero que você .

Sam nunca tinha gostado muito do pai de Sila, mesmo antes de o homem ser condenado por aplicar um golpe milionário em amigos e colegas ricos. Franklin o detestava – algo que Sam sempre imaginou que Sila soubesse, considerando o empenho dela desde o começo em se tornar uma Storm, e a facilidade em dar as costas à própria família quando o pai foi parar na cadeia. Mas agora, ao ouvi-la cuspir a palavra daquele jeito, Sam se lembrou de que a esposa tinha muito em comum com o pai.

Além disso, estava mais claro do que nunca que ela não gostava sequer do próprio marido.

O que era compreensível, já que fazia muito tempo que ele também não gostava dela.

– Você não quer que vença – corrigiu ele. – quer vencer.

– Viver do jeito que a gente vive é caro, Sam. Te manter feliz é caro.

Sam suspeitava que Sila não pensava na felicidade dele havia anos, se é que algum dia havia pensado, mas não retrucou.

– Eu sei – respondeu, detestando o modo como a frase soou. Petulante. Como se ela fosse a mãe dele. Deus sabia o quanto Sila se parecia com a mãe dele às vezes, no jeito como comandava tudo, como se ele não fosse digno de confiança.

Mas é claro que ele era digno de confiança. Não era por isso que a esposa mantinha vigilância tão cerrada sobre ele. Sila tinha um único caminho até o dinheiro e o poder, e não estava disposta a desviar os olhos dele.

– Eu tinha quando te conheci – retomou ela. – Você tem noção das oportunidades que eu deixei de lado? Do tipo de vida que eu poderia ter tido? Eu poderia ter me casado com um príncipe saudita! Mas não. Escolhi você.

Sam nunca quis se casar com ela. Sila era bonita e atraente, ousada, daquele jeito típico das garotas ricas de colégio interno – no estilo "posta no feed depois", sempre se arriscando dentro de limites bem seguros. Sexo que não borrava a maquiagem nem bagunçava o cabelo, drogas receitadas pelos melhores médicos do Upper East Side, em Nova York, sem jamais sair dos limites sofisticados de Manhattan sem o motorista do papai, muito menos para pegar o metrô até o Brooklyn.

Mas agora a esposa não podia mais se dar ao luxo de ser ousada.

Não era culpa de Sam, mas mesmo assim Sila o detestava por isso.

Talvez ela o detestasse desde o começo, desde o momento em que tinha deixado um teste de gravidez em cima da pia de mármore do banheiro do apartamento dele em Back Bay. E, enquanto Sam permanecia parado ali, com os ouvidos latejando, pronto para ligar para o médico da família e resolver tudo discretamente (seria possível fazer aquilo sem que a imprensa descobrisse? Sem que o descobrisse?), Sila surgiu no espelho atrás dele, com um sorriso radiante no rosto, dizendo:

Eles iam se tornar a realeza de Nova York, dissera ela, antes de marcar um horário na joalheria Harry Winston no calendário compartilhado. Nove semanas depois, o acordo pré-nupcial estava assinado, e Sila caminhava até o altar (usando um vestido Vera Wang sob medida).

Ela sempre esteve no comando. Mesmo agora, quando disse:

– Todo mundo achava que eu é que tinha dado sorte, por ter me casado com um Storm. Ninguém percebeu que quem deu sorte foi . Você era só mais um riquinho quando eu te conheci. E agora sou eu quem vai te transformar em CEO. Fui eu que te transformei em alguém digno da atenção do seu pai.

Ele não precisava perguntar do que ela estava falando. Franklin nunca considerara Sam uma pessoa séria. Sam nunca fora inteligente o bastante para o pai. Nunca fora esperto o bastante. Nunca tinha sido bom o suficiente em esporte, nem em oratória, nem como gestor, nem sequer como motorista. Sam nunca tivera os amigos certos. Não era confiável como Greta, nem perspicaz como Alice, nem encantador como Emily.

Se fechasse os olhos, Sam ainda conseguia ver a expressão decepcionada de Franklin em uma infinidade de cenários. No escritório do diretor da prestigiada Dalton School (resolvido com um cheque generoso). Em uma reunião com o reitor de Harvard (outro cheque generoso). Na delegacia de Tiverton, numa noite do verão anterior ao penúltimo ano do filho na universidade (ok, todos os cheques foram generosos). No escritório de Franklin, na casa principal, quando o pai deixara bem claro que Sam ia se casar com Sila porque ela estava grávida e nenhum bebê Storm nasceria sem proteção (aquele talvez tenha sido o maior cheque de todos – o que fora incorporado ao acordo pré-nupcial).

Cinco meses e meio depois, nascia Saoirse (quarto privativo no renomado e caro hospital Lenox Hill), e Franklin puxou Sam de lado (dentro de outro quarto privativo no Lenox Hill) para dizer, sem rodeios, que aquele era o futuro dele. Que estava na hora de colocar a cabeça no lugar.

A verdade era que Sam não precisava daquele alerta do pai. Bastou olhar para a filha uma vez para saber a verdade: ele faria o possível para que o casamento desse certo.

Sempre tinha sido pelos filhos.

Para ajudar, Franklin abrira a carteira mais vezes do que Sam podia contar, satisfeito (não exatamente satisfeito, mas disposto) em bancar o estilo de vida extravagante dele e de Sila, para compensar o tédio do

trabalho medíocre de Sam na Storm. Franklin bancava o padrão de vida de Sila, os estudos de Saoirse e Oliver, e as distrações de Sam.

Até nove meses antes, quando Franklin parou de assinar os cheques.

. Garoto. Como se Sam não tivesse 37 anos e dois filhos.

Até dois meses antes, quando o pai o chamara ao escritório dele na ilha e finalizara o serviço.

– Pois é, Sila. Sinto dizer, mas o seu plano foi pro espaço. Não vou ser CEO.

Ela se virou para encará-lo.

– O quê?

– Ele me demitiu.

Ela ficou paralisada, e seus lábios mal se mexiam quando perguntou:

– Quando?

– No Quatro de Julho.

.

Fazia tempo que Sam não via Sila genuinamente surpresa, e ele saboreou o momento mais do que deveria.

– Você não me contou.

– Dá pra acreditar?

Ela estreitou os olhos diante da resposta sarcástica.

– Vai se ferrar, Sam. Você é uma piada. E o que eu faço agora? Você tem

.

Provavelmente ele merecia aquilo. Não importava o que fizesse, Sam nunca era suficiente. Não para o pai, nem para Sila, nem para mais ninguém. Ele era só o nome, o dinheiro, o filhinho de papai que trabalhava na empresa. Nada além disso. Até morto, Franklin ainda dava um jeito de calar a sua boca.

Curiosamente, Sam não se surpreendeu com a tarefa imposta pelo pai. Se tinha uma coisa que Franklin sempre odiara, era ouvir Sam falar. Os outros, tudo bem – Greta era sempre prestativa, Emily sempre uma gracinha, e Alice era a que tinha conseguido escapar.

Alice, que de algum modo nunca havia perdido o respeito do pai. Nem quando decidira estudar arte na faculdade. Nem quando tinha se recusado a fazer um MBA. Nem quando .

Mesmo enquanto gritava com a filha, a isolava e insultava, Franklin

nunca deixou de respeitá-la. E, em nenhum momento, voltou a sua atenção para Sam. Nem quando exilou a filha, e Sam chegou o mais perto de gritar:

É claro que, se tivesse feito aquilo, teria sido uma decepção. Franklin já tinha escolhido Jack como seu novo favorito. Um filho melhor do que Sam já fora. Capaz de prever as necessidades de Franklin, de resolver os problemas dele e comandar o império. Mesmo agora, depois da morte.

E Sam? Para que servia?

Ele olhou para o sino de neblina, a sua última tarefa. O pai não poderia ter sido mais claro: era aquilo que ele via em Sam, não um legado. Não o futuro CEO da Storm Inc.

Nem mesmo um filho. Só mais um idiota em quem não se podia confiar pra nada mais importante do que um trabalho simbólico.

Sam girou a manivela da máquina que, completamente armada, soaria a cada quinze segundos durante catorze horas. Tempo suficiente para atravessar uma noite longa e escura na ilha.

Ao soltar a manivela, o mecanismo entrou em ação, com um ranger metálico, clicando e se movendo em pequenos solavancos.

– Parabéns – disse Sila, sem um pingo de sinceridade. – Você conseguiu fazer funcionar.

Ele assentiu.

– Não sou mais uma piada, né?

Eles ficaram ali observando o sino, cada um se perguntando se aquilo funcionaria mesmo. Até que, com um baque mecânico, o martelo se soltou e atingiu o sino maciço, alto o bastante para que os dois dessem um pulo para trás.

– Você está sorrindo? – Sila o encarou, horrorizada, trocando o pânico e o choque do instante anterior por puro desprezo. – Caramba, Sam, o que quer que isso seja, você precisa se controlar. Se a gente vencer, você não pode deixar o seu – ela fez um gesto vago com a mão – … atrapalhar.

. Que conceito de merda. Sam não estava de luto. Pessoas normais sofriam com a perda de um ente querido. E ele, que motivo tinha para sofrer? O pai ainda estava ali, pairando como um espectro sobre aquele lugar maldito. Sobre toda aquela família maldita.

E aquilo não ia acabar na quarta-feira. Não ia acabar nunca.

Franklin sempre teria algo mais a dizer, e sempre encontraria um jeito de calar Sam. Mesmo naquele momento. Mesmo morto.

Então, não, Sam não estava de luto. Estava com raiva. Raiva por ter deixado aquele lugar comandar a sua vida por tanto tempo. E de não conseguir dar fim àquilo.

O martelo voltou a fazer o sino soar.

– Eu vou dar o fora daqui – disse Sila, com o eco ainda no ar.

– De vez? – perguntou ele, virando-se para ela. E se odiou pelo pânico que o dominou antes mesmo de ouvir a resposta.

Ela parou, e Sam viu inúmeras emoções cruzarem o rosto da esposa antes que ela se virasse e começasse a se afastar.

Ele a alcançou no velho muro de pedra que delimitava o campo no alto da encosta, o sino ainda soando ao sul, o enorme carvalho do pai se erguendo à distância. Aquela maldita árvore, que já era insuportável antes, agora estava alta, verde e linda, com os filhos dele embaixo – a menina de 14 anos e o menino de 9, geralmente de planetas diferentes, agora rindo juntos.

Outra lembrança. Um milhão de anos atrás, sob a mesma árvore com as próprias irmãs – sem nada para fazer na ilha além de descobrir como conviver uns com os outros. Um milhão de anos não era exagero. Ele não se lembrava da última vez em que haviam estado juntos.

Não queria aquilo para os filhos.

– Sila…

– Você ia adorar, né? – disse ela, como se fosse a protagonista de uma peça, uma personagem idolatrada pela internet, linda, forte e fria (

). Sila encarou o marido com firmeza, o rosto impecável, anguloso, perfeitamente esculpido, os cabelos castanho-escuros tingidos de um dourado quente que custava milhares de dólares a ele a cada seis semanas. – Que eu fosse embora. Que levasse as crianças.

– Não – respondeu Sam, a voz dura, inflexível. – Você não vai levar as crianças.

Ele soube na mesma hora que não podia ter dito aquilo. Que tinha entregado demais. Que Sila usaria aquilo para castigá-lo.

– Você me deve, Sam. Os Storms me devem. Por todas as vezes que a sua mãe olhou torto para a minha. Por todas as vezes que as suas irmãs agiram como se fossem melhores do que eu. Pelo seu pai, que adorava se gabar de

que pagava tudo, inclusive o seu salário, esse que você não recebe mais, pelo que acabou de me contar. Por me fazer sentar naquela porra de

. Pode ser que o seu poço tenha secado, Sam, mas pode ter certeza de que o meu está se enchendo de novo.

– Então é isso. Você vai ficar por causa do dinheiro.

– E por que mais eu ficaria? Amor?

Aquilo saiu como uma piada escandalosamente engraçada e, por um instante, Sam se lembrou de um tempo em que os dois brincavam com a ideia do amor. Quando talvez tivessem sido felizes.

Sam se virou para o mar, cintilante e lindo.

Nunca pensara em amor. Na família dele, amor sempre fora uma transação. Estava ali em um dia, já tinha sumido no seguinte, voltava outra hora, quando alguém "merecia". E o amor nunca fizera parte do casamento. Atração? Sim. Carinho de vez em quando, e até respeito (embora, claramente, não mais). Mas ele não ficara no casamento por Sila.

Assim como ela não ficara por ele. Nenhum dos dois era perfeito. Os anos foram cheios de tédio, desinteresse e infidelidade dos dois lados, embora Sila sempre tomasse o cuidado de manter seus casos amorosos sem vínculos nem escândalos – uma lição que Sam custou a aprender, até os pais o lembrarem do peso da decepção deles.

Então ele permanecera casado, em parte por causa do testamento de Franklin e em parte para evitar a decepção de Elisabeth. Mas também permanecera porque sabia que, embora não fosse um bom pai, Sila era uma péssima mãe.

– Sei que você não quer dizer isso em voz alta – continuou Sila, sem ter noção do que passava pela mente dele. – Porque os valores antiquados da sua mãe mandam nunca falar de dinheiro em público, mas alguém tem que pensar nisso. Alguém tem que pensar em como a gente vai ter a vida que quer, como as crianças vão ter a vida que merecem, como todo mundo vai viver o futuro que nos prometeram.

Na mesma hora, o vento aumentou, como se tivesse sido invocado por ela. Sila talvez estivesse linda naquele momento se Sam não a odiasse tanto.

– Vou fazer o que for preciso pra garantir que a sua família não destrua o que eu construí. – Fez uma pausa. – E a sua família vai fazer o que for preciso para conseguir a herança.

– Como você sabe disso?

– Porque vocês não são, nem de longe, tão especiais quanto pensam que são. Vocês são todos uns babacas e idiotas, como todo mundo. E vão escolher o dinheiro, como todo mundo. Vão ficar quietos quando for necessário, vão fazer esse sino ridículo funcionar. A Greta vai escolher a sua mãe, em vez do Tony, e a Emily e a Claudia não vão fazer nada e vão ganhar tudo, como sempre. E a sua mãe vai dizer o que tiver que dizer pra garantir que todo mundo receba o dinheiro, porque ela é uma péssima mãe, mas cumpre a função dela.

Cacete. Ela tinha pensado em tudo. E estava certa.

– E você vai cair na real e fazer o que for preciso pra receber a sua parte, e aí eu vou receber a minha. E todos vamos viver felizes para sempre.

– É a minha família, Sila. – A única que ele tinha. A única que os filhos tinham.

– – enfatizou ela, com as palavras marcadas pelo badalar do sino ao longe. – Eles não gostam de mim e eu não gosto deles, e venho sorrindo e engolindo tudo . Então, sim. Eu vou garantir que, desta vez, a gente vença.

– Que vença, você quer dizer.

– O quê?

– A herança. Ela é minha. Ele era meu pai.

Sam apontou para Saoirse e Oliver, que estavam pendurados em um galho baixo da árvore de Franklin, as pernas balançando sobre Elisabeth e Emily, que agora estavam deitadas de costas, olhando o céu através da copa.

As crianças pareciam tranquilas, mesmo com Elisabeth ali, que nunca fora o tipo de avó que se sentava debaixo de uma árvore. Mas os dois ainda eram novos e abertos o bastante para aceitar aquela nova avó esquisita e a tia divertida naquele retrato saído de um comercial retrô de limonada. Se limonada retrô fosse feita com psicodélicos.

– O avô deles – completou Sam.

– Ótimo. Então consiga isso por eles.

Sila não se importava com os motivos dele, desde que conseguisse o que queria. E ela conseguiria. Greta escolheria agradar a mãe, como sempre fazia. Emily e Elisabeth iam cooperar e garantir que tudo desse certo.

Alice… ela era a única que talvez precisasse de um empurrãozinho.

A única que não tinha nada em jogo. A única que já tinha provado que sabia sobreviver sem o dinheiro. A única que sabia sobreviver sem os Storms.

Que talento.

– Se você ferrar com tudo, Sam – disse Sila, lançando a última cartada –, as crianças ficam comigo. E não só porque elas nem sabem quem você é sem este lugar e tudo o que vem com ele.

Sam entendeu perfeitamente. Não havia mais salvação para o casamento – provavelmente ele já tinha nascido fadado ao fracasso. Mas com a herança ele veria os filhos. Essa era a proposta de Sila.

Ele deu as costas à esposa e subiu de volta a longa encosta rumo à casa, seguindo o muro de pedra centenário até a árvore do pai, onde a mãe, os filhos e a irmã davam risada e comiam bananas.

Sila não o seguiu.

A única coisa que o acompanhou foi o som do sino de neblina, alto o bastante para ser ouvido por barcos em toda a ilha, a cada quinze segundos, alertando toda a baía sobre as tempestades que se aproximavam.

CAPÍTULO 13

Era um lindo dia para ~~um funeral~~ uma celebração.

A mãe deles havia conseguido. Entre o céu azul deslumbrante, as águas calmas da baía, o conjunto de tendas brancas impecáveis dispostas com bom gosto ao longo do grande gramado, na encosta sul da ilha – pensadas para oferecer sombra, não abrigo (era uma festa, não um acampamento) – e o quarteto de cordas posicionado em um canto mais afastado, não havia o menor sinal de luto no ar.

Elisabeth vetara qualquer coisa que pudesse parecer, mesmo que remotamente, fúnebre. Nada de fotografias, programas ou discursos – uma decisão tomada em cima da hora que, obviamente, não chegara ao conhecimento das inúmeras autoridades presentes (dois ex-presidentes dos Estados Unidos, três ex-primeiros-ministros de países do G7 e dois atuais, o primeiro-cavalheiro dos Estados Unidos e um par de príncipes europeus da mesma casa real que, segundo os tabloides, não se falavam – embora Alice estivesse planejando confirmar o boato com Roxanne, quando a amiga chegasse).

E havia os outros, que destoavam da multidão: alguns moradores locais,

como Charlie e Lorraine, a dona da Fazenda Skipping Stone, e mais dois membros do conselho da cidade de Wickford. O cara que fazia a manutenção do sistema de esgoto estava, literalmente, a poucos metros do presidente da França.

Funerais eram mesmo um negócio esquisito.

Alice colocou os óculos Wayfarer que tinha surrupiado da bolsa de praia da mãe naquela manhã e se juntou aos irmãos perto do muro de pedra baixo que marcava o limite norte do gramado.

– Era pra gente conhecer todas essas pessoas? – perguntou.

– Eu conheço todas – respondeu Sam, cheio de si. – O papai esperava que eu conhecesse.

Alice revirou os olhos.

– Ah, claro. Me diz uma coisa, Sam: como você vai conseguir dar uma de CEO por aqui nas horas ímpares?

Antes que Sam pudesse retrucar, Greta interveio:

– Preciso admitir: a mamãe conseguiu o que queria, o universo colaborou.

Uma torrente de convidados descia do heliporto, atravessando a abertura no muro e seguindo até o campo.

– Olha lá o tio Mike.

Michael Haskins, o primeiro sócio do pai deles. Vizinhos de infância, Mike e Franklin haviam criado juntos o protótipo da Storm na garagem dos pais de Franklin (Mike também investira exatos 1.107 dólares). Franklin se deixara consumir pelo projeto, mas Mike participava pela adrenalina e pelo lucro. Quando receberam o primeiro aporte de capital de risco, ele pegou a parte dele e foi em busca de pastos mais verdes (e mais ricos). Desde então, a Haskins Enterprises já havia sido incubadora de meia dúzia de empresas, cada uma mais essencial à cultura contemporânea do que a anterior. Se Franklin era um dos dez homens mais ricos do mundo, Mike já tinha ocupado o primeiro lugar com folga – por um tempo.

No entanto, tinha despencado algumas posições três anos antes, quando ele deixara a esposa, Julie, com quem fora casado por quase quarenta anos, e não tivera alternativa senão dividir com ela metade da fortuna. A substituta estava ao lado de Mike naquela tarde, trinta anos mais nova e agarrada à mão dele.

Ao ver os irmãos próximos ao muro, observando o grupo que se reunia

abaixo, Mike ergueu a mão livre para cumprimentá-los.

– Os jovens Storms!

Todos acenaram enquanto Emily gritava:

– Oi, tio Mike!

Ele apontou para Elisabeth e depois para os jovens, no gesto universal de que os veria assim que cumprisse o ritual de beijar a matriarca – e voltou a dar atenção à nova esposa.

– Acho que a mamãe mudou de ideia, no fim das contas – disse Greta.

Alice olhou para a irmã mais velha:

– Em relação a quê?

– Ela surtou quando a gente colocou os dois na lista – contou Greta. – Ela e a Emily discutiram feio.

– Sério? – Alice estava surpresa. – Não consigo imaginar um evento desse sem ele aqui. Mas acho que toda a emoção que a mamãe vem acumulando uma hora explodiria em algum lugar.

– Ela não mudou de ideia – disse Emily, observando Mike atravessar o gramado. – O papai queria que ele viesse, e eu me certifiquei de que fosse convidado.

Todos olharam para Emily.

– Hum – começou Sam.

– Como assim? – perguntou Greta.

– O queria?

Emily não hesitou:

– Sem dúvida.

Os irmãos atribuíram a resposta às vibrações místicas de Emily e sua loja de cristais, e voltaram a observar Mike e Twyla descendo o campo até Elisabeth, vestida de branco e reinando sob um chapéu de aba larga. Quando se aproximaram, Elisabeth enrijeceu quase imperceptivelmente e levantou o rosto na direção dos filhos, os olhos ocultos pelos óculos escuros.

– Ela está jogando uma praga em você, Em – disse Sam.

– Por que ela não queria os dois aqui?

– Provavelmente por causa da Twyla – disse Greta, com um estremecimento verbal herdado diretamente de Elisabeth. – Com acesso ao cartão de crédito de um bilionário, e ela escolhe vestido?

– Greta… – censurou Alice.

– Ah, por favor. Você também pensou isso – retrucou Greta. – Admita.

– Eu só admito que adoro cada vez que abro o celular e vejo que Julie Haskins doou mais meio bilhão de dólares a alguma causa nobre, arrastando a imagem dos outros na lama.

– A Twyla é um amor, sabiam? – comentou Emily.

– Nunca falei com ela – disse Alice. – Mas como você sabe?

Emily deu de ombros:

– A Claudia e eu fomos a um encontro de praticantes de ioga nos Hamptons durante o eclipse do mês passado. Como o Mike e a Twyla têm uma casa lá, perguntei a ela se também queria ir ao encontro.

– A ? – Greta inclinou a cabeça. – Por quê?

Emily deu de ombros de novo:

– Sei lá. Achei que seria bom conhecê-la melhor. Pensando no futuro. A gente meditou.

– Você podia ter me convidado – reclamou Greta, provavelmente se sentindo excluída.

– Você queria meditar durante um eclipse? – O rosto de Greta respondeu por ela, e todos caíram na risada enquanto Emily abria os braços. – Tá vendo?

Todos ficaram em silêncio por alguns minutos, observando o fluxo de pessoas que desciam do heliporto ou subiam pelo gramado ao deixarem o cais. Depois que o terceiro helicóptero levantou voo, Alice perguntou:

– O papai de todas essas pessoas?

– É claro que não – disse Sam. – Ele teria algum podre a dizer sobre cada uma delas.

– E, mesmo assim, acabava conquistando todas – comentou Alice. – Franklin Storm nunca conheceu alguém que não conseguisse controlar.

– Inclusive a gente – disse Sam.

Eles voltaram a ficar em silêncio, todos observando as muitas pessoas que cruzavam o gramado, mantendo distância de Elisabeth, que parecia mais do que disposta a receber condolências e atenção. Ninguém olhava para os filhos, ao lado do muro de pedra.

– Pelo menos ela está evitando fazer uma cena – comentou Greta, inclinando a cabeça na direção da mãe, que mantinha um sorriso falso e paciente colado no rosto enquanto ouvia Twyla.

– Não acredito que só estou sabendo agora que ela não gosta deles.

– Talvez se você não tivesse sumido por tanto tempo… – começou Sam, deixando a frase no ar, e Alice mordeu a língua, sabendo que ele queria provocar.

– Sam, chega. Ela teria sabido se não tivesse ficado presa na despensa com o Jack a manhã inteira – disse Emily, em tom descontraído. – Aliás, cadê o seu amigo?

– Em primeiro lugar, eu fiquei presa lá sozinha. Em segundo, ele não é meu amigo – disse Alice, erguendo a mão para silenciar a irmã. – Por que eu saberia onde ele está?

Ele estava um pouco mais à frente no caminho, seguindo pelo gramado, sob uma tenda grande, conversando naturalmente com um grupo de homens em ternos impecavelmente cortados – e ainda assim nenhum tão bonito quanto Jack em seu risca de giz azul-marinho, sob medida até a alma, e que certamente custara uma pequena fortuna.

Por que aquele homem tinha que estar sempre tão bonito?

E pior: por que ela sempre reparava? "Gestores de crise" não deveriam chamar atenção, certo? Era para serem discretos. Charmoso, leve e aparentemente inofensivo até cumprir o que o pai dela o contratara para fazer. Seduzir pessoas, provavelmente. Aquela era claramente uma das especialidades dele.

Como se sentisse a atenção dela, Jack ergueu os olhos para a casa e a viu. Seu olhar se demorou por um instante nela, e Alice sentiu um imenso alívio por estar de óculos escuros – assim ele não perceberia que ela o vira primeiro.

Não que ela o estivesse procurando. Alice vinha se esforçando ao máximo para evitá-lo desde o momento no saguão, na véspera. Mantivera distância da casa de barcos, do escritório do pai, dos espaços comuns da casa.

, havia decidido. E estava cumprindo. Toda vez que ficava a sós com ele, perdia o rumo. Se ele não a fazia se lembrar dos beijos (de mais do que isso, mas Alice estava se esforçando para esquecer), era gentil com ela.

Pedia que confiasse nele.

Jack a fazia . Argh. Talvez aquela fosse a pior transgressão de todas, porque ela não conseguia resistir a um homem que a fazia rir. E ele tinha

sido esse cara na plataforma do trem – mas Alice se convencera de que fora uma mentira. Que não tinha como aquele homem, que mentira e traíra a sua confiança, ser de alguma forma o mesmo cara divertido e atencioso que brincara com ela sobre ser escoteiro.

Jack era o tipo de homem que nocauteava um fotógrafo. Aquele comportamento fazia sentido. Era grosseiro. Brutal. Criminoso.

.

Aquela era a mente reptiliana dela falando. Jack era o "gestor de crise" do pai; estava ali exclusivamente para resolver as coisas. E, quando Franklin Storm resolvia coisas, não era gentil. Nem divertido. Ou seguro. Era extremamente sério.

– Que se foda esse cara – disse Sam, como se tivesse acesso aos pensamentos da irmã.

. Alice concordava. (Metaforicamente, pelo menos. Literalmente não era uma boa ideia, pelos motivos já mencionados.)

– Cadê a Claudia? – perguntou, dirigindo-se a Emily, que apontou na direção da esposa, envolvida em uma conversa animada com um grupo de amigas de Elisabeth. – Nossa. Ela realmente se enturma fácil com o grupo da mamãe, né?

– Nem fala – respondeu Emily, rindo. – Às vezes eu tenho medo de verdade de que a mamãe aceite vender todos nós por um dólar, desde que possa ficar com a Claudia.

– Aquela é a Sra. ? – interrompeu Sam, inclinando o queixo na direção de uma das mulheres na roda de Claudia; uma senhora que havia muito tempo costumava frequentar verões na ilha. O marido era dono de 120 hectares de vinhedos de "vinho de gelo" ( ), um vinho de sobremesa raro, feito com uvas congeladas naturalmente, no vale Sakonnet.

– Quem é a Sra. Austin? – perguntou Emily.

– Meu Deus – disse Alice. – Não vejo essa mulher desde… Sei lá, Em, você devia ter uns 2 ou 3 anos.

– Nunca vi essa mulher na vida.

– Porque a mamãe a expulsou daqui depois que ela deu em cima do papai – contou Sam, acenando para uma garçonete que estava servindo vinho.

– Não brinca! – O grito empolgado de Alice foi alto o bastante para

chamar atenção e deixar a garçonete nervosa.

Quando Alice olhou por cima do ombro, na direção da trilha onde os fornecedores trabalhavam, Sam disse:

– Relaxa. Pensa na gente como a mesa das crianças.

Ele pegou uma taça de espumante (para Greta), duas de rosé (para Emily e Alice) e uma de branco.

– Pode ficar trazendo mais desses a tarde inteira.

– O que ele quis dizer foi: – gritou Alice para a jovem.

– Não sou um cachorro, Alice. Não preciso ser corrigido – rebateu ele.

– Ah, mas você é, sim. E precisa, sim – retrucou ela.

– A gente pode voltar à história da mulher que a mamãe expulsou? – pediu Emily. – Como foi isso? O papai teve um caso?

– Pessoal – reclamou Greta. – É o funeral dele.

– Exato – disse Sam. – O funeral do nosso pai, cercado por mais de duzentas pessoas, sendo que gostamos de menos de dez. Querem que a gente fale sobre o quê?

Greta abriu a boca para responder, mas desistiu no meio do caminho.

– É. Realmente fica difícil.

– Ótimo. Afinal, o papai trepou com a Sra. Austin ou não?

Alice caiu na risada diante da pergunta grosseira, atraindo a atenção de três homens da diretoria da Storm Inc. Ela levantou a mão em saudação e o trio trocou um olhar que não escapou a Alice. Ela se virou para os irmãos.

– Ah, não. Rápido. Vamos fingir que estamos falando de algo sério, pra eles não virem pra cá.

– Mas isso aqui não é sério? – perguntou Sam, com um sorrisinho, e Alice reprimiu uma risada.

– Vocês dois estão sendo inconvenientes – repreendeu Greta. – Nós não somos mais crianças.

– Pessoal – falou Emily, com urgência. – O papai um caso?

– Você parece bem abalada, considerando que estamos falando do papai – disse Sam. – A Alice não é a única que entende de homens, dinheiro e poder.

– Combinação terrível – comentou ela, a boca pousada no copo de vinho.

– Arruína vidas e empresas, né?

– Menos as empresas administradas pelo nosso pai, surpreendentemente

– rebateu Alice.

– Ei! – gritou Emily, para chamar atenção, e conseguiu, inclusive de meia dúzia de outras pessoas ali por perto. Ela baixou o tom e virou de costas para as pessoas. – Ele tinha casos ou não?

– Que diferença faz? – Sam deu de ombros. – Pergunta pra Alice.

– Por que não pra mim? – quis saber Greta.

– Porque você nunca admitiria a verdade.

– Alice? – chamou Emily, obedecendo.

Os cabelos loiros dela brilhavam ao sol, e Alice imaginou os olhos azuis enormes por trás dos óculos espelhados. Como parecia importante para Emily, ela avaliou a pergunta.

E logo foi inundada por lembranças: os pais no , rindo quando ele levou a esposa na viagem inaugural; Elisabeth e Franklin dançando no Metropolitan Club na véspera de Ano-Novo, se beijando no elevador enquanto subiam para o apartamento na cobertura em Nova York; o braço dele a envolvendo pelos ombros quando ambos se despediram de Alice no primeiro dia de aula da filha em Amherst.

Depois, uma conversa estranha e confusa que, por algum motivo, Alice e Frank tiveram, sozinhos, em um restaurante no Upper West Side. Ele perguntara se ela estava namorando alguém e Alice tinha feito uma careta, lamentando a decadência do romance moderno, lembrando ao pai que, antes da Storm, as pessoas se conheciam de maneiras normais.

Ele refletiu por um momento, depois assentiu.

– Vou colocar isso na coluna de

. Mas espero que, um dia, você se apaixone. Nem sempre é fácil, mas sempre vale a pena.

Alice não lembrava onde ficava o restaurante, mas se lembrava perfeitamente do tampo de fórmica da mesa, do ventilador de teto girando lentamente, do rangido do banco de vinil azul sob o seu peso. E da certeza de que Franklin estava falando de Elisabeth.

Então, ele acrescentou:

– Só se certifique de que seja por alguém digno de uma ação Classe A.

Alice tinha sorrido ao ouvir o apelido bobo que o pai usava com frequência. , dizia ele depois de despachar algum garoto que julgava indigno da filha. . Era

engraçado como certas lembranças voltavam quando não dava mais tempo de criar outras.

Ela pigarreou e balançou a cabeça.

– O papai era muito galanteador e, com certeza, várias mulheres que estão aqui hoje já foram apontadas, em algum momento, como possíveis amantes. Mas, sinceramente? Embora eu não consiga entender por quê, acho que ele e a mamãe… funcionavam juntos. Era um daqueles casos em que duas pessoas são perfeitas uma para a outra porque seriam totalmente erradas para qualquer outra pessoa. Então, não. Eu não acho que ele trepou com a Sra. Austin. Nem com mais ninguém.

– Pelo amor de Deus, será que dá pra vocês pararem de dizer ? – disse Greta, então chamou outro garçom e pegou um pãozinho de lagosta da bandeja.

– Combinado – respondeu Alice, e todos seguiram o exemplo dela. – Ainda não consegui apagar da memória o dia em que o Sam mandou um nude por engano no grupo da família.

Alice e Greta riram enquanto Sam levantava a mão.

– A gente combinou de nunca mais falar disso de novo.

– Não. combinou de nunca mais falar disso – corrigiu Greta. – Meu Deus, você é idiota demais.

– E como vocês sabem que não era pra Sila? – perguntou Sam, na defensiva.

– Tirando o fato de que na hora você ligou pra todo mundo, pedindo pra não contar pra ela? – perguntou Alice.

– Nossa, imagina estar carente a ponto de mandar nude – comentou Emily. – As mulheres têm noção de quanto é humilhante sentir atração por homem?

– Sim – disseram Alice e Greta em uníssono.

Alice tomou mais um gole de vinho e olhou para a baía, azul e linda entre a ilha e o porto de Wickford, pontilhada de barquinhos distantes demais para que se pudesse identificar quem estava a bordo, todos provavelmente a caminho da ilha. Um helicóptero sobrevoou a região, anunciando a chegada de pessoas com alto patrimônio líquido, e os quatro observaram até que ele sumisse por trás do telhado inclinado.

Alice deu outro gole de vinho e observou a coleção atual de…

– Como é que a gente está chamando essas pessoas? Enlutados?

– Bem-intencionados? – sugeriu Greta.

– A mamãe provavelmente chamaria de festeiros – disse Emily.

– São bisbilhoteiros – decretou Sam. – Teriam preferido se a gente tivesse convidado eles para o local do acidente.

Como não sabia o que dizer, Alice apontou para Sila, ao longe, conversando animadamente com alguém que lhe parecia vagamente familiar. Ela apontou a taça naquela direção.

– Ei, não é aquele cara do filme? Como é o nome dele mesmo?

– É ele, sim – respondeu Sam.

– Não sabia que o papai conhecia.

– Ele fez umas campanhas pra empresa – disse Greta. – Parece que ligou na sede pedindo um convite. A Lauren perguntou se a gente queria conhecê-lo.

– Nossa, sempre sonhei em conhecer celebridades no funeral do meu pai – retrucou Alice, séria.

– Celebração – corrigiram Greta, Emily e Sam em coro.

Ela assentiu.

– Isso. Que bizarro.

– Você devia ir lá falar com ele – sugeriu Greta. – Seu vestido é bonito, ainda que meio sóbrio.

– Tem bolsos – respondeu Alice na mesma hora, e enfiou as mãos nos bolsos do vestido preto sem mangas que tinha se lembrado de levar. – Achei que isso ia ser, sei lá, numa igreja.

– Quando a mamãe poderia dar uma festa? – Emily fez um gesto amplo, indicando o gramado impecável, repleto de estações de comidas refinadas, enormes tendas brancas e arranjos de mesa lindíssimos que haviam sido montados naquela manhã. – Jamais seria em uma igreja.

– E está a mamãe, afinal? – perguntou Sam, olhando para Greta.

– Como é que eu vou saber? – respondeu ela, mais ríspida do que todos esperavam.

Sam ergueu as sobrancelhas.

– Você sempre sabe.

Alice teve o bom senso de ficar quieta, mesmo quando Emily deu de ombros e disse:

– Ele não tá errado. É meio que… a sua função.

– Pois que se foda essa função.

Todos prenderam a respiração.

– Greta. … – reagiu Sam, num tom debochado, beirando o cruel. – Sério. Relaxa.

– Ai, meu Deus – murmurou Emily.

– Não. Eu odeio isso. Odeio o jeito como vocês falam de mim como se eu fosse só uma extensão da mamãe. Eu tenho a minha própria vida, sabiam?

– A gente sabe, sim – retrucou Sam, cravando as garras ainda mais fundo. – Você está em um relacionamento sério com um homem que está prestes a demitir.

Todos seguiram o olhar dele, voltado para o canto oposto do gramado, onde Tony estava cercado de outros homens parrudos, de terno e óculos escuros – meia dúzia de seguranças que haviam cedido o posto, naquele dia, ao pessoal do Serviço Secreto que cercava a ilha.

– E como vai isso, aliás?

– Cala a boca – rebateu Greta, de repente com 15 anos outra vez, em guerra com o irmão.

– Pergunto porque estou fazendo a minha parte.

– Se quer dizer que está mantendo a boca fechada… – começou Alice, com tom de censura.

– Você não pode ameaçar me dedurar, Alice. Tenho passe livre pro funeral. Posso falar quanto quiser, com quem eu quiser. E está na hora de ela fazer alguns sacrifícios pelo resto de nós.

– Eu passei a vida fazendo sacrifícios por você, Sam – disse Greta. – Alguém precisava compensar a decepção que você causava ao papai e à mamãe.

– Minha nossa… – foi tudo o que Emily conseguiu dizer, em nome das duas.

– causava decepção? – perguntou Sam, rindo com crueldade. – Essa é boa. Fui o único que deu netos pra eles.

Foi um golpe direto, e Alice entrou no meio quando viu Greta ficar vermelha.

– Chega, Sam. Por que você não vai passar um tempo com esses netos do papai, então? – Ela apontou com o queixo na direção de Sila, à distância,

rindo na companhia do mesmo homem de antes. – Ou vai lá tentar impedir a sua esposa de fugir com o novo amiguinho famoso.

– Dá pra entender – disse Greta, finalmente recuperando a voz. – Se foi com isso aqui que ela se casou.

– Chega, vocês dois – falou Alice, baixinho. Ela se colocou entre os irmãos e encarou Sam antes que ele retrucasse. – Olha em volta. O mundo inteiro tá vendo.

Sam respondeu com um olhar furioso, se afastou das irmãs e seguiu na direção dos convidados. E do bar.

Alice suspirou e passou os olhos pelos convidados – a nata do mundo reunida ali, todos disputando atenção, sem tempo para ficar de olho nos filhos turbulentos de Franklin Storm fazendo o que sempre fizeram. Ninguém estava olhando. Exceto…

. Jack tinha visto tudo.

E, a julgar pelo seu maxilar cerrado, estava prestes a se aproximar para resolver a situação. Para . Como se a família dela fosse permitir uma coisa daquelas. Alice balançou a cabeça, quase imperceptivelmente, tentando avisá-lo para não vir, já sabendo que depois se arrependeria de ter revelado que o estava observando tanto quanto ele a observava.

– Irmãs Storm! – chamou uma voz conhecida atrás dela, salvando-a de ter que lidar com .

Ela se virou de uma vez, com o peito cheio de alívio e alegria ao se jogar no abraço da melhor amiga.

– Você veio! – Alice abraçou Gabi com força, sussurrando no ouvido dela: – Graças a Deus.

– Interrompemos alguma coisa? – comentou Gabi, enquanto abraçava o resto da família.

– Não, não – disse Alice. – A gente está sempre prestes a sair no tapa. Fomos criados assim.

– Basicamente selvagens – brincou Emily. – Péssimos com sentimentos.

– Hoje vai ser mais difícil do que o normal – disse Gabi, abraçando Emily com carinho. – É a parte da despedida. A última vez com todas essas pessoas. A última vez que seu pai vai parecer tão presente, com tanta gente por perto.

Enquanto Gabi falava, Alice se virou para Roxanne e a abraçou com

força.

– Estou tão feliz por ver vocês! Obrigada por terem vindo.

– Não perderíamos isso por nada.

No ouvido da amiga, Alice sussurrou:

– Tem muita gente aqui que eu não tenho ideia do nome.

– Fica tranquila, eu serei a sua copiloto – respondeu Roxanne, no mesmo tom. – Conheço todos.

– Vou cobrar, hein.

Roxanne se afastou um pouco e olhou nos olhos da amiga.

– Como estão as coisas?

Alice ergueu as sobrancelhas em silêncio, em um claro .

Roxanne assentiu.

– Imaginei.

Alice ergueu os óculos escuros para o alto da cabeça, só para poder olhar nos olhos da amiga e dizer a verdade.

– Tô melhor agora.

– Que bom.

– Caramba, Alice – disse Gabi, com um olhar de admiração ao redor. – Eu sabia que você era rica, mas… isso é demais.

Alice deu uma risadinha nervosa.

– Estou tão feliz que vocês vieram!

– Nós também.

– Vimos três helicópteros diferentes chegarem e saírem enquanto vínhamos de barco pra cá – comentou Gabi. – .

– Vinte minutos direto dos Hamptons – explicou Alice.

– Gentil da sua parte facilitar o acesso – disse Roxanne. – Os Gatsbys estão por aqui?

– Não – respondeu Alice, abaixando a voz em um sussurro conspiratório. – Você não soube? Ele também morreu.

Gabi e Roxanne mal contiveram o riso. Emily deu uma risadinha. Greta pareceu horrorizada.

– Ah, qual é. O papai teria adorado esse deboche – falou Alice.

– Então, agora que os dez minutinhos de stand-up da Alice acabaram… – Gabi olhou para o resto dos Storms. – Como vocês estão?

Todos hesitaram, procurando uma resposta. Emily encontrou.

– Sei lá, achei que seria mais… animado?

Roxanne assentiu.

– Tipo nos filmes? O tio Carl fica bêbado e derruba uma escultura de gelo? – perguntou.

– Isso. Alguma coisa assim.

– Vocês têm um tio Carl? – perguntou Gabi.

– Não, mas… – Alice apontou para uma senhora idosa com uma dúzia de cachorros dachshund. – Aquela ali tem cachorros.

Roxanne seguiu o olhar como se fosse a coisa mais normal do mundo.

– Ah, é a Bitty Foster. Ela não vai a lugar nenhum sem esses cachorros.

Todos observaram um bonitão grisalho tentando se desvencilhar do emaranhado de coleiras.

– É impressionante que você saiba tanto – comentou Gabi com a esposa, antes de lançar a Alice um olhar divertido. – Vai ver é o jeito dela de fisgar os homens.

– Hummm – disse Alice. – Obviamente, ela é esperta demais pra derrubar uma escultura de gelo.

Mais uma risada coletiva, e Alice voltou a olhar para os convidados. Jack tinha mudado de lugar. Agora estava com um drinque na mão. Alguma bebida clara e gelada, em um copo alto, enquanto Justin Mill – o jovem bilionário recentemente declarado o homem mais rico do mundo – falava alguma coisa no seu ouvido, enquanto uma dúzia de outros fingia não notar.

Alice não precisava fingir. Como anfitriã da tarde, era esperado que ela ficasse de olho no andamento do evento.

A mãe dela, por exemplo, havia reaparecido no gramado enorme e agora recebia as condolências do primeiro-cavalheiro (sinto muito pela sua perda). Sila e Sam estavam do outro lado do gramado, em uma espécie de discussão, que Alice esperava que eles resolvessem antes que Elisabeth percebesse e mandasse os dois para o "cantinho do pensamento" por causarem uma cena. Claudia estava com um grupo de mulheres usando linho esvoaçante – obviamente amigas de Emily do mundo dos cristais/alinhamento de aura/meditação.

Viu? Alice estava só prestando atenção. Como qualquer boa anfitriã.

– Vocês fizeram uma boa viagem? – perguntou, e se virou para Gabi.

Ela já conhecia bem a dinâmica Storm, então respondeu direto para Greta:

– Foi tudo muito tranquilo. Do trem para o carro, do carro para o cais.

– Vocês sabem que podem passar a noite aqui se quiserem.

– Ah, que gentileza – se apressou a responder Gabi. – Mas a gente precisa voltar…

– A Gabi trabalha amanhã. A Roxanne também – explicou Alice, baixando a voz para um sussurro teatral. – Aliás, se a minha mãe perguntar se revelei todos os segredos da família pra vocês, digam que sim, e que comecei pelos dela.

Roxanne caiu na gargalhada.

– Não quero ter Elisabeth Storm como inimiga, Alice. Lute as suas próprias batalhas. Embora eu tenha curiosidade de saber o que acontece quando todos vocês criam confusão.

– A gente não pode – respondeu Emily. – O Jack não deixa.

– Quem é Jack? – perguntou Gabi, olhando para Alice.

– É o parceiro de veleiro da Alice – respondeu Emily. – Sério. Bonito. Trabalhava pro meu pai.

– É mesmo? – Gabi se interessou na hora.

Alice se apressou em reduzir danos:

– O fato de ele ser bonito é irrelevante.

– Eu não iria tão longe – disse a voz grave atrás dela, lhe provocando um arrepio –, embora ela jamais fosse admitir isso.

Gabi e Roxanne arregalaram os olhos quando Jack se aproximou e estendeu a mão:

– Jack Dean. É um prazer conhecer vocês.

– Será que é mesmo? – murmurou Alice.

– Gabriela Romero-Jiménez – respondeu Gabi, antes de lançar a Alice um olhar que só décadas de amizade conseguiriam interpretar. – E você nem precisou tropeçar em uma coleira de cachorro. Tô impressionada.

CAPÍTULO 14

– Você não recebeu uma carta? – perguntou Gabi com a boca cheia de uma miniquiche de lagosta, tirada do pratinho que ela havia entulhado de canapés antes de sugerir um passeio pelo lado leste da ilha, longe da aglomeração de convidados.

– Ele não deixou pra todo mundo.

Alice fez uma pausa quando mais um helicóptero – será que algum dia iam parar de chegar? – sobrevoou a área, baixo e barulhento, até pousar no heliponto. Ela checou a hora, mesmo sabendo que era uma esperança vã: os helicópteros tinham autorização pra chegar e sair da ilha Storm até as sete da noite, ainda faltavam horas.

O som foi diminuindo, e Gabi perguntou:

– Quem mais não recebeu?

– Ninguém. Só eu. – Alice ergueu a mão. – Nada de mais. Está tudo bem.

– Está tudo bem coisa nenhuma – retrucou Gabi. – Que porra é essa, Franklin? Tem certeza?

– Tenho.

– Vai ver a sua mãe só… sei lá, esqueceu? Ela tá de luto e…

– Em primeiro lugar, Elisabeth Storm não deixaria um detalhe como a viuvez atrapalhar o cumprimento do dever. Mas, nesse caso, o dever nem era dela. Era do Jack.

– Jack, o "gestor de crise" sexy?

– Ele é sexy? – A pergunta saiu casual demais pra ser verdadeira.

– Ah, por favor, a gente não tem tempo pra isso. O sex appeal do homem é um fato. A altura, as coxas e o maxilar – disse Gabi. – E também é sexy o jeito como vocês dois ficam rondando um ao outro, então já vou avisando que pretendo investigar isso no jantar de sexta-feira. Você vai, né?

Alice sorriu.

– Fechado.

– Mas, antes disso – continuou Gabi –, só vou ficar aqui por três horas, então chega de enrolação e me explica por que o seu pai deixou as cartas com um cara que trabalhava com ele.

– Ele não é só um cara. O Jack era o braço direito do meu pai. E ele não ficou só com as cartas. O Jack é o responsável por esse joguinho da herança que o meu pai inventou pra gente.

– Mas ele não podia ter deixado com o Sam? O seu irmão também trabalhava com ele, né?

– Em vez disso, o papai proibiu o Sam de falar por doze horas por dia.

– Digo isso com todo amor, Alice, mas o seu pai era um babaca.

– É o que eu venho dizendo – respondeu Alice.

– Então todo mundo tem uma missão.

Alice assentiu e resumiu a história, provando que os velhos amigos são mesmo os melhores, porque Gabi entendeu na hora o deleite de ver Sam obrigado a ficar calado, a dor que era ver Greta terminar com Tony e compartilhou a sensação estranha de que qualquer verdade que Elisabeth fosse obrigada a contar seria completamente insana – e também entendeu a confusão geral por Emily não ter missão nenhuma.

– Mas ela recebeu uma carta? Do seu pai?

– Recebeu. E nenhuma missão. Ao contrário de mim. Eu recebi uma missão, mas nenhuma carta. Tenho que ficar aqui até quarta-feira.

– Só isso? – Gabi estendeu o pratinho na direção dela. – Mais dois dias e… Alice Storm, bilionária?

– Isso.

– E você não quer ficar.

– Eu… – Ela sentiu a crítica gentil na pergunta. Uma crítica quase imperceptível, porque Gabi estava tentando ser uma boa amiga. – Eu sei que parece absurdo.

– De forma alguma. Quer dizer, sete dias em uma ilha particular das mais paradisíacas que a Nova Inglaterra tem para oferecer, e você só vai ganhar um bilhão de dólares? Quem aceitaria uma oferta dessas?

Alice riu.

– Você fala como alguém que não conhece a minha família.

– Falo como alguém com uma compreensão saudável do capitalismo tardio – respondeu Gabi. – Não leva pro lado errado, amiga, mas tá parecendo a síndrome da pobre menina rica.

– E você não trouxe a guilhotina.

– Vou ter que me contentar com uma dose de honestidade brutal.

Um instante de silêncio.

– Eles não me querem aqui.

– Pelo contrário, eu acho que querem você aqui, sim.

– Eles querem o dinheiro. Não a mim. E o meu pai só quis que eu ficasse aqui pra rir por último, me controlando.

As duas caminharam em silêncio por algum tempo, até que Gabi disse:

– É, talvez seja isso mesmo.

A honestidade de Gabi trouxe um alívio imenso para Alice. Ela sentiu os olhos marejados e piscou rápido para conter as lágrimas, recusando-se a chorar.

Gabi estendeu a mão, mas Alice balançou a cabeça:

– Não. Não faz isso. Não posso.

Um aceno de concordância.

– Tudo bem.

E aquilo bastou. E foi justamente o que trouxe mais lágrimas, e uma delas escorreu pelo rosto de Alice, que se apressou a enxugá-la.

– Vai estragar a minha maquiagem.

– Você tá linda – afirmou Gabi na mesma hora. – Reparei assim que te vi. Deve ter sido por causa do Jack, né?

– Para com isso…

– Tá bom, tá bom. A gente volta a esse assunto mais tarde. – Uma pausa. – Mas olha só: e se você disser "foda-se" e ficar? Volta comigo e com a Roxanne. Ou melhor, pega uma última carona de helicóptero com algum

bilionário… Se bem que não, helicópteros são armadilhas mortais, você leu aquela matéria no ? – Ela estremeceu. – Mas, enfim. Você tem um emprego, um apartamento com piso de madeira original que qualquer corretor chamaria de , amigas que te amam… e isso sem contar as galerias de arte que amam Alice Foss. Quem precisa de mais um zero na conta bancária?

Na verdade, eram vários zeros a mais, mas aquela não era a questão.

Alice balançou a cabeça:

– Não posso.

– Você não precisa.

– Eu sei. Mas, se eu for embora, ninguém herda nada.

Gabi arregalou os olhos:

–

– Ninguém. – Ela fez uma pausa. – E acho que essa era a intenção dele. Me trazer de volta ao convívio da família só quando já estivesse morto demais pra pedir desculpas por ter me afastado.

– E eles? Pediram desculpas?

Não. E nem iam pedir.

– Não perderam nem um segundo pensando em mim, só se preocuparam em garantir que eu estivesse presente e que podiam contar comigo.

– Por Deus – sussurrou Gabi. – Era melhor te matar, né?

– Acho que, se me matarem, não herdam nada.

– Olha, não gosto desse e gosto menos ainda de pessoas brancas ricas a dois dias de perderem a herança, mas tudo bem. Então, joga o jogo. Fica até quarta. Pega os bilhões e vai embora. – Gabi deu de ombros. – Já é um bom plano. Você pode me levar pra viajar.

Elas pararam na beira do penhasco Moonstone, o despenhadeiro de calcário que dava para uma piscina natural perto da praia secreta. Gabi observou Alice por um tempo, então perguntou:

– Posso mudar de assunto?

Alice lançou um olhar nervoso na direção da amiga.

– Não sei.

– Qual é o lance com o Jack?

.

– Não ouse dizer que não tem – cortou Gabi. – Mesmo que você não tivesse ficado esquisita quando ele veio se apresentar…

– Eu não fiquei esquisita. Por que eu teria ficado esquisita?

O olhar de canto que Gabi lançou foi elucidativo o bastante.

– Tá, tudo bem, mas o meu pai acabou de morrer. Talvez eu tenha ficado esquisita por causa disso.

– É, talvez – concordou Gabi –, mas foi esquisito de outro jeito. Foi um esquisito sexual.

– O que seria "esquisito sexual"?

– Aquele tipo de esquisito que vem quando você já transou com alguém. Acertei?

Alice deveria ter dito não. Ia dizer não. Mas demorou demais (e qualquer demora já era suficiente, obviamente), e Gabi atacou:

– Ai, meu Deus, . – Ela fez uma pausa enquanto assimilava a informação. – E foi ? Aposto que não. Os bonitões nunca se esforçam de verdade.

– Gabi, isso aqui é um funeral.

– Ah, por favor. Funerais são pra isso. – Uma pausa. – Meu Deus, Alice. Você dormiu com o executor do testamento do seu pai, que está coordenando um jogo de herança na sua família e por isso deveria se manter totalmente imparcial? Incrível. Eticamente é muito questionável, mas, pra ser sincera, eu não poderia estar mais orgulhosa.

– Achei que a gente ia deixar esse assunto pra sexta-feira.

– E vamos falar muito mais sobre ele no jantar.

– Que bom que tudo isso tá te divertindo – disse Alice. – Mas, na verdade, não é só eticamente zoado. É pessoalmente zoado também. Só pra constar, eu não sabia que ele era diretor-executivo…

– Aposto que ele soube te dirigir muito bem.

Alice revirou os olhos.

– Eu não .

Ela se deteve, mas Gabi não teve dificuldade de continuar a conversa:

– O Jack é o cara do hotel!

– Gabi, a gente não está exatamente num lugar reservado aqui.

A amiga baixou a voz.

– Desculpa. É que eu estou fascinada. Você teve um caso de uma noite em um hotelzinho fuleiro…

– Não é fuleiro.

– Eu tô hospedada lá, amiga. É meio fuleiro, sim, mas isso não vem ao caso. Você teve um caso de uma noite, achando que nunca mais ia ver o cara, e ele acabou sendo o homem que tá entre a sua família e uma herança bilionária. – Gabi fez uma pausa. – Parece história de romance.

– Mas não é um romance – rebateu Alice. – Nos romances, tudo é surpresa pra todo mundo. Aqui, não foi surpresa pra ele. O Jack sabia quem eu era!

Gabi ficou boquiaberta.

– Que .

– Pois é. Então não importa que o sexo tenha sido ótimo.

– Mas foi! Eu sabia!

– Você literalmente disse que apostava que não tinha sido.

– Irrelevante. O lance é que não sabia quem ele era, então dá pra alegar negação plausível aqui.

– Valeu, doutora.

– Retomando, então. Quando você diz que as coisas estão pessoalmente zoadas, é porque transou com ele e ainda… quer de novo?

Alice soltou um enorme suspiro.

– Eu tenho um péssimo gosto pra homens.

– Concordo.

– E esse homem está longe de ser o ideal.

– Por sei lá quantos motivos. Incluindo o fato de ter mentido sobre saber quem você era. Ele te contou por que fez isso? Por que não foi honesto desde o começo?

.

Alice engoliu em seco. Aquilo ela não ia contar pra Gabi.

– Fui eu que meio que insisti… pra manter o anonimato.

– – disse Gabi, de um jeito que soava tudo, menos safado. – Você amarrou esse homem? Ele ficou sem fala de algum jeito, hipnotizado pela sua beleza estonteante?

– Minha beleza estonteante não teve nada a ver com isso.

– Que absurdo.

– Eu não queria que fosse mais do que uma noite – disse Alice. – Pelo menos, não naquele momento.

– E agora?

– Às vezes, ter uma amiga que arrasa no tribunal não é tão divertido, sabia?

– Sim, eu sei. Responde à pergunta.

– Sim. Eu quero de novo.

Gabi assentiu, como se soubesse a resposta o tempo todo.

– Sem mais perguntas.

Não foi tão engraçado quanto deveria ter sido, porque Alice realmente sentiu que tinha acabado de confessar algo condenável.

– Ele é uma péssima decisão.

Gabi inclinou a cabeça.

– Talvez você não precise tomar boas decisões esta semana. Talvez esta semana seja mesmo dedicada a decisões ruins. Ficar com a sua família, transar com o cara errado… – Ela apontou para a água lá embaixo. – É desse penhasco que a gente pulava na época da faculdade?

Alice assentiu.

– Faz uns dez anos que não pulo, eu acho.

– Bom, talvez esteja na hora de tentar de novo. É seguro, né?

Aquela era a dúvida, certo? não tinha mais o mesmo significado da época em que eram muito jovens e se achavam invencíveis, e em que tinha gente para pegar na mão dela na hora de pular. Gabi. As irmãs. O pai.

Aquele aperto no peito voltou.

– Ele parece seguro? – perguntou Gabi, incisiva.

Alice foi poupada de ter que responder pelo som de risadas que se aproximava. Quando se viraram, viram Roxanne e Claudia vindo na direção delas.

– Fomos encontradas. – As duas se viraram para observar a dupla que descia a ladeira, agarradas uma à outra.

– Cuidado, vocês duas! – gritou Claudia. – Não vão cair na água!

Pelo jeito, Roxanne e Claudia é que corriam mais risco de cair.

– Ainda bem que alguém está se divertindo – disse Alice.

– Pois é – concordou Gabi. – Eu já imaginava que ela e a Claudia iam se dar bem. – Ela aumentou a voz conforme as duas se aproximavam: – O que

vocês estão fazendo? Roxanne, você prometeu que ia dar cobertura quando a gente saiu escondida!

– Eu sei! Eu sei! Aí a Greta sumiu com um cara…

– O Tony – interrompeu Claudia, com um olhar expressivo para Alice.

– Ela vai mesmo terminar? – Alice ficou chocada com a possibilidade.

– Puta merda – disse Gabi, entendendo na hora. – Você acha que ela faria isso agora? Com toda essa gente por perto?

– Não consigo nem imaginar – respondeu Alice, sentindo-se subitamente culpada por ter saído antes de dizer à Greta que aquele não era o momento de terminar um relacionamento secreto de décadas. – Mas, né? A proteção que uma grande quantidade de pessoas ao redor garante.

– Não acho que ela vá fazer isso. Os dois seguiram na direção do sino de neblina.

– Ah – fez Alice.

– Muito bem, então a Greta tá transando com um homem enorme como um carvalho naquele lugar onde fica o sino de neblina – falou Roxanne, como se fosse a coisa mais normal do mundo. – Mas o que ela estar fazendo com ele?

– Acho que você nunca vai saber – provocou Gabi, indo direto no ponto fraco da esposa: a fofoca. – Esse é seu castigo por ter abandonado a sua única função.

– Ah, qual é – protestou Roxanne. – Juro que falei pra várias pessoas que vocês duas estavam bem ali, do outro lado daquele grupo de velhos brancos, mas aí a Claudia veio me apresentar pra umas pessoas legais que estavam aqui e… sinceramente, foi ótimo.

– Pra que você serve, então?

– Peraí, tem gente legal aqui?

Claudia inclinou a cabeça.

– Bom, talvez não legais no sentido tradicional, mas com certeza tem umas pessoas mais interessantes que outras.

– Tipo quem? – perguntou Alice.

– A minha preferida é a Nealy Twill, que contou uma história ótima sobre a vez em que ficou chapada nos Açores com dois integrantes dos Beatles.

– Vocês acreditam que ela não quis dizer os nomes? – Roxanne parecia ofendida.

– A Nealy Twill já convive com advogados há tempo suficiente pra saber que não se deve citar pessoas reais quando se contam histórias fictícias – disse Alice, antes de olhar para Claudia. – Eu não sabia que você tinha preferidos.

– É claro que tenho. Só sou esperta o bastante pra não contar. Chamar atenção como parente agregada nesta família nunca deu certo.

Alice assentiu.

– Sempre gostei mais de você.

Claudia sorriu.

– A sua mãe também.

Alice ficou encantada com a resposta de Claudia – tão aberta e falante de um jeito que raramente acontecia quando estava só com a família (um golpe de mestre).

– Eu gosto de todos os esquisitos, mas não conta pra sua mãe que os chamei de esquisitos. – A cunhada se abaixou para tirar os sapatos de salto. – Enfim. A culpa foi minha por Roxanne ter saído do posto. Tem um limite pra quantidade de Storms que aguento sozinha. – Ela levantou a mão na direção de Alice. – Sem ofensa.

– Não me ofendi – respondeu Alice. – Sinto exatamente a mesma coisa.

Roxanne ainda estava empolgada.

– Aí a Claudia me apresentou a um cara .

Claudia sorriu.

– O amigo do seu pai, o Tom.

– Ah – falou Alice. – Aposto que você gostou dele.

– Gostei mesmo – disse Roxanne.

– Quem é esse? – perguntou Gabi.

– Bom – começou Alice –, sempre disseram pra gente que ele era jogador de polo.

– Hum, acho que não – disse Roxanne. – De vez em quando a gente cobre polo, e tenho quase certeza de que ele é um patrocinador de polo. O que quer dizer que ele é só um cara rico que banca todos os jogadores de verdade, pra eles beberem e festejarem enquanto ele circula pelo estábulo de culote, ou seja lá o que for.

– Se usa culote em jogo de polo?

– Não importa – disse Roxanne, afastando a pergunta com um gesto de

mão. – O negócio é que isso não é tudo que ele faz.

Alice entendeu na hora.

– Ah! Não. Não é. Ele tem um hobby fascinante. E não para de falar nisso.

– Qual? – Gabi abaixou a voz. – É pornô? Aposto que é pornô.

– Meu Deus! Não! Por que isso foi a primeira coisa que veio à sua cabeça? – perguntou Alice.

– Não sei! – se defendeu Gabi. – Mais uma vez, não tenho ideia do que vocês fazem nessas suas ilhas particulares, helicópteros e sei lá mais o quê, mas já li umas biografias.

– O Tom não curte pornô – disse Roxanne. – Ele coleciona bandeiras.

Gabi inclinou a cabeça.

– Isso é algum eufemismo?

Roxanne riu.

– Não, pô.

– Como assim, bandeiras?

– Bandeiras históricas – esclareceu Alice.

– Tipo aquela bandeira antiga dos Estados Unidos, a Betsy Ross?

– Ah… – fez Roxanne, como se estivesse decepcionada. – Eu devia ter perguntado a ele sobre a Betsy Ross! Enfim, foi muito fofo. O cara estava superanimado pra me contar das bandeiras! Acabou de comprar uma do Império Romano.

– Mas será que tinha bandeira na época do Império Romano?

– Eu conheço alguém que vai saber te contar tudo a respeito! – respondeu Roxanne, rindo.

– Esse lugar é demais – disse Gabi para Alice. – Como foi que eu virei amiga de alguém que conhece um colecionador de bandeiras?

– Pura sorte, imagino – respondeu Alice.

– Existem problemas reais no mundo, de verdade. E a gente tá aqui cercada de pessoas que poderiam resolver a maioria deles. E o que fazem? Colecionam bandeiras e mentem sobre os Beatles.

– Que país é esse… – completou Alice.

– Quer dizer, é claro que parece um desperdício – comentou Claudia, com ironia. – Mas pelo menos o polo continua bem financiado.

Todas riram e, por um momento, Alice se viu invadida por uma imensa gratidão por ter aquelas mulheres ao seu lado, mesmo naquele que talvez

fosse o momento mais estranho e incômodo da sua vida. Por fim, voltou à realidade e à cunhada:

– Beleza, mas onde estava a Emily enquanto tudo isso acontecia?

Claudia balançou a cabeça.

– Deixei ela com o Mike Haskins, que estava contando uma história de quando ele e o seu pai tinham 22 anos e eram apenas os dois e a sua mãe contra o mundo. Era uma história fofa, mas parecia… uma coisa só deles.

– Você é uma boa esposa.

– Que nada – respondeu Claudia. – Ela é.

Alguma coisa vibrou dentro de Alice ao ouvir aquilo. Alguma coisa parecida com inveja. Talvez fosse porque Emily era a caçula – a que tinha mais distância da intensidade de Franklin e Elisabeth Storm quando jovens –, mas não havia dúvida de que ela tinha encontrado o amor de um jeito saudável, honesto, bonito. Sim, ela e a Claudia tinham uma loja de cristais, tomavam banhos de som e defumavam sálvia orgânica em quartos de hotel, mas Alice não conseguia deixar de invejar a conexão das duas. Se almas gêmeas existissem, Emily e Claudia seriam um exemplo.

É claro que ela sentia inveja. Quem não sentiria? Elas tinham uma à outra. Um porto seguro. Alguém que estaria sempre ao lado delas.

No trem, antes que soubesse quem ele era, Jack tinha feito aquela pergunta.

Como teria sido se ela tivesse dito sim?

As quatro saíram da trilha, na lateral leste da casa, e deram em um pátio de pedra que havia sido ocupado pela equipe de bufê. O espaço estava tomado de gente: garçons, chefs e uma meia dúzia de membros da equipe de eventos da Storm Inc. em um cenário de caos organizado.

Ninguém prestou atenção nas mulheres quando elas pisaram na trilha branca de conchas que contornava a casa em direção ao grande gramado, passando pelo solário envidraçado que havia sido acrescentado à casa em algum momento antes de Franklin e Elisabeth comprarem o lugar. Ninguém jamais usava aquele espaço – o painel de vidro antigo o deixava escaldante no verão e congelante no inverno e, por isso, ele se tornara o que muitos desses antigos jardins de inverno viravam: uma estufa improvisada, regada semanalmente por Lorraine e deixada vazia no resto do tempo.

Por isso, as vozes alteradas que vinham lá de dentro pegaram todas de surpresa. Elas estacaram, quase derrubando um jovem garçom com uma bandeja cheia de vieiras, enquanto trocavam olhares arregalados.

– Foi ele que pediu especificamente que eu viesse – dizia um homem, em um tom alto o suficiente para ser ouvido através do vidro. – E por isso estou aqui.

Sem dizer nada, todas se aproximaram um passo da estufa, e Alice se virou para espiar por trás de uma costela-de-adão enorme na janela, grata por uma fofoca menos séria do que a dela mesma.

.

– Não me importa se o Franklin ressuscitou e veio pessoalmente pilotando o helicóptero pra te trazer. Quero você fora daqui.

Alice ergueu as sobrancelhas. Aquela não era uma estranha. Era a voz da mãe dela, dentro da estufa – onde Alice não tinha certeza se já havia entrado algum dia.

– Ela está com quem aí? – sussurrou Gabi, obviamente tendo chegado à mesma conclusão.

Alice fez sinal de que não sabia e deu um passo para tentar encontrar um ângulo melhor.

– Não sei. – Através do emaranhado de bromélias, ela conseguiu ver um pedaço do vestido de seda da mãe (roxo escuro) e as pernas de um homem vestindo um terno com estampa príncipe-de-gales (cinza-musgo).

– Não importa o que você quer – disse o homem, com uma voz que Alice não conseguiu identificar. – Foi ele que quis que eu viesse.

– Exatamente. Para me punir.

– Não acho que tenha sido isso. Ele te amava, Lizzie. – Uma pausa. – E amava ela também.

Agora Alice arregalou os olhos. Nunca tinha ouvido ninguém chamar a mãe de . E fazia décadas que nem mesmo o pai chamava a esposa assim.

– Você não pode me expulsar. Ele me deixou uma carta.

Alice prendeu a respiração. Mais uma carta do pai. Mais uma pessoa em quem ele pensara antes de pensar nela. As lágrimas arderam no fundo da sua garganta. Aquele desconhecido na estufa tinha sido mais importante para Franklin do que a própria filha.

– É claro que deixou. Qualquer coisa para garantir que causaria confusão antes de ir direto pro inferno.

Alice ficou tensa.

Gabi segurou a sua mão.

– Ah, .

– Estou aqui por ele – disse o homem.

– Ele não decide mais nada aqui – rebateu Elisabeth.

– Mas ela, sim.

Gabi e Alice trocaram um olhar.

– quem? – articulou Gabi com os lábios.

Alice fez que não com a cabeça. Podia ser qualquer uma. Mas, antes que conseguisse pensar em alguma coisa, a mãe falou – e as palavras foram tão frias que Alice se surpreendeu por não terem congelado as plantas dentro da estufa na mesma hora.

– Essa ilha não é mais dele. É minha.

– Eu não estou aqui pra tirar nada de você – retrucou o homem, e Alice ouviu uma ponta de frustração na voz dele. Quem quer que fosse, o homem já perdera a paciência. – Isso não é um jogo de soma zero, Elisabeth.

– Ótimo – disse a mãe, as palavras se tornando mais duras a cada segundo. – Porque eu cansei de deixar que ele decida o meu futuro. Tantos anos depois, e ele ainda me pune por uma única noite. Por um único erro, que eu jamais teria cometido se ele estivesse por perto.

– Por mais que aquela noite tenha sido um erro, isto não é – disse o homem, e Alice se enrijeceu ao vê-lo se aproximar de Elisabeth por entre a parede de plantas na estufa. – E eu juro que, quando a gente conversou, não parecia punição. Parecia que ele estava dando um presente a ela. E a mim também. Um presente que você precisa entender.

– Não cabia a ele fazer isso! – O tremor na voz da mãe fez o corpo de Alice se retesar. Ela olhou para Claudia, que também ouvia atentamente, os lábios cerrados com força.

Silêncio dentro da estufa. Então:

– Ainda assim, foi o que ele fez. E eu vou aceitar. E você vai ser um monstro se não deixar que ela faça o mesmo.

– Vou chamar a segurança – disse Elisabeth em um tom que Alice

reconheceu depois de uma vida inteira falando o mesmo idioma da mãe. Era o muro de pedra da determinação dela. – Quero você fora da minha ilha.

– Você não vai chamar ninguém. – O tom do homem foi tão desdenhoso que provavelmente destruiu Elisabeth. – Jamais ia querer esse tipo de escândalo.

– A gente precisa chamar o Tony – disse Claudia, baixinho.

Alice não interpretou errado. Aquilo não era assunto para a segurança da Storm, nem para o Tesouro Nacional, ou para os inúmeros seguranças particulares que tinham chegado com seus chefes bilionários naquela tarde.

Aquilo era assunto de família.

– Não – disse Alice, se afastando do grupo e seguindo em direção à casa.

Mais tarde, ela diria a si mesma que tinha dito "não" porque Tony estava lá no sino de neblina com Greta, que ficava longe demais. Mas, naquele momento, ela agiu por instinto, já abrindo caminho contra o fluxo de garçons de camisa branca e gravata preta e caminhando em direção à porta da casa.

– Chama o Jack.

Então ela entrou, pronta para encarar mais um dos segredos da ilha.

CAPÍTULO 15

Mesmo cortando caminho pela área de apoio dos fornecedores, quando Alice chegou, Elisabeth estava sozinha, de perfil, bem no centro da estufa, imóvel e altiva como um retrato de John Singer Sargent.

.

Alice espiou pelo longo corredor escuro que levava ao saguão da casa, tudo ali dentro ainda mais escuro por causa da luz forte do lado de fora. Estava vazio. Quem quer que estivesse discutindo com a mãe até pouco tempo antes havia desaparecido.

Ela desceu os dois degraus que levavam ao solário e examinou o espaço, vazio a não ser pela mãe.

– Mãe?

Elisabeth Storm se saía melhor em grupos grandes, de preferência com pessoas diante das quais precisasse manter as aparências. Embora Alice não achasse que a mãe não gostasse dos filhos, sabia muito bem que ela não gostava de estar com pessoas capazes de enxergar quem ela realmente era. Um suspiro discreto foi a única indicação de que ouvira Alice.

– Tá tudo bem?

– Sim – respondeu Elizabeth, e voltou a atenção para o vestido, o tubinho de seda roxa que, de alguma forma, permanecia impecável, sem um único amassado, mesmo com o vento e a umidade costeira de trinta graus. – Estou bem. Por que não estaria?

Quantas vezes ela já tinha escutado aquelas palavras exatas – – ao longo dos anos? A mãe nunca admitia um único momento de estresse, de raiva ou de cansaço, sob nenhuma circunstância.

Talvez tivesse demorado até aquele momento, até a constatação irrefutável de que havia acontecido algo realmente digno da preocupação da mãe – uma coisa em cima da outra em cima da outra (a morte do marido, por exemplo) –, para que Alice percebesse que, ao suprimir qualquer emoção negativa, a mãe acabara suprimindo também as positivas.

Mas havia algo mais naquele instante, congelado no tempo e no espaço, e no calor insuportável do solário (como a mãe não estava suando? Como não havia sequer uma de transpiração na sua testa?). Alice se deu conta de que também havia se esforçado ao máximo para esconder as próprias emoções, com medo de ser vista, de ser conhecida, de ser rejeitada.

Nunca suficientemente boa para ser uma Storm, nunca suficientemente boa para ser qualquer outra coisa além disso.

Antes, Alice jamais teria contestado aquele seco e breve. Jamais teria ousado. Mas naquele momento estavam todos em território desconhecido.

– Eu ouvi você aqui dentro – disse ela. – Com alguém. – Fez uma pausa, tentando ser delicada. – Parecia sério.

. .

Mas parecia excessivo dizer aquilo.

A mãe não olhou para ela.

– Você não devia escutar atrás das portas.

As lágrimas surgiram, indesejadas, carregadas de raiva, tristeza e de inúmeros outros sentimentos, fazendo a garganta de Alice arder enquanto ela tentava encontrar as palavras adequadas.

Acabou escolhendo:

– Mãe, eu sinto muito.

Ela viu as palavras atingirem Elisabeth, deixando seu corpo ainda mais rígido, o que parecia impossível.

– Sente muito pelo quê?

. . (A verdade.)

Mas Alice não ia dizer aquilo.

– Eu só… sinto muito.

– Não há necessidade de chorar.

– É claro – concordou Alice, com a experiência de quem já tivera aquela conversa milhares de vezes, moldada pela emoção fria que vinha de quatrocentos invernos na Nova Inglaterra, sempre ameaçando congelar os outros cinquenta por cento da sua herança genética: o ardor inegável do pai arrogante e autoritário.

Só ali, naquele instante, em meio à umidade brutal da estufa, Alice entendeu a verdade. Elisabeth e Franklin, de alguma forma, haviam existido em um equilíbrio estranho e perfeito.

Até a semana anterior.

E agora, sem o fogo, só restava o gelo.

Elisabeth respirou fundo, e o som assustou Alice e liberou palavras que ela talvez não dissesse se tivesse tido tempo de pensar.

– Mãe… isso é horrível. Você pode admitir.

– E por que eu diria uma coisa dessas? As pessoas parecem estar se divertindo.

Alice arqueou as sobrancelhas.

– Se divertindo… – Ela parou, sem conseguir conter a risada horrorizada que escapou, ainda tentando medir as palavras como havia aprendido. – Você lembra por que todo mundo está aqui, né? Ele , mãe. Ele se . E nós todos estamos tristes. E as pessoas estão a perda.

A suposta inocência se transformou instantaneamente em raiva. Elisabeth estreitou os olhos azuis, a pele ao redor – tão cuidadosamente preservada – sendo marcada por linhas finas.

– Eu sei que ele morreu, Alice. .

Elisabeth não seguia as mesmas regras de embate que Alice, ela disparava as palavras sem hesitação. Sem demorar sequer um instante para considerar o impacto que teriam. Ou talvez tivesse plena noção do que fazia desde o início.

– Você quer dizer que eu não estava.

Elisabeth não respondeu e desviou o olhar para além da filha, para a

saída do solário e o corredor escuro que se abria logo adiante.

– O que você quer de mim, mãe? Eu vim assim que soube – disse Alice, sentindo o gosto amargo das palavras. – Eu vim assim que você me chamou.

– Exatamente.

– O que você queria? Que eu ignorasse o fato de que ele nunca me procurou? De que você nunca me procurou? – Ela sabia que não devia dizer nada. Que mesmo que fosse o momento certo para aquela conversa, ainda assim não levaria a nada novo, a nada diferente, não curaria as feridas. – Alice balançou a cabeça. – O papai me mandou , e eu obedeci… como sempre fiz a vida inteira, aliás, até não conseguir mais. E toda a família me riscou da existência.

– Que bobagem. Você sempre pôde voltar pra casa.

Ela disse aquilo com absoluta firmeza, como se fosse uma verdade inquestionável.

– Com o rabo entre as pernas, implorando pra ser aceita de novo – argumentou Alice. – Porque Deus nos livre de alguém enfrentar Franklin Storm. Deus nos livre de alguém dizer que ele estava errado. Mesmo agora. Pois bem, mãe. Ele estava errado. E você deixou acontecer.

– Você está sendo dramática.

Deus, o pior é que ela de fato estava se sentindo dramática. Queria gritar aquele drama até ele se tornar realidade, ali, naquele cômodo de vidro, terracota e pedra.

– E estou errada?

– Está, sim.

A mãe se virou para ela, com algo parecido com fogo no olhar, como se Alice finalmente a tivesse desestabilizado.

– Eu enfrentei o seu pai o tempo todo.

– Não por nós – disse Alice. – Não pela Greta, para que ela pudesse amar quem ama de verdade, não para abrir espaço para a Emily, não para garantir que o papai respeitasse o Sam. Nem quando eu pra você convencer o papai a me deixar ter uma vida fora da Storm. Você nunca lutou pela gente. Lutava por . E isso é outra coisa. Você nunca impediu o papai de fazer nada. Nem mesmo quando ele me expulsou e virou as costas pra mim.

– Ninguém nunca impediu o seu pai de nada. Vivíamos todos ao sabor

da vontade dele. – Uma mentira conveniente, como se Elisabeth fosse uma água-viva flutuando no oceano de Franklin, e não a rainha das tempestades. Seu tom se tornou amargo quando ela apontou para a janela voltada ao sul do solário e para os convidados do lado de fora, ao longe. – Nem mesmo nesta semana.

– Exatamente – falou Alice, o tom mais alto agora, carregado de raiva, mágoa e frustração. – Porque ele morreu e você não conseguiu nem organizar um maldito funeral. Em vez disso, estamos servindo miniquiches e champanhe numa porra de .

Elisabeth ficou paralisada, e Alice se espantou com a expressão de choque no rosto da mãe, enquanto suas palavras reverberavam pelo ambiente, ecoando contra o vidro, atravessando-o. E, quando o eco se dissipou – fazendo algum fornecedor provavelmente lembrar a equipe próxima de que todos tinham assinado acordos de confidencialidade –, o único indício de que Elisabeth escutara Alice foi o leve arquear das sobrancelhas perfeitamente desenhadas.

Algo sussurrou dentro de Alice ao ver aquela expressão, algo frio, desagradável, incompreensível. Antes que dissesse qualquer coisa, o olhar da mãe voltou a passar por ela, para além do ombro, em direção à entrada do cômodo. Alice soube quem era antes mesmo de seguir o olhar da mãe. Claudia encontrara Jack. Havia dito que Alice precisava dele. E ele estava ali.

.

– Elisabeth – disse Jack, se dirigindo à mulher mais velha, mas sem olhá-la, o foco inteiramente em Alice. – Precisa de alguma coisa?

Alice balançou a cabeça, mas Jack não saiu do solário. Em vez disso, entrou. O som dos mocassins vinho ecoando como tiros nas pedras do chão. Seu olhar percorreu o corpo dele, passou pelos ombros largos, pelo alinhamento impecável do paletó, pelo comprimento das mangas exibindo abotoaduras brancas brilhantes rentes aos seus pulsos, como se ele tivesse sido vestido por um camareiro particular.

Ela viu o punho esquerdo cerrado, mas ele logo abriu os dedos, como se tivesse sentido o olhar dela. Sacudiu a mão, de leve, e Alice acompanhou o movimento. Jack chegara pronto para lutar. Para resolver.

Mas, é claro, aquilo não tinha solução.

– Você está…

Elisabeth o interrompeu:

– Estamos perfeitamente bem, Jack. Não precisa nos seguir o dia inteiro. Não somos o Franklin, você não trabalha para nós.

O olhar dele se desviou rapidamente para Elisabeth e voltou para Alice.

– Não, senhora.

– Já nos demoramos demais – disse Elisabeth. – Vou voltar para onde estão os convidados.

Ela passou por Jack e entrou na casa com aquela graça fluida que Alice jamais conseguiria replicar, e que com certeza não era capaz sequer de tentar imitar naquele momento.

Quando Elisabeth desapareceu no corredor escuro, Alice baixou os olhos, desejando estar em qualquer lugar que não ali, naquela ilha.

– Alice…

– Não – sussurrou ela. – Não diz nada.

Mas Jack já se adiantava em direção a ela. E, por um instante insano, Alice imaginou que ele fosse se aproximar a ponto de conseguir puxá-la para seus braços.

Ela reproduziu a fantasia mentalmente, imaginando como seria se permitisse. Como seria se entregar ao abraço de Jack e permitir que ele cancelasse todo o ruído do mundo.

Ela não ignorava o fato de que tinha pedido para Claudia chamar justamente Jack. Não Tony. Não Sam. Nem meia dúzia de seguranças da Storm Inc. Jack.

E ele foi. E ficou.

Mas, mesmo ali, mantinha certa distância.

– Você sempre faz isso – disse ela. – Começa a se aproximar de mim como se não fosse parar por nada, e aí… para.

O silêncio se instalou entre os dois, e Jack passou a mão pelo cabelo escuro e espesso.

– Eu preciso parar.

– Entendo. Talvez um dia você se dê conta de que ele não manda mais em você.

Um longo silêncio.

– Sim. Você também. – Não havia reprovação nas palavras, apenas acolhimento. Como se os dois tivessem sobrevivido ao mesmo incêndio.

Jack soltou um suspiro rouco e desabotoou o paletó. – Está quente aqui dentro.

– A gente não precisa ficar aqui – falou Alice, indicando a porta. – Podemos voltar.

Ele não se mexeu.

– Por que você mandou me chamar?

– A minha mãe estava… – Ela se interrompeu. Recomeçou: – Tinha alguém… – Nova pausa. Alice balançou a cabeça, sentindo que não devia contar. Como se fosse um segredo. Como todo o resto. – Eu não sei. Não devia ter te chamado.

Depois de um longo momento, Alice ergueu os olhos e encontrou o olhar de Jack fixo no seu, como se, caso olhasse com intensidade o bastante, fosse conseguir ver os pensamentos dela.

– Nada disso faz sentido, sabia? – disse ele, e Alice se encolheu com as palavras, mesmo quando ele completou: – O dia, a semana. O futuro. E nada do que você está sentindo está errado, por sinal.

– Isso não parece verdade – desabafou ela. – Parece que tudo devia fazer mais sentido. Que eu devia entender melhor. Não tem nada de especial nisso. Todo mundo morre. Não devíamos estar mais acostumados?

Ele balançou a cabeça.

– A gente não se acostuma. Não fica mais fácil.

– Como você sabe?

– Porque eu já passei por isso. – Ele disse aquilo com a mesma naturalidade que alguém diria ou .

Alice franziu o cenho.

– Sinto muito.

Poderia ter sido só uma resposta protocolar, mas não foi. E, quando ele assentiu e disse "Obrigado", pareceu real.

Alice se agarrou àquilo.

– Posso perguntar…

– O meu pai. – Jack pronunciou as palavras com cuidado, como se, do contrário, elas fossem sair espremidas e estranhas. Alice compreendia bem aquilo. – Ele morreu há oito anos.

– Ah.

Foi tudo o que conseguiu murmurar enquanto tentava encontrar as

palavras certas, com dificuldade de aceitar que outras pessoas também já tinham experimentado aquela sensação estranha e desconfortável.

– Eu não estava lá – disse ele.

.

– Isso é difícil.

Ele assentiu.

– Você entende.

– Foi repentino? Foi tipo…

– Ele estava doente – falou Jack com o tom contido, como se já se arrependesse de ter tocado no assunto, mas agora as palavras estavam vindo e ele não conseguia contê-las. – Eu não estava lá. Por vários motivos. O meu pai não era o melhor dos homens. Ele tentava, mas acabou causando muita dor a quem estava por perto. Eu era jovem e cheio de raiva, e ele era tudo o que eu tinha. Foi fácil desaparecer e, para ser honesto… – Ele passou a mão pelo cabelo, desalinhando as ondas escuras. – Eu queria desaparecer. Não foi difícil ir embora, mas ia ser difícil demais voltar.

Alice assentiu.

– Também entendo isso.

Jack encontrou os olhos dela.

– Acho que entende, sim. Mas, se aprendi alguma coisa com aquilo, é que o hoje, que os dias que vêm depois, não são pra ele. São pra você. Hoje é um fim, mas também é um começo. Quem você era antes, e quem vai ser depois?

Alice ergueu uma mão, sem saber se devia tocá-lo. Se era permitido aquele tipo de conexão. Por mais que já tivessem se tocado e feito tantas coisas juntos, aquilo parecia mais íntimo.

– Considerando a proximidade que você tinha com o meu pai… isso deve ser difícil.

Jack deu um dos sorrisos breves que ela estava começando a apreciar.

– Cuidado. Falar assim vai me fazer achar que você gosta de mim.

Alice estava começando a achar a mesma coisa, mas ainda não estava preparada para admitir. Ela abaixou a mão.

– No barco – disse ela. – Você disse que sentia muito pela minha perda.

Jack assentiu.

– E sinto mesmo.

– Não devia. Eu perdi o meu pai muito antes de ele morrer.

– Sinto por essa perda também – falou Jack. – Essa é a que não vai embora.

Alice sentiu o peito apertado, subitamente assimilando aquela verdade e sentindo um alívio estranho: o alívio de ser compreendida. Talvez tenha sido aquele alívio que a levou a dizer:

– E depois eu perdi o resto deles.

– Tem certeza?

Jack estava perto demais, e ela ansiava por sentir alguma coisa que não fosse a dor crua daquele dia. A inquietação da semana. A incerteza do que estava por vir. E aquele homem, tão firme que a fazia perder o chão, a deixou sussurrando o nome dele, baixinho, um som quase inaudível no calor do solário. No silêncio do momento, sugado pelo caos do dia.

Ele ouviu.

– Alice, vou me aproximar de você. – Um alerta. Uma promessa. – E, dessa vez, não vou parar.

Ela ergueu o queixo quando os dedos de Jack roçaram a lateral do seu pescoço, acelerando a pulsação.

– Por favor.

Um som grave vibrou no peito dele. A aprovação.

– Isso é tão bonito.

As palavras atravessaram o corpo de Alice, que fechou os olhos quando sentiu os dedos dele acariciando o seu maxilar.

– O quê?

– Saber que você quer tanto quanto eu quero você. – O toque de Jack deixava rastros de fogo que desciam pelo pescoço, marcando a pele dela. Ele puxou-a mais para perto. – Eu vou te dar o que a gente quer – sussurrou ele, erguendo o rosto dela, abaixando os lábios até ficarem a um suspiro de distância, seu cheiro envolvendo Alice. Areia, sal e mar. – Só um pouquinho. Só por um instante. Depois a gente para.

– Só por um instante – concordou ela. – Só um pouquinho, e aí a gente…

Jack engoliu o resto das palavras com um beijo.

Eles já tinham se beijado antes, é claro. Beijos quentes, intensos, desesperados, explosivos – como se estivessem disputando pelo prazer com um rival invisível. O tipo de beijo que fazia esquecer tudo.

Mas agora… agora era um beijo para lembrar. Era para guardar para a vida inteira, para esconder e revisitar em noites longas e tardes silenciosas, quando houvesse tempo de reviver. Aquele momento em que Jack a encontrou em pedaços que ninguém mais enxergava e a acolheu. Era um beijo para explorar em segredo, de novo e de novo, assim como agora exploravam um ao outro, devagar, pecaminosos, perfeitos.

E era mesmo uma exploração, a língua de Jack roçando os lábios dela, e ela suspirando contra a boca dele, se abrindo, roçando – mais quente que o próprio ambiente enquanto as mãos de Jack alcançavam seu rosto, segurando-a com firmeza, como se tivesse planos para ela. Alice não resistiu e tocou-o também, enfiando as mãos por dentro do paletó, subindo pelos contornos do tronco que ela sabia ser bronzeado pelo sol.

Jack grunhiu ao sentir o toque, e ela adorou ouvir aquele som – a confirmação de que ele também estava entregue ao momento, os dois suspensos no tempo, com aquele beijo lento, cheio de pecado, firme e inacreditavelmente suave, incendiando os dois à medida que ele a saboreava, que acariciava a pele dela com os polegares.

Quando Jack finalmente se afastou, deixando em Alice a vontade de agarrá-lo pelas lapelas e puxá-lo de volta, ele olhou para ela como quem admira o próprio feito, gravando cada detalhe na memória.

Jack murmurou alguma coisa, baixo demais para que ela ouvisse, então disse:

– Esse não é o lugar certo pra isso.

Ele estava errado. Alice sinceramente não conseguia pensar em lugar melhor – um solário abandonado, mais quente que o sol, cheio de terra e plantas crescendo. Era perfeito, e se ele a beijasse de novo, ela mostraria isso a ele.

Alice o puxou para outro beijo, e ele gemeu contra a boca dela, reivindicando-a de novo. Um beijo longo, lento e maravilhoso. Quando se afastaram, Jack encostou a testa na dela e disse, com aquele timbre delicioso:

– Alice. não é a hora certa.

– Tudo bem – sussurrou ela. – Mas e se fosse?

Aquilo rendeu uma risada baixa como resposta e, por um instante insano, Alice se perguntou como seria fazer Jack rir sempre.

– Meu bem, se eu achasse que você não ia se arrepender, eu te levaria pro seu quarto na torre e faria esta ser a hora certa.

E por que o coração dela disparou com aquele ? Por que queria tanto que ele dissesse de novo?

Aquilo era perigoso.

.

Alice ouviu aquele sussurro baixinho, reverberando no fundo do estômago, dizendo que ela devia fugir, porque aquele homem, quem quer que ele fosse, não importava a forma como aparecera na vida dela, com certeza ia virar tudo do avesso – muito além dos limites cuidadosamente traçados por ela mesma.

E talvez ela gostasse disso.

O que já era motivo suficiente para parar.

– Você tem razão – sussurrou Alice.

Ela reconheceu a emoção nos olhos dele – idêntica à dela. .

Incapaz de se conter, Alice esticou o braço e passou o polegar no lábio inferior dele, manchado com o gloss que ela usava, quase sem cor nenhuma.

– Você tem…

Ele segurou a mão dela e a virou, depositando um beijo na parte interna do pulso.

– Obrigado.

O gesto desestabilizou Alice pela espontaneidade, como se ele já tivesse feito aquilo mil vezes. Como se ela fosse dele, para tocar. Para beijar. Mas, antes que conseguisse se situar, Jack soltou a mão dela e recuou um passo, indicando com a cabeça a porta que levava de volta à casa. Alice prendeu a respiração, com a sensação de estar à beira de um precipício – como se, ao deixar aquele cômodo, aquela paz, aquela proteção que era Jack… tudo fosse se transformar em caos.

O que era uma tolice, afinal tudo já era caos.

Eles mal tinham saído de casa e a prova apareceu. Elisabeth estava parada no alto do gramado, olhando para a multidão enquanto Greta e Tony se aproximavam mais abaixo.

O que quer que fosse acontecer, não ia ser bom. O mínimo que Alice podia fazer era impedir que acontecesse diante de todo mundo.

Ela se apressou em direção à mãe, decidida a interceptá-la antes que

Elisabeth decidisse…

– Onde você estava? – perguntou Elisabeth, e a pergunta veio carregada pelo vento, atravessando o gramado.

Greta apressou o passo, respondendo ao subtexto da pergunta. . . O olhar dela passou de Elisabeth para Alice, agora mais próxima.

– Por quê? O que aconteceu?

A pergunta deixou Alice em alerta; era impossível ignorar o significado implícito: Alice ergueu o queixo, os ombros se projetando para trás. Armadura ativada.

– Nada.

Greta não acreditou. Aquilo estava claro.

– Mãe? Tudo bem?

Elisabeth ignorou as perguntas, seu olhar deslizando como uma acusação até Tony, e depois voltando para Greta.

– Vejo que você ainda não fez o que devia.

Tudo parou. Greta, Tony e Alice estacaram onde estavam, chocados com as palavras. O som dos convidados ao redor desapareceu e as palavras frias de Elisabeth ecoaram ao redor deles. O vento, sempre presente na ilha, pareceu cessar – como se nem o clima acreditasse no que estava acontecendo.

Greta olhou ao redor e abaixou a cabeça.

– Mãe – sussurrou ela. – Por favor, para.

– Você teve dias pra fazer isso, Greta. Em vez disso, está se escondendo, sabe-se lá onde, com ele durante .

Greta empalideceu ao ouvir aquelas palavras, boquiaberta de choque. Tony, por sua vez, ruborizou profundamente, e Alice não soube dizer se era de vergonha ou de raiva.

Alice se intrometeu e abaixou a voz ao se aproximar.

– Mãe, não faz isso.

– Eu não estou nada além do que sempre tive que fazer – retrucou Elisabeth, com a voz calma – Arrumar a bagunça que vocês deixam. – Ela se voltou para Tony. – Você não é burro, Anthony.

– Mãe. É sério isso? Aqui? – Aquilo ia contra tudo o que Elisabeth Storm sempre ensinara: nunca reclame, e nunca na frente de estranhos. Menos

ainda diante de duzentas pessoas cujas opiniões importavam, não só para o mundo, mas para a própria Elisabeth. – Agora?

Ela não respondeu a Alice. Manteve-se firme, encarando Tony, que também não recuou nem se intimidou e retribuiu o olhar com firmeza, os ombros retos, o peito estufado e os braços como troncos de árvore.

– Não, senhora. Não sou.

– Por favor – pediu Greta, se colocando entre os dois, de costas para Tony. – Não faz isso. Não agora.

– Você devia ter pensado nisso antes de sumir com ele e envergonhar a família diante do mundo – disse Elisabeth.

Greta ficou vermelha como um tomate.

– Ninguém estava olhando.

– Você está enganada. Todo mundo está olhando.

As palavras surtiram o efeito necessário para causar exatamente a cena que Elisabeth havia sido treinada a vida inteira para não fazer. Mas o luto resulta em coisas estranhas, faz as pessoas se agarrarem ao que resta. Elisabeth não se dava conta de que o que estava prestes a fazer traria ainda mais perda. Um corte mais profundo.

Alice procurou pelos irmãos. Sam estava a quilômetros de distância, no outro lado do campo, com Saoirse e Oliver. Longe demais.

Mais perto, Emily saía de uma conversa, Claudia ao seu lado, observando, percebendo que algo estava errado – uma pessoa de fora com uma visão clara da verdade. Mas não havia tempo para esperar.

Greta parecia incapaz de falar.

Era Alice, sozinha.

– Por favor, mãe. Você precisa parar agora.

– Não quero falar com mais ninguém além de você – disse Elisabeth, mirando as palavras como uma arma, direto em Tony.

Ele ergueu o queixo.

– Não. – Greta bateu pé (tanto quanto conseguia diante de Elisabeth). – Deixa ele em paz.

– Tony – continuou Elisabeth, se recusando a olhar para a filha. – Acredito que os seus serviços não são mais necessários aqui.

Greta deixou escapar um som que talvez fosse um lamento se não tivesse morrido preso na garganta.

Alice abriu a boca para falar, sem saber o que diria, mas certa de que

precisava dizer alguma coisa. Elisabeth a cortou.

– Você entende o motivo, não entende?

– Entendo, sim – respondeu ele.

– Você sabe disso desde quarta-feira.

– Sim – disse Tony.

Elisabeth assentiu.

– E entende por que não é bem-vindo.

– Sim.

– Isso é ridículo – falou Alice na mesma hora, embora não lhe escapasse que tinha sido a única a dizer aquilo em voz alta. – Tony, é claro que você é bem-vindo. Isso não está certo. – Ela olhou para a irmã. – Greta… pelo amor de Deus… fala alguma coisa!

De olhos arregalados, Greta encarava Tony.

– Por que você ficou?

. Alice precisou de toda a sua força de vontade para não dizer aquilo.

Não precisava. Pelo modo como olhava para Greta, era como se Tony estivesse gritando aquilo. O desejo que sentia, a dor, a raiva… tudo impossível de ignorar. Ele atravessaria o fogo por ela.

Todo aquele jogo – de Franklin, de Elisabeth – era uma bobagem. Já era hora de acabar com essa situação. Se ninguém mais estivesse disposto a dizer aquilo, Alice certamente diria.

– Greta, não faz isso. Não vale a pena. A gente vai dar um jeito. – Ela olhou para Jack. – A gente vai dar um jeito, não vai, Jack? Ela não precisa fazer isso.

Ele não respondeu, e ela percebeu que aquilo estava além das possibilidades dele.

Era algo que ele não podia consertar.

Então ela se esforçou para consertar por conta própria. Sem a menor elegância.

– Não importa, Greta… o dinheiro, as expectativas, o que quer que a imprensa diga. Nada disso importa. Não como . Não mais do que a sua felicidade.

– Não seja ridícula – falou Elisabeth. – Você perde tudo se ela não fizer isso. Você, Sam e Emily. A Greta jamais faria isso com a família.

– E você também, mãe – rebateu Alice. – Você também perde.

– Isso eu não poderia esquecer, Alice – disse Elisabeth no mesmo tom. – O seu pai fez questão de deixar isso claro.

E, mais uma vez, a palavra sendo dita como se deixasse um gosto ruim na boca.

– Então o quê? Você castiga a Greta pra se vingar do papai?

– Não estou castigando ninguém – rebateu Elisabeth. – Não tive nada a ver com esse jogo estúpido. Continuo não tendo nada a ver com isso. Foi coisa do seu pai. E dele. – Apontou para Jack. – Eu sou apenas uma espectadora.

– A inocência personificada.

– Exatamente, e o seu pai está morto agora – disse Elisabeth, como se não estivessem cercados por evidências disso. Consumidos.

– Ela não pode me demitir – disse Tony, surpreendendo a todos.

– Como é? – A indignação de Elisabeth teria sido divertida se todos não estivessem se perguntando a mesma coisa.

– Você não pode me demitir – repetiu Tony, com calma, lançando um olhar firme para ela. – Mesmo que tivesse esse poder, eu não trabalho mais na Storm.

Todos olharam para ele.

– O quê? – perguntou Greta.

– Entreguei a minha carta de demissão na quinta-feira. – Ele olhou para Jack, parado a uma certa distância, e todos seguiram o olhar.

– Você estava envolvido – disse Alice.

– Sou diretor-executivo da Storm – respondeu ele, em tom irônico. – Então, sim. Estava envolvido.

Antes que Alice pudesse responder, Greta falou, surpresa e com certo tom de mágoa na voz:

– Você se reuniu com o Serviço Secreto. Trabalhou com a equipe de segurança da empresa hoje.

Tony ficou em silêncio por um longo momento – longo o bastante para Alice achar que não ia explicar nada. Mas, por fim, ele falou:

– Eu não preciso estar na folha de pagamento para querer manter você segura.

Alice sentiu um aperto no peito diante daquelas palavras, da beleza simples que carregavam. Tony olhava para Greta como se ela fosse a única coisa no mundo, como se fosse o sol – com tamanha franqueza e intensidade que parecia errado haver testemunhas.

Era uma declaração de amor. Do que deveria vir a seguir. Da lealdade de Greta. Do amor dela. Do futuro.

Mas aquilo não era algo que pudesse ser dado tão facilmente, porque já havia sido reivindicado. Muito antes de Anthony Balestreri aparecer na vida dela. Greta mantinha os olhos colados à grama aos seus pés, verde e perfumada pelo tomilho selvagem.

– Tony… – sussurrou ela, e Alice desviou os olhos, prevendo o que estava por vir. Sem querer ver.

– Pra mim já chega – disse Elisabeth, com um gesto impaciente entre os dois, aparentemente sem qualquer dificuldade para ouvir ou ver o que se passava. – Chega desse caso secreto que consumiu vocês por anos e que nunca levaria a lugar nenhum. O seu pai só queria o melhor para você e para a família – começou ela, sabendo como atingir Greta. – E agora ele se foi, e chegou a hora de você assumir alguma responsabilidade.

Aquilo foi monstruoso. Enquanto Alice observava, alguns funcionários da Storm cochichavam entre si. Um grupo de amigas de longa data de Greta, do East Side de Providence, tentava disfarçar os olhares.

Na verdade não tentaram – todos já estavam comentando antes mesmo que Elisabeth terminasse. E aquilo deixou Alice ainda mais furiosa. Duzentas pessoas ali em consideração à mãe – para mimá-la, cuidar dela e consolá-la – e, ainda assim, ela não conseguia fazer o mesmo pelos próprios filhos?

Era tão ruim assim que Greta precisasse de Tony para suportar aquele dia – justamente aquele dia? Será que todo o resto não podia ser adiado por 24 horas? Alice encontrou os olhos da irmã, cheios de uma tristeza cor de índigo profundo, e desejou que ela finalmente se posicionasse.

– Você finalmente pode deixar tudo isso para trás – disse Elisabeth. – Fechar a porta. De novo.

E por que aquele soou tão ameaçador? Por que acendeu um

lampejo de arrependimento nos olhos de Greta? Uma sombra de vergonha tão óbvia que parecia um golpe físico?

Ao lado de Alice, Jack estava imóvel, o impacto de sua presença irritando-a profundamente. Ele podia acabar com aquilo naquele instante. Ela se virou para encará-lo, mas ele evitou o olhar, como se também entendesse que aquilo não era justo. Que não era certo. E o pai dela estava morto, pelo amor de Deus – então quem saberia?

Ninguém. Apenas Jack.

E ele não devia se importar.

Mas ele não disse nada, não se mexeu, e justo quando o grito se formava no peito de Alice, subindo pela garganta – ameaçando sair e incinerá-lo com anos de raiva reprimida –, ela olhou para Tony, e a vontade de lutar desapareceu.

Porque ele já tinha aceitado o que ela se recusava a aceitar.

Greta não ia desafiar a mãe. Não ia resistir. E ele se respeitava demais para ficar e deixar que ela partisse seu coração.

Tony assentiu uma vez.

– Tudo bem.

Ele balançou a cabeça e olhou para Greta, que não conseguiu encará-lo. Foi de partir o coração. Aquele homem a amava tanto e, ainda assim, continuava sendo o segredo de Greta. Ela ainda não conseguia se imaginar indo embora com ele. Assumindo aquela verdade com ele.

A irmã respirou fundo e, por um instante, Alice achou que fosse para reunir coragem para fazer o que precisava ser feito, dizer o que precisava ser dito.

Mas ela pareceu se revestir de aço. Seu rosto ganhou ângulos e firmeza, como o de Elisabeth. Os cabelos reluziam o loiro tradicional da família sob o sol do fim do verão, como o de Elisabeth fora um dia. Seus ombros se projetaram para trás, a coluna muito ereta, como a de Elisabeth.

No silêncio que se seguiu, Tony se afastou, atravessando o gramado até o caminho que o levaria ao heliponto, enquanto Greta e Alice observavam Elisabeth fingir examinar a aglomeração de convidados mais abaixo – pessoas que não faziam ideia do que acabara de acontecer no alto daquela colina. Algo que talvez fosse trágico se todos ali já não estivessem de luto por outra tragédia (ou fingindo estar).

Eles não sabiam que havia acabado de acontecer uma devastação bem ao

lado deles.

Alice deu um passo na direção de Greta, que olhava para a água, onde o sol brilhava nas ondas com mil pontinhos de luz ofuscante.

– Greta. Você tem como acabar com isso. Aliás, eu também. Se eu for embora…

– Não .

Alice se espantou com o veneno na voz da irmã.

– Eu… isso não foi culpa minha.

Era verdade. Ou ela teria impulsionado a mãe naquela direção depois da conversa no solário? Teria ido longe demais?

– Só… – Greta parecia prestes a gritar. Mas se conteve. – Só… é melhor você não ir embora. Não depois disso.

Alice estacou.

– Eu não estava…

– Não depois de todos nós termos feito sacrifícios. Acho melhor você ficar, porra.

A fúria de Greta era palpável, dirigida diretamente a Alice. Então a filha mais velha da família Storm girou nos calcanhares e desceu a colina, em direção à festa, onde poderia vestir a fantasia de filha devotada e enlutada e manter as emoções sob controle.

– Muito bem – disse Elisabeth, como se tudo tivesse acontecido conforme o planejado. Como se ela não fosse a arquiteta do futuro arruinado de Greta e do ressentimento dela por Alice. – Está resolvido.

Alice perdeu o controle.

– Como você pôde fazer isso? Dispensar o Tony desse jeito? Obrigar a Greta a terminar tudo com ele? Agora? Hoje? – Alice agora enfrentava a mãe, sem conseguir manter o tom contido. Sem conseguir ficar parada. Ela avançou em direção a Elisabeth, que permaneceu imóvel, uma força inabalável. – Você tem ideia da crueldade que foi isso? Do quanto vai se arrepender quando perceber o que causou?

– – Elisabeth piscou com aquela inocência ensaiada que Alice começava a detestar. – Por quê? Eu fiz isso por ela. Tirei a responsabilidade das mãos dela. Resolvi tudo. Como sempre, resolvi tudo pela Greta. E por todos vocês. O Sam concluiu as tarefas dele, a Greta

também, e você com certeza não vai embora agora… afinal, está tudo nas suas mãos.

Alice a encarou boquiaberta.

– O quê?

– E quanto ao arrependimento – continuou Elisabeth –, só vou acrescentar mais um à minha lista. Já tenho mais do que o suficiente.

Então era isso. A mãe ia se fazer de mártir. E pensar que Alice tinha se preocupado com ela mais cedo. Que estupidez. Se havia uma verdade no mundo, era que Elisabeth Storm sobrevivia.

Jack interveio, a voz baixa, firme e ameaçadora. Inflexível.

– Já chega.

– Obrigada, Jack – disse Elisabeth, como se ele tivesse vindo em seu socorro. – É bom saber que ainda existe cavalheirismo no mundo.

Alice mordeu a língua.

– É melhor você voltar para a festa, Elisabeth – disse ele.

– Acho que vou fazer isso – respondeu ela, lançando um olhar gélido para Alice antes de começar a descer a colina. – Vou encontrar alguém que goste da minha companhia.

Jack deixou que ela se afastasse alguns passos antes de dizer:

– Elisabeth.

Ela parou e se virou com um sorriso falso no rosto, como se Jack fosse seu novo queridinho. O retrato da arrogância, como se tivesse vencido.

– Sim?

– Você está errada. A sua tarefa não está completa. Você ainda não contou a verdade a eles.

– Não sei do que você está falando.

– Acho que sabe – insistiu Jack. – Mas, se ainda estiver com dificuldade, não tem problema concluir a sua outra tarefa agora. – Todos entenderam. Imediatamente. Ainda assim, Jack esclareceu, com precisão cortante: – Você tem algo a dizer sobre o Franklin?

Alice não conseguiu conter uma risadinha diante da pergunta, já que todos ali poderiam imaginar muito bem o que Elisabeth de dizer sobre Franklin.

Elisabeth estreitou os olhos para a filha do meio. Sem hesitar, respondeu a Jack:

– Ele teria se orgulhado da Alice.

Ela atirou para machucar, certa de que tinha encontrado uma brecha, mas não doeu.

Em vez disso, Jack a encarou e disse, sem ironia:

– Perfeito.

Antes que Alice pudesse saborear a satisfação que aquelas palavras provocaram, Elisabeth franziu o cenho e lançou a Jack um olhar que só podia ser descrito como letal (ela devia estar furiosa, pois permitiu que as ruguinhas aparecessem). Então, cerrou os lábios com força, deu meia-volta e se afastou.

Alice e Jack ficaram observando enquanto Elisabeth voltava para a festa, onde todos os presentes fingiam não ter reparado em nada do que acabara de acontecer (uma piada, aquilo – se houvesse sinal de celular, as mensagens já teriam começado). O vento soprou, trazendo uma brisa perfeita de fim de verão, seca e deliciosa, como um presente. Como uma mensagem. Ela se virou para Jack, os cabelos ao sabor do vento em direção a ele.

Jack ergueu a mão ao mesmo tempo que ela, mas se deteve quando Alice colocou os fios atrás da orelha. Ele manteve a mão suspensa no ar e ela resistiu ao impulso de segurá-la. De entrelaçar os dedos nos dele e puxá-lo para mais perto – aquele homem que já fora o inimigo e agora… não parecia ser nada disso.

– Obrigada – sussurrou Alice, e as palavras foram levadas pelo vento, roubadas como um segredo.

Ela encontrou o olhar dele, sério e com algo mais… algo denso e úmido, como se, caso ela o tocasse, fosse puxá-la de volta para casa, para a privacidade. Para um lugar onde pudesse deitá-la e provar que ele não era, nem de longe, um inimigo.

Um pensamento insano se seguiu. E se ela pedisse que ele fizesse tudo aquilo, mas em outro lugar? Longe dali? E se ela pedisse que ele fosse embora com ela? Largasse aquele lugar? Os segredos? Os fardos?

– Jack – começou ela. – E se…

– Alice!

O chamado urgente de Gabi veio de mais perto do que Alice esperava, e ela logo surgiu subindo a encosta do jardim em direção à casa, com uma

expressão nada típica de Gabi. Como se, fosse o que fosse, ela não soubesse lidar com a situação.

Alice abaixou a mão e deu um passo na direção da amiga.

– O que aconteceu?

– Bom, dá pra ver que alguma merda estava acontecendo, mas… – Gabi apontou para o gramado, seu olhar indo até Jack, então voltando para Alice com foco total. – O Griffin tá aqui.

CAPÍTULO 16

– *GATA VIRA-LATA*.

Alice não escondeu o desprezo quando parou diante de Griffin McGill, o homem que havia jurado várias vezes que não dava a menor importância àquele lugar, nem àquelas pessoas, ou ao passado de Alice, porque ele seria o futuro dela.

Dois meses longe de Griffin não tinham eliminado a capacidade de Alice de localizá-lo no meio da multidão – alto, loiro, de olhos azuis, o típico homem branco que tinha sido rei do baile no colégio. Uma beleza de reality show, como Gabi gostava de dizer, mas a verdade era que Griffin era bonito o bastante para, dois meses antes, fazer Alice sentir um aperto no coração só de olhar uma foto dele – aquele homem que deveria ter sido o amor da vida dela.

Na época em que se conheceram, Alice ansiava por alguém que a amasse por algo além do sobrenome, e agora só conseguia pensar nos vários pontos em comum entre Griffin e o pai dela, tentando convencê-la, com tanto afinco, de que ela queria a mesma coisa que ele. Alice o bancara – sustentara

o sujeito quando ele dizia que não podia procurar emprego fixo, porque seria o mesmo que desistir do sonho, e, afinal, ele não merecia ter um sonho também? –, tinha aberto espaço para ele no apartamento dela, entre os amigos dela; pagara a viagem dos dois para Praga, onde ele a pedira em casamento, fingira não ver quando ele usou o cartão de crédito conjunto para comprar o anel de noivado, dizendo que ela não precisava pagar por aquilo: ele pagaria, é claro.

No fim, ele nunca pagou. Deus, como ela tinha sido idiota.

Mesmo assim, Alice aceitara o pedido e planejara o casamento sozinha, acreditando quando ele disse que a amava. Então, Griffin foi embora.

E agora, ele estava de volta.

Depois da semana que tivera, Alice estava furiosa.

– O que você tá fazendo aqui?

– – disse ele, como se nada tivesse mudado. Como se tivesse direito de estar ali. Então, estendeu as mãos e segurou as dela com desenvoltura. – É claro que eu tô aqui. – O sorriso largo e brilhante de Griffin surgiu, até que ele pareceu se lembrar de que aquele não era um momento para sorrir. – Eu sabia que você ia precisar de mim.

– Ela não precisa de você, seu babaca – disse Gabi, de onde estava, a uma certa distância, já que se recusara a deixar Alice sozinha depois de revelar a chegada de Griffin.

Gabi sabia, do jeito que melhores amigas sempre sabem, que Alice talvez precisasse dela. Estava ali, como melhores amigas ficam, a postos, totalmente à disposição, tanto para expulsar Griffin dali quanto para providenciar uma pá, caso fosse necessário enterrar algum corpo.

Pelo menos havia alguém do lado de Alice.

Jack tinha tentado ir também. Se empertigara todo, irritado, quando Gabi anunciou a chegada de Griffin, mas Alice o afastara, constrangida demais com a possibilidade de encarar na frente de Jack a vergonha de ter ficado com aquele palhaço. Ela pedira a ele que voltasse para o salão, mesmo percebendo seu olhar tempestuoso, então seguira Gabi até o fim do gramado, onde Griffin estava encostado no bar desde que chegara.

– Gabriela! – disse ele, a voz alta e animada, tentando atrair atenção. Aquela era uma tática que Alice reconhecia como a armadura protetora que Griffin usava sempre que alguém o confrontava. – É assim que vai ser?

Gabi olhou para Alice em busca de uma deixa. Ou talvez de permissão.

Não. Alice queria brigar sozinha.

– Vou perguntar mais uma vez, Griffin – disse Alice –, o que você tá fazendo aqui?

Ali perto, cabeças começaram a se virar, os convidados se contendo um momento antes de estarem encarando abertamente.

Griffin ficou nervoso, lançando olhares por toda a festa, claramente em busca de aliados. Claro que, se tivesse prestado atenção em Alice por um segundo que fosse, durante o tempo que passaram juntos, teria concluído: ali, ele não tinha aliados. praticamente não tinha.

O sorriso desapareceu, e Griffin baixou a voz, inclinando-se na direção dela.

– Eu fui convidado.

– Não por mim.

– Alice. – Ele riu daquele jeito condescendente que os homens usam quando estão prestes a fazer com uma mulher. – Eu teria vindo mesmo sem convite. É claro que vim. Amor… eu jamais te deixaria sozinha nesse lugar.

– Ela não está sozinha – disse Gabi.

– E não me chama de amor – acrescentou Alice.

Ele ignorou Gabi e examinou o espaço, cheio de gente.

– A gente pode conversar em outro lugar?

– Oi! – Emily surgiu ao lado dela, com Claudia logo atrás. Alice cerrou os dentes ao ouvir o cumprimento animado… do tipo que a teria deixado profundamente grata dois meses antes. – Griffin, quanto tempo!

Era tão . Onde estavam Greta e Sam quando ela precisava deles? Pelo menos eles tratariam Griffin como lixo mesmo sem saber da história toda.

– Ah, merda – disse Gabi, baixinho, entendendo na hora.

– É muito bom te ver – disse Emily.

– Não, não é – declarou Alice.

– Não? – Emily arregalou os olhos.

Alice voltou a encarar Griffin.

– A gente não tem nada pra conversar.

Emily encarou a irmã, boquiaberta.

– Não?

Alice se virou para ela.

– Eu não coloquei o Griffin na lista de convidados.

– A gente colocou – disse Emily.

– Ah, claro… – murmurou Alice e desviou os olhos para a multidão, onde Greta continuava a encarnar uma jovem Elisabeth, a anfitriã perfeita, como se o seu coração não tivesse acabado de ser despedaçado. Ela teria notado a falha. Teria consertado. – Eu gostaria que alguém tivesse me perguntado.

– Perguntado? – Emily franziu a testa. – A gente achou que você… Alice, ele é o seu . É claro que seria convidado.

– Você não contou pra elas? – interveio Gabi.

– Em, talvez seja melhor a gente… – disse Claudia, parando no meio da frase, claramente compreendendo a situação, a mão pousada no cotovelo da esposa.

– A gente não tá mais junto – anunciou Alice. Foi um jeito gentil de dizer. Menos humilhante do que . .

.

– – A resposta chocada de Emily foi alta o bastante para atrair a atenção de algumas pessoas próximas, mesmo que todas fingissem não ter escutado.

Alice baixou a voz para um sussurro.

– Pelo amor de Deus, Emily, achei que você fosse o retrato da sobriedade e do equilíbrio.

– Em uma família dessas, isso é difícil – comentou Claudia, com ironia.

– O que aconteceu? – perguntou Emily.

– O Griffin se revelou um completo babaca – disse Gabi, da plateia.

– Obrigada, Gabi – disse Alice.

– Você devia contar tudo – disse Gabi. – Todo mundo vai concordar comigo. – Ela se voltou para Griffin. – Você é um completo babaca.

– Gabi… – disse Roxanne, surgindo por perto. – Acho que isso não é exatamente apropriado para…

Griffin olhou para Gabi.

– Você é maluca.

Roxanne ergueu as sobrancelhas, e Gabi abriu um sorriso.

– Que bom que você finalmente percebeu.

– Alice, por favor – retomou Griffin. – Vamos conversar. Sozinhos.

Ela o observou – tão familiar, os olhos azuis no rosto perfeitamente simétrico, a pele impecável graças a centenas de dólares em produtos de skincare (também bancados por ela), as covinhas profundas que ela já tinha achado encantadoras. Na noite em que o conheceu, tudo em Griffin parecia . Ele falava com tanta emoção, usava palavras como e , e aquilo foi como uma droga. Alice se sentiu completamente atraída pela promessa que ele representava – alguém que a colocava em primeiro lugar.

Griffin quebrou essa promessa quando rompeu o noivado.

E agora queria reivindicar uma parte dela ali?

.

As palavras de Jack ecoaram dentro dela. Quem ela tinha sido antes, quem seria depois?

Não importava, não seria com Griffin. Ele terminava ali.

– Dez minutos. E você vai embora.

Sem esperar por ele, Alice seguiu pela abertura no muro de pedra até a beira do jardim que dava para a ponta sul da ilha, onde o sino de neblina mantinha guarda na entrada da baía.

– Antes de mais nada – disse Griffin, passando as mãos pelo cabelo revolto –, sinto muito pela sua perda.

.

– Não faz isso – falou Alice. – Você me deixou, Griffin. Por que eu ia querer você aqui?

Ele pareceu confuso, como se nunca tivesse cogitado que ela não o quisesse ali.

– Eu lamento muito por isso – começou ele, e ela viu o ator entrando em cena, procurando a fala certa. – Foi um erro. Eu não tinha a intenção de te deixar.

– E só agora, depois que o meu pai morreu e a minha herança entrou em jogo, você percebeu isso?

– O quê? Não! – Ela retirava o que tinha dito. No fim das contas, ele não era um bom ator. – Eu só… sei que você tinha sentimentos complicados em relação ao seu pai, e não queria que passasse por isso sozinha.

Lá vinham eles de novo. Sentimentos. Invocados para seduzi-la mais uma vez. Griffin sempre tinha feito aquilo, ao longo de toda a relação, sempre que ela se aproximava do limite e pensava em terminar.

Ele tentava atraí-la de volta com palavras como , ,
.

E ela continuava com ele. Porque aquelas coisas a seduziam mais do que o dinheiro do pai jamais seria capaz. E a verdade daquilo se misturava com o orgulho de Alice, com a sua rebeldia constante. Se ao menos Franklin a tivesse visto antes – tão feliz com Griffin. Felizes para sempre.

Só que ela não era feliz com ele.

– O meu relacionamento com o meu pai não é mais da sua conta.

– Eu não sumi do nada – disse Griffin, sem um pingo de vergonha na cara. Nem sinal de constrangimento.

– Tem razão – retrucou Alice. – Você deixou um bilhete.
, foi o que escreveu – repetiu ela, enojada mais uma vez.

– Alice – disse Griffin, e o jeito como falou o nome dela soou como um . – Você não entende.

– Realmente. Não entendo. Eu nunca teria feito isso. Foram cinco anos juntos. E você arrumou as suas coisas e sumiu.

Ela respirou fundo, as lágrimas ardendo na garganta, deixando seus olhos marejados. Não era . Era .

Agora ela sabia a diferença.

– Tá na hora de você sumir de novo, Griffin.

– Espera – se apressou a dizer ele, rindo, como se ela tivesse perdido a piada. Como se a piada não fosse ele. – Alice. Pensa bem. A gente pode tentar de novo, agora. Com a bênção da sua família. Seu pai não tá mais aqui. Você tá livre dele, dessas amarras.

Gabi tinha razão. O cara era um ogro.

– Você quer dizer que o dinheiro dele está livre, né? Das amarras. Está falando de uma herança livre de amarras.

A verdade passou rapidamente pelos olhos dele, algo que em outro homem talvez parecesse culpa. E Griffin tentou esconder aquilo com mais uma risada idiota.

– Não. É claro que não. Estou dizendo que a gente finalmente tá livre.

Desde pequena, Alice sabia que estava envolta no dinheiro da família – no dinheiro do pai. Tinha passado a vida toda se distanciando das pessoas, evitando amizades, namoros, evitando viver, com medo do que o pai sempre lhe dizia: que as pessoas sempre escolheriam o dinheiro, não ela. Que ela não era nada sozinha. Nada além do sobrenome. Do saldo bancário do pai.

Alice tinha passado a vida tentando ser mais do que o sobrenome que carregava, do que aquele lugar, do que aquelas pessoas e, bem quando achou que tinha conseguido, com aquele homem, com aquele rosto bonito, com aquela habilidade para distorcer a realidade, ele foi embora.

E agora estava de volta, farejando uma nova oportunidade. Achando que conseguiria atraí-la de novo. Achando que, finalmente, tinha fisgado Alice Storm Inc.

Ela pensou em Gabi e Roxanne. Em Emily e Claudia. Em Greta e Tony. Em como qualquer uma daquelas pessoas mudaria tudo, faria qualquer coisa, seria qualquer pessoa pela outra. Então olhou para Griffin, que nunca sequer tentara.

Alice balançou a cabeça.

– Não. Acabou.

– Alice. – Ele tentou segurá-la quando ela se virou, apertando o braço dela com força, os dedos cravando na pele até doer, deixando marcas tão fortes quanto o tom em sua voz quando se aproximou e sibilou: – Você tá cometendo um grande erro.

Ela olhou para ele por cima do ombro, tentando se desvencilhar, mas Griffin não largou, e havia algo em seu olhar de que Alice não gostou: raiva, desespero e desejo de punir. Um choque atravessou o corpo dela e o pânico a fez sentir um aperto no peito. Será que Griffin a machucaria? Não era possível. Não ali… não na frente de todo mundo. Não na frente de…

Então Griffin não estava mais ali, seu sussurro substituído por um grito agudo quando cambaleou para trás e Jack se colocou entre ele e Alice, segurando-o pela lapela.

– Não encosta nela.

Outro grito, bruscamente interrompido, os ombros largos de Jack impedindo que ela ou qualquer outra pessoa visse o que estava acontecendo (Elisabeth ficaria), mas Alice não precisava ver. Ela ouviu o baque surdo, seguido pelas batidas do próprio coração disparado.

– Jack…

Ele não olhou para trás enquanto sacudia Griffin.

– Você está me entendendo?

– Jack – disse Alice, estendendo a mão para tocá-lo, pousando no alto do ombro dele. – Para. Está tudo bem.

Ele não respondeu, mas soltou Griffin, que cambaleou mais uma vez, tentando se equilibrar. Tony também apareceu e segurou Griffin por trás, mantendo-o de costas para os convidados (narizes sangrando não combinam com funerais).

Parecia impossível, mas Jack ficou mais largo, mais alto. Como se o seu corpo de repente tivesse entendido a missão: protegê-la. Ele se aproximou ainda mais dela, impedindo que visse Griffin. Por um momento, Alice gostou daquilo (embora não se orgulhasse disso).

– Vai se foder, Dean, eu não ia machucar ela – falou Griffin, quando Alice já estava prestes a intervir, tão concentrada em acalmar a situação que quase não ouviu o nome.

. Jack Dean.

– Espera. O quê? – Griffin sabia o nome de Jack. O que era impossível, já que só descobrira o nome dele cinco dias antes. Ela olhou para os dois homens, frente a frente. A expressão de Jack voltou a se fechar. – Vocês se conhecem.

Os dois pararam, como se entendessem o peso daquelas palavras. O olhar de Griffin passou de defensivo a evasivo.

Jack não teve a mesma dificuldade.

– Eu não diria isso.

Alice estreitou os olhos diante da resposta cuidadosamente formulada.

– Mas eu diria. – Ela olhou para Griffin, e tudo ficou óbvio.

Eles tinham ficado juntos por cinco anos. Ela sabia quando Griffin estava mentindo, incapaz de encará-la – e, na verdade, evitando encarar Jack de forma ainda mais óbvia, como uma presa tentando escapar de um predador.

Ele se contorceu no aperto firme de Tony.

– Me solta.

O grunhido de negativa de Tony bastou para encerrar o assunto.

– Vocês se conhecem – repetiu Alice, o peito apertado com alguma

coisa… Medo? Dúvida? Pânico? Quando Griffin não respondeu, ela olhou para Jack, sabendo que ele contaria a verdade.

E ele contou, sem fingir qualquer constrangimento.

– Já nos encontramos.

Seja lá o que fosse aquele sentimento, se transformou na hora em raiva.

– Quando?

Um músculo se contraiu no maxilar de Jack. Infelizmente, porque aquilo fez com que ela tivesse vontade de acertar um soco bem naquele ponto.

– Quando você precisou encontrar o Griffin, Jack?

Os olhos cinzentos faiscaram.

– Alguns meses atrás.

De repente, tudo ficou claro. Manchado de vermelho pela raiva que ela sentia, mas, mesmo assim, claro. Alice se voltou para Griffin.

– Quantos meses atrás?

O olhar dele vacilou na direção de Jack, nervoso. E mal pousou ali antes que fosse obrigado a responder.

– Em julho.

– – repetiu ela, o pânico crescendo junto com a constatação óbvia. – Que dia de julho?

– Alice – disse Jack, em um tom suave que a fez querer gritar.

– Se você disser pra eu …

Ela deixou escapar uma risada, com um toque de histeria.

– Você não quer se descontrolar – retrucou Jack. – Não aqui.

Mas que filho da puta.

– Engraçado, porque você acabou de chegar aqui e quase começou uma briga.

– Isso foi diferente.

– Por quê?

– Porque foi pra te proteger.

Alice não conseguiu conter a risada que escapou dos seus lábios – meio insana, verdade seja dita – ao ouvir aquelas palavras. Como se o que estava acontecendo ali não a fizesse sentir inúmeras formas diferentes de insegurança. No momento, se sentia muito mais em risco do que quando Griffin a agarrara pelo braço.

– Esse é o tonzinho de merda que você usa quando está bancando o "protetor"? – Ela se virou para ele, falando mais alto agora. – Isso é você tentando me proteger?

Ele não cedeu.

– Isso sou eu tentando garantir que você não se exponha.

– Que eu não me exponha? Você não passou os últimos cinco dias tentando me lembrar quem era meu pai? Meu pai, o rei do exibicionismo? Franklin Storm, que desceu de rapel de um helicóptero bem no meio da Times Square para o lançamento de um celular?

Tony puxou Griffin para trás, dando mais espaço para Alice.

– Se você acha que eu tenho medo de me expor, esqueceu de que família eu vim. Uma família que você não tem a menor chance de consertar.

Jack não recuou.

– Então faz a pergunta.

Gabi apareceu ao lado dela, com Emily não muito atrás.

– Oi… Por mais que deva ser ótimo ver você arrebentando uns babacas ricos, será que isso não poderia ficar para… outro momento?

– Não – respondeu Alice, sem desviar o olhar de Jack.

A amiga não hesitou.

– Beleza. Começamos por qual pergunta, então?

– Em que dia de julho você conheceu o Griffin, Jack?

– Espera. O quê? – Gabi entendeu. – Espera. Esses dois babacas se conhecem?

– Sim. E eu aposto que esse babaca aqui – apontou para Jack – conheceu aquele ali – acenou para Griffin – um ou dois dias antes daquele babaca – Griffin de novo – sair do nosso apartamento e deixar um bilhete escrito no verso de um recibo de delivery.

Um instante de silêncio enquanto as palavras eram absorvidas.

– Meu Deus – disse Emily, baixinho.

Gabi recuou um passo.

– Então, por favor, acaba com esses ricos cretinos.

Não valia a pena. Alice sabia que não, por mais que quisesse se vingar. Ela olhou para Tony.

– Solta ele.

Tony olhou para Jack, atrás dela.

– Não. Não olha pra ele, Tony. Isso não tem a ver com ele. Tem a ver

comigo. Com a minha vida. Eu é que decido.

Tony soltou Griffin com um empurrão forte o bastante para que ele se desequilibrasse de novo.

Alice nem conseguiu sentir prazer com aquilo. Já estava se virando para Jack.

– Era esse o plano do meu pai? Impedir o meu casamento?

– Alice…

Ela odiou o tom – já dava para sentir que ele estava prestes a contar uma mentira.

– Você me deve a verdade.

– Ele só queria… – Jack se deteve. – Foi um teste.

E, naquele instante, ela entendeu. E não conseguiu conter uma risada.

– Claro. O Quatro de Julho. – Alice olhou para Emily. – Não foi você que me convidou pra vir. Foi .

Emily teve ao menos a decência de se mostrar constrangida.

– Sim.

.

Alice assentiu.

– E, como eu não pude vir, ele mandou as Olimpíadas Storm até mim. Ou melhor, até o Griffin. – Ela olhou para Griffin. – E você perdeu. – Então se voltou para Gabi. – Que babaca.

A melhor amiga não hesitou.

– Qual deles?

– Honestamente? Todos.

Gabi apontou para Griffin.

– Mas aquele ali é o pior.

– Vai se foder, Gabi.

Alice não prestou atenção. Estava ocupada demais perguntando a Jack:

– Então o que você fez, gestor de crise? Ameaçou ele?

– Não. Não ameacei. – Ele cruzou os braços, um gesto que ela começava a reconhecer como sinal de frustração. Tinha feito o mesmo no barco. E na praia. E também na véspera, no saguão, com Sam.

– Tem certeza?

– Se eu tivesse ameaçado, Alice, ele não estaria aqui hoje.

– Então o quê? – perguntou ela. – O que você e o meu pai fizeram?

Mas ele não precisou responder, porque a resposta estava evidente.

– Meu Deus.

E ele viu que ela sabia.

– Alice.

Aquilo foi a confirmação. Ela olhou para Griffin.

– Eles te pagaram pra me deixar.

Griffin hesitou.

– Eu não…

– Não. Não mente pra mim – falou Alice, a voz baixa, odiando os pensamentos intrusivos que a consumiam. Odiando a dor que os acompanhava. – Você disse que não se importava com o dinheiro da minha família. Eu nunca devia ter acreditado em você.

Ele balançou a cabeça, mas aquilo não foi uma negação.

– Você precisa ir embora. Agora – disse Jack, com cara de quem estava prestes a cometer um assassinato.

– Vai se foder – respondeu ela. – Quem está no comando aqui sou eu. E quero saber o que ele tem a dizer.

– Ele aceitou o dinheiro – disse Jack. – Nós oferecemos…

– ofereceu – corrigiu Alice. – O dinheiro era do meu pai, mas quem assinou o cheque foi você. Ou foi uma caixa de sapato cheia de dinheiro? Mais do que isso? Uma mochila?

– Droga… sim, eu ofereci o dinheiro – disse ele.

– Sempre satisfeito em fazer o papel de lacaio do meu pai.

– Não – rebateu Jack, a voz rouca, furioso. – Eu fiquei satisfeito por tirar esse idiota da sua vida. – Ele olhou para Griffin, o desprezo transbordando nas suas palavras. – Foda-se esse cara. Eu faria tudo de novo, sem hesitar. Ele não merece você. Não merece nem respirar o mesmo ar que você.

Um arrepio percorreu o corpo de Alice diante daquelas palavras ásperas. Mas ela afastou a sensação.

– Que fofo da sua parte achar que tem direito a dar opinião.

– Merda – disse Jack, olhando para o céu com uma frustração que poderia ter parecido forçada em outro homem. – Você não pode estar falando sério. Ele aceitou te largar sem nem pestanejar, sem lutar por você. Eu paguei ao Griffin? Sim. Mas ele . E você merece alguém que teria me dado um soco na cara só por eu sugerir que ele não te amava de verdade.

Alice preferia ver Griffin ser arremessado na baía a reatar com ele. Mas aquilo não dava a Jack o direito de se meter na vida dela.

– Eu devia ter tido a chance de decidir isso.

– Você a chance – falou Jack, ríspido. – O seu pai te deu cinco anos pra isso.

– E, quando não gostou da minha decisão, em vez de falar comigo, em vez de me pedir pra voltar para casa, em vez de me procurar, seja de que forma fosse, ele mandou você para resolver. – .

O pensamento reverberou dentro dela, deixando uma dor profunda. – Você vem manipulando os fios da minha vida desde antes de eu sequer saber que você existia. Eu esperava isso do meu pai. Mas você… me pegou de surpresa.

Jack ficou sem palavras.

Alice tinha vencido a discussão, mas a sensação não era de vitória.

Ela olhou para Tony:

– Tony?

– Sim?

– Eu sei que você não nos deve nada…

– Sem problema – respondeu ele. – Eu já estava de saída. Isso ajuda. – Mais tarde, Alice admiraria a emoção nas palavras. A maturidade. Nada parecido com o guincho que Griffin soltou quando Tony agarrou a gola do seu paletó e o arrastou para longe.

Ela olhou para Jack.

– Imagino que eu não vá conseguir fazer você ir também.

– Alice…

– Não. – Ela olhou para o céu, onde o sol já se punha a oeste, incendiando a água.

Um fluxo lento de convidados seguia em direção ao cais, prontos para partir. Já tinha acontecido – todos chegaram, tomaram seus drinques, comeram seus canapés e sussurraram sobre a perda que o mundo havia sofrido. E agora estavam voltando para a sua vida, gratos por não serem eles a ficar na ilha, transformados para sempre.

Tinha acontecido, e Alice tinha perdido. Não tinha?

Mas, mesmo assim, estava transformada para sempre.

Ela havia aguentado o desprezo da mãe. Presenciara, impotente,

enquanto Greta sacrificava a própria felicidade por aquele lugar. Por aquela família. Então descobriu que o pai tinha sido o responsável pelo sofrimento dela. O pai… e Jack.

Um único pensamento dominava a sua mente.

– Pelo amor de Deus, quero sair dessa ilha.

– A gente pode dar um jeito nisso – se apressou a dizer Gabi, acenando para Roxanne. – Você pode vir com a gente.

Emily não disse nada. Era um silêncio de aprovação? Ela deixaria Alice partir?

– Alice – chamou Jack.

Ela parou. E se virou. Ele estava se aproximando, diminuindo a distância entre os dois, e Alice recuou, porque não queria que ele chegasse perto. Não confiava na proximidade de Jack. As irmãs – de sangue e de amizade – a ladearam.

Ele estacou. E aquele gesto (ou a falta dele) lembrou Alice da noite na plataforma do trem, quando ele parecera um cara tão decente. Nada parecido com o tipo de homem que pagaria alguém para terminar um noivado.

– Você merece coisa melhor – falou Jack.

– Tipo alguém que não minta pra mim?

Jack contraiu o maxilar antes de assentir, tenso.

– No mínimo, sim.

Ela se virou e se enfiou entre as pessoas que partiam, já em menor número agora, mas cheios de condolências, palavras de despedida e promessas que ninguém ia cumprir (existia outro tipo?). Emily se afastou, e Roxanne e Gabi apontaram na direção dos próprios barcos.

– Estamos com você – disse Gabi.

Ela balançou a cabeça.

– Se eu for com vocês, eles vão ver. Vão me impedir.

Greta, que tinha perdido tudo e deixara claro que não aceitaria que Alice fosse embora. Sam e Sila, que fariam qualquer coisa para garantir a parte deles da herança. Elisabeth, que não teria mais nada se não tivesse o dinheiro – ou melhor, nada que considerasse valioso.

– Alice – disse Roxanne, com cuidado. – Você vai se sentir segura ficando aqui?

O que aquela palavra significava, no contexto dessa família?

– Retiro o que disse – falou Gabi. – Você não tem responsabilidade nenhuma com eles. Você não precisa deles. Não quando tem a gente.

No mundo inteiro, não existia nada como uma melhor amiga. Alice agarrou Gabi e a abraçou, apertando com a mesma força que a amiga.

– Em breve eu volto pra casa.

– Quando?

Alice recuou um pouco.

– Jantar na sexta, certo?

Uma leve hesitação enquanto Gabi buscava algo no olhar dela.

– Certo.

Roxanne e Gabi seguiram para o cais de mãos dadas, e Alice se voltou para a casa, cada vez mais escura e ameaçadora conforme o sol se punha, pensando no que Gabi tinha dito. . Ela havia sido criada com aquilo como base – a lealdade à família em primeiro lugar, acima de tudo. Não importava o egoísmo, o caos, a manipulação.

Não importava o quanto a magoassem.

Sua responsabilidade era com os outros. Nunca com ela mesma.

– Alice? – Mike Haskins falou ao lado dela, arrancando-a dos próprios pensamentos. Ao perceber seu breve sobressalto, ele sorriu. – Desculpe. Não queria te assustar. Só não queria ir embora sem dar um oi. E um tchau.

Alice balançou a cabeça e se concentrou nele. Envelhecido, como o pai dela. Com marcas de expressão no rosto e cabelos grisalhos. Devia ter uns 70 anos também. Um gênio inovador por mérito próprio. E, mesmo com os milhões que ganhara sem Franklin, ele ainda fazia questão de parar para falar com Alice. Aquela gentileza não passou despercebida e foi um alívio bem-vindo.

– É bom te ver, tio Mike.

Ele abriu os braços, e ela se deixou acolher pelo abraço sincero. Cálido. Paternal. Cheiro de colônia e maresia, igualzinho ao pai dela. E foi aí que Alice se deu conta de que fazia muito tempo que não recebia um abraço assim. Que talvez nunca recebesse de novo.

Ela não queria se afastar.

– Sinto muito, minha querida – disse Mike baixinho, só para ela. .

As lágrimas vieram na mesma hora, para surpresa de Alice. Ela se

afastou um passo, e enxugou o rosto enquanto dava uma risadinha autodepreciativa.

– Desculpa. É só…

Ele tirou um lenço de tecido do bolso do paletó. Um gesto antiquado que fez Alice chorar de novo.

– Coisa demais.

Ela retribuiu com um sorrisinho agradecido.

– Obrigada.

– Sabia que falei com o seu pai há algumas semanas?

Ele parecia tão surpreso quanto ela.

– Sério?

– Sim, ele me ligou, do nada – contou Mike, pensativo. – Fazia anos que a gente não se falava. Fiquei tão surpreso que atendi, mesmo estando em uma reunião.

Ela sorriu.

– Aposto que ele adorou isso.

– Adorou – confirmou Mike.

– E sobre o que vocês conversaram?

Ele olhou para o mar por um instante, como se fosse dizer algo, mas balançou a cabeça e mudou de ideia.

– Falamos sobre vocês, os filhos. – Uma pausa. – Ele me falou da sua arte. Tentou me convencer a encomendar um quadro seu.

Alice arregalou os olhos.

– Eu nem sabia que o meu pai sabia que eu pintava.

– Sabia, sim – disse Mike. – Ele não entendia de onde vinha esse seu talento. , ele falou um dia. Achei que você fosse gostar de saber disso. O Franklin sempre teve orgulho de você, minha querida. Mesmo nos piores momentos. – Ele inclinou a cabeça. – Ele estava bem bravo com você na época também, mas…

Ela riu baixinho, deixando a brincadeira curá-la.

– Você fez a coisa certa, Alice. Você sempre foi a que fazia a coisa certa.

As palavras a atravessaram como um raio, um presente e um castigo ao mesmo tempo. Já ouvira aquilo centenas de vezes. Milhares. Lera em revistas, jornais, nas seções de comentários (que ninguém deveria ler, ela

sabia). Alice Storm, que se levantara quando gente mais rica e mais poderosa se calara. Que havia dito a verdade aos poderosos. Que vencera.

Mas ela nunca tinha acreditado de verdade. Porque as pessoas que diziam aquilo, que ela havia feito a coisa certa, não sabiam que levantar a voz teve a ver, também, com a verdade dela mesma. Em relação ao poder do pai.

E nunca parecera a coisa certa, porque as consequências tinham sido imensas.

Mas naquele momento, ouvindo de Mike, amigo do pai, um homem que conhecia Franklin, que havia estado no lugar dele (embora sem filhos – talvez os Storms servissem como controle de natalidade), não pareceu mais errado. Foi como se Franklin a tivesse enxergado. E que, talvez, sentisse algo em relação a ela, além de decepção.

Mesmo que não fosse verdade, foi gentil da parte de Mike dizer aquilo.

– Obrigada. – Ela estendeu o lenço, e ele pegou de volta e guardou no bolso da calça.

Cinza-musgo. Xadrez príncipe-de-gales. Ela conhecia aquela calça. Conhecia aquele terno.

Era Mike que estava na estufa com a mãe dela.

Bem, aquilo, com certeza, ela não podia perguntar.

Aquele lugar. Cheio de segredos cada vez maiores.

Sem saber o que se passava na cabeça de Alice, Mike preencheu o silêncio:

– Fiquei muito feliz por ter falado com ele antes de… – Ele se interrompeu. Pigarreou. Balançou a cabeça. Mudou de assunto. – Espero que a gente se veja mais. Vai me visitar! Com a Emily, quem sabe. E, claro, se precisar de qualquer coisa…

Alice assentiu.

– Pode deixar.

Ele se virou e seguiu para o norte da ilha, na direção do heliporto, e Alice ficou observando, reparando que Mike agora caminhava um pouco mais devagar do que ela se lembrava. Que estava um pouco mais magro. Será que o pai também estava assim? Alice jamais saberia.

Mais uma coisa para somar a todo o resto que ela nunca saberia. Todas as peças que ela tinha que juntar a partir de encontros com pessoas como

Mike, que estavam dispostas a conversar com ela. A lhe contar as suas verdades – coisas nas quais ela poderia escolher acreditar.

.

A coisa certa. Parecia impossível, considerando todas as coisas erradas que tinham acontecido naquela semana. Toda a maledicência, as disputas internas, as brigas e as tentativas de manipulação. Todas as formas empregadas para magoar uns aos outros. . E os outros. .

E pra quê?

Alice respirou fundo, e voltou novamente a atenção para Mike, mais distante. Já quase na casa.

– Mike! – chamou, e ele se virou para olhá-la enquanto ela corria em sua direção. – Na verdade, tem uma coisa que você pode fazer.

Vinte minutos depois, Alice descia a escadaria principal da mansão, com uma mala na mão e a bolsa a tiracolo, cheia de roupas e itens de higiene jogados de qualquer jeito ali dentro.

Já no andar térreo, virou as costas para a porta da frente da casa e seguiu pelo corredor escuro em direção à cozinha – a saída mais próxima do heliporto, onde Mike e Twyla Haskins a esperavam.

Ela andava depressa, sentindo-se uma criminosa, esgueirando-se pelos corredores, ansiosa por sair sem ser vista. E quase conseguiu.

– Tia Alice? – Saoirse surgiu quando ela entrou no saguão, a poucos passos da cozinha.

Alice ficou petrificada.

– Oi, querida.

– Você tá indo embora?

Por um instante, ela pensou em mentir. Mas, meu Deus, aquela família já mentia demais, cada um para si mesmo e todos entre si. Por isso, Alice soltou um suspiro profundo e disse:

– Sim.

– Mas se você for embora… isso não… – Ela hesitou. – Se você for embora, o que vai acontecer com a gente?

– Você vai ficar bem – disse Alice, largando as malas. Então repetiu: – Saoirse, você vai ficar bem. Vai ter uma vida com uma família que ama você, com pais que escolhem a sua felicidade e um irmão que não fica o tempo todo tentando te sabotar.

– Você tá indo porque o papai te trancou na despensa? – Foi uma pergunta tão esquisita… feita com tanta distância, como se pertencesse a outra vida, que Alice ficou em silêncio por um instante, confusa. Antes que pudesse responder, Saoirse se apressou em completar: – Porque não foi ele. Fui eu.

Alice demorou um pouco para entender.

– O quê? Por quê?

– Eu e o Oliver achamos que você ia embora. A gente ouviu você dizer, e todo mundo estava surtando. Como se a gente fosse ficar pobre.

Alice resistiu ao impulso de revirar os olhos ao ouvir aquelas palavras. Quase conseguia ouvir Sila, tomada pelo pânico, gritando aquilo para Sam, como se a culpa fosse dele, sem pensar nem por um segundo que os filhos estavam por perto, ouvindo. Que eles também iam entrar em pânico, mas de medo, não de raiva.

Então, Saoirse confirmou:

– Tia Alice… A mamãe vai se divorciar do papai se a gente não tiver dinheiro.

Alice não conseguiu esconder o choque ao ouvir aquilo, dito com tanta naturalidade.

– O quê? Meu bem… – começou a dizer. Mas não soube como terminar a negação de algo que parecia tão verdadeiro.

E não precisou.

– O Oliver pegou as suas roupas, e foi tão idiota… como se não ter roupa fosse fazer você ficar. Foi muito infantil. – Alice conteve um sorriso diante da análise. – Mas acho que trancar você na despensa achando que isso ia fazer você ficar também foi.

– Nem tão infantil assim – disse Alice. – Afinal, eu achei que tivesse sido o seu pai.

– O que tem eu? – Sam entrou na conversa de longe, passando pela porta da frente da casa. Seu olhar pousou em Saoirse. – A sua mãe tá procurando você e o seu irmão.

Saoirse olhou para Alice, que entendeu o nervosismo dela – o medo universal de que um adulto fosse contar aos pais o que você aprontou. Alice balançou a cabeça.

– Vai – disse Sam. – Preciso conversar com a sua tia.

Saoirse cerrou os lábios, como se ainda tivesse algo a dizer. Então assentiu uma vez e disse, baixinho:

– Tá bom.

Ela saiu arrastando os pés.

– Aonde você vai? – perguntou Sam a Alice, indicando a bolsa pendurada no ombro da irmã.

Alice endireitou o corpo, sabendo o que a esperava.

– Vou embora.

Ele balançou a cabeça.

– Não, não vai.

– Vou, sim. Sam, eu sei que você acha que precisa da herança. Mas não precisa.

– Eu preciso, sim. não, mas eu preciso. – Ele inclinou a cabeça na direção por onde Saoirse tinha ido. – Sabe quanto custa mantê-los felizes?

– Eles estariam felizes se você os amasse.

– Ah, por favor. – Ele bufou. – Você foi criada pra ter mais juízo. Não pode ir embora. Só porque o papai mandou o Jack subornar o seu noivo idiota. Só porque teve uma semana ruim. Só porque não gosta da gente. Alice… – Ele parou. – Você não vai embora.

– Eu não quero mais ser manipulada. – Aquilo ele certamente entenderia. – Eu não quero mais que o papai mande em tudo. Ele mandou na gente a vida inteira. Mandou em a vida inteira. Pra mim, chega.

– Então pega o dinheiro e cai fora. O que são mais um ou dois dias?

Quantas vezes ela mesma já tinha pensado aquilo? Uma semana não era nada no grande esquema das coisas. Em outra família. Em outra circunstância.

– E se esses forem os dias que importam? – perguntou, tanto para si mesma quanto para Sam. – E se deixar ele continuar mandando na gente agora, como sempre mandou, for justamente o que vai tornar impossível planejar o Depois?

– Então a gente vai ter todo o dinheiro que precisar pra pagar a terapia. – Era para ser engraçado, mas não foi.

– Você já vai ter o dinheiro que precisa para terapia, Sam. Você vai ser CEO.

– Na verdade, não vou, não. – Alice ficou imóvel enquanto ele cortava o

ar com a mão. – Não vou ser nada. Porque ele me demitiu. Eu fui , porra.

– O quê? Quando?

– No Quatro de Julho. Acredita nisso? O papai reuniu todo mundo aqui para os jogos infernais de sempre, e, na última noite, me chamou no escritório e me . Trabalhei vinte anos para aquele babaca, e foi isso. Foi o último desejo dele antes de morrer.

Merda.

Alice não conseguia acreditar. Não. Na verdade, conseguia, sim.

– Caramba, Sam. – Uma pausa enquanto os dois se encaravam. – Esse jogo não faz bem pra gente.

– E mesmo assim, ainda é o jogo.

– E se não for? E se, agora, depois que ele morreu, a gente precisar escolher um novo caminho? – Ela suspirou. – Meus Deus, eu tô tão cansada dos segredos, das mentiras, de sempre ter esperança e acabar me decepcionando o tempo todo. Só quero acabar com isso. Com a dúvida. Com o passado.

Enquanto os pensamentos se agitavam dentro dela, Sam ficou em um silêncio que Alice não conseguiu decifrar. Desafiando o instinto, ela falou, implorando:

– Sam, por favor. Tenta entender. Eu não quero o peso disso. Parece errado. Você também sente isso, não sente? Quanto tudo isso parece errado?

O silêncio se estendeu entre eles, longo o suficiente para Alice desistir. Ela pegou a alça da mala e passou por Sam, seguindo em direção à cozinha, o coração disparado.

O irmão talvez nunca mais falasse com ela, pensou. Mas eles já não se falavam havia cinco anos, então não faria muita diferença.

Sam não tinha escolha. Mas ela tinha.

Alice mal havia passado por ele quando o irmão a agarrou por trás, uma das mãos cobrindo a sua boca para abafar o protesto, enquanto a arrastava pelo corredor, para dentro de casa.

CAPÍTULO 17

Quando Franklin Storm construiu seu escritório na ala sudeste da Mansão Storm, o mundo da arquitetura foi à loucura. De vidro, aço e em estilo gótico, era anexo à casa da Era Dourada, repleto de janelas e ângulos modernos, mas com vários acenos ao passado, incluindo um cofre para livros raros inspirado no da Morgan Library, lindamente iluminado e cheio de manuscritos e primeiras edições, não porque o pai de Alice gostasse de livros, mas porque ele gostava de seguir os passos dos magnatas de outrora.

Quando crianças, os irmãos Storm adoravam brincar dentro do cofre, se arriscando a enfrentar a fúria do pai – dedos melados e brincadeiras brutas não combinavam com manuscritos e encadernações de couro antigo.

Agora, Alice mal conseguia se lembrar de um dia ter gostado daquele espaço minúsculo – não enquanto Sam a empurrava lá para dentro e a trancava ali, ignorando o grito que ela deixou escapar e as batidas contra a porta.

Não era uma surpresa para ela o plano do irmão ser tão mal elaborado quanto o da filha dele. Como se ele não fosse ter que soltá-la em algum

momento, e ela não fosse sair imediatamente da ilha, sem pensar duas vezes na herança que ele tanto prezava.

Pelo visto, Sam também não tinha considerado a probabilidade de que ela o mataria assim que saísse dali, e aí não teria mais nenhum Sam para herdar nada.

– Você é o ! – berrou ela, as palavras abafadas pelo ronco grave e distante de um helicóptero no alto. Era a carona dela.

Alice se virou de costas para a porta e examinou o pequeno cômodo com estantes cheias de livros encadernados em couro e uma mesinha hexagonal de mogno, adornada apenas com uma luminária Tiffany.

E ao lado da mesa, no chão do cofre, havia algo: uma tela.

Ela parou.

.

Era uma paisagem gigantesca em aquarela, dividida em quatro painéis, fundidos entre si, cada um em estado inacabado, concebidos como um comentário sobre a artista, o observador, e os momentos e lugares que faziam das pessoas quem elas eram.

Os painéis estavam em diferentes estágios de pintura de base e sobreposição, cada um mais exuberante que o outro. Os que foram feitos em tons de cinza e marrom davam lugar a amarelos e verdes e, por fim, a azuis e brancos vivos, cores nítidas e claras, em linhas imperfeitas, como se a artista não conseguisse acertar.

Como se tivesse sido pintado com base na memória e na vontade, assim como os seres humanos agiam.

E tinha mesmo sido pintado com base na memória: Alice era a autora e de fato foi juntando fragmentos da ilha.

Ela havia se orgulhado imensamente daquela obra – seu primeiro trabalho em grande escala, a peça central da sua primeira exposição solo. Ainda conseguia sentir a euforia desenfreada que a invadira ao vê-la ali, pendurada como algo de valor, não por ser Alice Storm, da Storm Inside™, mas por ser Alice, uma pintora por mérito próprio.

E depois, a alegria imensa ao descobrir que a obra havia sido vendida por muito mais do que ela poderia imaginar, para um comprador misterioso. , segundo o agente.

.

Alice tinha ficado radiante por saber que havia conseguido sozinha.

Sem o pai.

Mas, no fim das contas, não tinha sido sozinha. O pai é que havia feito aquilo por ela, mais um gesto controlador, entre tantos, para impedi-la de tomar as próprias decisões e mantê-la sob controle. Ou pior, para puni-la por ter agido contra a vontade dele.

E foi uma punição. Como poderia ser outra coisa? Franklin sabia que a venda daquele quadro seria um grande salto na vida dela – algo que Alice guardaria consigo. Sabia que ela se perguntaria onde a obra estava pendurada e quem a estaria admirando. E agora, a ideia de que o quadro tinha sido comprado com o equivalente, para Franklin, a uns trocados encontrados no meio das almofadas do sofá velho do escritório e deixado ali no chão…

A descoberta amenizou um pouco a fúria contra Sam (embora aquele sentimento não fosse desaparecer tão cedo).

Agora, ela estava com raiva do pai.

De novo.

E ainda tinha Jack.

Jack, que provavelmente tinha comprado a obra em mais um gesto de devoção ao pai dela, assim como comprara Griffin. Sem hesitação, sem arrependimento.

Alice fechou os olhos, tomada pelo constrangimento. Jack tinha pagado a Griffin para deixá-la. Tinha presenciado o total desinteresse de um homem que jurara que queria passar a vida com ela.

Era horrível. Mas Alice se recusava a se sentir culpada por aquilo. Quem devia se sentir mal eram os outros. Não ela. Ela devia sentir raiva.

E era o que estava sentindo – por cerca de uma hora, enquanto helicópteros sobrevoavam a casa – até que as travas do cofre destravaram com vários estalos altos e Alice se pôs de pé, pronta para brigar. Esperava que a briga fosse com Sam, que devia ter se lembrado de libertá-la só depois que todos tinham partido em seus respectivos meios de transporte (como se ela não estivesse pronta para nadar se fosse o caso).

A porta pesada se abriu com esforço.

Era Jack. Já sem paletó, sem gravata. Os botões de cima da camisa estavam abertos, as mangas arregaçadas daquele jeito casual que os homens

costumam usar – como se não soubessem que aquilo ativava o cérebro reptiliano, os instintos mais primitivos, das mulheres.

Felizmente, o cérebro reptiliano de Alice estava ocupado sentindo raiva, o que impediu que ela notasse os antebraços bronzeados dele ou as tatuagens que cobriam a pele. Ela certamente não se lembrava da sensação do braço esquerdo, com a bússola, muito forte enquanto a segurava contra a parede do penhasco no outro dia.

– Você está bem? – perguntou ele, o tom acelerado, a voz rouca, como se pudesse até estar sem fôlego se não fosse tão absurdamente musculoso.

Alice ignorou o calor estranho que percorreu seu corpo, e que não queria nomear, e se lembrou de que estava com raiva.

– É claro que é você.

– O que quer dizer com isso?

– Só que é sempre você, no lugar certo, fingindo que só estava de passagem.

– Quer dizer, sempre salvando você?

– Eu não preciso da sua ajuda, Príncipe Encantado – rebateu ela. – Vai brincar de salvador em outro lugar.

O músculo do maxilar dele se contraiu… aquele que ela não deveria notar.

– Quer que eu feche de volta pra você ficar aí esperando o oxigênio acabar?

Alice ergueu as sobrancelhas diante do tom dele, já que era a primeira vez que ouvia Jack sair do sério naquela casa sufocante. Uma sensação breve a atingiu. Alívio, talvez? Gratidão por ele também se desestabilizar. Vontade de cutucar a fera.

– O oxigênio não vai acabar. A temperatura é controlada, não é vácuo. O Sam não é um assassino, é só um babaca. – Ela passou por ele com o quadro nas mãos e o apoiou contra a mesa do pai.

Ele apontou para o cofre.

– Ei, se preferir ficar na sua gaiola dourada…

– Engraçado você achar que o cofre é a gaiola – respondeu ela. – Melhor tomar cuidado, Jack, porque você está preso aqui com o resto de nós e está começando a agir como se fosse parte da família.

Ele não gostou daquilo.

– O que quer dizer com isso?

– Não era você o juiz imparcial? O árbitro desse jogo idiota? – Ele se enrijeceu, sentindo o golpe antes que ela o desferisse. – Quanto tempo isso ia durar se você dormiu comigo antes mesmo de tudo começar? Se aceitou a renúncia do Tony antes que a Greta pudesse decidir?

– Eu tentei te contar e você…

– É, você se esforçou muito pra me contar – ironizou Alice. – Acho que perdi a parte em que você disse ter sido o motivo para Griffin ter ido embora.

Ele ignorou as palavras.

– O pedido de demissão do Tony não interferiu na decisão da Greta. Na verdade, teria facilitado as coisas para ela se recusar a fazer o que o seu pai queria.

– Então você é o mocinho agora?

– Eu nunca disse que era o mocinho.

– Que bom, porque não é mesmo. E o mais doido é que… eu . Você orquestrou esse jogo desde o começo, manipulou todo mundo a mando do meu pai, para quem manipular era tão natural como respirar. E, mesmo assim, eu achei…

Ela se interrompeu, e ele avançou.

– Queria que você parasse de fazer isso.

– O quê?

– De se conter para não dizer o que realmente quer dizer. De ser sincera. – As palavras dela continuaram presas na garganta, raivosas e desesperadas por sair, e Jack continuou, em uma frustração visível. – Fala, Alice. O que você achou?

– Eu achei… – Ela se interrompeu de novo, e dessa vez ele deixou as palavras no ar, esperando. Ouvindo. E era tentador demais. – Eu achei que havia algo entre nós. Algo parecido com a verdade.

Ele deu um passo à frente, até encostar na beira da mesa enorme do pai dela, despida de qualquer item decorativo, a não ser por um bloco de vidro, um prêmio humanitário concedido por milhões em isenção fiscal.

– Mas isso nunca foi verdadeiro. Desde o momento em que você entrou no trem e perguntou se o assento ao meu lado estava livre.

Só que ele não tinha perguntado aquilo. Tinha dito algo pior. Algo ainda mais tentador.

As primeiras palavras que Jack havia dito para ela. Como se, caso a resposta fosse sim, as coisas fossem ser diferentes. .

Não tinha ninguém com ela naquele dia. E ninguém com ela ali, agora.

– Você estava me manipulando desde o começo. Desde antes do começo, quando pagou ao Griffin pra me deixar. – Alice se deteve, para dar a Jack a oportunidade de falar. Quando isso não aconteceu, ela completou: – Essa é a parte em que você pede desculpas.

Ele se aproximou mais um passo, parando a uma distância em que ela não se sentisse encurralada, mas próximo o bastante para que, caso estendesse a mão, pudesse tocá-lo.

Alice procurou algo que a impedisse de fazer isso e encontrou.

– Quanto eu valia? – Jack balançou a cabeça e desviou os olhos, evitando encará-la, e aquilo bastou para reacender a raiva de Alice. – Fala! – insistiu, elevando a voz, querendo que ele entrasse na discussão. – Quanto custou para o Griffin me largar? Qual era o valor de mercado da minha futura felicidade?

A pergunta pairou entre os dois por algum tempo, até que ela achou que ele não responderia. Então Jack voltou a encará-la, e Alice reconheceu a raiva no olhar dele.

– Você quer mesmo saber?

– Quero.

– Menos do que merecia. – As palavras saíram secas e contidas, suaves onde as dela tinham sido agressivas. – Eu me encontrei com ele certo de que seria perda de tempo. Que ninguém aceitaria o dinheiro do seu pai… depois de ter sido escolhido por . A garota que enfrentou os Storms e venceu. Eu não te conhecia, mas sabia que era uma mulher talentosa, decente e corajosa pra caramba. E sabia que qualquer um que você amasse mandaria o Franklin pro inferno em vez de te deixar. Era inconcebível pra mim que o Griffin sequer me ouvisse.

– Deve ter sido muito dinheiro.

– Não há quantidade de dinheiro que justifique isso.

A declaração a deixou sem ar, como uma pancada verbal no estômago.

– Me conta uma coisa – falou ele.

Parecia uma armadilha.

– Por que eu te contaria qualquer coisa?

Jack deu de ombros.

– Pode ser divertido dizer a verdade.

– Nunca achei isso divertido – retrucou Alice, e os dois teriam rido se aquilo já não estivesse tão sério.

– Você amava ele?

A pergunta a pegou de surpresa. Amor. Que palavra estranha. Claro, as pessoas a usavam o tempo todo – "Amo aquele restaurante", "Amei esses brincos", "Eu amo esse filme, essa música". "Amo o meu filho, o meu cachorro, a minha irmã, a minha mãe" (aí já começava a entrar em território perigoso). Mas amor não era o tipo de coisa com a qual ela havia crescido. Elisabeth nunca mencionava o assunto – admitir que amava teria sido tão constrangedor para a mãe de Alice quanto ir nua a um baile da Biblioteca Pública de Nova York.

E o pai dela, bem, ele nunca havia tido tempo para dizer nada além do que esperava que eles fizessem.

Alice não era um monstro. Ela já tinha amado. Amava Gabi incondicionalmente. Roxanne. Seus alunos. A sua arte. E não estaria naquela ilha se não amasse a família de todas as formas estranhas que eles permitiam ser amados.

Mas Griffin? Ele tinha sido um parceiro encantador, livre e muito diferente de qualquer coisa minimamente possível para Alice quando ela imaginava o futuro. Uma pessoa que abraçava a vida, as emoções, e que nunca tentava dizer o que ela devia fazer. Tão diferente de tudo com que Alice lidara até ali que ela acabou convencida de que só podia ser amor.

Mas tinha se esquecido da parte mais importante.

– Eu amava o que ele representava – respondeu, por fim. Jack manteve os olhos fixos nela, mas não disse nada, então Alice continuou: – Ele não era o meu pai. Era o oposto do meu pai. Fazia eu me sentir… comum.

– Pronto. Por isso é que eu devia ter destruído o sujeito quando tive a oportunidade – disse Jack, e ela arregalou os olhos. A raiva dele era palpável. – Tem muita coisa que me tira o sono, por um milhão de motivos, coisas pelas quais vou passar a vida inteira pedindo desculpas. Mas essa não é uma delas. Nunca vou pedir desculpas por ter pagado àquele babaca pra sair da sua vida. A única coisa de que me arrependo é de não ter acabado com ele junto com o seu noivado. Nunca mais se permita sentir comum.

.

– Você nem me conhecia.

– Tem razão. Aquilo foi antes. – A raiva de Jack tinha se transformado em fúria. – Agora eu te conheço. E, se sinto mais alguma coisa por aquele idiota nesse momento, é gratidão, porque, se ele tivesse sido um homem melhor, eu e você não estaríamos aqui agora.

Alice estava com dificuldade de respirar.

– Não quero que você sinta pena de mim.

Jack encurtou a distância entre os dois, e ela sentiu o calor do corpo dele.

– Alice, se eu sentisse pena, conseguiria manter as mãos longe de você.

As palavras saíram em um tom desesperado, como se ele estivesse sofrendo de desejo. Como se Alice estivesse sentindo o mesmo. Jack pousou uma das mãos na cintura dela, segurando com força o tecido do vestido, e Alice se apoiou na beirada da mesa de bom grado, se inclinando em direção ao calor e ao cheiro dele – como um barco naufragando. A voz de Jack ficou mais baixa, mais sombria:

– Conta mais dessa verdade que você tá começando a experimentar.

Alice o encarou por um longo momento, aqueles olhos que pareciam ver tudo, aquele rosto anguloso que o fazia parecer um super-herói – maxilar firme, nariz reto e maçãs do rosto absurdamente perfeitas. Aquele homem era errado de muitas maneiras. Bonito demais, forte demais, afiado demais… e via demais.

Era perigoso demais. Ainda assim…

– Eu não estou bem – confessou ela, baixinho, surpreendendo os dois com aquela sinceridade.

Mas Alice tinha gostado de dizer a verdade a ele. Gostava de saber que Jack aceitava. Que acreditava. Que entendia.

Inclusive naquele momento.

– Eu sei.

– Odeio tudo isso.

– Eu sei – repetiu ele, mais suave, puxando-a um pouco mais para perto.

Era bom sentir que alguém a conhecia, e Alice se deixou levar – ela baixou o olhar, pegou a mão dele e começou a passar os dedos pela bússola tatuada em seu braço. E falou com a tinta enquanto o tocava:

– Odeio a sensação de que você que estar aqui. Que está aqui só para

resolver problemas. E que, em algum momento, vai perceber que eu não tenho conserto.

– Você não precisa ser consertada.

Era uma mentira, mas Alice gostou tanto de ouvir que preferiu não contestar. Seus dedos deslizaram até a parte interna do pulso dele, que retesou os dedos de prazer. Em seguida, Alice buscou a mão.

Ela ergueu os olhos.

– Como você me encontrou?

– A Saoirse veio me chamar. Sabe, a sua sobrinha talvez seja a mais íntegra da família inteira.

As crianças estavam a salvo.

– O Sam vai dar um jeito de acabar com isso – brincou Alice, em voz baixa. – Em algum momento ele me soltaria.

– É claro. Na quarta-feira à tarde.

Alice não deveria ter achado graça da referência à contagem regressiva da família, mas não conseguiu evitar. Ele entendia o jogo e parecia estar ao seu lado. Ela ergueu o rosto para ele.

Aquela mão enorme pousou novamente em seu quadril. Com firmeza.

– É melhor eu ir.

– E se eu dissesse que ainda preciso de um herói?

Ele balançou a cabeça.

– Eu diria que não sou um herói. Nem de longe.

– Um vilão, então.

– Talvez.

Então Jack a beijou, e já não importava mais o que ele era, porque tudo o que Alice queria era aquele momento, todo o calor, a força e… como era possível que aquele homem sério beijasse daquele jeito?

Ele a ergueu sobre a mesa, e ela se afastou do toque por um instante.

– Ainda estou com raiva de você.

– Eu sei. – Ele sabia que era mentira, e eles voltaram a se beijar: as mãos dela no cabelo dele, as dele levantando o vestido dela, passando pelas coxas.

– Ainda não decidi se vou te perdoar – falou Alice, ofegante, quando uma das mãos de Jack deslizou para dentro da sua calcinha.

Será que ela estava usando uma calcinha bonita? Aquela mão apertou a sua carne e puxou-a para a beirada da mesa, e Alice percebeu que, na verdade, não se importava.

– Entendido. – Eles se beijaram de novo, a língua dele indo mais fundo enquanto a outra mão descia pela lateral da coxa dela. – Tem alguma coisa que eu possa fazer pra te ajudar nessa decisão?

Alice abriu as pernas e ele se encaixou entre elas, pressionando-a com força, firmeza e…

– Isso pode ajudar – falou Alice.

O som que Jack deixou escapar foi quase um rosnado.

Ele posicionou a perna de Alice ao redor da própria cintura e voltou a pousar a mão no rosto dela, acariciando a pele com o polegar e afundando os dedos nos cabelos bagunçados pelo vento do mar ao longo do dia. Então, abafou o arquejo que ela deixou escapar com mais um beijo longo – ninguém nunca tinha beijado Alice daquele jeito. Alguém já tinha beijado alguém daquele jeito?

– É melhor você demorar pra decidir – disse ele, enquanto deixava a boca correr até a orelha dela. – Enquanto isso, vou te contar uma história.

– Tá bom – sussurrou Alice, com os dedos nos botões da camisa dele.

– Na praia. Quando eu te beijei…

As palavras entraram quentes no ouvido dela, provocando um arrepio de expectativa.

– Sim?

– Aquele short jeans. – A mão dele, que estava no traseiro dela, deslizou por baixo do vestido para acariciar a pele ali. Queimando. – Como se já não fosse tortura suficiente ver você usando aquilo no barco… Aquele short era curto demais pra ser usado em público, Alice.

– Não é culpa minha se você não consegue se controlar. – As palavras saíram em um fiapo de voz, presas em um novo arquejo.

– Mas eu consigo – murmurou Jack. – Sou pago para me controlar. E me controlei muito bem, já que a minha vontade era arrancar aquele short. E aquela blusa. Branca, molhada, transparente pra cacete.

– Você parece ter muita raiva das minhas roupas.

– Tenho – respondeu ele, puxando a barra do vestido e trazendo Alice ainda mais para perto. – Estou com uma raiva desgraçada por você ainda estar com elas.

E ele parecia mesmo ansioso para rasgar a roupa dela. Como se estivesse prestes a fazer aquilo se não tivesse um autocontrole tão grande.

Mas Alice não queria que ele se segurasse. Não queria que ele se

controlasse. Queria que Jack perdesse o controle.

– Então vem tirar.

Ele se inclinou e beijou o pescoço dela, o toque quente e intenso.

– Fica aí.

Jack foi até a porta e trancou. Então, abaixou as cortinas elétricas nas janelas. Alice o observou se mover pelo cômodo com a mesma intensidade de sempre, e um arrepio profundo percorreu o seu corpo quando ela imaginou o que ele poderia fazer com aquela determinação. Quando imaginou onde mais ele poderia colocar as mãos, os lábios. Outras coisas.

Quando Jack voltou, ela falou:

– Obrigada.

– Pelo quê?

– Por me manter segura.

Ele parecia prestes a dizer alguma coisa, mas mudou de ideia. Em vez disso, a beijou de novo, devagar e deliciosamente, como se, agora que garantira a privacidade deles, tivesse todo o tempo do mundo.

Então Alice se viu nua, puxando-o para si, de repente desesperada para possuí-lo.

– Espera. Quero olhar você – pediu Jack.

Alice estava em chamas, sentindo o olhar dele percorrer sua pele, enquanto resistia ao impulso de se cobrir, de esconder todas as partes de si que a incomodavam.

Quando não aguentou mais e tentou cobrir o corpo, Jack soltou um daqueles rosnados baixos e reprovadores e a deteve, então ele mesmo a tocou – subindo pelas pernas dela, pelos tornozelos, traçando o interior das coxas, o relevo suave da barriga, a base dos seios.

Ele beijou o pescoço de Alice, inspirando fundo antes de se afastar e dizer:

– Você tem cheiro de verão. – E passou a língua pelo pulso dela. – De sal, de mar, de sol. De dias compridos e noites preguiçosas.

Alice prendeu a respiração e tentou disfarçar, com uma tentativa de dizer algo engraçado, o frio na barriga que aquelas palavras provocaram.

– Isso não parece coisa que um vilão diria.

– É só a verdade – respondeu ele. – Merda, Alice… – Jack levantou a mão e passou pelo cabelo, e seus lábios se inclinaram em um leve sorriso, como se ele tivesse acabado de ganhar um prêmio. – Você é perfeita.

Suas mãos voltaram a acariciar a pele dela, as costas dos dedos encontrando os mamilos enrijecidos. Quando Alice estava prestes a gritar de frustração, ele se inclinou e levou um dos mamilos à boca, sugando com delicadeza até ela quase gritar de prazer.

Mas não era fácil ficar em silêncio, então Jack ergueu o rosto e seus olhos lindos e brilhantes para dizer:

– Não tem nada que eu queira mais do que ouvir todos os sons que possam sair da sua boca, mas, se vai me deixar fazer isso com você, tem que ficar quietinha, meu bem.

Aquela regra não devia ser tão sexy. Alice o encarou com um sorrisinho desafiador e sussurrou:

– O que você vai fazer comigo?

Ele franziu o cenho, em uma expressão concentrada, e ela se perguntou se aquele era o Jack Dean, o lendário gestor de crises. Jack se inclinou e a beijou de novo, um beijo intenso, profundo.

Alice desabotoou a camisa dele e acariciou os pelos do peito e a pele coberta de tatuagens. Ela ainda não havia tido tempo de examinar aqueles desenhos. Estava escuro demais naquela noite no hotel, foi tudo rápido demais. Mas agora, ali, havia muito para observar, e ela faria aquilo. Já estava fazendo planos. Mas, primeiro, seus dedos desceram até a cintura de Jack, deslizando por dentro da…

– Ainda não – falou ele. – Tenho outros planos.

– Tem certeza? – perguntou Alice. – Os meus planos são muito bons.

– Acho que você vai concordar que os meus são melhores – respondeu ele, então se ajoelhou entre as coxas dela. E estava certo, os planos dele eram melhores.

Jack deslizou as mãos pela pele macia das pernas, afastando-as. E observou Alice se abrir para ele. Ela nunca tinha visto nada tão sexy. Nunca tinha visto alguém com uma expressão tão voraz.

Incapaz de se conter, ela arqueou o corpo, inclinando o quadril, tentando aliviar aquela urgência quase insuportável que a dominava, e Jack ergueu o rosto para encará-la enquanto suas mãos a acariciavam de novo, agora com mais firmeza, para a frente e para trás, até encontrarem os pelos em seu sexo. Então ele provocou:

– Está precisando de alguma coisa?

Alice arqueou o corpo outra vez, e o toque dele ficou mais leve.

– Diz.

– Você. Eu preciso de você.

Mais um daqueles grunhidos baixos, e Jack a recompensou com carícias longas em seu nervo rígido, para a frente e para trás, leves demais. Suaves demais.

– Você vai conseguir ficar caladinha?

Considerando a reação que aquela mera pergunta provocou nela, Alice não tinha certeza, mas não ia admitir aquilo nem morta.

– Vou – respondeu, segurando o pulso dele e pressionando com mais força contra o próprio corpo. – Pelo amor de Deus, Jack. Para de me provocar.

Aquele homem lindo obedeceu e encaixou os ombros largos entre as coxas dela, afastando-as, enquanto pousava a boca sobre ela, a língua percorrendo o calor úmido do seu sexo.

E Alice, que já não sentia mais vergonha, sentia apenas anseio e desejo, absurdamente molhada, se entregou àquele homem que já a tentava havia dias. E foi diferente, porque agora ela sabia quem ele era e não se importava, desde que ele não parasse. Alice entrelaçou os dedos novamente no cabelo dele, puxando com força, enquanto remexia o corpo contra aquela boca pecaminosa e habilidosa, amando a sensação de tê-lo ali, de olhos fechados. Jack deixou escapar um gemido longo e rouco de prazer que fez o corpo de Alice pegar fogo.

– Sim – gemeu ela, e ele afastou a boca, deixando-a prestes a gritar de frustração.

– Shh – sussurrou Jack, a boca ainda próxima do centro do corpo dela, e aquele som tornou tudo ainda mais quente, mais dolorido. – O que foi que eu falei?

Mais tarde, Alice ficaria horrorizada com o jeito como choramingou:

– Eu fico quieta, juro.

Na verdade, não ficaria horrorizada. Ia ter tanto prazer com a lembrança do que se seguiu que não sobraria espaço para vergonha nenhuma. A lembrança do brilho sexy nos olhos dele quando disse: "Boa menina", logo antes de encontrar o clitóris dela e acariciá-lo com uma urgência bruta que fez Alice sussurrar "puta merda" para o teto antes de fechar os olhos, deixar a cabeça cair para trás e roçar o quadril contra ele, enquanto Jack apoiava

um dos braços no abdômen dela, o que, por algum motivo, intensificou o prazer, concentrando tudo ali, como um facho de luz.

– Jack – sussurrou Alice para a sala enorme, as mãos procurando apoio e força na mesa pesada. – Por favor…

.

Ela não precisou dizer aquilo.

Ele não ia parar.

Em vez disso, Jack continuou a venerar o corpo dela, fodendo-a com as mãos e com a língua, naquele ritmo lento que Alice nunca tinha imaginado que precisava até começar a gozar contra ele, assumindo o próprio prazer, usando-o, dominando-o, se esfregando nele, com o nome dele nos lábios enquanto sussurrava seu êxtase para o cômodo e perdia todas as forças, desabando sobre a mesa, desfeita.

Jack ficou ali enquanto ela se recuperava do clímax, os dedos parando aos poucos, a língua mais suave, lambendo-a em movimentos longos e lentos que provocavam ondas deliciosas de prazer por todo o corpo dela, até que voltasse à realidade – as janelas imensas com vista para a baía, as paredes cobertas de obras de arte valiosas, o carvalho pesado da mesa sob as suas costas.

Alice se sentou quando ele a soltou. Jack ficou de pé, encontrando os lábios dela quando ela o puxou para si, tirando a camisa dele pelos ombros e levando as mãos à sua cintura.

– Posso?

Ele deixou escapar uma risada curta.

– Pode. Porra. O que você quiser.

Ela sorriu para ele enquanto sua mão escorregava para dentro da cueca boxer, arrancando um gemido de prazer.

– que eu quiser?

– Você não me assusta, Alice – falou Jack, e as palavras soaram mais verdadeiras do que em qualquer outra vez que ela havia feito sexo, enquanto ele a puxava para si e a beijava de novo. – Eu aguento.

As palavras pairaram no ar, envolvendo-a por um instante, fazendo-a desejar que fossem verdade: que aquele homem fosse mesmo capaz de lhe dar o que ela queria. Que fosse alguém em quem ela pudesse confiar. Alguém que ficasse do lado dela. Que lutasse por ela.

Como se tudo o que ele já tinha feito até ali fosse só uma amostra do que os aguardava no futuro.

Ela gostou tanto da ideia que decidiu expulsá-la da mente com mais um beijo, enquanto acariciava o comprimento duro do pênis dele. Alice interrompeu o toque e disse, em um sussurro:

– Diz que você tem uma camisinha, escoteiro.

Jack soltou uma risada baixa e pegou a carteira.

– Na verdade…

Alice foi rápida em se livrar das roupas dele, puxando tudo pelos quadris esguios e deixando cair no chão enquanto ele colocava a camisinha e voltava a passar as mãos pelo corpo dela, beijando-a e se dedicando a cada centímetro que já conhecia, até deixá-la desesperada de desejo outra vez. Então, Jack ergueu-a, ajeitou-a de novo na beirada da mesa e penetrou-a – estranho e familiar ao mesmo tempo e

, dando tudo o que Alice pedia, deixando que ela controlasse o ritmo, o movimento, as arremetidas dele, até que a respiração dos dois estivesse entrecortada, e ela já não conseguisse articular qualquer palavra. Só o que saiu dos seus lábios foi um "por favor" entrecortado.

Jack a penetrava com arremetidas intensas, ora fortes, ora suaves e perfeitas, como se já fizessem aquilo há uma vida. Como se fossem fazer para sempre. E Alice mordia os lábios para não gritar de prazer, porque ele sussurrava que ela precisava ficar quietinha, que qualquer um podia ouvir, que ela era perfeita, que ele amava a sensação de tê-la ali, e perguntava se ela queria se tocar. Se queria gozar.

Ela queria. E gozou com intensidade ao redor dele, que a acompanhou, despencando junto no precipício, soltando um gemido alto, bem-vindo e absolutamente audível pelo lado de fora da porta. Mas Alice não se importou, porque tudo estava perfeito demais, e ela só conseguia pensar que nunca tinha sentido um prazer como aquele, que nunca quisera tanto alguma coisa. Então, quando Jack a puxou para um último beijo, envolvendo-a nos braços enquanto a respiração dos dois começava a se acalmar, um fio tentador de algo parecido com pertencimento se desenovelou dentro de Alice, e ela percebeu que era aquilo que guardaria para sempre daquele dia.

E que presente seria.

CAPÍTULO 18

– Quando você fez esta?

Eles estavam no sofá de couro caramelo de um dos lados da sala, Alice recostada em um dos braços estofados, com as pernas estendidas no colo de Jack. Estavam amarrotados, mas vestidos novamente (não tinham sido criados por lobos), embora a camisa de Jack estivesse quase toda desabotoada e ele tivesse guardado a calcinha dela no bolso (talvez criados por lobos, sim, só um pouquinho).

Uma das mãos de Jack deslizava pela parte interna da perna de Alice em um movimento preguiçoso e possessivo, demorando-se na barra do vestido, como se ele ainda não estivesse pronto para deixá-la ir, o que era ótimo, porque Alice também não estava pronta para sair dali. A noite tinha caído, densa e escura lá fora, e, por aqueles instantes roubados, parecia que os dois controlavam o tempo – se não se afastassem um do outro, poderiam manter todo o resto longe.

O outro braço de Jack estava estendido sobre o colo de Alice, e ela acompanhava os contornos da tatuagem dele com os olhos.

– Foi a primeira coisa que reparei em você.

– Sério?

– Na verdade, não. A primeira coisa que reparei foi que você era sério.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Ficou incomodada com isso?

– Estava distraída demais pra me incomodar. Você só parecia muito sério. Como se levasse tudo a sério.

– Eu estava sério naquele dia. – Ele tinha perdido Franklin. E ido atrás dela. – Eu estava levando você a sério.

Alice traçou o círculo da face da bússola.

– Eu sei. Gosto disso. Que você me leve a sério.

– Nem sempre sou sério.

– Você estava sendo sério quando fez essa tatuagem?

– Você quer mesmo saber a história.

Ela sorriu.

– Não é todo dia que uma garota que cresceu velejando conhece um cara com uma bússola e um sextante tatuados no braço. – Jack deu uma risadinha, e ela completou: – Era isso ou

.

Outra risada.

– Na verdade, eu não sei.

– Nem eu. Por isso quero ouvir a história.

– Em que momento você conseguiu vê-la? – Jack se recostou no sofá e olhou para Alice, os olhos semicerrados… e cílios longos e cheios o bastante para provocar inveja nela, caso não lhe desse um grande prazer olhar para aqueles cílios.

– Você arregaçou as mangas na plataforma da estação, enquanto a gente esperava pelos nossos carros. – Alice deu de ombros. – Gosto de tatuagens.

– Você não tem nenhuma – comentou ele, em um tom confiante que deixava claro que podia falar daquilo com autoridade.

Ela balançou a cabeça.

– Gosto delas como uma artista gosta de arte. Um trabalho de precisão sobre uma superfície irregular. Consigo reconhecer o desafio que isso representa e admirar a habilidade necessária para fazer uma tatuagem tão bonita quanto essa. Mas nunca amei tanto alguma coisa a ponto de querer tatuar em mim.

– Bem, esse é o seu primeiro erro – argumentou Jack, apertando a coxa dela apenas o bastante para fazê-la arquejar em expectativa. Ele fingiu não perceber. – Nem toda tatuagem tem a ver com amor.

– Não?

– Você é artista – lembrou ele, e inclinou a cabeça na direção da pintura que ela havia apoiado na escrivaninha. – Todas as suas obras têm a ver com amor?

– As que eu termino, sim – respondeu Alice. – Mas o erro é achar que o amor é sempre uma coisa boa.

– Isso é bem cínico.

– Talvez. Acho que é bem honesto. – O olhar de Alice encontrou o quadro no chão. – Fico me perguntando se ele ficou aqui o tempo todo, escondido no cofre, como um lembrete constante de que meu pai ainda manipulava as cordas da minha vida.

Eles ficaram em silêncio por um instante, então Jack disse:

– Ele ficava pendurado no escritório do Franklin, em Nova York.

– Mentira? Está falando sério?

Aquele sorrisinho que Alice achava absurdamente charmoso voltou a aparecer.

– Quando vai conseguir aceitar que eu não estou mentindo pra você?

Era difícil. A ideia de que o pai dela tinha gostado tanto do quadro a ponto de exibi-lo em uma sala onde recebia… todo mundo… fez com que Alice olhasse novamente para a obra, ainda encostada à escrivaninha.

– E por que ele está aqui, então?

– O seu pai trouxe no começo do verão.

– Mas não pendurou aqui – disse ela.

– Não.

– Odeio que tenha comprado – disse ela, quase em um sussurro, como se fosse uma confissão. – Aquela noite… eu me lembro de cada minuto.

– Me conta – falou Jack, como se realmente quisesse ouvir.

– Foi tudo tão perfeito… A luz dourada entrando pelas janelas do meu quarto enquanto eu me arrumava, o gosto do champanhe que a Gabi e a Roxanne levaram pra gente tomar antes de sair. O Griffin estava… – Ele não tinha ido. Estava ocupado com algo mais importante, sem perceber que, para Alice, aquela noite era muito significativa para ela. Ela afastou o

pensamento. – Lembro que a gente deu sorte até no metrô: os trens chegaram logo. Não precisamos esperar.

– Nada de carro?

Ela lançou um olhar pra ele.

– Saindo do Brooklyn numa sexta-feira, na hora do rush?

– Não conheço o Brooklyn.

A constatação de que ela não sabia onde ele morava pareceu estranha – como se violasse alguma regra tácita que deveria existir: se você transou com alguém na casa onde passou a infância, deveria saber onde essa pessoa mora. Mas, ao mesmo tempo, era impossível imaginar Jack em casa. Ele não parecia alguém que tivesse tempo livre. Se fosse um personagem de romance, seria um daqueles homens misteriosos e excêntricos que vivem em quartos de hotel. Só roupas de grife e uma escova de dentes.

Se bem que, naquele exato momento, Jack não parecia ser esse tipo de homem. Não enquanto estavam imersos naquele silêncio da ilha, ele com as mangas da camisa arregaçadas, como se fosse pegar um livro para ler. Ou beijar uma mulher.

Um arrepio de prazer percorreu Alice diante da ideia. .

Ela se conteve.

– Onde você mora?

– Em Manhattan, no Flatiron.

– Esquisito.

– Dá pra ir andando pro trabalho.

Ela balançou a cabeça.

– Repito: não é de admirar que meu pai adorasse você.

Ele levou a mão dela aos lábios e beijou um dos dedos.

– Você estava me contando da noite da exposição. – Outro beijo, e mais um, em sequência, enquanto ela voltava a falar.

– Foi incrível. Um daqueles dias perfeitos de outono, com sol e uns quinze graus durante o dia, aquele friozinho no ar que dá vontade de usar um casacão e fingir que está numa comédia romântica.

Jack arqueou as sobrancelhas.

– Você nunca teve vontade de fingir que está numa comédia romântica? – provocou Alice.

– Acho que não. A minha vida não combina muito com esse gênero.

– A minha também não – admitiu ela, embora os beijos nos dedos

estivessem uma delícia. – Como você deve ter notado. Enfim, a galeria estava lotada, vinho correndo solto, todos os meus quadros ali… e ninguém sabia que eu era Alice Storm, achavam que eu era apenas Alice Foss, a pintora, e aquilo foi…

– Bom?

– Incrível. E foi antes de a minha agente me contar que alguém tinha comprado o . – Ela acenou na direção da obra. – A maior de todas, e a que tinha levado mais tempo, diferente de todas as outras. Mais ambiciosa e assustadora, porque e se ninguém gostasse? Pedi pra minha agente colocar um preço alto de propósito, assim eu poderia me convencer de que, se ninguém comprasse, não seria por um julgamento sobre mim. Ninguém se arriscaria tanto com uma artista jovem e inexperiente. Uma professora de arte do Brooklyn.

Ela parou, pensativa, depois deu voz à decepção.

– E, no fim das contas, ninguém se arriscou. Nem isso o meu pai conseguiu me permitir. Uma noite de sucesso, só minha. Teve que se meter. Controlar tudo. – Alice olhou para Jack.

– Eu sei.

– Você não vai tentar me convencer de que eu tô errada? De que ele comprou porque amava a pintura?

– Não. Mas também não acho que ele comprou porque não amava você.

– Talvez – disse ela, olhando para a pintura. – Acho que nunca vamos saber.

Jack parecia prestes a dizer uma dúzia de coisas que ela talvez não gostasse. Em vez disso, perguntou:

– Você pinta desde sempre?

Alice relaxou – aquela era uma pergunta que já tinha respondido mil vezes. Sem pegadinhas, sem truques.

– Quando eu tinha 13 anos, participei de um programa extracurricular no MoMA. Ficava a poucos quarteirões da minha escola e me dava algo pra fazer que não envolvia seguir a minha família por aí. Além disso, era algo que eu podia chamar de meu.

– Tem uma ala Franklin e Elisabeth Storm no Met, não tem?

– Tem, sim – respondeu ela. – Mas Franklin e Elisabeth gostam de abatimento no imposto de renda e de bailes beneficentes, não de arte.

– Tem um Picasso na parede desta sala – observou ele.

Ambos olharam para a tela, e Alice torceu o nariz.

– Odeio tanto esse quadro. Foi o primeiro que o meu pai comprou em leilão. Sabia? Só pra poder se exibir pros amigos. – Ela bufou. – Picasso.

– Você não gosta de nenhum Picasso?

– Apropriação cultural, hipermasculinidade, misoginia… O que é que tem pra gostar? – Ele não discutiu, o que já era bom sinal. – E o meu pai adorava o fato de eu odiar. Adorava zombar de mim em público por causa disso.

.

Jack soltou uma risadinha.

– Só pra constar, ele nunca mencionou seu ódio ao Picasso pra mim.

– Por que alguém gostaria de Picasso se Jacqueline Marval está logo ali? Goncharova? Kahlo? Gentileschi?

– Essa é a minha chance de impressionar você com o meu conhecimento sobre ?

Ela lançou um olhar de lado pra ele.

– Pela minha experiência, eu não deveria ficar impressionada, mas confesso que estou.

– Não fique – disse Jack. – Tive que pesquisar.

De certo modo, aquilo tornava tudo ainda melhor – o fato de ele ter ouvido a história dela e se interessado o bastante para querer saber mais. Por ela.

– Gosto de homens com domínio da internet.

Eles compartilharam um sorrisinho discreto e cúmplice, que provocou uma pequena explosão de prazer no âmago de Alice. Ela olhou para o quadro na parede e tomou uma decisão, se esforçando para ignorar o modo como a sensação do toque de Jack em sua pele pareceu se demorar quando saiu do colo dele – acompanhando-a até ela estar bem mais distante. Tinha algo a fazer.

– Se o meu pai comprou o meu quadro, ele pode muito bem ser pendurado na parede, como foi feito pra ser.

Ela pegou o quadro que pintara e apoiou na base da lareira, antes de esticar a mão para o Picasso já pendurado ali.

– Espera – disse Jack, o tom urgente, como se não estivesse preparado

para aquilo. Com razão: pouca gente esperaria que ela fosse arrancar um mestre da parede. – Deixa que eu…

– Não – falou Alice. – Eu consigo.

Ela tirou o Picasso da parede e o colocou no chão (Jack acabou ajudando – afinal, era um Picasso), então ergueu o próprio quadro e pendurou no espaço vazio. Fez aquilo com uma fluidez natural, como se não existisse sequer a possibilidade de não encontrar os ganchos – como se os próprios ganchos não ousassem desafiar uma mulher tão indignada com o patriarcado, fosse ele artístico ou literal.

E não ousaram.

Ela deu um passo para trás e contemplou o resultado, as mãos nos quadris, e Jack se juntou a ela. Com confiança renovada, Alice falou, mantendo os olhos fixos na pintura:

– Você estava lá? – Uma pausa. – Na galeria? Foi até lá com o tal talão de cheques do meu pai?

– Não – respondeu Jack de imediato, com sinceridade, e Alice apreciou o fato de ele não ter se ofendido com a pergunta (afinal tinha comprado o noivo dela). Ainda assim, ela não negou o alívio que percorreu seu corpo com aquela negativa tão categórica. E com o que veio a seguir. – Mas queria ter estado.

As palavras invocaram o pior tipo de lembrança – aquela que nunca tinha acontecido. Jack, naquela inauguração, não à distância, não misterioso. Mas ao lado dela. Celebrando com ela. Feliz por estar ali. Alice sentiu o rosto quente só de pensar e abaixou a cabeça.

– Teria sido bom.

Ele pegou a mão dela em resposta e levou-a de volta ao sofá, onde se acomodaram do mesmo jeito de antes.

Com a perna novamente apoiada na coxa de Jack, Alice voltou a atenção para a tatuagem no braço dele.

– Embora tudo isso tenha sido um ótimo plano pra me fazer parar de perguntar sobre a tatuagem, você esquece que fui criada pelo homem que te treinou na arte da evasiva.

– Desculpe, mas eu já era um profissional em evasivas muito antes de o seu pai me contratar.

– O funcionário dos sonhos – brincou Alice, e deu uma palmadinha na

bússola. – Você fez aqui, no antebraço, só pra deixar todas as moças suspirando quando arregaçasse as mangas?

– Já ouvi falar disso, sim, sobre arregaçar as mangas. – Os dedos dele subiram um pouco mais do que antes, pela parte interna da coxa dela. – Não é uma história nova. Fiz a tatuagem depois que o meu pai morreu.

A informação não foi uma surpresa – Jack já tinha contado aquilo à tarde.

– Você disse que ele estava doente.

– Sim – respondeu ele.

– E a sua mãe?

Jack balançou a cabeça.

– Foi embora quando eu era pequeno. Não me lembro dela.

As palavras queimaram, ditas com aquela casualidade excessiva. Como se fosse simples. Como se estivesse tudo bem. Alice sentiu o corpo retesar de revolta por aquele homem e pelo menino que ele tinha sido, mas sabia que não adiantava dizer nada. Em vez disso, entrelaçou os dedos aos dele.

– E você não estava lá.

Ele assentiu, o gesto rígido, como se não soubesse direito como seu corpo funcionava. Ao menos a parte do corpo dele que não estava tocando o dela. A mão na perna de Alice ainda se movia. Um bálsamo. Talvez para os dois.

Eles permaneceram em silêncio por um tempo, até que ela não aguentou mais, por ele.

– Você não precisa…

– Eu não queria estar lá. – Jack falou rápido, como se quisesse se livrar daquilo. – Odiava aquele lugar.

O polegar de Alice acariciava, para a frente e para trás, a mecânica delicada no braço dele.

– Me conta sobre velejar – pediu Alice, achando que estava mudando de assunto. Que estava oferecendo um porto seguro na tempestade que ele enfrentava.

– Eu não cresci velejando. Não como você. Meu pai era pescador. Não sobra muito tempo pra velejar quando se acorda às três da manhã para capturar o máximo de caranguejos possível antes que o mercado de peixe abra. Ele tinha um barco motorizado de pesca, uma tripulação rotativa, com

qualquer um que estivesse no bar perto do cais na hora de zarpar. E tinha as tardes e noites livres para ficar enfurnado no bar.

Ela não parou de tocá-lo, não se atreveu a mudar nada por medo de que Jack parasse de falar.

E ele não parou, como se os diques tivessem se rompido.

– Quando eu era criança, ia no barco com ele.

– Foi assim que você aprendeu.

– O meu pai me ensinou tudo o que sabia. ,
ele dizia. E eu queria, naquela época. Queria o barco de pesca, os caras do cais, o chefe do porto que vivia enchendo o saco dele por ser o último a voltar. O reino dele.

.

– Pais são assim – comentou Alice, baixinho. – São os primeiros reis que conhecemos, para o bem ou para o mal.

Jack levou as mãos dos dois de volta para o colo dela e disse:

– É, o meu foi para o mal. Quando cheguei ao ensino médio, ele já nem saía mais com o barco na maioria dos dias. Não havia mais dinheiro, e eu estava desesperado pra ir embora dali. – Ele deu de ombros.

– Você assumiu o negócio. – Por algum motivo, ela sabia que aquela tinha sido a consequência.

Jack assentiu.

– Se eu acordasse bem cedo, conseguia sair e voltar antes da hora de ir pra escola. Um cara do mercado de peixe vendia os meus caranguejos em troca de uma comissão.

Alice endireitou o corpo, revoltada.

– Você era só um menino.

– Um menino que já entendia muito bem como o mundo dos negócios funcionava antes mesmo de chegar ao segundo ano. Ralei muito pra conseguir entrar na Universidade de Delaware, porque era perto de casa e dava pra continuar com o barco até a formatura. – Ele fez uma pausa. – O meu pai não foi à formatura. Tinha a intenção de ir, ou pelo menos foi o que ele disse, mas não foi. E eu nunca mais voltei. Nem para o barco, nem para ele. – Mais uma pausa. – Nem quando o fígado dele parou de funcionar. Nem no fim.

Ela apertou a mão dele com mais força.

– Você estava com raiva. Não pode se culpar por isso.

Jack permaneceu imóvel por muito tempo, depois respirou fundo e virou o braço, revelando novamente a tatuagem.

– Quando ele morreu, o barco já não estava mais com ele fazia tempo. E fiquei sem saber como lidar com aquele luto… Não sabia nem se era o caso de viver algum luto. Como se lida com a perda de alguém que você nem conheceu direito? E que você não perdoou de verdade?

A pergunta era familiar a Alice.

– Eu não sei.

– Eu fiz uma tatuagem.

Ela voltou a traçar as linhas.

– Pra manter o rumo.

Quando ergueu os olhos, ele a observava.

– Talvez eu queira outro rumo.

Um arrepio percorreu Alice diante daquelas palavras, da provocação nelas, da possibilidade. Como se ele tivesse encontrado uma nova direção para seguir. E, embora não conhecesse Jack Dean há tanto tempo assim, ela não tinha dúvidas de que ele era o tipo de homem que conseguia o que queria.

– O que Franklin Storm diria?

Ele se enrijeceu ao ouvir o nome, e Alice se arrependeu na hora de ter dito aquilo, de ter falado no pai naquele momento.

– Provavelmente estaria furioso comigo esta noite.

– É, mas ele está morto, então… – As palavras foram tão absurdamente inapropriadas que os dois caíram na gargalhada, rindo alto o bastante para que o som virasse um segredo guardado nas paredes daquela casa. Quando pararam, Alice disse: – Deus, ainda não consigo acreditar que ele . O meu pai era tão imenso. É impossível imaginar o que vem depois, sem ele.

– O Franklin não era fácil – respondeu Jack. Ele estendeu a mão e acariciou o rosto dela com o polegar. – Alice, não esquece que o seu pai me trouxe para o círculo interno cinco anos atrás. Eu vi o melhor e o pior dele. Sei como ele era. Sei como ele podia ser raivoso. Obstinado. Controlador.

– Então por que… – Confusa por um instante, ela interrompeu a pergunta.

Mas ele entendeu mesmo assim.

– Não sei. Talvez seja um pouco por lealdade ao Franklin, por ele ter apostado em mim quando nem eu sabia se valia a pena. Talvez seja uma obsessão profunda por fazer meu trabalho bem-feito. No começo era isso. Mas agora… – Ele apertou o joelho dela. – Talvez agora seja porque eu quero garantir que tudo termine bem.

Alice refletiu sobre aquilo, sobre o fato de que, sem ele, o testamento estaria valendo do mesmo jeito, o jogo também estaria em andamento, e outra pessoa faria o papel de juiz e júri. Se a família Storm sabia fazer alguma coisa, era manipular as situações até conseguirem o que queriam. Tinham sido treinados pelo melhor.

E por causa daquele treinamento, Alice ainda tinha dificuldade de acreditar que Jack não estivesse naquilo por alguma outra razão obscura. Franklin estaria, não estaria? Mas a verdade era que ela não queria acreditar que Jack fosse o ventríloquo substituto, manipulando os mesmos fios das marionetes na família.

Antes que ela dissesse aquilo, Jack falou, os olhos fixos nos dela, a mão em sua coxa agora parada.

– Posso te perguntar uma coisa?

– Claro – disse Alice.

– Sobre isso entre a gente.

O coração dela acelerou.

– Existe um "isso" entre a gente?

– Sim, Alice – falou Jack, a voz mais baixa do que antes –, a julgar pelos acontecimentos da última hora, eu diria que sim.

Ótimo. Ela também achava.

– Continua.

– É porque você acha que o seu pai desaprovaria?

A pergunta deveria ter deixado Alice furiosa – a ideia de que ela pudesse dormir com alguém só para se vingar do pai, da mãe, da família inteira. Mas aquilo não era exatamente impossível em uma família como a dela, em que qualquer coisa era válida para conseguir a atenção do patriarca. Mesmo que fosse negativa.

Ela já havia feito aquilo antes, não é mesmo? Afinal, não escolhera Griffin, ao menos em parte, para provocar o pai?

– Em teoria, você é uma péssima escolha, Jack Dean. Até onde se sabe, o

meu pai adorava você, e hoje eu te vi dominar uma sala como só tinha visto Franklin fazer. A minha família não te suporta, e vi você socar duas pessoas em menos de uma semana.

– Justificadamente.

– É verdade – admitiu Alice. – Talvez seja por tudo isso, e por toda a confusão esquisita que tem vindo à tona essa semana, que eu não consigo parar de pensar em você e, pior ainda, em como seria fácil gostar de você.

Ele assentiu.

– Talvez.

– Mas, assim – Alice deu de ombros –, talvez seja mais simples do que isso. Talvez eu só goste de você.

– Talvez eu só goste de você também – disse ele.

– É, essa é a parte que mais me assusta – respondeu Alice, em voz baixa. – Está tudo fora de controle. Eu só queria me sentir no controle de novo, e esse "isso" entre a gente não é estar no controle.

– Meu bem – disse ele, e o tratamento carinhoso aqueceu todos os cantos que Alice tinha planejado manter trancados. Se Jack estivesse mentindo, era mesmo ótimo naquilo… e ela estava perdida. – Isso pode ser o que você quiser. Aconteça o que acontecer. É a verdade.

Deus, que promessa linda.

Alice não resistiu e se inclinou para beijá-lo, saboreando-o de novo, revigorada com todas aquelas revelações entre eles. O beijo foi lento e suave, e Jack puxou-a para o seu colo com facilidade, para poder retribuir o beijo até os dois ficarem sem fôlego.

Alice interrompeu o beijo e encostou o ouvido no peito dele, ouvindo o coração bater forte e rápido. Jack recostou a cabeça no sofá e os dois ficaram assim por longos minutos, até que ela disse, baixinho:

– Você é muito mais doce do que quer que os outros pensem, Jack Dean. Não é nada do vilão que finge ser.

– Eu não tento ser vilão – retrucou ele.

– Não? – Ela engrossou a voz, imitando-o. –

.

Aquela sobrancelha arqueada apareceu de novo.

– Em primeiro lugar, essa foi bem fraquinha.

– Poucos minutos atrás você não estava me achando fraquinha –

provocou Alice.

– Cuidado, ou vou fazer você repetir – avisou ele, enquanto brincava com uma mecha do cabelo dela.

. Ela encostou de novo a cabeça no peito dele, e os dois ficaram ali, em silêncio, até Alice perguntar:

– Qual foi a pior coisa que você já fez?

– Nossa! – Ele fez uma careta. – Não precisa perguntar isso como se eu passasse o dia espancando gente e fechando acordos escusos.

– E não é isso que você faz? – perguntou ela, com um ar de inocência.

– Na maior parte do tempo, faço coisas que não me colocariam na prisão.

– Ah, tá vendo? . – Ela virou a mão dele e passou o polegar sobre os nós dos dedos, que estavam machucados outra vez. E, mais uma vez, por ela. – Mas tem isso também, não tem?

A mão dele se fechou e se abriu sob o toque dela, e Alice guardou o movimento na memória quando ele levou a mesma mão ao cabelo, constrangido.

– Sim, um pouco.

– Dá pra tirar o garoto do cais, mas não dá pra tirar o cais do homem – disse ela. – Eu não devia gostar disso, mas gosto.

O olhar dele encontrou o dela, e algo cintilou ali.

– Sério?

Alice assentiu.

– Você ameaçou o Griffin antes de ele ir embora?

– Com certeza. – Alice não conseguiu conter uma risada diante de tanta indignação, como se fosse um absurdo supor que ele tivesse deixado o covarde do Griffin ir embora sem apavorá-lo. – Ele nunca mais vai te incomodar.

– Ou vai ter que se entender com você? – brincou ela.

– Isso mesmo.

Alice riu.

– Então me diga, Jack Dean, "gestor de crise" extraordinário. a pior coisa que você já fez?

O olhar de Jack se desviou para as janelas escuras do outro lado da sala, a noite tão escura que o vidro tinha virado espelho, refletindo os dois ali, no

sofá, abraçados como se já tivessem se sentado assim, juntos, mais de mil vezes.

– Acho que ainda não fiz.

O relógio de pêndulo no saguão marcou aquela frase, afastando os dois do rumo que a conversa poderia tomar. Jack consultou o relógio.

– Que horas são? – Alice tinha perdido a noção do tempo na sala do cofre, e não pensara nisso nem por um segundo desde que saíra de lá. (Ainda teria tempo pra voltar a ficar furiosa com Sam depois.)

– Meia-noite.

A casa toda provavelmente já estaria dormindo. Ela olhou para a porta e disse o que sabia que deveria dizer:

– Eu devia ir pra cama.

– Você não vai embora? – perguntou Jack.

A pergunta surpreendeu os dois. A Alice, porque em algum momento se esquecera de que queria ir embora, e a Jack porque – bem, ela não sabia, mas ele parecia desejar não ter dito aquilo.

– Você está… sugerindo que eu vá?

– Não – Jack se apressou a responder. – Mas se quiser… não vou impedir.

– Não é o seu trabalho me manter aqui? – provocou Alice, e se levantou, lembrando que, por mais real que aquela noite parecesse, o jogo ainda estava em curso. Sam a trancara em um cofre para mantê-la jogando. – Eu devia ir.

– Alice – falou Jack. Ele se levantou também e se aproximou o bastante para que ela se arrependesse na mesma hora de ter saído daquele abraço confortável. Então segurou o rosto dela entre as mãos e voltou a acariciá-lo com o polegar. – Escuta. Se o único motivo pra você ficar for a herança, é melhor você ir. Deixa que eles resolvam.

– O meu pai não ia gostar disso.

– Bom, talvez a minha lealdade ao seu pai tenha um limite.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– E qual seria esse limite, exatamente?

Jack ficou em silêncio por um instante, os olhos fixos nos de Alice, fazendo promessas tão tentadoras quanto o calor do corpo dele envolvendo o dela, preenchendo-a de desejo e lembranças.

– Que tal fazer o seguinte: pensa nisso durante a noite. E, se de manhã você quiser ir embora, eu ajudo.

Era uma proposta generosa, que faria dos dois os vilões da peça. Mas, por um instante impensado, Alice se pegou achando que talvez não fosse tão ruim assim ser a vilã se tivesse um cúmplice.

– Tem alguma sugestão de onde eu deveria passar a noite enquanto penso nisso?

Aquele sorriso sedutor de novo, lento e perfeito, como se ele tivesse vencido o único jogo que importava.

– Como você sabe, estou sempre preparado.

Alice soltou uma risadinha, pegou a mão dele e deixou que Jack a conduzisse para fora do escritório, pelo saguão principal, até saírem da casa. Os dois atravessaram em silêncio o grande gramado, agora vazio, sem os convidados da mistura esquisita de funeral com festa, sem a família, o caos, o drama, e seguiram até a casa de barcos, escura e perfeita, com três pequenos botes como único vestígio dos acontecimentos do dia. Três botes que poderiam ser a estratégia de fuga dela pela manhã, quando tivesse terminado com aquele homem.

Aquele homem que a tomou nos braços e a carregou até o mezanino acima da casa de barcos, onde ficavam os aposentos de hóspedes, antes de deitá-la na cama, embriagada pelo som do mar e do vento.

– Espera – falou Alice, amando o jeito como ele parava no instante em que ela falava, como se estivesse disposto a fazer qualquer coisa por ela. A dar qualquer coisa de que ela precisasse. A verdade surgiu então, nítida e inegável, e Alice a verbalizou, mesmo sabendo que era uma daquelas verdades que metem as pessoas em confusão: – Você me parece o tipo de cara que pode partir o meu coração.

Jack puxou-a para mais um beijo, intenso e demorado, como se tivessem todo o tempo do mundo – e parecia mesmo que tinham.

Nenhum dos dois notou a tempestade que se aproximava.

CAPÍTULO 19

Sam estava no balanço da varanda que ficava nos fundos da cozinha quando Alice deu a volta na casa, encharcada da cabeça aos pés pela chuva forte, torcendo para conseguir entrar sem ser notada.

A tempestade tinha chegado no meio da noite, com os relâmpagos mais intensos que ela já havia visto, e trovões ecoando pela baía. Quando acordou sobressaltada, Jack puxou-a para si e deu um beijo quente em seu pescoço. Depois, ficou espalhando beijos quentes em várias outras partes do corpo dela, enquanto Alice descobria que tempestades guardavam segredo até melhor do que casas antigas.

Após recuperarem o fôlego, os dois ficaram deitados, entrelaçados nos lençóis dele, observando a tempestade.

Fazendo Alice desejar que a chuva nunca fosse embora.

Quando acordou de novo, pouco antes do amanhecer, parecia que a tempestade tinha chegado para ficar. A chuva ainda caía em cortinas pesadas, iluminando a casa de barcos com uma luz verde-acinzentada e fazendo o balançar em sua doca. Ao longe, o sino de neblina badalava, abafado pela chuva, pelo vento e pela ilha.

Alice saiu da cama quente de Jack pela segunda vez naquela semana, sem a menor vontade, mas sabendo que precisava – se a família descobrisse onde ela tinha passado a noite, teria munição para anos.

Além disso, queria manter as lembranças daquela noite intactas – não só o sexo (incomparável), mas todo o resto: as histórias, as risadas baixas, os toques demorados (perfeição). E o companheirismo, diferente de tudo o que já tinha vivido antes, suficiente para fazer Alice se perguntar se poderia haver algo além de uma noite entre eles. Algo além de uma semana.

Mesmo sabendo que era impossível.

Nada que começasse naquela ilha, em meio àquele caos, sobreviveria longe dali.

Então ela o deixou, quente, adormecido e com a guarda baixa, e decidiu reforçar a própria armadura, prometendo a si mesma que se protegeria, enquanto se preparava para o que quer que aquele novo dia – o primeiro do resto da vida da família Storm – traria.

O fato de Sam ser a primeira coisa que o dia trouxe não era um bom presságio. Alice mal hesitou quando viu o irmão e chegou a se orgulhar do modo como corrigiu o rumo, decidindo na hora ignorá-lo.

Com os olhos fixos na porta de tela, ela não olhou para o lado, nem mesmo quando Sam chamou:

– Desculpa.

– Não me importo – falou Alice, parando brevemente na varanda para sacudir a chuva.

– Eu não podia deixar você ir embora.

– É claro que não podia. Você é movido pela ganância e é um babaca – declarou ela, finalmente olhando para o irmão. – Mas tá com uma cara péssima, isso já é alguma coisa.

– Não dormi.

Ela estreitou os olhos.

– É mesmo? Finalmente percebeu que é um péssimo irmão?

Sam fez uma careta.

– Vou te fazer uma proposta: você não menciona isso e eu não menciono o fato de que está saindo de fininho da casa de barcos às seis da manhã.

– Eu não saí de fininho da casa de barcos – retrucou ela.

Alice esticou a mão para a porta de tela, já traçando o caminho até o

saguão para pegar as malas, depois subir para tomar banho e se trocar. Aí sim pensaria no que viria a seguir.

E onde aquilo aconteceria.

E com quem.

Mal tinha puxado a porta quando Sam disse:

– Eu não podia deixar você ir porque a Sila foi embora. – Alice parou e olhou para o irmão, que parecia derrotado. – Com as crianças. Depois do enterro.

Ela deixou a porta fechar de novo e se sentou ao lado do irmão no balanço.

– Vi vocês discutindo ontem, mas… sei lá… a Sila tá sempre irritada com você por alguma coisa.

– Às vezes sou eu que estou irritado com ela, sabia? – se defendeu Sam.

– É, mas sempre achei que essa era a dinâmica de vocês. Só… duas pessoas horríveis sendo horríveis uma com a outra.

Ele ergueu o dedo do meio, mas sem convicção.

– Ah, Sam. – Alice percebeu que ele estava muito diferente do irmão que conhecia. – Você… quer um abraço?

Ele se encolheu como se ela tivesse lhe dado um tapa.

– De jeito nenhum.

Pelo menos os dois conseguiam rir de tudo desmoronando.

– Vou te dizer uma coisa: não existe cenário em que a gente se comporte como uma família normal.

– E que diabo é uma família normal? – perguntou ele. – Não existem famílias normais. Todas as famílias infelizes são infelizes à sua maneira.

– Tolstói ficaria impressionado.

– Por que eu me importaria com o que o Tolstói pensa? – retrucou Sam, e, quando ela abriu a boca para explicar, ele ergueu a mão. – Tô brincando. Fiz literatura comparada na faculdade.

– Fez?

– De que outro jeito eu ia conhecer garotas? – perguntou ele, e usou o pé para dar impulso no balanço. – Não importa. Acho que é o normal. Um monte de filhos voltando pra casa pro enterro do pai.

– Pra – corrigiu Alice, e os dois sorriram. Não tornava nada melhor, mas era agradável.

– Eu contei a minha história, agora é sua vez. Onde você estava? –

perguntou Sam.

Alice não queria contar.

– Fui correr.

– Treinando para uma maratona em plena temporada de monções? – Ele fez uma pausa. – Sem tênis? Com o vestido do enterro do pai?

– Sou excêntrica – disse ela.

– Você tá trepando com a criadagem, isso sim – retrucou Sam.

Jack não era a , mas Alice mordeu a língua e ficou em silêncio, porque sabia que, se dissesse qualquer coisa, entregaria demais. Ela fingiu que ele não tinha dito nada e puxou os pés para cima do balanço.

– Quer me contar o que aconteceu?

Sam suspirou e se recostou no balanço, olhando para o teto da varanda.

– Não aconteceu nada. A Sila não gosta de mim. Nunca gostou. E acho que ela seria muito mais feliz se a gente não fosse casado.

Alice assentiu.

– E…

– Eu também seria.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo, até que Alice disse:

– Então não é como da última vez.

A família evitava falar da , que Elisabeth só mencionava em sussurros como o de Sam – como se ainda se usasse essa palavra no século XXI.

Os pais nunca tinham contado a história toda, mas, pelo que Alice entendeu, Sam tinha dado uma entrevista a uma jornalista recém-formada sobre a sua visão do legado Storm, e a entrevista tinha durado mais do que a hora combinada. Semanas a mais. A jovem cometeu o mesmo erro que tantas outras antes dela (em geral, acreditar no homem errado, que "sem querer" mandou uma mensagem picante no grupo da família dele em vez de só para ela). Sila descobriu, arrumou as coisas e foi embora.

Sam até pensou em deixar que ela fosse de vez, mas Sila era astuta e sabia exatamente como garantir o que achava que ela e a pequena Saoirse, então com 4 anos, mereciam. Ela fez uma ligação. Franklin e Elisabeth surtaram com a ideia de a neta estar morando em Long Island, e Sila voltou para o seio da família em poucas semanas. O episódio durou pouco mais de

cinco meses e, depois que ela voltou, levou menos de cinco meses para conceberem Oliver.

– Não – disse Sam, e era impossível não perceber o amargor na voz dele. – Aprendi a lição. Ela nunca mais confiou em mim. – Ele fez uma pausa. – E nunca com vocês por perto. Acha que todos falam mal dela pelas costas.

– A gente não fala – afirmou Alice.

Sam a encarou com uma expressão de incredulidade.

– Tá bom, justo – admitiu ela. – Mas, em minha defesa, faz cinco anos que não falo mal da Sila pelas costas.

Os dois riram, porque o que mais podiam fazer?

Ao longe, o sino de neblina tocou, e Alice arregalou os olhos.

– Você colocou o sino pra funcionar! Sammy! Que demais!

– Ah. – Ele abaixou a cabeça, fingindo não estar orgulhoso. – Também não precisa agir como se eu nunca tivesse conseguido terminar uma tarefa. Lembra quando a gente fez isso pelo papai? Com o Charlie e aquele senhor de Newport?

Ela pensou por um momento.

– Acho que não lembro…

Sam sorriu.

– Talvez você fosse nova demais. A Emily ainda usava fraldas.

– É difícil acreditar que a gente já foi tão pequeno um dia, aqui – disse Alice. Os dois olharam para a chuva. – Queria lembrar.

Silêncio. O único som era o da água correndo. Então Sam disse:

– Talvez a gente volte um dia. Talvez eu traga as crianças. Talvez a gente crie mais lembranças.

Era uma ideia bonita, mas Alice não conseguia afastar a sensação de que era o tipo de coisa que sua família não faria.

– É. Talvez – concordou. E emendou: – A Sila te deixou mesmo? Tipo… de verdade?

Sam assentiu.

– E, se receber a parte dela na herança, não vai brigar pela guarda das crianças.

– Que conveniente – comentou Alice.

– Os advogados vão dar um jeito de complicar tudo, com certeza. Supondo que você não vá embora e ferre com tudo pra gente. – Alice virou a cabeça e encostou o rosto no joelho, observando enquanto ele se justificava

mais uma vez pelo que tinha feito na noite da véspera. – Eu precisava que você ficasse. Desculpa por ter te trancado no cofre, mas preciso do dinheiro, Alice. Então, de certo modo, não me arrependo.

Alice deixou as palavras pairarem, junto com a própria raiva.

– Meu Deus, Sam. Às vezes você até consegue ser uma pessoa decente, mas outras vezes… merece tudo o que te acontece.

Ele soltou o ar.

– Fiz isso por um bom motivo.

– Para a Sila continuar comprando roupa nova em vez de lavar as que já tem? Não se preocupa, Sam, se eu for embora, ela pode virar garota-propaganda do consumismo escancarado.

Ele ignorou a provocação.

– Fiz isso pelas crianças.

– Ah, vá – disse Alice, nada disposta a cair naquela conversa.

Mais tarde se arrependeria da resposta, mas, naquele momento, estava com bastante raiva, e Sam sabia disso.

– O papai me cortou, Alice.

– Eu sei, você já me contou. Arruma outro emprego.

– Não. Você não entendeu. Quero dizer que ele me cortou mesmo. Parou de pagar tudo.

Ela franziu o cenho, confusa.

– Cortou como? Você não era vice-presidente sênior? Isso não é exatamente passar necessidade, Sam.

– Você sabe quanto custa ter uma família em Nova York no nosso círculo? As escolas, os clubes, as roupas de grife, as viagens, os motoristas, o apartamento? – Ele deu de ombros. – Eu não ganhava o bastante, e o papai bancava o resto. Você sabe como é.

– Na verdade, não sei. – Fazia anos que Alice não aceitava a ajuda de Franklin. – Acredite se quiser, mas eu moro num apartamento que consigo pagar, mais ou menos, com o meu trabalho, a que compareço todos os dias. Um trabalho que é mais um motivo pelo qual preciso sair daqui, caso queira saber. É chato, eu sei. E pensar que ainda dou conta de tudo sem motorista particular…

Ela podia ouvir os olhos dele revirando.

– Você fala como se achasse que isso te torna melhor do que a gente. Ser pobre não é virtude, Alice, só é menos divertido do que ser rico.

– É, ser rico tem sido um verdadeiro paraíso pra todos nós – comentou ela, com ironia.

Sam a ignorou.

– Ele me disse que estava na hora de eu seguir o meu próprio caminho. Como ele fez.

Alice fez uma careta ao ouvir aquilo, porque conhecia muito bem o tom em que aquelas palavras provavelmente foram ditas – ninguém gostava mais de se gabar do próprio esforço do que um bilionário.

– E depois ele me demitiu. – Sam ficou em silêncio de novo, então continuou: – Às vezes acho que a Sila é mais esperta do que todos nós. Estou sem emprego e sem esposa, e ela vai ficar com trinta por cento da minha herança.

– Se houver herança.

– Exatamente. Mas não é isso que importa. O que importa é que ela vai ficar com as crianças. – Diante do choque de Alice, ele disse, sem humor. – Eu sei. Fui um imbecil.

– Isso é loucura. Por que você acha que ela vai ficar com as crianças?

– Porque o acordo que eu assinei liberava a guarda para ela. Nunca me ocorreu que isso fosse ter importância. A Sila vai ficar com o apartamento em Nova York e com a guarda integral. Com tudo. – Ele engoliu em seco, enquanto pesava as próximas palavras. – Acho que amo os meus filhos mais do que imaginava.

Alice se encolheu por dentro ao ouvir o modo como o irmão disse aquilo, como se tivesse acabado de descobrir aquela verdade.

– Sam. – Seu tom podia ser de reprovação, ou de compaixão. Reprovação com compaixão?

– Meu Deus, o papai ia ficar tão puto – comentou ele. – Mais um motivo pra se decepcionar comigo.

– Bem, o papai está morto – respondeu Alice. – E quanto ao filho? E quanto a sentir orgulho dele? – Fez uma pausa. – E quanto a dar ao filho um motivo pra se orgulhar?

Sam ficou em silêncio por um longo tempo, então disse:

– E como seria isso?

Alice balançou a cabeça.

– Não sei. A gente não teve exatamente uma boa referência.

– Imagine – começou Sam, encarando-a muito sério – que ele queria que

você comandasse a Storm!

Alice quase engasgou de surpresa.

– Não, ele não queria.

– Queria, sim. Uma vez, ouvi ele e a mamãe conversando sobre qual de nós seria o mais apto para substituí-lo. Não ia ser a Greta. Ao que parece, aquele ano que ela passou em Genebra foi prova de que não tinha foco. E a Emily ainda era uma criança. Mas o papai deixou bem claro que só havia uma resposta. E era você.

– Bom. Eu dei um belo recado a ele – brincou ela. Quando Sam não riu, Alice falou: – Sam. Você não pode embarcar nesse jogo.

Ele voltou a olhar para a chuva, que parecia mais inclinada a ouvir as suas confissões.

– Um dia eu confrontei o papai… Achei que ele fosse admirar a minha coragem. Falei que devia ser eu. Que era a escolha certa, porque queria aquilo, e você não. E sabe o que ele disse?

Ela nem se atreveu a imaginar.

– O papai falou:

.

Alice sentiu uma onda de raiva dominá-la. Sam estava longe de ser perfeito, mas não merecia aquilo.

– O papai era um babaca. Sei que não é legal dizer isso agora, mas é verdade. – Ela pousou a mão no braço do irmão. – E, mesmo assim, todos nós corremos pra obedecer a ele.

O trovão ribombou, alto e próximo, e os dois ficaram em silêncio até que passasse, antes que Sam respondesse:

– E continuamos a fazer isso.

Jack tinha razão quando disse na noite anterior que a família dela daria um jeito. A mãe continuaria a ter vários imóveis, contas e fundos, além de uma vida para a qual poderia voltar, feita de almoços beneficentes e amizades duvidosas.

Os irmãos dela eram Storms, sim, mas talvez, se ela tomasse a decisão por eles, tirando a herança da equação, pudessem escolher uma vida fora daquela ilha. Talvez Greta conseguisse reconquistar Tony. Talvez Sam

encontrasse um jeito de construir algo por conta própria. Emily estava se revelando a mais equilibrada de todos – ela e Claudia saberiam se virar.

E Alice… talvez Alice conseguisse voltar ao mundo real. Talvez Jack fosse com ela.

Ela não ousava pensar muito naquilo, porque, depois da noite da véspera e de todos os modos como Jack a fizera rir, suspirar e ter esperança, percebeu que ele podia ser exatamente o que ela queria.

Gostava de Jack. O que era apavorante.

Mas mais apavorante ainda era a possibilidade de ele gostar dela, com toda aquela família, aquele pai e aquele dinheiro entre eles. A única forma de garantir que teria uma chance de viver algo verdadeiro – que qualquer um deles teria aquela chance – era descer da montanha-russa de Franklin.

Alice olhou para o irmão.

– E se a gente não fizesse isso?

Ele a encarou como se ela tivesse sugerido sair para cuidar do jardim durante uma tempestade.

– O quê? Não jogar o jogo?

– Exatamente.

– A gente não tem escolha.

– Tem, sim – disse ela. – A gente sempre teve escolha.

– Abrir mão de alguns bilhões de dólares? – zombou Sam. – Seria uma burrice monumental.

.

Ele balançou a cabeça.

– Não. Eu preciso do dinheiro. Pelo amor de Deus, tranquei você no cofre do papai por causa disso.

– Aquilo foi uma idiotice – falou Alice, implicando com o irmão. – Eu podia ter morrido.

– Você não ia morrer. Eu sou um babaca, mas não sou assassino.

– Eu usei exatamente essas palavras para…

Sam ergueu as sobrancelhas quando ela se interrompeu.

– Para… – Alice balançou a cabeça. – Tá bom, vamos brincar de jogo da verdade. Eu fui te buscar, mas você já tinha ido embora. Como saiu?

O maior defeito de Alice era aquele: a esperança de que, daquela vez, a família seria diferente. Ela respondeu.

– Jack.

O irmão a encarou.

– Você está transando com ele.

– Não sei do que você tá falando.

– Humm – murmurou Sam, sem acreditar. – Por que o Griffin não dormiu aqui?

Um trovão estourou ao longe, sobre o oceano.

– É impossível que Emily não tenha te contado tudo ontem à noite. Ela é incapaz de guardar segredos.

Quando Sam ficou em silêncio por vários minutos, Alice enfim olhou para ele, pronta para encarar a zombaria, as risadas, todos os "eu sempre soube que você odiava o Griffin". Em vez disso, ele perguntou:

– Você está bem?

A pergunta pairou entre os dois, honesta e adulta, e Alice percebeu que, se aquele era o começo de algo novo, o início do Depois – depois de Franklin, depois de Griffin, depois do afastamento, depois do controle e da responsabilidade e de tudo o que a família dela representava –, alguém precisava começar a dizer a verdade.

– Estou. Mesmo que um pouco envergonhada agora que sei que o papai pagou ao meu noivo pra me deixar. E de o Griffin ter aceitado.

– Não fica – falou Sam, como se fosse um detalhe sem importância. – Quer dizer, tenho certeza de que ele considerou essa hipótese com a Sila, na época em que…

Ele se interrompeu, leal o bastante à filha para não falar em voz alta as circunstâncias atenuantes do relacionamento com a esposa.

– Quanto?

O eco das palavras de Jack na noite anterior se espalhou por todas as partes dela que ameaçavam se esvaziar de dúvida e decepção. Alice lançou um olhar severo ao irmão.

– , Sam. Uma porra de uma fortuna. .

Ele ergueu as mãos, em sinal de rendição.

– Desculpa. Não devia ter perguntado. – Sam se inclinou para a frente, parou o balanço, apoiou os cotovelos nos joelhos e encontrou o olhar da irmã. – Quer que eu acabe com o Griffin?

Alice tentou não sorrir com a pergunta, tão séria, vinda de um homem

que ela duvidava que conseguisse sequer colocar pratos em uma lava-louças.

– Que fofo da sua parte, tão superprotetor, mas não, Sam.

– Eu faria isso, sabia?

– Não duvido – disse ela, contendo o riso. – Mas talvez você só não saiba o que fazer consigo mesmo nesse momento. Talvez ainda possa dar certo entre você e a Sila.

– Eu teria que querer isso – admitiu ele. – Mas, pra ser sincero, depois dessa semana, só o que eu quero mesmo é conhecer direito meus filhos. Eu não os conheço.

– Bem, eles têm 9 e 14 anos – disse Alice. – Dá mesmo pra crianças nessa idade?

– Mas eu também nem tentei muito. Eu nunca soube como ser um pai pra eles. E também não dá para dizer que a Sila quisesse que eu fosse. Eles significam segurança pra ela. Bens. – Sam fez uma pausa. – Que confusão dos infernos.

Alice pensou naquilo por algum tempo, sobre o amor e como ele podia estar confuso. Como parceria e conexão eram coisas frágeis. E como era difícil desaprender o jeito como tinham aprendido a amar.

Sam acrescentou:

– Não é de espantar que todos nós sejamos péssimos em relacionamentos.

Mas talvez não para sempre. Talvez aquilo fosse mais uma das coisas que poderiam fazer parte do Depois.

O relógio de Sam começou a apitar, mas pouco se escutava o som com a chuva que caía com tanta força no telhado da varanda que parecia impossível que a estrutura fosse resistir. 6h55.

Ele respirou fundo, parecendo exausto.

– Lá vamos nós de novo.

As palavras mal tinham saído da sua boca quando a porta de tela se escancarou, batendo com força contra o cedro envelhecido das paredes da casa. Então Jack apareceu, de camiseta branca e a calça do terno do dia anterior, parecendo…

– Que diabo aconteceu com ?

Jack se virou ao ouvir a pergunta de Sam, a respiração acelerada.

– Achei que você tinha ido embora.

– Acho que não é comigo que ele tá falando – disse Sam, ironicamente.

Alice desceu do balanço de um pulo e endireitou o corpo. Ele não estava falando com Sam.

Jack avançou, os olhos cravados em Alice.

– Pelo amor de Deus, Alice – disse ele, parando bem na frente dela, fazendo com que ela se sentisse, ao mesmo tempo, aliviada por ele não dar a entender diante de Sam que o relacionamento dos dois é intenso (já estavam usando aquela palavra?) e decepcionada por ele não puxá-la para si. Porque agora que Jack estava ali, Alice percebia o quanto se arrependia de ter deixado a cama dele naquela manhã.

Eles estavam definitivamente usando a palavra . Um já não dava mais conta.

– O que aconteceu? – perguntou ela.

Ele passou a mão pelo cabelo molhado, afastando-o do rosto.

– Achei que você tinha ido embora. Acordei e você…

Jack se interrompeu, lançando um olhar rápido para Sam, e continuou:

– Os barcos sumiram, e a tempestade está…

Um trovão ribombou com tanta força que dispensou o fim da frase.

Alice franziu o cenho.

– Os barcos sumiram?

Ela estava tão concentrada em chegar à casa principal naquela manhã que nem tinha reparado nos cais, mas na noite anterior havia três barquinhos brancos atracados ali. Ela olhou para Sam, desconfiada.

– Foi você?

– Não. Posso até te trancar no cofre, mas não chegaria a tanto. E ninguém da família tentaria sair de barco com essa chuva – disse Sam, apontando para a cortina d'água em torno da casa. – A baía deve estar muito agitada. – Ele olhou para Alice. – Alguém cortou as amarras.

Ela entendeu na hora.

– Pra me manter aqui.

Quando Sam assentiu, Alice completou:

– Essa família está a um acidente de virar um podcast de true crime.

– Essa merda de lugar – falou Jack, passando os dedos pelo cabelo mais uma vez, os olhos fixos em Alice. – Achei que você estivesse em perigo. Não conseguia chegar até você.

Alguma coisa naquelas palavras fez Alice sentir um aperto no peito. Ela

deu um passo na direção de Jack, pegou a mão dele e apertou com força, se agarrando à firmeza quente do aperto que recebeu de volta.

– Jack – falou com suavidade, ainda segurando a mão dele. – Eu tô aqui. Não fui embora.

O som da chuva abafava todo o resto, e, por um instante, não havia nada além dos dois. Ele tinha se preocupado com ela. Viu que ela tinha sumido e foi procurá-la. Querendo protegê-la.

Foi um gesto de um verdadeiro herói, o que fez Alice…

Ela bloqueou o restante da frase. A palavra que veio à sua mente, uma palavra que evocava ilhas varridas pelo vento, mares tempestuosos, beijos selvagens e finais felizes.

Não era uma palavra para aquele momento. Nem para aquela plateia. Aquela casa. Aquela ilha.

O celular de Sam quebrou o silêncio.

– Como. Eu. Disse. Trepando. Com. A. Criadagem.

CAPÍTULO 20

ALICE NÃO ENTENDIA O MEDO DE TEMPESTADES.

Talvez fosse porque havia passado os verões da sua infância no quarto da torre da ilha Storm, o mais perto das nuvens que se podia chegar, assistindo a tempestades gigantescas adentrarem a baía de Narragansett, vindas do estuário de Long Island, e serem persuadidas a ficar ali pelo Oceano Atlântico a leste.

Talvez fosse por causa do modo como a chuva tamborilava nos vidros – quase um suspiro – como em um poema de Edna St. Vincent Millay, ou da maneira como as nuvens se agitavam acima do mar, varrendo a baía, empurrando os barcos para o porto, os pássaros para seus ninhos e as pessoas para dentro de casa, deixando só o drama magnífico de uma tempestade de verão.

A tempestade que rugia sobre a ilha naquele dia era puro espetáculo, a maior que Rhode Island vira em anos. Ela chegou apagando tudo à sua volta, inclusive a energia elétrica, deixando apenas o som distante do sino de neblina de Sam – que agora pertencia a ele, não mais a Franklin.

Relâmpagos cortavam o céu acima do mar, seguidos por trovões que

mais pareciam estrondos, bradando uns por cima dos outros, enquanto três tempestades diferentes se encontravam em um só lugar, disputando o posto de maior, mais barulhenta e mais destruidora. Juntas, elas reviravam a baía, arrancando galhos mortos e trazendo à tona detritos esquecidos no fundo do oceano, depositando-os em terra firme, de onde seriam removidos, sobrando apenas o que fosse mais forte e mais saudável do que antes.

A tempestade estava fazendo o seu trabalho.

Quando Alice entrou na biblioteca naquela tarde, a tormenta ainda rugia do lado de fora, apesar da quietude absoluta dentro de casa.

Greta e Elisabeth estavam sentadas em poltronas junto às janelas de vitral, que espalhavam uma luminosidade matizada pela sala em dias ensolarados e um brilho etéreo em dias como aquele.

Greta segurava um livro no colo, mas parecia não estar lendo, e Elisabeth já estava com um gim-tônica na mão (noventa por cento gim, tônica por decoro, raspinha de limão). Não estavam conversando – o que, Alice supôs, era o esperado.

Ela checou o relógio. Quatro da tarde. O que quer que estivesse acontecendo ali, ia ser um espetáculo.

– Oi, Alice – disse a mãe. – Não te vejo desde o funeral.

Não escapou a Alice a omissão da palavra . Ao que parecia, Elisabeth também não tinha ficado nem um pouco satisfeita com os eventos do dia anterior.

– Estava por aí ajudando. O Charlie precisava que as coisas de ontem fossem guardadas para que os organizadores viessem buscar; e ajudei o Sam a reiniciar o sino de neblina, agora que a tempestade parece não querer dar trégua.

Ela se conteve para não acrescentar que tinha ido até a casa de barcos avisar a Jack que não era seguro dormir ali com a tempestade se formando – e acabara se distraindo com o "não dormir" por um tempo, antes de cada um tomar o seu rumo pelo resto do dia.

– Que bom que o Sam está se ocupando – disse Elisabeth, como se estivessem falando sobre uma frente fria menos interessante. – Fiquei sabendo que a Sila foi embora com as crianças.

Greta se sobressaltou.

– Foi? Quando?

– Ontem à noite. O helicóptero levou os três para a cidade antes de a

chuva começar.

O silêncio se instalou enquanto Greta cerrava os lábios com força ao ouvir a menção ao helicóptero sem dúvida pilotado por Tony, a quem Elisabeth expulsara da ilha, como se estivessem em um reality show.

É claro que a mãe não percebeu.

– Eles foram embora o mais rápido possível.

Greta pigarreou e olhou para Alice.

– Então ela simplesmente… voltou para casa?

– Nem se despediu – respondeu Elisabeth, tomando um gole do drinque. – Nem mesmo os meus netos se despediram. Suponho que agora que o seu pai se foi, é assim que vai ser. Todo mundo vai me ignorar.

Greta nunca havia sentido tanta vontade de revirar os olhos.

– Sim, mãe. Com certeza foi por isso que eles não se despediram, e não pelo fato de a família estar um caos.

– Ah, então você voltou a falar comigo? – rebateu Elisabeth.

– Bem – disse Alice, rompendo o silêncio que se seguiu –, por mais divertido que tudo isso pareça, eu só vim pegar uns lampiões do papai. A energia acabou e logo vai escurecer.

– Eu ajudo – disse Greta, deixando o livro de lado e se levantando de um pulo.

Elisabeth fez um gesto vago na direção de um armário baixo no canto da sala. Alice pegou o celular, ligou a lanterna do aparelho e se agachou para abrir a portinhola e puxar uma caixa de velas votivas pequenas.

– Essas não vão ajudar muito se a gente ficar sem energia a noite toda.

– Por ora vão servir – respondeu Greta.

As duas começaram a trabalhar em silêncio, organizando uma linha de montagem improvisada para colocar as velas minúsculas dentro dos lampiões pitorescos, na mais absoluta falta de preparo para uma noite sem luz.

Greta e Alice trocaram um olhar antes de Greta perguntar, em voz baixa:

– O que está acontecendo com o Sam?

Alice olhou para ela e sussurrou:

– Ela deixou ele!

Greta arregalou os olhos.

– Deixou, ?

Alice deu de ombros.

– Acho que sim.

– Que merda!

– Queria que vocês duas parassem de cochichar. Se têm alguma coisa a dizer, podem dizer na minha cara – interveio Elisabeth, ríspida, do outro lado da sala.

… Alice reconheceu aquela versão de Elisabeth: ranzinza e afiada. Ela podia apostar que era resultado de uma ressaca violenta da noite anterior e doses generosas de mais álcool no café da manhã como "cura".

As duas foram salvas de ter que responder quando Sam apareceu na porta.

– Vocês estão aqui. – Ele olhou para Elisabeth. – Mãe, vejo que começamos cedo.

– O que mais a gente deveria fazer com esse gelo antes que ele derreta? – ela retrucou, erguendo o balde de gelo na direção dele. – Faça a gentileza de buscar mais, sim?

Ele atravessou a sala para pegar o balde.

– Vou te fazer companhia.

– Por isso você é o meu filho preferido.

– Eu sou o seu único filho, mas aceito.

Elisabeth encontrou o olhar de Greta, frio e avaliador.

– E você, Greta? Aceita uma bebida?

Parecia um teste, e era. Greta estaria disposta a admitir que o que acontecera com Tony fora desagradável, mas necessário? Que Elisabeth sabia, como sempre, o que era melhor?

Alice e Sam fingiram que a pergunta não pairava no ar como a chuva lá fora, mesmo enquanto prendiam a respiração aguardando a resposta de Greta. Quando a resposta finalmente veio, também fingiram que não era um presságio do que viria a seguir.

– Não.

Elisabeth se enrijeceu imperceptivelmente (para qualquer um que não fosse filho dela), e Greta deve ter se sentido triunfante, porque acrescentou:

– Considerando que não sabemos quanto tempo a energia vai demorar para voltar, será que não é melhor deixar um pouco de gelo para os alimentos?

Um golpe.

– E por que faríamos isso? – disse Elisabeth, com o tom indo do frio ao glacial. – Não precisamos de comida. Você já comeu bastante essa semana.

Greta não respondeu ao ataque óbvio ao seu peso – a arma preferida das mães brancas e ricas, de famílias tradicionais protestantes, desde que Martinho Lutero martelara suas teses na porta de uma igreja.

Alice interveio:

– Tradicionalmente, seres humanos comem todo dia, mãe. Três vezes por dia, inclusive.

Elisabeth lançou um vidro na direção dela, do outro lado da sala.

– Pega. Come uma azeitona.

Salve o sagrado horário do gim.

– Tentador, mas passo.

Greta deu uma risadinha e abriu uma antiga caixa de charutos de madeira que, desde sempre, guardava baralhos e fósforos. Ela pegou uma caixa de fósforos e dois baralhos e mostrou para Alice; um convite à distração.

Distração era bem-vinda. Um jogo de cartas, idem. Se iam ficar presas ali, um carteado seria perfeito.

– A gente tem que avisar a Emily.

As palavras mal haviam saído quando Emily e Claudia entraram, com os braços carregados de velas altas em copos de vidro.

– Avisar o quê? – disse a caçula dos Storms, bem-humorada.

– Topa um jogo de cartas? – perguntou Greta.

– Aaaaah – falou Emily, se aproximando. – Topo.

– A gente achou que vocês podiam precisar disto – disse Claudia, mostrando as velas.

Emily abaixou a voz e olhou para Greta.

– E também achei que você poderia querer uma barreira contra a mamãe.

– Estão de novo! – disse Elisabeth.

– Obrigada – disse Greta para Emily.

Aquela única palavra pareceu imensa.

Emily abriu um sorriso e se virou para olhar ao redor da sala.

– São velas feitas pela sacerdotisa da minha loja esotérica favorita, o que significa que, depois que forem acesas, devem permanecer acesas, mas acho que temos tempo de sobra.

Ela colocou as velas uma a uma na mesa, dizendo em voz alta a promessa que cada uma trazia:

– Sabedoria… positividade… tolerância… – Olhou para baixo. – Mais tolerância… – E continuou. – Clareza… proteção… criatividade… amor… tolerância…

Alice lançou um olhar para Claudia.

– Então esse é o seu truque para lidar com os sogros e cunhados?

Claudia sorriu.

– Jamais admitirei. – Ela colocou as duas que segurava em cima da mesa. – Saúde e abundância.

– Que bom que você trouxe essa – disse Greta. – De que outra maneira a gente traria abundância para a nossa família?

– Abundância não é só dinheiro – disse Claudia, com uma firmeza que não lhe era comum. Talvez uma semana com eles também tivesse provocado mudanças nela. – Também é receber o que a gente precisa. E ser preenchido pelo que nos faz bem. É isso que desejo para vocês. – Ela riscou um fósforo e acendeu a vela. – E por nos faz bem, talvez.

– A Alice com certeza está fazendo isso – disse Sam, entrando pela porta com o balde de gelo.

– Você é nojento – rebateu Alice na hora, já se sentando e abrindo um baralho.

Minutos depois, com mais velas acesas (sabedoria, proteção, clareza, tolerância), a família estava reunida como uma versão perversa de um quadro de Rockwell ao redor da mesa de cartas de mogno no centro da sala. Claudia se encolheu no sofá do canto com seu tablet 1107, com a sua própria vela (amor) e seu próprio gim-tônica, já tendo participado de jogos de cartas da família Storm o bastante para saber que não eram para os fracos.

Ninguém discutiu qual seria o jogo – era , um jogo sinistro que Alice nunca vira ser jogado fora dali, supostamente herdado da família por parte de Franklin. Jogava-se em rodadas, com dois baralhos e um nível de competição impiedosa que tinha sido incutido neles pelo pai desde o nascimento. Eles aprenderam as regras com o próprio Franklin e, quando erravam, se distraíam, esqueciam a contagem das cartas ou falavam demais, sentiam na pele o espírito competitivo dele.

O jogo começou como se estivessem na igreja, a primeira rodada jogada em silêncio, com exceção da menção frequente à única palavra que o jogo exigia: .

A segunda rodada era de Emily, que embaralhou a enorme quantidade de cartas com uma habilidade profissional – uma vez, duas. Na terceira, ela disse:

– Eu me pergunto se um dia vou conseguir embaralhar cartas sem pensar nele.

Claro que foi Emily quem rompeu o silêncio. Emily, a praticante de meditação, acostumada a ter um pensamento e deixá-lo fluir sem julgamento, sem pânico, sem frustração ou raiva, pensou no pai e simplesmente verbalizou.

Ao redor da mesa, a energia vacilou.

Elisabeth se recuperou primeiro e jogou uma carta.

– Vamos mesmo fazer isso agora?

Todos olharam para ela.

– Fazer o quê?

Assim como não foi surpresa que Emily tenha sido a primeira a mencionar Franklin, também não foi surpresa que ela tenha incitado a mãe a explicar o que todos já sabiam.

Emily, sempre na esperança de conseguir romper o gelo de Elisabeth.

Mas ainda não. Não até que Elisabeth estivesse pronta.

– Por mim, podemos falar dele. O que você gostaria de dizer?

– De quem, mãe? – provocou Greta.

Elisabeth lançou um olhar frio para ela.

– Do seu pai, Greta.

– Ele se foi não tem nem uma semana – disse Emily, baixinho. – Não sei se algum de nós sabe o que gostaria de dizer. Mas eu queria… – A voz falhou, e ela olhou além da mesa para Claudia, que já não lia. Apenas observava a esposa, assentindo, oferecendo apoio mesmo à distância. – Eu queria poder jogar cartas com ele de novo.

Uma lágrima grossa escorreu pelo rosto de Alice, queimando como fogo líquido, e ela secou-a depressa, ao mesmo tempo que estendia a mão para Emily.

Sam pigarreou.

– Quando a gente era pequeno, você era louca pra jogar com a

gente. Lembra? – Emily assentiu, soltando uma risadinha. – Nossa, como a gente . Você era péssima. Nunca prestava atenção nas cartas. Mas, toda vez que algum de nós zombava ou reclamava, o papai mandava calar a boca e te puxava pro colo dele pra jogar junto com você.

– Caramba – disse Greta, a voz carregada de lembrança e emoção. – É verdade.

Emily balançou a cabeça.

– Não me lembro disso.

– Como eu disse – provocou Sam. – Você não prestava atenção.

– Ei! – defendeu-se ela. – Eu era pequena!

– E qual é a sua desculpa agora? – perguntou Alice.

– Agora eu acabo com vocês – respondeu Emily, disparando cartas ao redor da mesa como uma crupiê de Vegas. E não estava errada.

Mais três rodadas se passaram ao longo de duas horas, já nada silenciosas (embora o celular de Sam tenha dado as caras por volta das cinco) – cheias de lembranças surpreendentemente boas. A vez em que Sam tropeçou e abriu a testa em uma pedra enorme e Franklin teve que levá-lo de barco até o pronto-socorro em Wickford. A vez em que ele encontrou Greta e as amigas, aos 16 anos, embaixo do carvalho com duas garrafas de champanhe quase no fim, rindo tão alto que acordaram a casa toda. A vez em que Alice pegou uma concha na praia, levou para casa e logo descobriu que era um caranguejo-eremita vivo. Ela gritou até Franklin subir correndo a torre com um protótipo do tablet 1107 (que ele não usou no bichinho indefeso).

Era tudo tão normal. O tipo de coisa que acontece depois do choque avassalador e do caos geral da primeira semana da morte de alguém. A catarse pela qual todos ansiavam à sua maneira.

Bem. Nem todos.

Não Elisabeth. Enquanto os filhos falavam, riam, contavam histórias, se serviam de mais bebida e jogavam novas partidas de baralho, Elisabeth ficava cada vez mais calada – se é que aquilo era possível. Até parecer que estava gritando em silêncio.

Em vez de se lembrar do treinamento que todos haviam recebido – ignorar o mutismo pétreo da mãe enquanto ela mergulhava no ressentimento e na raiva –, Greta decidiu checar como ela estava (velhos hábitos não morrem tão cedo).

– Mãe? Você está bem?

Todos prenderam a respiração ao ouvirem a pergunta – o maior gatilho de Elisabeth Storm: a sugestão de que ela talvez não estivesse absoluta e completamente bem.

– É claro que sim. Estou ótima. Só estou chocada por todos terem esquecido quem era o pai de vocês de verdade.

Alice foi a primeira a reagir. A ideia de que pudesse ter esquecido os defeitos do pai era, honestamente, risível.

– Ninguém esqueceu, mãe.

– Pois parece – disse Elisabeth, jogando as cartas na mesa e se levantando. – Estão todos muito ocupados jogando o joguinho dele, cumprindo as tarefas que ele deixou – ela olhou para Greta – ou deixando que outros cumpram por vocês. Mas eu ainda tenho a minha para finalizar. Seu pai queria que eu contasse a verdade. E talvez eu conte.

Sam olhou para as irmãs.

– Que divertido.

Elisabeth foi até o bar e preparou outra bebida, os movimentos descoordenados pela primeira vez em – possivelmente – toda a vida de Alice.

– A é que estou cansada de ouvir sobre todas as coisas maravilhosas que aquele homem fez. Mudou o mundo. Tão inteligente, tão divertido, tão brilhante. – Ela abriu o balde de gelo. – Ninguém notava que era eu quem mantinha a vida dele funcionando. Eu também era inteligente. Brilhante. Divertida.

Uma imagem surgiu por um instante na mente de Alice. A fotografia na cabine do , desbotada e amassada. Elisabeth rindo sob uma chuva de champanhe.

– Mas não havia espaço para que nós dois fôssemos inteligentes, brilhantes e divertidos. Alguém precisava manter tudo funcionando. A casa. – Ela fez um gesto amplo com o copo, evidenciando o ambiente. – A empresa. E vocês. Essa é a verdade.

Ela bateu a tampa do balde com força.

– Querem saber como estou me sentindo? Se estou bem? Pois eu estou furiosa. Nem a morte o pai de vocês conseguia levar a sério. Como ele ousa brincar com o meu futuro? E com o de vocês? Ele não deixou

pra vocês se não jogarem o maldito jogo dele, e vocês parecem ter se esquecido .

– Ninguém esqueceu – disse Alice.

– Você talvez não – rebateu Elisabeth do outro lado da sala. – Você foi a única que realmente mandou aquele homem se foder.

Todos arregalaram os olhos.

– Mãe! – disse Sam, sem conseguir esconder a surpresa na voz. – Olha como fala!

Elisabeth não tinha tempo para rir do comentário. Estava ocupada demais contando as suas verdades.

– Em vez disso, são só lembranças de joguinhos de cartas, de se sentar no colo dele, de passeios de barco e resgates de caranguejos-ferradura.

.

, pensou Alice. Fazer essa distinção pareceu incrivelmente importante, mas ela se conteve.

– E os malditos lampiões – disse Elisabeth, apontando os três sobre a mesa de cartas, que agora lançavam mais luz à medida que a tarde se rendia a uma escuridão precoce demais, por conta da tempestade lá fora. –

. – Ela bufou. – Quem vocês acham que fazia questão de ter lampiões suficientes à mão quando havia convidados? Não era o pai de vocês, esse que insistem em canonizar. Era eu. – Elizabeth fez uma pausa. – E tenho mais . Ele gostava de bancar o herói e receber todos os elogios quando a luz acabava.

Ela disse aquilo como se os filhos não soubessem que o pai assumia o papel de mestre de cerimônias sempre que havia convidados – e mesmo quando não havia. Controlador, exigente, crítico – o dono do circo que era a família Storm.

E agora, sem ele, estavam todos caminhando sem rede de proteção, aprendendo um novo jeito. E, em muitos sentidos, ninguém mais do que Elisabeth.

– Mãe – disse Alice, subindo na corda bamba –, a gente sabe de tudo isso. Vivemos isso. Mas o que adianta reviver o pior? Ele se foi.

– Eu sei que ele se foi! – O quase grito surpreendeu a todos pelo tanto que destoava da personagem, mas Elisabeth não parou. – Ele se foi e não vai

voltar, e deixou todos vocês. E me deixou. – Ela fez uma pausa. – Mas eu não sou a vilã. Não sou perfeita. Cometi erros.

Os irmãos trocaram um olhar. Seja lá o que estivesse acontecendo, era território desconhecido. E, embora ninguém à mesa fosse chamar de evolução, não era pouca coisa.

Elizabeth prosseguiu.

– Mas não vou ficar aqui vendo vocês todos endeusarem o Franklin como se ele tivesse sido um herói. Franklin Storm não foi um herói. E essa é a .

Sam largou as cartas e se recostou na cadeira.

– Sim, mãe. A gente sabe.

– Alguns mais do que outros – acrescentou Greta.

– Se fizer camisetas com esses dizeres, Greta, quero uma – brincou Alice, e todos riram.

Todos, menos Elisabeth.

– Isso não tem graça nenhuma.

– A gente sabe disso também, mãe – falou Emily, baixinho. Com gentileza. Muita gentileza (devia ser culpa das velas). – Mas ele ainda era nosso pai.

O corpo inteiro de Elisabeth silenciou diante daquelas palavras, como se um caos frenético dentro da cabeça dela tivesse simplesmente… cessado. E os quatro souberam na hora que o que estava prestes a acontecer seria inesquecível.

O que eles não podiam imaginar era que também seria irreversível.

– Você gostaria de dizer alguma outra coisa? – incentivou Emily, e parecia uma domadora de leões. Assustadora. – Outras verdades?

– Uma vida inteira delas.

Elisabeth observou os filhos, um a um. E parou no único filho.

– Não gosto da Sila, Sam. Você está melhor sem ela.

Sam arqueou as sobrancelhas.

– Acho que isso não é nenhuma surpresa, mãe. Ninguém gostava da Sila.

– Nem o Sam, pelo visto – disse Alice, com ironia.

– Mas é bom dizer, não é? – perguntou Emily a Elisabeth.

– Para de me tratar como criança, Emily – disse Elisabeth. – Eu sei o que você está tentando fazer. Não vai me fazer falar dos meus sentimentos.

– Ninguém está tentando…

– Ah, por favor. – A mãe se virou para a caçula. – O sonho de vocês é me ver desmoronar. – Ela ficou em pé diante da mesa, encarando cada um dos filhos. – Percebi isso a semana toda. O Sam na cozinha, a Greta durante a apresentação do joguinho idiota do pai de vocês, você no planejamento do funeral. A Claudia me deixou chapada, pelo amor de Deus!

– Mais uma vez, foi um mal-entendido – disse Claudia do sofá. – Sinto muito mesmo, Elisabeth.

Elisabeth afastou o pedido de desculpas com um aceno de mão.

– Eu só queria que parassem de perguntar se estou bem. A Alice nem me deixou terminar o maldito funeral sem me atropelar para fazer a mesma pergunta. Estou .

– Ahã, dá pra ver – disse Sam, o tom carregado de sarcasmo. Ele sempre conseguia escapar impune quando os outros não conseguiam.

– Só perguntei porque ouvi você conversando com o Mike, e parecia…

Alice se interrompeu quando a mãe se virou bruscamente para ela.

Tudo em Elisabeth ficou tenso, e todos notaram. Alice tinha passado de algum limite.

– Seja lá o que tenha ouvido, não é o que você está pensando – disse Elisabeth. – E com certeza não é da sua conta.

Aparentemente, havia verdades que não pertenciam àquela tempestade. Ou a tempestade que eram os Storms já no nome.

– O que aconteceu com o Mike? – perguntou Sam, olhando para Alice.

– Nada – disse Alice, de repente querendo muito guardar qualquer que fosse o segredo no qual tinha tropeçado. Ela estendeu a mão para pegar o baralho à frente de Emily, que pousou a mão sobre ele antes que Alice conseguisse.

– Não – disse Emily, e todos a olharam. Ela estava perfeitamente calma. A caçula dos Storms olhou para a mãe. – Essa é uma verdade que precisa vir à tona.

Algo passou no rosto de Elisabeth, apenas por um breve instante, e logo desapareceu. Mas todos viram. .

– Você sabe.

Emily assentiu.

– Sei. Ele me contou.

– O Mike?

– O papai.

– ?

Os outros acompanhavam a conversa, hipnotizados.

– Está na hora de colocar tudo às claras, mãe. Você quer estar no controle? Eu também. E começa aqui. Vamos contar a verdade. Juntas. – Emily olhou para Claudia no sofá, o tablet largado de lado, o corpo tenso como uma mola esticada, pronta para defender a esposa. Então voltou a atenção para a família e respirou fundo. – Muito bem. Por mais esquisito que seja… Mike Haskins é meu pai.

A casa ficou em silêncio. Não se ouvia nada além do som da tempestade do lado de fora e o pulsar dos corações ali dentro.

De repente, tudo explodiu.

– Meu Deus – disse Alice.

– Mas que é essa? – disse Sam.

Greta estava paralisada, de olhos arregalados, encarando a mãe.

– O quê?

Claudia saiu do sofá e foi até Emily.

– Em… – Alice estendeu a mão por cima da mesa e agarrou a da irmã, com mais força do que deveria. – Meu Deus. Você é… Como assim? – Ela olhou para Elisabeth. – Isso é verdade?

– É – disse Elisabeth, muito rígida, como se não tivesse acabado de lançar um bastão de dinamite de alto calibre na árvore genealógica da família. – Embora eu não veja por que isso deveria importar a mais alguém além de mim.

– Eu consigo entender por que importaria à – retrucou Sam. – Caramba, Em.

Emily balançou a cabeça.

– Está tudo bem. Eu já sabia há algum tempo.

A mente de Alice disparou, uma dúzia de peças da última semana se encaixando de repente. A insistência de Emily para que Mike fosse ao funeral, o fato de ter defendido Twyla, a fascinação pelas possíveis infidelidades de Franklin, o convite de Mike para Alice… incluindo Emily.

A conversa que Alice ouviu na estufa. As palavras de Mike.

. .

E ainda havia a história que Mike tinha contado na noite anterior. A

ligação de Franklin, do nada.

Era um sentimento difícil de identificar. Como o canto de uma aquarela que não se conecta ao todo. Uma pintura com base malfeita.

– Isso é verdade? – perguntou Greta, de maneira quase inaudível. – Mãe?

– Eu já disse que é.

Só isso. Mais nada. Nenhuma explicação. E Alice percebeu que era bem possível que aquelas fossem as últimas palavras da mãe sobre o assunto.

Algumas coisas permanecem em segredo.

– Caceeeete – disse Sam, sempre eloquente. Mas, honestamente, muito bem colocado.

Alice apertou de novo a mão de Emily.

– Como você consegue ficar tão… ?

Emily sorriu e sustentou o olhar da irmã. Os olhos – tão azuis – idênticos aos de Elisabeth – brilhavam com lágrimas não derramadas. Ela virou a mão na de Alice com um aperto firme o bastante para doer.

– Treino, eu acho.

Emily, a divertida. A despreocupada. A alegre.

Tão abalada quanto os outros.

Claudia já pairava atrás da cadeira de Emily, com as mãos nos ombros da esposa e o rosto marcado pela preocupação. Alice assentiu para a cunhada.

– Certo – disse Claudia. – Acabou por aqui.

– Está tudo bem – disse Emily, baixinho. Focada.

– Não, não está – respondeu a esposa. – Acabou, e acho melhor a gente ir.

Ninguém foi capaz de argumentar.

Exceto Sam, aparentemente.

– Vocês não podem ir.

– É claro que podemos. – Claudia tinha perdido a paciência e, honestamente, era um milagre ter demorado tanto. Mas, ao que tudo indicava, quando ela decidia se impor, fazia aquilo com uma firmeza impressionante. – Vocês podem até ser prisioneiros nessa ilha, mas eu não sou. E vou cuidar para que a Emily também não seja.

– Claudia. Está – disse Emily, se virando para a esposa.

– De maneira nenhuma. Ninguém merece isso. Vocês não conseguem enxergar o que esse lugar, esse homem e essa família fizeram com vocês? Esse dinheiro? Vocês deviam se envergonhar.

– Olha, você não está errada – disse Sam. – Mas vocês não podem sair. Mesmo sem a tempestade, não tem como sair da ilha. A gente pode chamar um bote de manhã.

– Onde estão os barcos? – perguntou Claudia.

– Sumiram – disse Sam.

– Sumiram como?

– Se soltaram com a tempestade.

A resposta veio de Elisabeth, que nunca demonstrara o menor interesse pelas operações da ilha – o que despertou a desconfiança de todos.

– Três barcos não se soltam ao mesmo tempo – disse Sam.

– Então alguém deve ter soltado, Samuel. E você deveria agradecer a quem quer que tenha sido, porque agora a Alice não pode ir embora.

– A gente estava falando da Emily, na verdade – disse Alice.

– Tudo bem – disse Claudia, sem se importar mais. O que quer que Elisabeth tivesse feito antes daquelas revelações não era nada comparado à dor que acabara de causar à esposa dela. – Então o helicóptero.

– Claudia…

– Não me diga que está tudo bem, Em – falou Claudia, a voz trêmula de preocupação e de uma boa dose de raiva.

Ótimo. Emily precisava de alguém que estivesse sempre ao seu lado.

– O helicóptero foi embora com a Sila e as crianças e…

Sam olhou para Greta, que permanecia imóvel, transformada em estátua no meio do caos. Tony levara o helicóptero de volta para Nova York.

Um trovão ribombou lá fora, assustando a todos. Exceto Emily, que parecia notavelmente serena (seria efeito da meditação?).

– Não importa – disse ela, baixinho, para Claudia. – Meu amor, de qualquer forma, a gente não poderia voar com esse tempo.

– Tudo bem, mas a gente ainda pode sair desta sala, certo? As nossas pernas ainda funcionam, não é mesmo?

Emily deu um sorrisinho para a esposa.

– Sim.

Claudia pegou uma vela da mesa repleta de cartas – outro jogo arruinado – e estendeu a mão.

– Então vamos.

– Imagino que eu seja a vilã de novo – disse Elisabeth. Uma resposta completamente fora da realidade diante da situação.

Ela pegou a casca de limão dentro do copo de gim e deu uma mordida e, por um momento de insanidade, Alice considerou a possibilidade de arrancar o copo da mão da mãe e jogar a bebida no rosto dela.

– Boa noite, Elisabeth – disse Claudia, as palavras soando mais como . As duas saíram da sala, com Claudia se deliciando ao bater a porta com força atrás delas, sentindo a casa inteira ranger sob o peso de sua fúria.

Sem pensar, Alice foi atrás. Queria alcançar Emily antes que ela e Claudia se trancassem no quarto. Queria pedir desculpas. Queria dizer que a irmã era amada. Que era essencial.

Queria ser irmã dela.

Tinha acabado de abrir a porta quando ouviu o estalo. Por um instante, pensou que fosse a casa. Vigas antigas, incapazes de guardar mais um segredo.

Mas, ao olhar para o cenário iluminado apenas pelas velas, ficou claro que era pior do que a casa cedendo.

Era Greta perdendo de vez o controle e acertando uma bofetada no rosto da mãe.

Elisabeth levou a mão à bochecha, os olhos arregalados de choque – sem fingimento, pela primeira vez – e a boca aberta.

– Greta, que merda foi essa? – disse Sam, contornando a mesa enquanto Alice dava um passo na direção delas. – Estamos todos putos, mas…

– Você é um manipulador.

Sam e Alice ficaram paralisados. Aquilo era sério.

– Você me mandou embora – disse Greta, com toda a sua atenção voltada para Elisabeth, que de repente parecia incapaz de encarar a filha mais velha. – Disse que eu tinha envergonhado a família. Tirou os meus amigos, a minha família, o meu futuro. Para evitar escândalos, você disse. Para proteger a . E o tempo todo a Emily estava . .

.

– Greta – disse Elisabeth, soltando uma risadinha, à beira do desespero, como se tivesse finalmente começado a perceber a enormidade do que tinha causado. – A gente precisava garantir que ninguém descobrisse. Isso teria arruinado todos os planos para a sua vida.

– Era um aborto, mãe. Muita gente faz essa escolha. Mulheres fazem essa

escolha todos os dias e seguem com a vida, sem prejuízo algum.

– Não no nosso meio! – disse Elisabeth. – No nosso meio, você liga para um médico e resolve discretamente. Você entrou em uma na Union Square e fez tudo sem nos contar! O seu pai ficou . E se alguém tivesse ?

– O meu ? – retrucou Greta.

– Sim.

– E você, não? Você não ficou apavorada por eu ter tomado uma decisão sozinha e descoberto que gostava da sensação de estar no controle da minha própria vida? De viver fora da sua sombra? De ter um futuro só meu?

Elisabeth estreitou os olhos.

– Não era o futuro, Greta. Não era o futuro de nenhum de vocês. Vocês são . O futuro de vocês era nesta família. Não podíamos correr o risco de outro erro.

– Eu não cometi erro nenhum!

– Você se deixou emprenhar de um… – Ela fez um gesto vago com a mão. – Nem sei de quem.

Sam e Alice trocaram outro olhar. não era uma expressão que alguém algum dia imaginou sair da boca de Elisabeth Storm.

– Pois bem, mãe. Você fez a mesma coisa – retrucou Greta. – E ninguém te mandou embora por um ano pra lidar com a sua escolha em um país estrangeiro, sozinha, até implorar pra voltar pra casa e jurar que nunca mais cometeria outro .

A mente de Alice disparou. Quando Greta tinha 19 anos, havia passado um ano sabático na Suíça. A história que sempre contaram foi que ela tinha ido trabalhar em Genebra e aproveitava para passear por outros países nos fins de semana, ocupada demais para voltar. O resto deles estava na escola – Sam era aluno do último ano do ensino médio e tão egocêntrico quanto um rei do baile milionário podia ser, Alice estava no ensino fundamental e tão egocêntrica quanto uma menina de 12 anos podia ser, e Emily… Emily tinha 7 anos e era grudada em Elisabeth. Uma patinha seguindo a mãe por toda parte.

Greta voltou séria e elegante: magérrima, falando um francês impecável, pronta para fazer filosofia existencialista na Universidade Brown e viver como uma sombra de Elisabeth. Estava quase irreconhecível para Alice, que,

se tivesse pensado no assunto (tinha 12 anos, portanto não pensou), teria atribuído isso ao fato de não ver a irmã mais velha havia um ano.

– Você me convenceu de que eu nunca mais teria chance de ser feliz depois daquilo. Que eu nunca encontraria um amor. Que nunca teria uma família, a não ser que fizesse o que me mandavam. A não ser que fosse uma soldadinha obediente do seu exército. – Greta balançou a cabeça. – Tudo pra me manter aqui. Com você. Como o seu troféu.

O coração de Alice doía junto com o da irmã, e ela levou a mão ao peito, como se aquilo pudesse aliviar a sensação. Do outro lado da sala, o choque estava estampado no rosto de Sam, e ele abriu a boca para dizer alguma coisa. Percebendo o péssimo momento, Alice balançou a cabeça uma vez. Com firmeza. .

O irmão estava mesmo demonstrando ter amadurecido, já que compreendeu e se manteve de boca fechada.

O mesmo não podia ser dito de Elisabeth, que parecia finalmente ter percebido o tamanho do atoleiro em que se encontrava. Ao perder Greta, sua "Roma" havia caído.

Ela balbuciou.

– O seu pai…

– – disse Greta. – Você não quer que a gente reescreva a história, não é? Então também não tem esse direito. Talvez você não tenha me mandado embora, mas com certeza foi você que me manteve aqui.

Antes que Elisabeth pudesse responder, Greta acrescentou:

– Você deve um pedido de desculpas à Emily. E, sinceramente, se ela nunca te perdoar, vou entender perfeitamente.

– O Franklin nunca disse uma palavra sobre isso até morrer – disse Elisabeth. – Guardou pra me punir, do mesmo jeito que me punia toda vez que ela corria pra ele. Desde que nasceu, a Emily era sua favorita. – Elisabeth procurava um jeito de ferir os filhos. De arrastá-los para o pântano onde ela estava. – E ela nem era filha dele.

Aquilo foi uma coisa extremamente cruel e equivocada de se dizer.

– E como, exatamente, o fato de o papai amar a Emily era uma punição pra você, mãe? – rebateu Alice, sem conseguir se conter.

– O seu pai não sabia , Alice – declarou Elisabeth. – Você sabe disso melhor do que ninguém.

As palavras deveriam doer, mas não doeram – já não tinham o poder que teriam tido no dia anterior. Ou mesmo uma hora antes.

– Você também não, mãe – disse Greta, baixando a cabeça e fitando as próprias mãos; os dedos entrelaçados com tanta força que pareciam conter um impulso de fuga. – Eu escondi a verdade todos esses anos, achando que você tinha razão. Achando que ninguém podia saber o que aconteceu. Certa de que a minha escolha, a escolha certa, iria me arruinar. Tive vergonha de contar pra qualquer pessoa, até mesmo para a única pessoa…

Greta se interrompeu, incapaz de concluir a frase.

… .

Alice sentiu um nó na garganta, e as lágrimas voltaram enquanto ela fitava a irmã mais velha – tão devastada quanto a caçula. Não se ouvia qualquer som na sala além da chuva batendo contra as janelas. Um ciclone lento, devastador, despejando os troncos e os segredos que recolhera não ao longe, mas ali mesmo. Dentro da casa.

– Foi para o seu próprio bem – disse Elisabeth.

– Pelo amor de Deus. Não. Não foi – disse Sam, enfim, incapaz de continuar em silêncio, a própria voz carregada de tristeza, de horror e de algo parecido com medo quando olhou para a irmã. – Greta…

Greta não desviou os olhos da mãe e disse:

– Eu te odeio.

As palavras estalaram no ar, secas, duras, despencando aos pés de Elisabeth, que apenas ergueu o copo em um brinde zombeteiro.

– Bem-vinda ao clube.

Greta saiu da sala com a coluna reta como aço, de cabeça erguida – de algum modo, apesar de tudo. E fechou a porta atrás de si com firmeza. Decidida.

Alice olhou para Sam. .

Em uma encruzilhada.

A escolha nunca tinha sido tão clara, e já estava feita antes mesmo de Elisabeth dizer:

– Podem ir.

Eles deixaram a mãe se convencer de que tinha sido ela a liberá-los. Um instante de graça concedido a uma mulher tão destruída que só sabia destruir tudo ao redor.

Sam abriu a porta e deixou que Alice passasse primeiro – os dois em silêncio, ainda abalados por tudo o que acabara de acontecer. Alice se encaminhou para o corredor preocupada com o que viria a seguir. Apavorada.

Ela se viu diante de Jack no corredor, encostado na parede, com uma lanterna acesa, voltada para os seus pés.

Um porto seguro em meio à tempestade, que ouvira tudo.

Sam checou o relógio.

– Não estou nem aí pra que horas são.

– Nem eu. – Jack não desviou os olhos de Alice.

Ele tinha visto tudo, ouvido tudo, como sempre; um juiz silencioso. Mas já não era um juiz imparcial, não com aquele maxilar cerrado, nem com o jeito como se afastou da parede, examinando o rosto dela. Nem precisava perguntar.

A resposta era clara. Nenhum deles estava bem.

Jack abriu os braços e Alice se aninhou ali sem hesitar, se aconchegando em seu abraço, com a tempestade rugindo do lado de fora.

. A palavra sussurrou dentro dela enquanto Jack a apertava junto ao peito, pousava um beijo em sua têmpora e murmurava o seu nome, mantendo-a segura. .

Talvez agora ela entendesse esse medo, afinal.

EMILY

Havia algo incrivelmente libertador no fato de a verdade finalmente ter vindo à tona.

Pelo menos era isso que Emily teria dito se algum dos seus clientes tivesse chegado ao estúdio acima da loja e lhe contado aquela história.

, teria dito, antes de acender um incenso de sálvia e oferecer uma sessão de Reiki (com aromaterapia de óleos essenciais como cortesia da casa).

.

Ela diria aquilo a um cliente e acreditaria piamente.

Era até espantoso que ninguém tivesse virado para ela e retrucado:

.

– A vela não está fazendo efeito – comentou Emily, enquanto Alice empurrava um balde de sorvete por cima do tampo gasto da mesa de madeira da cozinha escura e se acomodava na cadeira em frente a ela e a Claudia.

Alice lhes estendeu duas colheres e seus olhos pousaram na palavra estampada no rótulo da vela tremeluzente. .

– É difícil acreditar – comentou, em tom irônico, enquanto enfiava a própria colher direto no pote de sorvete.

– A mamãe ia surtar se visse que a gente não está usando tigelas.

– Pois é… vamos chamar isso de ato de resistência – respondeu Alice.

– A sua mãe pode lidar com isso – acrescentou Claudia, ainda visivelmente irritada. – Meu Deus, esta família…

– Amém – disse Alice, erguendo a colher em saudação.

– Você deve me amar muito mesmo – disse Emily à esposa. – Pra aguentar tudo isso.

Claudia se inclinou na direção dela, os cachos escuros caindo sobre o rosto enquanto pousava a mão nas bochechas de Emily e a virava para si.

– Ah, sim, eu te amo muito mesmo. Pra sempre.

O coração de Emily acelerou diante daquelas palavras, da verdade contida nelas – firme, inquestionável. Curativa. Ela sorriu e se inclinou na direção do beijo de Claudia.

– Eu também te amo. Pra sempre.

E amava mesmo. Amava Claudia quase desde o momento em que se conheceram, em uma aula de filosofia na faculdade, a Smith (sim, elas tinham plena consciência do clichê acadêmico – "jovem culta se descobrindo no meio acadêmico liberal, em uma das faculdades femininas mais tradicionais do país"). Haviam sido colocadas no mesmo grupo em um trabalho e, dali, nasceu uma paixão fulminante por parte de Emily, alimentada, e não pouco, pelo fato de Claudia ser a capitã do time de rúgbi (sim, outro clichê, também devidamente reconhecido).

Claudia era o oposto dos Storms – silenciosa, firme, reflexiva e ponderada. E infinitamente gentil. Emily mirou em seu alvo e, em menos de um mês, as duas já eram inseparáveis. Não haviam passado mais do que duas noites longe uma da outra desde a formatura.

Crescer com Elisabeth e Franklin Storm fazia qualquer um questionar profundamente a existência de uma parceria verdadeira, mas Claudia tinha mudado aquilo. E Emily agradecia ao universo por ela todos os dias.

– Ai, me poupem – disse Alice. – Não tenho condições de lidar com esse casal modelo agora.

As três riram, e Emily pegou mais sorvete.

O silêncio que se seguiu era tranquilo. Cúmplice. Como quando eram

crianças, .

Por fim, Alice falou:

– Caramba, Em.

Era perfeitamente compreensível.

– Não é? – respondeu Emily, enfiando uma colherada de sorvete na boca. As lembranças voltaram com força quando sentiu o sabor familiar explodindo nas papilas gustativas. Cereja com baunilha, o preferido de Franklin. Ela deixou que derretesse na língua antes de dizer: – É estranho pensar que ainda tem o sorvete dele na casa.

Alice assentiu.

– Ele te amava. – E, depois de uma pausa, acrescentou, com urgência: – Você sabe disso, né? Que ele te amava?

– Eu sei. Não se preocupe – respondeu Emily, sorrindo.

– Que bom – falou Alice, e estava sendo sincera. – Mais do que amava o resto de nós, eu acho.

Aquilo não era verdade, é claro. Emily não tinha filhos – aquilo ainda estava em suspenso, algo a ser discutido mais adiante, depois que conseguisse processar internamente a família que já tinha –, mas entendia o amor. Talvez melhor do que todos os outros.

– Pais não amam alguns filhos mais do que outros.

Alice deu outra colherada no sorvete.

– Nem os nossos pais?

– Nem os nossos – respondeu ela, voltando a olhar para a vela. . – Mas… talvez os nossos mais de uns do que de outros.

– Isso, com certeza – concordou Alice.

O sino de neblina tocou à distância e o trovão ressoou – alto e absurdamente próximo –, fazendo todas se sobressaltarem.

Claudia se levantou da cadeira e foi até a porta da cozinha, onde ficou encarando a escuridão da noite.

– É uma tempestade torrencial.

Alice assentiu.

– Franklin ainda queria dar a última palavra.

Um raio cortou o céu, projetando uma luz intensa na cozinha por uma fração de segundo antes de mergulhá-la de novo na escuridão. O lampião de Alice estava sobre a bancada, a vela tremulava sobre a mesa.

– Eu sabia – confessou Emily, olhando para a vela. – Sabia que ele não era meu pai.

Do outro lado da mesa, Alice estacou, a colher parada a meio caminho da boca. Então deixou-a dentro do pote.

– Você quer dizer… desde antes?

– Talvez desde sempre.

Emily sempre tinha se sentido deslocada na constelação daquela família e dissera a si mesma que era por vários motivos – por ser a mais nova, com tantos anos de diferença entre eles; por nunca ter tido a compulsão de Greta de agradar aos pais; assim como não tinha o ar de confiança característico de Sam, o garoto rico; nem o total desinteresse de Alice por tudo aquilo.

Emily sempre fora diferente. Mas, como ninguém parecia se incomodar com aquilo, ela também não se incomodou. Cumpriu o papel da excêntrica, que meditava e era dona de uma loja holística no continente, bancada pelo pai, é claro – porque Emily era muito fofa, mas nunca fora levada muito a sério.

Só Franklin sabia a verdade: que Emily havia devolvido com juros todo o investimento que o pai havia feito na loja, dois anos depois de abrir o negócio. Ninguém precisava saber do almoço que haviam tido no restaurante mexicano que ele adorava na Union Square, quando ela lhe entregara o cheque. Franklin havia aberto um sorriso largo e dito que estava muito orgulhoso. Emily nunca o vira tão radiante quanto naquele momento, quando pagara o almoço.

E ninguém precisava saber que, nove meses antes de morrer, Franklin retribuíra o convite – tinha levado Emily para almoçar e revelara outras verdades. Segredos que pertenciam aos dois. Segredos que Emily carregava desde então, pesando no coração, porque sabia que um dia teria que guardá-los sozinha. Ou revelá-los.

– Eu simplesmente sabia – disse, olhando para Alice, a irmã mais próxima em idade e a primeira que Emily reivindicara para si quando era criança. Sempre que alguma professora ou amiga perguntava da família, era de que ela falava. Por causa do que se repetia ali, naquele momento. As duas, naquela mesa. Uma ao lado da outra.

– É tudo uma loucura – disse Alice, antes de se inclinar, como se fossem

crianças de novo. – Mas posso mudar de assunto e falar do Mike Haskins? E da mamãe?

Emily riu.

– Estranho, né?

– É cedo demais pra tocar nesse assunto?

– Não! – respondeu Emily, sentindo o alívio de ouvir aquilo. – Faz tempo que quero conversar com alguém sobre isso, e a Claudia é ótima, mas…

– Desculpem se encarei essa revelação como algo um pouco mais sério e não como uma fofoquinha – interrompeu Claudia.

– Sim, é muito sério – disse Alice. – Mas … meu .

– – E como foi bom aquele momento. Aquela honestidade. Viver aquilo em voz alta.

Alice pousou as mãos na mesa.

– Você mantém contato com o Mike e a Twyla! Isso é, tipo… um lance? Está tentando trocar de família? Eu não te julgaria.

Emily riu de novo.

– Não.

– Não é por falta de tentativa minha – provocou Claudia, voltando para tomar mais sorvete.

– Posso ir também? – perguntou Alice.

Outra risada, e Emily se sentiu um pouco mais leve.

– O Mike não sabia.

– Meu Deus – falou Alice, arregalando os olhos. – Bom, faz sentido. Ele não parece ser do tipo que sumiria se soubesse.

Mas ele tinha sumido. E agora sabiam o motivo. Porque Franklin e Elisabeth esconderam de todos as circunstâncias do nascimento de Emily.

– O papai contou pra ele faz pouco tempo.

Alice assentiu.

– Algumas semanas atrás.

– Como você sabe disso?

– Eu sei das coisas – respondeu Alice, antes de confessar: – Ele comentou comigo sobre um telefonema. Disse que não falava com o papai havia anos.

Emily assentiu.

– Ele foi superlegal. Me ligou logo depois de falar com o papai. Me

convidou pra ir à casa deles nos Hamptons. Foi legal. O Mike disse que, se soubesse, teria…

– Melhor assim. Os feriados teriam sido mais constrangedores.

Emily deu uma risada.

– Foi o que eu disse.

– Tenho que admitir, Em – falou Alice. – Ter não um, mas dois pais bilionários e ainda conseguir manter um mínimo de humildade é um feito e tanto.

– Será que eu sou humilde mesmo? – Ela fez um gesto na direção da vela. – Estou aqui queimando uma vela pedindo paz.

– Sim, mas ela não está funcionando, então…

Emily se permitiu rir e gostar daquilo, deixar que aquela sensação a percorresse como o trovão lá fora.

– Mas ele não é meu pai, o Mike.

– Não mesmo – disse Alice, oferecendo à irmã o balde de sorvete. – Ele não pode ficar com você. Sendo seu pai ou não, você é uma Storm. Você era do papai. E é nossa.

.

Emily amou ouvir aquela palavra, especialmente dita por Alice. Guardou aquilo dentro de si, com carinho.

– Fico feliz que tenha voltado – disse ela, por fim, olhando para Alice. – Senti a sua falta.

Alice estendeu a mão e segurou a dela com força – com a mesma força dispensada na biblioteca.

– Eu também senti a sua. Desculpa por ter ficado tão… distante. Eu não sabia como estar você e todos os outros ao mesmo tempo.

– Eu também não sabia. – Emily assentiu. – Eu podia ter agido melhor.

Os olhos da irmã ficaram marejados.

– Meu Deus, Em – disse Alice. – Você é mesmo a melhor de nós.

Dessa vez, foi Emily que se emocionou e enxugou os olhos, com uma risadinha.

– Pois é, acho que sou mesmo.

– Que baita segredo eles guardaram, hein… – comentou Alice, balançando a cabeça. – Quer dizer, eu sabia que essa família era cheia de

segredos. Ninguém prezava tanto a privacidade quanto Franklin e Elisabeth Storm, mas, ainda assim…

– Não consigo acreditar que eles nunca me contaram a verdade. Não até…

Alice assentiu.

– Odeio ter que dizer isso, minha irmã, mas você vai precisar de terapia. E por um bom tempo, provavelmente. A não ser que seja ainda mais equilibrada do que eu pensava.

Emily soltou outra risada, surpresa.

– Não sou, não.

Outro estrondo de trovão pontuou o comentário, enquanto Emily pensava no que diria a seguir. Se já era hora.

– Onde todo mundo foi parar? – perguntou ela.

– O Sam foi atrás da Greta – respondeu Alice com uma careta, e Emily assentiu.

Aquilo era bom. Sempre tinha sido Sam e Greta, e, se o que Alice imaginava sobre tudo o que acontecera entre Greta e Elisabeth fosse minimamente verdade, ela ia precisar dele.

– E o Jack?

– Está no escritório do papai. Terminando umas coisas enquanto eu… – Alice se interrompeu ao perceber os sorrisos de Emily e Claudia. – O que foi?

– Só achei, não sei… Você dizer que ele está terminando o trabalho ou sei lá o quê enquanto você vem aqui passar um tempo com sua irmã caçula… – disse Emily, dando a deixa para a esposa. – Que palavra a gente poderia usar, Clau?

– Íntimo? – sugeriu Claudia, pegando mais sorvete. – Tipo… um íntimo sexy. Você viu ele esperando por ela no corredor mais cedo? Sexy.

Emily sorriu e se inclinou na direção da esposa.

– Bom, você basicamente mandou a minha família à merda, e isso também foi bem sexy.

Claudia enrubesceu e deu um sorrisinho.

– Vocês mereceram.

– Ah, a gente mereceu mesmo – disse Alice, largando a colher na mesa e indo até a geladeira. – Você é aquele tipo "águas calmas correm profundas", né, Claudia? Todo mundo pergunta por que você não fala muito, por que

fica tão quieta no seu canto… – Ela abriu a porta da geladeira e ficou ali mexendo um pouco, fazendo as garrafas tilintarem no escuro, e fechando a porta depois de encontrar o que queria. – Você só estava esperando a hora certa pra fazer a linha "encostou nela, morreu".

Claudia não respondeu, mas também não precisava. Alice estava certa. Emily olhou para ela.

– Já que estamos falando em "encostou nela, morreu"…

Alice colocou duas latas de água com gás na mesa, o próprio rosto enrubescendo agora.

– Não sei. Não paro de lembrar que ele ainda é o capacho do papai e o juiz e carrasco desse joguinho idiota…

Com um suspiro, prosseguiu:

– Que acaba amanhã. E já que o universo me prendeu nesta ilha, parabéns, Em, a herança do seu primeiro pai bilionário vai acabar mesmo vindo. – Ela ergueu a própria lata, como se brindasse.

Emily fez as contas. A irmã estava certa.

– É verdade.

– A menos que a tempestade nos arraste com ela.

Mais um trovão violento assustou todo mundo – Claudia, principalmente.

– Não sei como vocês aguentam isso – disse ela. – Lá na Costa Oeste não tem dessas coisas.

– Essa tempestade não é normal – comentou Emily, pegando a mão da esposa. – Elas não costumam durar tanto tempo assim.

Alice deu um bom gole na própria lata de água e disse:

– Vai ver o papai não está pronto pra ir embora.

As palavras foram ditas em um tom leve. Era uma brincadeira. Mas Emily não conseguiu evitar as lembranças que foram evocadas. Claudia a encarou, compreendendo. Ela assentiu, e Emily respirou fundo.

– O papai realmente não estava pronto pra ir – falou. – Ele me disse isso.

Alice a encarou com atenção.

– Como assim, ele te disse isso?

– Sabe a minha carta, aquela que o Jack me entregou? – Ela fez uma careta ao falar, lembrando que Alice não tinha recebido nenhuma. Que a irmã não havia tido aquele encerramento esquisito que o resto teve. Ou, pelo menos, o encerramento que Emily teve.

A carta de Emily tinha apenas uma palavra. .

– Não era uma tarefa, porque eu já tinha cumprido a minha.

O cômodo ficou em silêncio, envolto pela chuva constante lá fora e pelo trovejar quase incessante acima delas. Alice a observava com atenção.

– E aí…

– Eu guardei os segredos dele.

Alice assentiu.

– Você não está falando do Mike Haskins.

– Não – respondeu Emily, olhando para Claudia, sempre solidária, encorajando-a.

– Conta pra ela – disse Claudia.

– Me contar o quê?

Mais uma lembrança surgiu. O pai, no escritório dele em Nova York, pálido. Suando.

– Nove meses atrás, eu fui até o apartamento deles em Nova York por algum motivo… nem lembro mais qual, achando que ele e a mamãe tinham saído. Os dois tinham ingressos pra algum evento beneficente, sei lá, e eu precisava pegar alguma coisa. – Emily fez uma pausa, lembrando. O som abafado vindo do escritório. – Mas não importa. O que importa é que a mamãe não estava lá. Mas ele, sim. O papai tinha ficado em casa porque não estava se sentindo bem. E eu o encontrei caído no chão do escritório, com dificuldades de se mover.

Alice arregalou os olhos.

– Ele estava…

– Ele me disse que estava bem, mas outras coisas pareceram estranhas. Nada evidente, só coisas que a pessoa notaria se estivesse prestando muita atenção. E eu estava.

– Emily, o que…

– Ele já não estava mais tão ágil. No começo, achei que fosse a idade.

– Setenta anos nem é tão velho assim. Não para alguém como o papai.

Emily assentiu.

– Pouco tempo depois, ele me contou. Estava doente. – Ela respirou fundo. – Muito.

– O papai sabia. – Emily sentiu um aperto no peito ao ver a irmã absorver aquela informação. – Foi por isso que ele escreveu cartas para todo

mundo. – Alice fez uma pausa, os lábios se curvando em um sorriso irônico. – Quer dizer, nem todo mundo.

– Alice – falou Emily baixinho, querendo poder consertar aquilo.

Querendo que o pai não tivesse punido a irmã daquela forma. E também compreendendo. Ela mesma tinha passado anos furiosa com Alice, desde que ela fora embora.

Com um gesto de mão Alice afastou a pena na voz da irmã.

– Então… foi de propósito?

– Não sei – respondeu Emily, balançando a cabeça. – O papai não contou para mais ninguém. Não queria que o vissem falhar. Então, sim. Talvez. Mas não sei.

As lágrimas agora escorriam mais rápido do que no dia em que soubera da notícia.

– Sinceramente, acho que não – continuou Emily. – Não consigo imaginar o papai… – Ela parou de falar, e Claudia apertou a sua mão com força.

Emily olhou para as mãos de Alice, livres sobre a mesa. Sem ninguém segurando.

Então, estendeu a mão e resolveu o problema.

– Não acho que ele teria feito isso sem querer passar mais tempo com você, Alice.

As duas choravam.

– Meu Deus, me desculpa. Eu devia ter…

Ela parou, e Alice se aproximou.

– Não. O que você poderia ter feito? Previsto isso? – Alice sacudiu a irmã de leve. – Emily. Alguém, em toda a história de Franklin Storm, já conseguiu prever o que ele faria? A única certeza que a gente tinha era que ele ia tentar controlar a gente.

Aquilo era verdade.

– Acho que ele amava a gente também.

– Amava – afirmou Claudia, firme, sua voz saindo como um consolo para as duas irmãs. – Ele amava muito vocês duas. Meu Deus, Em, pensa bem. A gente ficou tão chocada quando soube do seu pai biológico porque Franklin te amava demais. Porque ele escolheu te amar. Ele se dedicou a isso. Ele controlava isso.

Outro relâmpago iluminou o céu, seguido de imediato por um trovão.

– Talvez tenha sido um acidente – falou Alice. – Ou talvez tenha sido Franklin Storm, o gênio fora da curva, escolhendo a própria saída, pra não ter que abrir mão do controle nem uma vez. – Ela soltou uma risadinha sem humor. – Nunca vamos saber. Mais um segredo, desses que a gente nunca consegue desvendar.

O sino de neblina soou ao longe, enquanto Alice continuava:

– Sabe, nós ficamos tão preocupados com o fato de esse jogo ser injusto que nem parecia que o mundo tinha desabado pra nós. Parece que foi só para o Sam, que teve que encarar a verdade sobre o próprio casamento. Só para a Greta, que teve que escolher entre o Tony e a mamãe.

Emily prendeu o fôlego ao ouvir aquilo.

– Isso foi desumano.

– Mais desumano do que saber que o seu pai está morrendo e não poder contar pra ninguém? O mundo desabou pra você nove meses atrás.

– Mais desumano do que não estar aqui quando aconteceu? – rebateu Emily. – O mundo desabou pra você há mais tempo.

– Bom… essa é uma Olimpíada Storm que eu não faço questão de vencer. – Alice se calou, mergulhada nos próprios pensamentos. – Ele teve nove meses – disse ela, com a voz embargada. – E não tentou se reconciliar comigo. Nem sequer escreveu uma carta pra mim.

– Alice, ele… não sabia como. O papai, ao contrário de você, nunca teve que se esforçar por nada.

Alice assentiu.

– Foi por isso que ele me chamou pro Quatro de Julho. Por isso você me chamou.

– Desculpa – disse Emily. Tantas desculpas naquela noite. Quantas mais seriam necessárias até que se acertassem todas as contas? – Eu devia ter te contado que ele estava doente.

– Não – disse Claudia, intervindo. Uma observadora. – Quer dizer, sim, Alice devia ter sabido que o pai estava doente. Mas, Em, nada disso foi culpa sua.

– Exatamente – concordou Alice, assentindo. – Isso não é um erro seu. devia ter me contado. Devia ter contado para todos nós. Não devia ter feito você carregar esse fardo sozinha. – Uma lágrima escorreu pelo seu rosto, e ela enxugou com um gesto brusco. – Ele era capaz de fazer

. E não conseguiu fazer isso. Não conseguiu ser honesto com a gente. Nem no fim. E eu não entendo.

– Eu não entendo faz meses – disse Emily, balançando a cabeça. – Acho que isso faz parte.

– Algumas coisas permanecem como segredos para sempre – disse Alice, simplesmente.

– Isso é o pior, né? – perguntou Emily.

Elas riram baixinho, e Alice inclinou a cabeça para trás, olhando para o teto, para algum lugar na escuridão lá em cima.

– Merda – sussurrou. – Ele .

Silêncio. Então Emily resolveu preenchê-lo:

– Não é mais segredo dele. Nem meu. Ou seu. – Ela inclinou a cabeça na direção da escada que levava aos andares superiores da casa, onde imaginava que estivessem os irmãos. – Um dia, eles também vão saber.

– Em breve, de preferência – disse Alice.

– Provavelmente.

– Mas talvez não esta noite.

Com certeza não.

– A Greta não precisa disso hoje. – Uma pausa. – Ela realmente deu uma bofetada na mamãe?

– Deu – sussurrou Alice, como se ainda não acreditasse no que tinha visto.

– Meu Deus. A Greta. – Emily pegou o pote de sorvete, agora quase todo derretido. – Você sabia?

– Não – respondeu Alice, balançando a cabeça, o rosto tomado pela tristeza. – Ela nunca contaria pra gente. Mas eu queria que tivesse contado.

– Eu queria que ela tivesse fugido com o Tony – comentou Claudia.

– Sim! Eu também! – exclamou Alice, batendo com as mãos na mesa.

Quase como um chamado, passos firmes e regulares soaram na escada, deixando todas em alerta.

Elisabeth apareceu com um lampião na mão, a vela pequena ali dentro quase apagando.

Seu olhar percorreu todas elas, e Emily resistiu ao impulso de esconder a colher suja à sua frente. Ela estava brava com a mãe, não estava?

Só que… não.

O que era vulnerabilidade nos outros, em Elisabeth Storm era uma raiva

controlada – e Emily tinha passado a vida inteira aprendendo a decifrar aquilo.

– Oi, mãe.

Elisabeth olhou para Claudia, depois para Alice.

– Gostaria de falar com a Emily se não se importam.

Claudia e Alice não se moveram, e Emily as amou um pouco mais por isso, principalmente quando fez um gesto de que podiam ir, e Claudia estendeu a mão para apertar a sua, enquanto Alice se inclinou para lhe dar um beijo firme no rosto.

– Eu te amo.

Quanto tempo fazia desde que alguém naquela família havia dito aquelas palavras?

Talvez as coisas pudessem mudar.

Provavelmente não, mas o trabalho de Emily sempre seria manter a esperança.

Elisabeth se sentou do outro lado da mesa, mantendo o olhar pousado na vela. Emily se perguntou como devia ser manter cada pensamento, cada reação – positiva ou negativa – escondida do mundo.

Então, buscou no fundo do seu ser a melhor prática de meditação e ficou em silêncio, ouvindo a chuva, esperando a mãe começar a falar.

Elizabeth viu que não teria escapatória e falou:

– Suponho que você tenha perguntas.

Só um milhão delas.

– O papai me contou muita coisa.

Elisabeth contraiu o rosto.

– Ele não tinha o direito de…

. . Emily ergueu as mãos.

– Ele tinha todo o direito de me contar quem era o meu pai biológico, mãe. O que ele não tinha o direito de me contar era o porquê. Nem como. Esses segredos são seus.

– Não quero falar sobre isso.

Emily assentiu.

– E eu não vou perguntar.

Ela não estava pronta para ouvir. Não naquela semana, não enquanto

ainda estava tão abalada pela perda do único pai que conhecera, com todos os seus defeitos e qualidades.

– Desde o momento em que descobriu sobre você – disse Elisabeth, as palavras saindo rígidas, desconfortáveis –, Franklin foi o seu pai.

Emily conhecia a mãe o bastante para entender que aquilo era o mais próximo de um pedido de desculpas que receberia, por isso se permitiu pensar que tinha conseguido uma pequena vitória, uma resposta que sugeria que o pedido havia sido feito com ternura.

– Obrigada.

Elisabeth franziu o cenho.

– O Franklin me deixou com esse caos. Ele participou de todas as decisões, sabia? Manter a Greta por perto. Manter a Alice longe. E arquitetou muitas delas.

Era justo que Elisabeth se defendesse, pensou Emily. Estava na hora de ela se posicionar. Por isso, assentiu.

– Deve ter sido muito difícil.

– Você não faz ideia de quanto eu me arrependo.

Houve um tempo em que Emily – que sempre fora um livro aberto, sem esconder nada – não conseguia imaginar como era carregar o peso de tantos segredos. Mas agora ela também carregava alguns. E foi nisso que encontrou empatia.

– Ainda há tempo de reparar esses arrependimentos, mãe. Você pode tentar.

Elisabeth estremeceu ao ouvir aquelas palavras. Que sugeriam que deixasse a emoção romper a sua frieza tipicamente nova-iorquina.

– Talvez.

não era um .

Talvez chegasse o dia em que Elisabeth faria aquilo. Talvez algum dia ela deixasse que todos vissem o que guardava a sete chaves. Talvez algum dia Emily perguntasse. Mas a verdade era uma coisa estranha, efêmera, e todos eles teriam que fazer as pazes com a ideia de nunca saber tudo. Passariam a vida inteira tentando lidar com aquilo.

Do outro lado da mesa, a luz trêmula projetava sombras duras e impiedosas no rosto da mãe, e Emily pensou em todas as perguntas que

faria ao pai se ele ainda estivesse ali. Um minuto a mais. Um segundo. Uma pergunta.

– Essa vela diz – falou Elisabeth, com um fio de algo distante na voz. Algo como humor. Um vislumbre de Lizzie.

Emily assentiu.

– É um trabalho em andamento.

Como concessão, Elisabeth emitiu um som de concordância.

Talvez não importasse quais eram as respostas. Porque Emily sabia que havia sido amada. Sabia que ainda era. E talvez o resto fosse um segredo que podia ser levado embora pelas tempestades lá fora.

Ainda assim, ela não conseguiu se conter:

– Mãe, você o amava?

Elisabeth levantou os olhos ao ouvir a pergunta, como se retornasse de onde quer que seus pensamentos a tivessem levado. A tempestade rugia lá fora, mais forte do que nunca, e o vento uivava contra as janelas.

– Sinto falta dele.

Não respondeu à pergunta. Mas talvez fosse o suficiente.

Emily estendeu a mão e tocou a da mãe, sentindo a pele fina como papel. Como areia. Cheia de pegadas.

– Eu também.

Foi demais para Elisabeth. Ela se levantou e saiu sem dizer nada, subindo a escada dos fundos com o lampião na mão. Emily a imaginou lavando o rosto à luz do lampião, aplicando séruns e cremes, e se enfiando na cama, esperando o sono chegar, deixando aquele dia para trás. Para sempre.

Emily não se moveu, apenas pousou as mãos sobre a madeira marcada da mesa e ficou observando a chama da vela tremeluzir e dançar enquanto a tempestade rugia lá fora. , pensou, repetidamente; a palavra se desfazendo dentro dela. Virando apenas som e letras.

Até perder todo o sentido e um raio riscar o céu, claro e próximo, seguido por um estrondo poderoso e um baque imenso que sacudiu a casa.

CAPÍTULO 21

QUANDO O CARVALHO GIGANTE atravessou a parede envidraçada do escritório do pai, Alice só pensou em uma coisa: .

Num momento, ela estava parada no corredor do lado de fora da cozinha com Claudia, sem saber o que aconteceria entre Elisabeth e Emily, querendo ficar por perto caso tudo saísse do controle. No momento seguinte, tudo saiu do controle sob uma perspectiva completamente diferente, e Alice se viu correndo em disparada pelos corredores escuros e labirínticos em direção ao escritório de Franklin, com o coração saindo pela boca.

Ela abriu a porta com força, o nome de Jack nos lábios. Ele já se virava de onde estava, no canto da mesa do pai dela, com a lanterna estendida, examinando o imenso estrago.

Quando Alice se atirou em seus braços, ele a abraçou e disse baixinho:

– Ei.

– Eu sabia que você estava aqui… – falou ela, com o tom aflito, atropelando as palavras. – Ouvi o estrondo e pensei…

– Ei – repetiu ele, pousando os braços ao redor dela e uma das mãos em

sua nuca, acariciando os seus cabelos. – Eu estou bem.

– Eu só conseguia pensar…

Jack sussurrou o nome dela junto à sua têmpora:

– Está tudo bem, meu bem. Eu estou aqui com você.

As palavras abalaram alguma coisa dentro de Alice e a trouxeram de volta à realidade.

– Eu fiquei preocupada. – Ela abriu os olhos e, por cima do ombro dele, examinou o estrago. A árvore de centenas de anos, com a sua copa verde e exuberante encharcada pela chuva, agora se derramava pelo gramado, pelas janelas destroçadas e por cima da mesa do pai, encobrindo a cadeira do escritório. – Meu Deus – sussurrou Alice, o coração disparando de novo. – Você podia ter…

– . – A palavra veio mais firme dessa vez, atraindo novamente a atenção de Alice para Jack, a luz da lanterna lançando sombras no rosto de ambos enquanto ele a pousava no chão. Jack se endireitou e segurou o rosto de Alice entre as mãos, atraindo seu olhar. Ele pegou uma das mãos dela e pressionou-a contra o próprio peito. – Sente o meu coração. Eu estou aqui.

E estava mesmo. Firme e forte como sempre.

Alice o beijou para garantir, e o beijo não foi gentil nem suave, mas sim rude e urgente, provando que ele estava ali, vivo, e que o caos que se abatia sobre aquele lugar e sobre a família dela não era nada diante daquele homem, que de alguma forma conseguia manter tudo à distância.

Jack deixou escapar um grunhido de prazer ao ser reivindicado daquele jeito, ao sentir os dedos de Alice se enfiando nos seus cabelos, puxando-o mais para perto. Ele aprofundou o beijo e sua língua deslizou por entre os lábios dela; era intenso, perfeito e provocante o bastante para fazê-la deixar de lado a preocupação e substituí-la por algo muito mais poderoso: .

Antes que Alice pudesse dar sequência àquilo, Jack se afastou com um leve gemido de decepção e disse, tão perto que ela quase pôde saborear as palavras em vez de ouvi-las:

– Não que eu não ame o fato de você ter vindo correndo me salvar, mas a gente não tinha combinado que sou eu quem deve te proteger?

Ela encostou os lábios naquela boca tão bonita e sorriu:

– Não te contei? Eu fui escoteira.

Ele abriu um sorriso:

– É mesmo?

Ela balançou a cabeça:

– Não. Mas adoro os cookies que elas vendem.

– E eu adoro você – afirmou Jack.

Ele soltou um gemido rouco e delicioso, então puxou-a mais para perto e beijou-a de novo, sem se importar que estivessem cercados por metade de um carvalho e por uma parede de vidro estilhaçado. Só o que importava era que Jack estava bem, e Alice não tinha vergonha de admitir que se importava com alguma coisa. Com alguém.

Ela se afastou:

– Você não estava na mesa.

Jack balançou a cabeça:

– Eu estava no cofre. – Ela olhou para o cofre disfarçado de estante, com a porta ainda aberta, enquanto ele explicava: – Apesar do seu desprezo, achei melhor não deixar um Picasso no chão.

– Normalmente, eu diria algo extremamente profano do ponto de vista artístico sobre a veneração cultural a esse homem – começou ela, enquanto suas mãos deslizavam pela nuca dele, puxando-o para outro beijo. – Mas, neste momento, estou bem feliz que o seu entendimento de história da arte tenha o patriarcado como base.

Ele riu:

– Talvez você possa montar um programa de estudos pra mim ou algo do tipo.

– Combinado – disse Alice, abrindo um sorriso. – Você vai passar a odiar Picasso até antes do final do curso.

Jack puxou-a mais para perto de novo; ela encostou o rosto no ponto em que o ombro encontrava o pescoço dele e respirou fundo.

Uma das mãos grandes de Jack acariciou as suas costas, em movimentos firmes e suaves ao mesmo tempo, enquanto ele conferia como ela estava.

– Tudo bem?

Havia uma resposta possível para aquilo? Tudo tinha desmoronado.

– Não sei. – Alice estava dizendo a verdade. – Quer dizer, todos os segredos vieram à tona, e isso é bom, certo? Mas a minha mãe, mesmo depois de tudo que eu esperava dela… eu nunca imaginei isso.

– Raiva e luto se confundem – falou Jack, fazendo as palavras vibrarem

contra ela. – Às vezes é impossível separar uma coisa da outra. Ou distinguilas.

– Isso não abona o que ela fez. Nem antes, nem agora.

– É verdade – concordou ele. – Vocês é que vão decidir o que fazer a partir de agora.

Jack não tentou justificar, nem diagnosticar a mãe dela, muito menos limpar a barra de Elisabeth, e Alice apreciou aquilo, mesmo que as palavras dele deixassem bem claro o trabalho que a família teria pela frente.

, como disse a manchete, . No mundo real. E em nenhum lugar aquilo era mais evidente do que ali, na família dele. Quem eram todos ali sem ele? Como fechar a porta do antes e começar a viver o depois?

Jack beijou a têmpora dela, como se pudesse ouvir seus pensamentos:

– Você vai encontrar um jeito. Seja qual for. E, seja o que for, Alice, estou com você.

Ela sustentou o olhar dele:

– Promete?

– Prometo – respondeu Jack, com tanta certeza e firmeza que Alice acreditou, e ficou na ponta dos pés quando ele se inclinou para encontrar seus lábios, iniciando um beijo intenso e urgente, como se quisesse gravar a promessa na memória dela. – Promete que vai se lembrar disso?

– Prometo – sussurrou Alice.

De algum modo, naquela semana insana, cheia de todos os sentimentos imagináveis e de uma boa dose de confusões inconcebíveis, ela tinha encontrado aquele homem firme, forte e seguro. E, embora não dissesse em voz alta (ninguém diz isso depois de apenas uma semana de relacionamento), Alice temia que os seus sentimentos por Jack fossem tão inevitáveis quanto a árvore que invadira aquele cômodo minutos antes.

Felizmente, antes que ela se humilhasse e dissesse aquilo a ele, o irmão e as irmãs chegaram, invadindo o cômodo como personagens vitorianos com seus lampiões e velas.

– Nossa… – disse Emily.

– A mamãe vai surtar – falou Greta, encarando a árvore com os olhos arregalados.

– Vai ser bom pra ela – afirmou Sam.

– Jack! Você está vivo! – gritou Claudia da porta.

– Estou – confirmou ele. – Obrigado pela preocupação.

– Precisamos ficar juntos – respondeu Claudia, e Alice não pôde evitar o calorzinho no peito ao ouvir aquele .

– Agora a gente gosta do Jack? – perguntou Sam, irônico. – Essa aí que você tá agarrando é minha irmã, cara.

– Não vou pedir desculpas por isso – disse Jack, baixinho, no ouvido dela.

– Por favor, não peça mesmo.

Ele apertou a cintura dela.

– Olá, Storms.

– Meu Deus, olha só para este lugar… – disse Emily, varrendo os destroços com o olhar. – Será que foi o papai que mandou isso? Tipo um sinal?

– Sinal de quê? – perguntou Greta. – De que está na hora de trocar as janelas?

– Talvez seja um sinal de que está na hora de sair dessa porra de ilha – disse Sam. – Se alguém estivesse sentado na mesa da Emily…

Ele interrompeu a frase quando todos se viraram na sua direção e as palavras acenderam uma lembrança coletiva.

– Eu tinha me esquecido disso – falou Emily.

Suas palavras saíram como uma garoa leve e enevoada.

– Mesa da Emily? – perguntou Jack.

Alice não conteve um sorrisinho:

– Aquela mesa foi feita com os destroços de um navio pirata do século XVIII. – Todos os irmãos riram. – O papai jurava que pertencia à dona de um dos cassinos exclusivos mais antigos de Londres.

Jack ergueu as sobrancelhas, já reconhecendo aquela como uma das tantas histórias mirabolantes de Franklin:

– E como o Franklin conseguiu essa mesa?

Os filhos tinham ouvido a história um milhão de vezes e sabiam todas as respostas. Alice respondeu:

– Ela era da dona do cassino. Sim, o local pertencia a uma mulher, ao que parece.

– E ela a deu para a filha, a primeira mulher dona de um grande jornal – disse Greta. – A mesa ficou nesse jornal durante o reinado da filha e no da neta, em seguida.

Emily continuou:

– Ela sobreviveu ao fogo, à guerra e à política, e foi de uma mansão para outra por um tempo, até que a família provavelmente decidiu que não precisava de um móvel tão grande.

– O papai a comprou em um leilão no ano em que a Emily nasceu – disse Alice, olhando para a irmã mais nova. – Ele sempre dizia que uma mesa que tinha pertencido a três mulheres poderosas era perfeita para comemorar o nascimento da terceira filha.

– Ele não se importou que eu não fosse filha dele – comentou Emily, feliz.

Alice engoliu o nó na garganta:

– Com certeza ele não se importou.

– O papai era um fanfarrão e um babaca – declarou Sam –, e, lamento informar, mas você filha dele, sim.

– Você é – corrigiu Greta.

– Foi o que eu disse – falou Alice. – Não tem escapatória. Eu que o diga.

Emily riu em meio à emoção – a prova mais clara de que era uma Storm.

– E eu aqui, achando que ia conseguir escapar dessa.

– Força, guerreira, a gente tem os nossos pontos fortes – disse Alice. – Por exemplo, duvido que exista grupo mais calmo diante de uma árvore atravessando uma parede. A mamãe nem se deu ao trabalho de sair da cama.

Mais uma risada, dessa vez genuína.

– Eu dei uma balinha pra ela.

.

– Você falou com ela? De novo? – perguntou Sam.

– Sim, e está tudo bem – disse Emily, olhando para Greta. – Comigo. Por esta noite.

Greta assentiu:

– Eu não acho que esteja tudo bem comigo.

Cada uma seguiria o próprio caminho.

– Vou ligar para o Charlie de manhã – falou Sam, e todos se viraram

para ele, de repente surpresos. – E me certificar de que consertem isso.

– Samuel – falou Alice, verbalizando o que todos estavam pensando. – Você está… sendo responsável?

Aquilo era Sam enrubescendo?

– Vocês sabem que eu sou um homem adulto com filhos vivos e saudáveis, né?

– Sim, mas olha pra gente, também estamos vivos e saudáveis – disse Alice. – É mesmo tão difícil assim criar filhos?

Sam a encarou com um olhar penetrante:

– Eu já olhei pra gente, Alice. Por isso estou preocupado.

– Já que estamos falando em preocupação… – interveio Emily, levantando a sua vela da Paz (já torta, àquela altura) na direção da lareira. – Alice! O seu quadro!

Jack se adiantou antes mesmo que ela terminasse de falar – sempre observador, atento, preparado. Ele e Emily chegaram perto do , que estava virado para baixo no tapete, agora encharcado. Jack pousou a lanterna para levantar a enorme aquarela, mas a mais nova o impediu, pousando a mão em seu cotovelo.

– Alice – falou Emily, com a voz embargada. – Meu Deus.

Ela se aproximou enquanto a irmã arrancava alguma coisa da parte de trás da pintura. Um envelope pardo, do tipo que artistas muitas vezes usam para guardar o certificado de autenticidade e que muitos colecionadores acabam deixando ali mesmo, colado na obra.

Mas o envelope não continha um certificado de autenticidade. Emily o virou de frente para o cômodo, inclinando-o apenas o bastante para que a lanterna no chão revelasse o traço escuro da tinta com a letra do pai deles.

.

Franklin tinha deixado uma carta para ela, afinal.

– Meu Deus – repetiu Emily, com algo próximo de admiração na voz. – Foi ele mesmo que mandou a árvore. De propósito.

– Ah, mandou, sim – zombou Greta, mas até ela se aproximou, surpresa com a descoberta.

Alice olhou para Jack.

– Você sabia?

Ele balançou a cabeça, abaixando o quadro ao lado do corpo, mas sem

soltá-lo.

– Não.

Alice passou o dedo pelo próprio nome escrito naquela caligrafia familiar, inclinada sobre o papel, como se os pensamentos de Franklin viessem rápido demais e ele temesse não conseguir capturá-los se não se apressasse.

– Abre.

Alice leu duas vezes, incapaz de ouvir a chuva batendo nos vidros quebrados ou o vento soprando nas folhas do carvalho gigante – tudo abafado pelo som do sangue latejando nos próprios ouvidos.

Ela ergueu o olhar e deu de cara com os irmãos, cheios de curiosidade. Os irmãos que tinham passado a semana – mais que isso – à mercê de Franklin Storm. Emily, guardando um segredo que nunca deveria ter sido dela; Greta, forçada a fazer escolhas que nunca deveriam ter recaído sobre ela; Sam, carregando o peso impossível das expectativas absurdas do pai. Alice sorriu, melancólica, imaginando o que viria a seguir para eles. Como sobreviveriam agora, sem Franklin para controlá-los?

Mas, mais do que tudo, se perguntou como sobreviveria agora, sabendo que o que tinha passado a querer ao longo daquela semana sempre fora o objetivo final de Franklin. Sabendo que tinha caído direitinho na armação do pai.

Seu olhar se fixou em Jack, que já não parecia confortável.

– Você nunca me disse o que ia ganhar – disse ela. – Por me manter na ilha.

O cômodo todo prendeu a respiração, e todas as cabeças se viraram para Jack, que não respondeu.

Alice repetiu:

– Ele queria que eu ficasse. E você deveria me manter aqui. Não eles. – Ela fez um gesto na direção dos irmãos. – Embora eles sem dúvida tenham ajudado.

– Alice – falou Jack. – Você precisa saber que eu não me importo…

– Ele tinha medo de que a herança não fosse o bastante – interrompeu ela. – Você deveria me manter aqui. Até amanhã.

– Até a meia-noite de hoje, sim – respondeu ele, como se compreendesse que a resposta era uma acusação. – Mas eu não…

– Não – cortou Alice. – Você fez o trabalho. Eu estou aqui. Parabéns.

– Alice, eu não mantive você aqui.

– Não se menospreze, gestor de crise – disse ela. – Ah, por favor. Você estava fazendo isso desde o início. Desde o momento em que deu um soco no fotógrafo na estação. Até antes disso, né? Você sabia que era eu. Sabia que eu estaria lá. Sabia que eu estaria sozinha e garantiu que fosse assim. O Griffin já tinha ido embora. Era só eu naquele trem, procurando alguém que me protegesse, porque ninguém nunca tinha feito isso por mim. Sorte a sua já ter aqueles fotógrafos na discagem rápida.

As palavras o atingiram como um soco. Jack recuou.

– Eu não chamei os fotógrafos. Você acha que eu teria arriscado isso?

– Tudo bem – disse ela. – Mas e o caso de uma noite? Sem se esforçar muito pra me contar quem você era? Isso ajudou bastante.

– Sim. Manteve você longe da ilha até eu conseguir estar aqui com você.

– Até garantir que eu ficaria. – A traição tinha um gosto quente e amargo na garganta dela. – Então você pretendia me manipular para eu ficar no Vila Vôngole.

– Não. Eu não estava planejando… – Ele parou. Olhou em volta, para a plateia. – Que a gente…

– Dormisse junto – completou ela.

Choque e surpresa preencheram o cômodo.

– Na primeira noite! – disse Greta.

– Antes mesmo de chegarem aqui! – Emily.

– Que babaca – disse Sam.

O coro de respostas empurrou Jack e Alice para uma trégua estranha e passageira.

– Calem a boca! – disse Alice.

Ele baixou a voz e falou direto para ela:

– Eu não esperava por isso, Alice. E, quando aconteceu… nada daquilo foi… tudo foi real. O que foi uma bela dor de cabeça, preciso te dizer.

– Por quê?

– Porque eu não esperava gostar tanto de você! Não esperava querer tanto que você gostasse de mim! – Ele parecia profundamente irritado, e ela não odiou aquilo. – Eu não tive nada a ver com a imprensa naquela noite. Talvez você devesse considerar o fato de que a sua família não é exatamente anônima. Que você era uma história e tanto chegando naquela noite.

– É, eu sei – retrucou Alice. – Vivo todos os dias sob o peso do meu sobrenome… é a coisa mais interessante sobre mim.

Uma variedade de sons percorreu o cômodo, todos representando a discordância dos irmãos. Mas deixaram Jack falar.

– Não fala isso. Eu odeio isso. E não é verdade. – Ele fez uma pausa. – Se você permaneceu na ilha depois daquela noite, não tenho nada a ver. Isso foi tudo com eles. – Outra pausa. – Não que eu não tenha gostado da visão que tive quando o Sam pegou as suas roupas e as trancou na despensa.

Alice ignorou o rubor que sentiu colorir o seu rosto.

– Não foi o Sam. Foi o Oliver.

– O quê? – interveio Sam, ativando o modo pai irritado.

– Ele e a Saoirse ouviram os termos do jogo e acharam que, se eu fosse embora e você não herdasse… que a Sila podia ir embora também. – O que, de fato, aconteceu.

– Merda. – O pai irritado deu lugar ao pai culpado em um piscar de olhos. – Desculpa. Eu não sabia. Teria impedido.

– Você me trancou no cofre da biblioteca pra me manter aqui, Sam.

Ele teve a decência de fingir constrangimento.

– Tá bom, vai. Talvez eu não tivesse impedido. Foi uma boa pegadinha. – Ele começou a procurar alguém para jogar a culpa (irmão mais velho é sempre irmão mais velho). E achou. – Só pra constar, a Emily também não é exatamente inocente nisso tudo. Foi ela que me disse que você estava indo embora com o Mike Haskins!

Emily o encarou boquiaberta.

– Hum, pra ser sincera, eu fiz isso mesmo, mas não achei que você fosse…

– Você sabia exatamente o que eu ia fazer! – exclamou Sam. – Só não queria deixar as suas digitais no plano.

– Acho que o mais importante aqui – retomou Jack – é que eu não tive nada a ver com isso. Na verdade, talvez você lembre que eu me ofereci pra te ajudar a sair da ilha antes de os barcos sumirem. – Quando ela começou a falar, ele levantou a mão. – E também não tive nada a ver com o sumiço dos barcos.

Ela sabia disso. Alice ainda conseguia sentir o alívio de Jack quando ele atravessou a porta de tela, preocupado que ela estivesse dentro de um dos barcos em plena tempestade.

– Então… – começou Greta, levantando a mão como se estivessem na escola. – Isso foi por minha conta. – Todos se viraram para ela, surpresos. – Desculpa. É que eu estava tão depois de a mamãe mandar o Tony… – A voz dela falhou. – Aí pensei: agora a Alice vai que ficar, senão tudo isso vai ter sido à toa.

Aquela família era completamente maluca.

– Sabiam que a Gabi achou que vocês podiam me matar?

– O quê?

– Estou ofendida!

– Por que a gente faria isso? Só ia complicar ainda mais as coisas – acrescentou Sam.

Só que nada daquilo abonava Jack. Alice se voltou para ele.

– Você ainda não me disse o que ganha. Por me manter aqui. – Alice sentia um nó na garganta, a mente disparada. – Você me disse que não estava no jogo. Que não estava jogando por nada. Sem recompensa, certo? Sem ser na marra?

– Eu não disse que não estava jogando por nada – disse ele. – Eu disse que não estava jogando pela herança.

Outro enigma.

– Aff, você parece tanto com o meu pai às vezes…

Sam perdeu a paciência:

– Então ele está dentro ou está…

Alice levantou a mão, interrompendo o irmão. Aquilo era problema dela.

Um acerto de contas que devia ter tido com o pai, mas que teria ali, agora, com o homem que ele escolhera como sucessor.

– Então o que você ganha, Jack? Depois que me conquistar de vez? – . Ao menos ela não disse. Que vexame.

– Espera um pouquinho. Seduzir você não fazia parte da história. – Jack parecia furioso. – Não tinha nada a ver com isso.

– Tem certeza?

Ele ficou muito tenso.

– Tenho, Alice. Tenho muita, muita certeza.

Ela queria muito acreditar. Era difícil imaginar que tudo o que tinha sentido nos dias anteriores fosse só da parte dela. Mas se aquele era o plano de Franklin desde o início, como ter certeza?

– Então me diz.

Ele passou a mão pelos cabelos, frustrado.

– Uma porção bastante substancial de ações da Storm. O bastante para eu nunca mais precisar trabalhar, mesmo sem incluir as ações Classe A, mas, caso você se lembre, eu estava disposto a te ajudar a sair da ilha, então…

.

– Ações Classe A – repetiu ela.

– O quê?

– O acordo era ações Classe A.

– Parcialmente – respondeu Jack, a frustração evidente. – O acordo era que, se eu mantivesse você aqui até o fim da semana, até meia-noite, eu receberia as ações Classe A do Franklin. Elas não fazem parte da herança da família Storm. Por contrato, têm que voltar para o fundo ou para alguém que trabalhe na empresa. E valem mais do que…

– Eu sei o que são – disse Alice, começando a compreender e sentindo uma onda de raiva que trouxe outro sentimento. Parecido com triunfo. Ela estava certa. – Mas, Jack, você entendeu errado.

Ele franziu a testa.

– O que você quer dizer com isso?

– Quero dizer que o meu pai não estava falando das ações. – Ela levantou a carta em que Franklin explicava os seus planos. – Ele estava falando de mim. Eu sou as ações Classe A. Era assim que ele costumava me

chamar. Classe A. O meu pai me usou. – Jack era a bomba seguinte a cair, afinal. – E te usou também.

Franklin sabia que estava morrendo e sabia também o que queria: deixar tudo arranjado. Queria Jack na família, comandando o show. E sabia que, para conseguir isso, teria que conquistá-lo.

Jack e Alice eram o plano final de Franklin.

E ela devia odiar isso. O fato de aquele ser o plano de Franklin. O fato de ele ter vencido de novo. Sempre no controle. Movendo todos eles como se fossem peças em um tabuleiro.

Ela se virou para os irmãos:

– Vocês disseram que eu estava no controle. Estão vendo agora? Estão vendo que ele estava manipulando a minha vida desde o início também? Não só nessa semana ou nesse verão. O papai vem me manipulando há . Desde que me expulsou daqui.

Ela estava desmoronando, as lágrimas escorrendo pelo rosto, de frustração, tristeza e um tipo particular de decepção que só surge quando a pessoa finalmente enxerga os próprios pais como o que eles são: humanos.

– E eu nunca vou conseguir me ver livre da última conversa que tive com o papai, quando ele me expulsou da ilha, porque ele morreu. E agora não há mais respostas, só perguntas. Uma vida inteira de perguntas sem resposta. – Alice olhou para Jack. – Como, por exemplo: como ele te convenceu de que vir pra cá era uma boa ideia?

– Ele nunca me convenceu de que era uma boa ideia – retrucou Jack, dando um passo na direção dela, mas parando no instante em que Alice recuou na direção dos irmãos, que estavam alinhados atrás dela como um exército, como se estivessem todos do lado dela pela primeira vez na vida. Ele cortou o ar com a mão. – Eu disse pra ele desde o início que isso era um absurdo. Que ele devia te contar a verdade.

– É, mas mesmo assim você transou comigo, né?

Todos prenderam a respiração.

– Alice – sussurrou Emily, como se pudesse impedir que ela cometesse um erro.

Pois bem. Que engraçado. Emily não sabia que Alice só cometia erros.

– Não importa – falou Alice, odiando notar a emoção finalmente, transparecendo no olhar de Jack, como se ela de fato o tivesse magoado ao dizer aquilo. – Eu não devia te culpar. Você também é vítima

dessa história. Também é só mais uma peça que o meu pai colecionou. Sabe qual é a verdade em relação ao meu pai? Ele estava . Tão entediado com tudo o que construiu que precisava se desdobrar para construir mais, vender mais, ser um gênio ainda maior.

Ela fez uma pausa.

– Ele estava tão entediado com os brinquedos que tinha, os foguetes, os balões de ar quente, os carros idiotas, que teve que destruir um deles. Estava entediado demais pra se importar com o que os filhos sentiriam quando ele , por isso criou um jogo para quando isso acontecesse, esquecendo que nós não estaríamos entediados. Estaríamos .

Alice olhou para os irmãos, que a encaravam de olhos arregalados, concordando com a cabeça.

– O papai conseguiu tudo o que queria e, mesmo assim, continuou se ocupando em colecionar pessoas – disse, por fim, voltando a encarar Jack. – E adivinha… você é um de nós. Como um inseto em um pote de vidro. Ele nem teve a decência de nos libertar no final. Precisava nos deixar aqui. Presos. Manipulados para desejar exatamente o que ele queria que desejássemos.

Alice olhou para Greta:

– Mas você não queria.

Greta balançou a cabeça:

– Não, eu não queria.

Olhou para Sam:

– E você não conseguiu.

– Não.

E para Emily:

– E você se ferrou com todos aqueles segredos.

Emily deu uma daquelas risadinhas contidas:

– E como…

– Pergunta pra mim.

Alice se virou para Jack, o rosto dele tenso como mármore, tão bonito que doía olhar.

– O quê?

– Vai, Alice. Pergunta se eu quero a mesma coisa que ele queria pra mim.

Ela sabia a resposta. Sabia que, quando ele dissesse, aquilo iria partir o coração dela. De novo.

– Não.

– Eu quero – disse ele, caminhando em direção a ela. – Eu quero, e você também quer. A diferença é que eu não me importo que o seu pai tenha armado tudo. Sou grato por isso. Se o Franklin precisava controlar tudo, por mim tudo bem, desde que eu possa fazer isso sempre que quiser.

Ele estendeu a mão e ela não se mexeu. Seu corpo traiçoeiro se deliciando com o jeito como a mão dele deslizou pelo seu cabelo, puxando de leve, tomando posse, inclinando o rosto dela na direção dele enquanto dava mais um passo, invadindo o espaço dela, tão perto que Alice sentiu o calor da frustração dele.

– Passei a vida inteira querendo isso – continuou Jack. – Desejando exatamente isso. Esse sentimento. Essa certeza de que eu tinha alguém do meu lado, e agora você está aqui, e você é incrível pra cacete. Eu quero você. Não pela empresa, pelas ações ou pelo dinheiro. Não por uma lealdade mal direcionada ao seu pai. Eu quero por mim, porque sou um cretino egoísta, e quero você desde o momento em que me sentei ao seu lado naquele trem.

– Nossa – sussurrou Emily. – Ele é bom.

– Achei que ele fosse um babaca – disse Sam.

– Somos dois – acrescentou Greta.

Alice não estava prestando atenção. Estava concentrada demais em Jack quando ele perguntou:

– Você também quer?

– Quero – sussurrou ela.

– Então qual é o problema?

– O problema é que… – disse ela. – Ele queria que a gente quisesse.

– Sem querer parecer insensível, Alice, mas ele está morto. Então que se dane – retrucou Jack.

– Isso! – Claudia não conseguiu se controlar, e Emily disse para a esposa ficar quieta.

– Eu quero – disse ela. – Eu quero você. Eu quero isso. Eu quero nós dois. – Era uma loucura pensar naquilo, naquela palavra carregada, importante, apavorante, porque Alice nunca tinha se visto como parte de um "nós".

Ele estendeu a mão:

– Eu também quero nós dois.

– Não é porque é o seu trabalho? – A pergunta saiu pequena e ansiosa, e Alice odiou ter se exposto dessa forma.

Jack odiou por outro motivo. E soltou o ar com uma expressão de desaprovação:

– Não. Não é porque é o meu trabalho. Porque você vai ser a minha vida.

– Uau – comentou Claudia.

– Pronto, – acrescentou Emily.

– Nem foi tudo isso – resmungou Sam.

– Foi tudo isso, sim – disse Greta.

– Gente? – falou Alice, sem tirar os olhos de Jack. – Vocês podem sair, por favor?

Ela não precisou dizer mais nada. Os quatro saíram, levando os seus lampiões e velas; Emily sussurrando em tom teatral, Claudia murmurando em apoio, Sam resmungando e Greta soltando aqueles sons típicos de irmã mais velha que quer ajudar.

Eles ainda nem tinham sumido de vista quando Jack estendeu o braço, envolveu a nuca de Alice com a mão e puxou-a para o beijo pelo qual ela estava desesperada.

Ele a beijou como se ela fosse a única coisa que importava – na sala, na ilha, no mundo. E, naquele momento, nos braços dele, Alice acreditou que era mesmo.

Os dois não disseram nada quando Jack pegou o quadro dela e eles saíram da sala escura, tomada pela árvore de Franklin e pela chuva da ilha, subiram as escadas, degrau por degrau até a torre, onde ele afastou as cobertas e a aconchegou na cama com beijos longos, sem dizer nada.

Alice o observou atravessar o cômodo até a lareira, se agachar para checar a chaminé e, depois, acender o fogo com calma, meticulosamente, atiçando a chama até que pegasse de verdade. Então, Jack voltou para a cama, se deitou atrás dela e começou a deslizar as mãos pelo seu corpo, enquanto sussurrava tudo o que queria fazer com ela, até Alice implorar a ele para que parasse de falar.

Aí Jack usou a boca para outras coisas.

Depois, os dois ficaram deitados por um longo tempo, olhando as chamas que dançavam na lareira em tons de laranja, ouvindo a tempestade – já sem trovões e relâmpagos tanto ali quanto lá fora. Restava apenas a chuva suave, batendo no vidro, um lembrete do que tinha sido. Tudo voltaria a ser

um caos pela manhã – segredos não voltam a ser segredos à luz do dia –, mas, naquele momento, ele estava ali, como prometido.

Depois de muito tempo, Alice falou:

– Você meio que fez uma fogueira pra mim.

Jack a abraçou com mais força, puxando-a mais para perto, como se, caso a segurasse com bastante firmeza, talvez conseguisse manter a tempestade à distância. Pudesse manter os Storms à distância.

Eles ficaram daquele jeito por minutos, horas, até Alice perder a noção do tempo. Até que começou a acreditar que talvez fosse verdade, que Jack podia fazer exatamente isso. E, enquanto adormecia em seus braços, ele sussurrou:

– Alice, um dia você vai perceber que, ao contrário de todo mundo na sua vida, eu cumpro as minhas promessas.

CAPÍTULO 22

ALICE ACORDOU COM O SOL FORTE DA MANHÃ.

Enquanto esticava o braço em busca de Jack na cama, se perguntou por quanto tempo poderiam se esconder na torre antes de terem que encarar os destroços (literais e simbólicos) wda noite anterior. Era uma ideia tentadora, mas que precisou ser descartada no instante em que apalpou os lençóis frios e vazios ao seu lado.

Jack tinha saído antes que ela acordasse, sem dúvida ao raiar do dia, escapando da casa antes que alguém os descobrisse. Ele ainda era um sujeito íntegro – mesmo depois das revelações no escritório de Franklin, quando confessara ser um pouco canalha.

Só o bastante para deixar as coisas mais interessantes, para ser sincera.

Para dizer que a queria, e dane-se o dinheiro, a família dela, o mundo. Só o bastante para levá-la para a cama e mostrar o quanto a queria.

Alice se espreguiçou com gosto, sentou-se e passou os dedos pelos cabelos, estremecendo de prazer com a lembrança, desejando que ele estivesse ali para lhe mostrar de novo.

Antes que pudesse sair em busca dele e convencê-lo a fazer exatamente

aquilo, o olhar de Alice se voltou para as janelas da torre – o céu sem nuvens, absurdamente azul, desmentindo a tempestade gigantesca que revirara árvores, segredos, a família e a própria ilha.

Que revirara Alice.

Talvez para melhor.

Ela se levantou, vasculhou a mala até encontrar uma calça preta de ioga, uma regata canelada e tênis de corrida. Prendeu o cabelo em um rabo de cavalo, mas, ao se ver no espelho, mudou de ideia e deixou os fios soltos sobre os ombros – a única bênção de uma semana no ar carregado de maresia era aquele cabelo com jeito de quem tinha acabado de sair da praia, e que custaria centenas de dólares em um salão na cidade.

Já no andar de baixo, Alice viu que a energia tinha voltado. Encontrou uma garrafa de café pronta (uma bênção) e acrescentou creme e açúcar em quantidades generosas (ela merecia coisas boas), enquanto observava pela janela da cozinha o lugar onde antes ficava o carvalho do pai, agora derrubado sobre o gramado. Era difícil acreditar que aquela árvore, que testemunhara muito mais da ilha e de seus segredos do que qualquer um deles, tinha tombado.

Um helicóptero se aproximou pela baía e arrancou-a dos seus pensamentos. O zunido e rugido das hélices e do motor cada vez mais altos até ele sobrevoar baixo diante da casa, levantando a água da chuva que ainda não tinha evaporado da grama – um grande arauto preto de… alguma coisa.

Se era bom ou ruim, ela não sabia dizer, mas Alice não era tonta e sabia que quem chegasse à ilha naquele dia, provavelmente fazia parte do jogo de Franklin. Já fazia uma semana desde a morte do pai e do início daquilo tudo, e Alice ainda estava ali, na ilha, como solicitado. O resto da família havia cumprido as suas tarefas e a herança estava ativada – se as regras originais valerem.

Não que Alice acreditasse em qualquer coisa em relação ao jogo do pai até ver com os próprios olhos. Ela saiu para a varanda dos fundos e seguiu pelo caminho de conchas brancas que levava ao heliporto, vencida pela curiosidade. Como tudo aquilo terminaria?

Quem ganharia?

Franklin, provavelmente.

A ilha, com certeza.

A porta do helicóptero se abriu, e Alice parou a uma distância

confortável – um movimento familiar para ela. Já tinha feito aquilo centenas de vezes. O pai fazia aquela viagem de uma hora vindo do terraço da Storm Inside na Park Avenue South ou do terraço do apartamento dos Storms na Park Avenue (propriamente dita), ambos em Nova York, todas as noites no verão. Uma hora de porta a porta – o helicóptero era um luxo que ele havia adotado assim que pôde.

Quando eram pequenas, Alice e Emily assistiam da janela do quarto (uma torre de controle digna de uma princesa da aviação) à silhueta preta do helicóptero Leonardo do pai surgindo na baía, então corriam para tentar chegar ao heliporto antes de Franklin descer. Esperavam onde Alice estava agora, já adulta, o pai sair por debaixo das hélices ainda girando, e a memória muscular de todas aquelas noites a levou a um pensamento insano.

Seria um jogo e tanto. E, depois de toda a raiva, ela ficaria nas nuvens por ter mais uma chance. Um recomeço.

Mas não havia recomeços, e Franklin não estava no helicóptero. Ainda assim, o passageiro daquela aeronave em especial não decepcionou.

Ela ergueu a caneca de café em saudação:

– Oi, Tony.

– Alice – respondeu ele, levantando a mão, mas sem sair de onde estava, debaixo das hélices que desaceleravam, como se achasse que ela poderia dizer que ele não era bem-vindo.

Homens são mesmo bem bobos.

– Muita coisa aconteceu ontem. Sentimos a sua falta.

– É… – disse ele, sem desviar os olhos dela. O homem mais firme que Alice conseguia imaginar, perfeito para a irmã. – Eu não consegui voltar.

A empolgação e a alegria cresceram em seu peito.

– Quer entrar e…

A porta de tela da cozinha bateu com força ao fundo, estalando contra as tábuas de cedro cinzentas (elas estavam sendo muito exigidas naquela semana), e os dois se viraram ao mesmo tempo naquela direção. Alice não conteve um sorriso diante da cena – a irmã mais velha, absolutamente nada parecida com a Greta de sempre, agora usando um short de corrida e uma camiseta ™, correndo pela grama na direção deles.

Mas não exatamente na direção de Alice.

Na direção de Tony.

Do enorme, silencioso, inabalável Tony, que deixou escapar um som abafado que Alice identificou de imediato como alívio. Ela saiu do caminho quando Greta passou como um furacão e se atirou nos braços de Tony. As mãos enormes dele a envolveram, a ergueram e a abraçaram como se ele tivesse estado longe por muito mais tempo – como se tivesse voltado da guerra.

E eles se beijaram como se tivessem voltado da guerra.

Talvez tivessem mesmo. Dezessete anos de guerra.

– Me desculpa – sussurrou Greta, em pânico. – Me desculpa. Eu estava com medo, e nunca devia…

Ele a calou com outro beijo, e Alice virou o rosto, sem querer testemunhar aquela cena embaraçosa (ela sabia exatamente o que era, mas não precisava guardar na memória).

Enquanto se afastava, ainda ouviu Tony dizer com a voz rouca:

– Eu nunca devia ter ido embora sem você. Nunca devia ter te deixado com medo.

Alice voltou para dentro de casa, ainda com um sorriso bobo no rosto e um único objetivo em mente: encontrar Jack. Mas não precisou ir longe, porque ele também a estava procurando. Jack desceu os degraus dos fundos da casa, usando uma camisa de linho azul-clara e calça de linho creme. Usava óculos escuros, e ela não teve certeza se ele a vira de imediato, até um sorriso indecente de tão lindo brotar em seus lábios – e o arrepio voltou.

Quando estavam mais próximos, ela falou:

– Sabia que eu odiava esses óculos?

Ele os tirou em um gesto rápido, franzindo o cenho para os óculos:

– Por quê?

– Porque você fica bonito demais com eles. Era muito difícil te detestar desse jeito.

Ele ergueu uma das sobrancelhas escuras, compreendendo:

– Nesse caso… – E recolocou os óculos.

Ela fingiu analisá-lo com atenção:

– É disso que eu estou falando. Você está com cara de segurança sexy.

– Eu aceito. – Jack passou o braço pela cintura dela e a puxou para um beijo. – Você não estava lá quando eu voltei pra te procurar.

– Você não estava lá quando eu acordei.

– Eu tinha algumas coisas pra resolver.

Ela não queria pensar no jogo. Em vez disso, inclinou a cabeça na direção do heliporto, longe o bastante para dar a Greta e Tony certa privacidade, mas perto o bastante para que Jack visse o que estava acontecendo:

– Olha quem voltou. Acho que aqueles dois malucos vão finalmente se acertar.

– Considerando que hoje o Tony amanheceu muito rico, acho que é bem provável.

– Ele tá rico? – As palavras saíram mais afiadas e curiosas do que Alice pretendia. A situação financeira de Tony não era da conta dela.

Jack assentiu:

– O seu pai deixou um por cento das ações da empresa pra ele.

Alice arqueou as sobrancelhas – seu único sinal de surpresa. Em parte, porque não estava mais tão surpresa assim, agora que tudo indicava que Franklin estivera mesmo colocando a casa em ordem antes de morrer. Honrar os anos de serviço de Tony a Franklin, à empresa e à família era exatamente o tipo de coisa que o pai teria pensado em fazer sem precisar de jogo nenhum.

E era o certo – Tony havia pagado a sua dívida de todas as formas possíveis, abrindo mão de tudo, por Franklin… e por Greta. E agora era um acionista relevante de uma das maiores empresas do mundo. Não que aquilo fizesse diferença para Greta.

Alice olhou para o casal, concentrado na conversa:

– Depois de ontem à noite, a Greta não liga nem um pouco para o dinheiro. Ela moraria com o Tony numa iurte se precisasse.

– Numa iurte, é?

– Isso, aquelas tendas circulares, portáteis, que os povos nômades da Ásia Central usam, sabe? A Emily já me fez dormir em uma. Era para a gente mentalizar intenções em uma noite de lua cheia. Lua em Leão, talvez? – Ele assentiu, como se aquilo importasse (que homem). – Enfim, choveu a noite inteira e a iurte não foi muito eficaz em nos manter secas, aquecidas ou felizes. – Ela fez uma pausa. – Bem, a Emily ficou bem feliz, mas estou começando a achar que é porque ela é uma alienígena.

– Da próxima vez, eu vou junto pra te manter seca, aquecida e feliz.

Ela não tinha dúvidas daquilo:

– Você tem intenções que queira mentalizar durante a lua em Leão?

– A minha intenção pode ser fazer amor com você durante a lua em Leão?

Ela riu:

– É bom manter as expectativas baixas.

– Não sei… – falou Jack, puxando-a mais para perto. – Pela minha experiência, fazer amor com você é astronomicamente bom.

Alice deu uma risadinha (era mesmo um novo dia), e Jack pressionou um beijo na lateral do pescoço dela, que suspirou de prazer quando ele acrescentou:

– De qualquer forma, Tony e Greta não vão precisar dormir em uma iurte. Eles vão ter tudo.

Eles seguiram de mãos dadas e em silêncio pela lateral leste da casa, na direção do carvalho tombado sobre a grama, e Alice se demorou naquele pensamento – a promessa assustadora de ter tudo.

– Sabe, esse era o grande projeto da vida do meu pai – disse ela a Jack. – Ter tudo.

Ele olhou para ela:

– Eu entendo. Ele foi consumido pela ambição. Desde o momento em que pisou na garagem dos seus avós.

– Sim, 1.107 dólares e um sonho – falou Alice, repetindo as palavras que Franklin usara em todas as entrevistas que dera. – Nunca conheci ninguém com tanto desejo de vencer, e olha que cresci cercada de barões da tecnologia. Ele odiava perder… nas cartas, nas apostas, nas discussões.

– Nas negociações.

– Nossa, aposto que o meu pai era impiedoso – comentou Alice. – E não nego que o que ele fez com essa ambição… mudou o mundo. – Era um pensamento absurdo. – Acho que nunca falei isso antes. Acho que nunca parei pra pensar o que significa mudar o mundo. Quer dizer, eu cresci numa casa, num mundo, moldado por Franklin Storm. E sabia que ele tinha feito tudo aquilo, mas…

Alice se calou, e Jack foi paciente, esperou que ela encontrasse o resto das palavras.

Àquela altura, os dois tinham chegado à árvore, e Alice pousou a mão no tronco enorme, tombado de lado, quase na altura do seu peito. Ela passou os dedos pela casca áspera e disse:

– Mas era difícil dar importância pra tudo isso quando parecia que ele tinha feito tão pouco por nós. – Jack se acomodou ao lado dela, recostando-se no tronco, observando. Escutando.

Tornando mais fácil que ela continuasse.

– Estou com raiva dele – confessou ela. – Sinto falta, é claro, mas estou com muita, muita raiva. Todo aquele dinheiro. Todo aquele poder. E ele usou tudo pra comprar amigos, influência, iates de trinta pés, helicópteros e ilhas particulares, mas não teve a mínima generosidade pra dizer à Greta que ela devia ficar com o homem que amava. Nem a compreensão necessária pra ver que tinha sido duro demais com o Sam. Nem força pra nos contar a verdade sobre o futuro dele. Ou coragem pra me ligar e pedir que eu voltasse pra casa.

Uma lágrima escorreu pelo rosto de Alice. Jack puxou-a para si e a colocou entre suas pernas, sussurrando seu nome enquanto enxugava a lágrima:

– Alice. Amor.

Ela balançou a cabeça:

– E agora ele se foi. E eu não posso voltar pra casa.

– Talvez você possa – disse Jack. – Talvez esse fosse o objetivo de tudo isso. Talvez você consiga reencontrar o caminho de casa.

.

Parecia algo que ela não tinha havia anos. Nem com a família, nem com Griffin, nem ali, naquela ilha. Nos anos desde que rompera relações com Franklin, Alice tinha perdido o fio que a ligava à palavra lar e à sensação do que aquilo significava. Ou talvez nunca tivesse tido esse fio, de fato. Mas agora, depois de uma semana na ilha e estranhamente, dos acontecimentos da noite anterior, ela conseguia imaginar.

Era uma imagem vaga e doce, como o auge do verão, mas conseguia visualizar. Eles contornaram a árvore, passaram pelas janelas quebradas e seguiram para o gramado amplo, que se estendia verde e exuberante até o mar cintilante.

Então, pararam no alto da colina e contemplaram a vista – céu, mar e terra, nenhum sinal do que tinha acontecido no dia anterior. Nem do que aquilo causara. A tempestade tinha passado.

Pelo menos, na natureza.

Ao longe, um barco branco e elegante se aproximava, com duas pessoas a bordo – uma ao leme, a outra absolutamente deslocada em um terno cinza.

– Pelo visto o departamento corporativo voltou ao figurino pós-Dia do Trabalho – comentou ela, olhando para a calça de linho de Jack. – Você não está de uniforme, Sr. Dean.

– Talvez eu não queira mais ser do setor corporativo.

Ela prendeu a respiração:

– Sério?

– É algo em que venho pensando. – Jack a encarou, e Alice daria qualquer coisa para ver os olhos por trás dos óculos espelhados.

Ela voltou a atenção para o barco, cada vez mais perto, e disse:

– Então é isso. A última parte do jogo.

Ele assentiu:

– É isso.

– Você sabe o que acontece agora?

– Não sei. – Ele tirou os óculos escuros e virou-se para encará-la. Seus olhos estavam sérios. Honestos. Então, estendeu a mão e apertou a dela. – Dá um oi para o Larry.

Ela obedeceu, acenando, enquanto Larry Manford, membro do conselho da Storm Inc. e um dos amigos mais antigos do pai, desembarcava com uma pasta de couro sinistra nas mãos. Alto, grisalho e certamente bonito o bastante na juventude para atualmente ser chamado de , Larry era o tipo de pessoa que deixava todos à vontade. Franklin sempre o escalava para as negociações mais difíceis – um detalhe que não passou despercebido nem a Alice nem a Jack.

– Eu te falei que tinha outra bomba pra cair – disse ela.

– Achei que a ação Classe A fosse a outra bomba.

Ela lançou um olhar de lado:

– Aquela foi uma bomba boa.

– Uma bomba excelente – corrigiu ele.

Alice deu um sorrisinho:

– é a outra bomba. Não tão boa assim.

– Talvez não.

Ela o encarou enquanto Larry começava a subir os degraus de ardósia do píer:

– Você anda muito Pollyanna para um "gestor de crise", Jack.

– Não sou mais um gestor de crise – disse Jack.

– O quê? – Ela se virou para encará-lo, tomada por um pânico súbito, como se o ar lhe faltasse. Como se sobrasse ar demais.

– Não trabalho mais na Storm.

– Desde quando?

Ele checou o relógio:

– Um pouco antes da meia-noite.

Antes da meia-noite. Ele não completou a semana.

– Você abriu mão do dinheiro, Jack… Aquelas ações valiam…

– Não importa – disse ele, observando Larry subir os degraus. – Não é esse o tipo de ação que eu quero.

O coração dela disparou quando ele se virou para encará-la, ainda sem os óculos para que Alice visse os seus olhos.

– Não quero que você pense, nem por um segundo, que estou ficando por causa do dinheiro. Jamais quero que você pense que sou remotamente parecido com aquele outro cara.

Ele era perfeito. Tinha feito a única coisa que poderia fazer para provar que estava ali por ela. Abriu mão de tudo. Não receberia o dinheiro pela missão cumprida e, como não trabalhava mais na Storm, também não teria direito à ação Classe A da empresa.

Mas Alice faria questão de garantir que ele a recebesse.

– Eu não penso isso. Nunca pensaria.

– Ótimo.

Jack não tinha nada a ver com Griffin. Isso tinha ficado claro desde o instante em que se sentara ao lado dela no trem.

Alice olhou para o mar, pensando em quantas vezes estivera exatamente naquele lugar, perguntando-se o que viria a seguir.

Mas agora isso já não era uma dúvida.

Ela sabia.

Jack viria a seguir.

viriam a seguir.

Alice se virou para ele, adorando o jeito como os braços de Jack a envolveram quando ela disse baixinho:

– Eu achava que você era igual ao meu pai.

– Eu também – respondeu ele.

– Você não é – falou Alice, pensando na carta do pai. – Você é melhor.

– Não sei se isso é verdade – disse Jack, a voz vibrando grave no peito. No ouvido dela: – Ainda quero tudo.

– O que você quer? – sussurrou ela.

Jack não desviou o olhar:

– Um barco. O oceano. Alguém para velejar comigo.

Era perfeito. Ela pressionou o corpo mais junto ao dele, subitamente nervosa. Apavorada com a possibilidade de que, agora que ele tinha dito, acabasse mudando de ideia.

– Só isso?

– Hum – disse Jack, o som reverberando como um grunhido rouco na garganta, enquanto erguia a mão e passava o polegar pelo rosto de Alice, encostando a testa na dela. – Talvez essa pessoa que vai velejar comigo me apresente às amigas dela. Talvez me deixe vê-la pintar. Talvez me deixe amá-la.

– Não existe "talvez". – Alice se ergueu na ponta dos pés, sem fôlego com as palavras: . . – É uma promessa. – E o beijou, se deleitando com o modo como Jack a inclinou para trás e a beijou como se estivessem sozinhos, longe de qualquer um que pudesse se incomodar.

– Que nojo.

Ela interrompeu o beijo com um sorriso, enquanto Jack se inclinava para beijar sua têmpora.

– Bom dia, Sam. – Alice encarou a camiseta suja do irmão, o jeans e as galochas pesadas que ele claramente pegara emprestadas de alguém. – Sam… você estava… trabalhando? Tipo, com as mãos?

– Achei que alguém devia saber o que acontece por aqui agora que o papai se foi – disse ele. – Estava pensando em trazer as crianças nas férias de outono. Ensiná-las a varrer as folhas do jardim ou alguma coisa assim.

– Eu ia adorar ver isso. Talvez a Sila devesse vir também. Ia fazer bem pra ela.

Ele soltou uma risadinha breve.

– Hum. Acho que não. Vamos tentar a guarda compartilhada por um tempo.

A ideia de qualquer coisa compartilhada entre Sam e Sila era

assustadora, de verdade, mas Alice não estava com vontade de julgar ninguém naquele dia.

Em vez disso, ela falou:

– Pois saiba que estou orgulhosa de você.

– Sabe de uma coisa? – Sam a encarou – Ninguém nessa família me disse isso uma vez que fosse.

Alice inclinou a cabeça:

– Talvez a gente devesse começar.

– É, sei lá. É meio desconcertante – respondeu ele, antes de se virar para Larry, que tinha chegado ao topo dos degraus. – E aí, Larry, não se cansou da gente no funeral?

Larry não pestanejou, mas a gracinha não foi das melhores.

– Oi para vocês dois. Onde estão as suas irmãs?

Antes que alguém pudesse responder, o rugido de hélices soou. Todos se viraram para ver o helicóptero Leonardo, no qual Tony tinha chegado cerca de trinta minutos antes, passar voando baixo e barulhento, revelando Greta no banco do copiloto, com um fone no ouvido, acenando pela janela como se estivesse na melhor viagem da sua vida, observando a boca de um vulcão a uma distância segura e luxuosa.

Provavelmente estava mesmo. Mas que bom ela ter saído dali. Se alguém merecia isso, era Greta.

Alice acenou de volta, feliz da vida pela irmã, que acabara de conquistar seu final feliz.

– Ela conseguiu. Ela foi mesmo embora – disse Sam, externando o que todos estavam apenas pensando.

Incrível. Liberdade em sua melhor forma.

– Aquela era a Greta? – berrou uma voz ao longe. Emily e Claudia atravessavam o gramado, vindas da ponta sul da ilha, Emily com um sorriso enorme no rosto. – Cacete! – gritou. – Ela foi mesmo embora?

– Com o Tony! – gritou Alice de volta.

– Cacete! – repetiu Emily, até perceber que Larry estava ali. – Desculpa, Larry. Mas isso é muito legal!

Larry levantou a mão em um reconhecimento silencioso de que, de fato, era muito legal.

– Estamos atrasadas? – perguntou Emily. – A gente estava meditando.

– Vocês não estão atrasadas – disse Larry, se inclinando para dar um

beijo no rosto dela. – Oi, Claudia.

– Estamos só esperando o Larry contar qual é o nosso prêmio – falou Sam.

A mais nova dos Storms finalmente compreendeu:

– Então é isso? Essa é a reunião da herança? A mamãe precisa estar aqui?

Todos olharam para a casa, grande e gótica, no alto do morro, e Alice imaginou Elisabeth lá dentro, em uma das janelas do andar superior, observando. Esperando pelo que viria, atormentada por uma boa dose de arrependimento após os eventos da noite anterior.

– Não para isso – respondeu Larry, pigarreando. – Vou falar com ela separadamente.

– Vocês não querem entrar? – perguntou Claudia, indicando a casa.

– Não – disse Alice, com firmeza, surpreendendo a todos. – Acho que a gente devia fazer isso aqui fora. Ao sol. Vai ser… sei lá… purificador.

– Cuidado – disse Sam. – Você está começando a falar igual à Emily.

Alice o ignorou:

– , o Larry parece prestes a ter um infarto pela nossa demora.

Um instante de silêncio, então Sam disse, compreendendo perfeitamente:

– Cacete.

Outro pigarro:

– Crianças…

– Larry – interrompeu Alice, com um sorriso. – Nós convivemos com o nosso pai tempo suficiente pra saber que ele não tinha a menor intenção de facilitar nada. Então deixa a gente facilitar pra você.

– Isso mesmo – falou Sam. – Vai direto ao ponto. O que a gente ganha?

Não era exatamente a forma como Alice teria dito, mas servia.

– Bom, crianças, não é tão simples assim.

O silêncio se seguiu à resposta, e tudo pareceu desacelerar à medida que assimilavam o que Larry havia dito. Então, conforme processavam aquelas palavras estranhas e inesperadas, todos começaram a falar.

– dinheiro, não é? – disse Sam.

– Sam. Calma. – Emily perguntou: – Alguma coisa saiu errado? A gente perdeu o jogo?

– Eu digo o que saiu errado. A Greta foi o que saiu errado – disse Sam, a

frustração fazendo-o voltar ao seu estado natural de babaca. – Ela ficou com o Tony, e a gente se ferrou.

– É sério? – Alice olhou para Larry, depois para Jack. – Achei que a única regra para herdar era cumprir a tarefa. Todo mundo fez o que ele pediu. O Sam realizou os afazeres, a mamãe disse as verdades…

– E como disse… – interveio Emily.

Alice fez um gesto em direção ao helicóptero, um pontinho no horizonte:

– A Greta terminou com o Tony. Ela só foi embora com ele agora. Continua valendo, não é? – Ela olhou para Jack.

Jack assentiu, reassumindo seu papel:

– Também entendi assim, Larry.

– Até a ficou – falou Emily, como se fosse o maior choque de todos.

– Seria ótimo se todo mundo parasse de falar de mim como se eu fosse a vilã da história – retrucou ela.

– Desculpa – disse Emily.

– Quem liga? – interrompeu Sam. – Você está dizendo que não tem herança? Está dizendo que aquele desgraçado só queria sacanear a gente essa semana?

– Tem uma – disse Larry. Ele abriu a pasta e tirou lá de dentro um calhamaço de documentos, que entregou a Emily.

Sam arrancou os papéis das mãos dela e conferiu, enquanto o amigo do pai continuava:

– A casa e a ilha permanecem no nome de Elisabeth e, para sempre, no nome da família. A ilha Storm será o lar dos Storms por muitas gerações.

. .

Alice ficou até meio atarantada com o pensamento e com a sensação de paz que a inundou ao saber que aquele lugar seria deles para sempre.

– Quanto aos fundos, o pai de vocês desejava…

– Você só pode estar de sacanagem – disse Sam. Ele empurrou os papéis nas mãos de Emily e deu as costas, afastando-se alguns passos, com as mãos enfiadas no cabelo.

– … que cada um de vocês recebesse um valor predeterminado.

– Meu Deus – disse Emily, olhando para Alice. E passou os papéis para a irmã. – Veja por você mesma.

Alice leu, o choque e a surpresa rapidamente engolidos por uma

sensação de autossatisfação que não esqueceria tão cedo. Ela se virou para Jack com um sorriso vitorioso:

– Eu te falei. A bomba seguinte.

Franklin deixara para cada um deles 1.107 dólares.

CAPÍTULO 23

– FUGINDO DE NOVO?

Alice ergueu o olhar quando Sam se sentou ao lado dela na ponta do cais da ilha, balançando os pés sobre a água. Ela negou com a cabeça:

– Não. Dessa vez, eu ia me despedir.

– Acho que da última vez fomos nós que não nos despedimos.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo, observando os barcos na água azul, cintilante, limpa e belíssima, como nos cartões-postais de Rhode Island. Um corvo-marinho passou voando baixo sobre o mar. Sam se inclinou para encontrar o olhar dela:

– Me desculpa por isso.

– Sério?

Sam franziu o cenho diante da surpresa dela.

– Não precisa parecer tão chocada assim.

– Eu entendo. Minha atitude foi assustadora. – Alice indicou a casa com um gesto de cabeça. – Um exemplo a não ser seguido. Um aviso do que aconteceria se alguém contrariasse os dois.

– É, mas… – Sam voltou a olhar para a água. – A gente podia ter

continuado em contato independentemente dos outros. Eu podia ter ido até o Brooklyn. Foi muito tempo perdido. E eu… – buscou as palavras certas. – Eu não quero perder mais tempo nenhum.

– Está se oferecendo para me visitar no Brooklyn?

– Nossa. Você é ruim de jogo. E se eu te levar pra jantar, ou alguma coisa assim, em Manhattan? Perto do metrô para o Brooklyn.

Alice se deitou no deque e ficou olhando o céu azul.

– Aceito, agora que você está com mil dólares queimando, quase abrindo um buraco no seu bolso.

Ele balançou a cabeça:

– 738 dólares.

Alice protegeu os olhos do sol com a mão e se voltou para o irmão:

– Como assim?

– É o que vai sobrar depois que eu fizer o cheque da Sila.

– Meu Deus. A Sila fica com um terço. – Ela riu. – Desculpa, não é engraçado. Mas… meio que é.

– Você não vai achar graça quando eu te fizer pagar o jantar.

Alice abriu os braços em um gesto magnânimo.

– Eu pago o jantar.

– Obrigado. Aceito.

– Infelizmente, você vai ter que ir até o Brooklyn.

Ele rangeu os dentes e Emily surgiu no campo de visão de Alice com um sorriso radiante no rosto.

– Quando é que a gente vai ao Brooklyn?

Que conversa mais esquisita. Havia se passado apenas uma semana e aquelas pessoas, que Alice achava que estavam perdidas no passado, tinham reaparecido e estavam ali, falando sobre jantares e visitas como uma família. Estranha e caótica, mas, ainda assim, uma família.

– Podem ir quando quiserem – disse ela. – São todos bem-vindos.

– Espera, a Emily é que devia pagar o jantar – falou Sam, se virando para elas quando Emily se sentou em posição de lótus perto da cabeça de Alice.

– Como é que eu fiquei com a conta? – perguntou ela.

– Ora, você perdeu um pai na semana passada – argumentou Sam. – É muito triste e tudo mais. – Emily olhou para Alice, enquanto Sam continuava: – Mas também encontrou um pai recentemente, que, por acaso, é bilionário. E sem filhos. Então, se a gente pensar bem…

Emily gemeu:

– Não fala a palavra .

Alice riu.

– Acho que ele está te pedindo um empréstimo.

– Ah, não – disse Emily. – Eu mal conheço o homem. E, infelizmente para todos vocês, sou uma Storm até a medula. Por isso digo com todo o amor, Samuel: você vai precisar arrumar um emprego. Um de verdade.

– Não amo essa ideia.

– Jura? – brincou Alice. Então voltou a encarar o céu. – Falando em pessoas que agora estão sem emprego, como será que estão a Greta e o Tony?

– Aposto que estão bem pra cacete – disse Emily. – Finalmente.

– Também acho – falou Sam, com um tom tão carregado de malícia que fez as irmãs bufarem em desaprovação.

– Você vai ter que parar de agir como um adolescente se quiser ser pai de dois – disse ela. – Já pensou nisso?

– Vagamente – respondeu ele, enquanto Alice se sentava e checava o relógio. – Três e quarenta e cinco.

– Com saudade dos dias maravilhosos em que o Sam não podia falar nas horas ímpares? – brincou Emily.

– Sempre vou sentir saudade disso – respondeu ela. – Mas, infelizmente, tenho que ir. tenho um emprego. E trabalho amanhã.

Ela disse aquilo como se fosse normal. Como se não tivessem acabado de passar uma semana em meio ao caos, à dor e à emoção, como se não tivessem acabado de começar o trabalho tumultuado de abrir um novo caminho para si mesmos, sem o pai. De consertar o que quer que fosse aquele relacionamento. E os três pareceram se dar conta daquilo.

– Já se despediu da mamãe? – perguntou Emily.

– Já. – Elisabeth não se prolongara na despedida. – Vou ligar pra ela amanhã. Depois do primeiro dia de aula. – Alice olhou para Emily, preocupada. – E você?

Um leve dar de ombros.

– A Claudia e eu vamos ficar pro jantar, e depois… – Ela apontou para o outro lado da baía. – Nós moramos bem ali.

– Você sabe que não precisa…

– Eu sei – assentiu Emily. – Mas vivo na esperança de que ela…

Alice estendeu a mão para a irmã.

– É por isso que a gente te ama. – Ela abraçou Emily e se virou para o irmão: – E você?

Ele checou o próprio relógio.

– Pensei em usar o helicóptero uma última vez, antes que comecem a me mandar a conta. Chega em alguns minutos. – Sam apontou na direção do heliponto. – Quer uma carona?

– Não. – Alice balançou a cabeça e apontou na direção oposta, para o barco a motor que tinha sido trazido da outra margem da baía mais cedo naquele dia. – A gente vai pegar o trem.

Sam ergueu o queixo em direção à casa de barcos:

– Ele está te esperando.

Ela seguiu o olhar de Sam e viu Jack à distância, encostado nas tábuas desgastadas, com as malas aos pés, as mangas arregaçadas, revelando a tatuagem do sextante que agora ela conhecia intimamente.

Mais uma das mudanças impossíveis que a semana trouxera.

Jack percebeu que ela o observava e se afastou da parede, se abaixando para pegar as malas antes de começar a se aproximar, devagar, como se soubesse que eles precisavam de mais tempo.

E precisavam mesmo de momentos como aquele, sem fantasmas nem segredos. Sem a mansão gótica fazendo o que faz de melhor: remexendo no passado e assombrando-os.

Sam enfiou as mãos nos bolsos, parecendo estranhamente um pai:

– Manda mensagem quando chegar. Pra gente saber que tá tudo bem.

Alice sorriu diante daquelas palavras, do jeito como ele pareceu testá-las na boca.

– Me avisa como foi com as crianças?

– Tudo bem.

Ele não parecia confiante de que seria bom. E, na verdade, merecia isso. De todos eles, Sam era quem tinha mais trabalho pela frente.

Emily ergueu o celular.

– Vamos criar um grupo. Quando a gente sair da ilha.

Parecia importante não esperar. Fazer aquilo enquanto ainda estavam ali, na ilha, o lugar que os reunira, que os criara, que os vira despedaçados e, na

última semana, soprara os estilhaços para longe, deixando espaço para se reconstruírem se assim desejassem.

Alice tirou o celular do bolso, uma obsidiana lisa com vidro de safira, com o S prateado reluzente na parte de trás. O furacão. Ela passou o polegar sobre o símbolo, contornando a letra, se permitindo pensar no pai por um momento. Em como ele mudara o mundo de maneira grandiosa e nos pequenos detalhes. Em como mudara todos eles. Antes. E depois.

Alice abriu uma nova mensagem.

– Emily – falou, acrescentando os nomes no campo de destinatários. – Sam. Greta.

Nas configurações, renomeou o grupo.

Storms Inside.

Então, na caixa de texto, escreveu a primeira coisa que lhe veio à mente. Um novo começo.

Aqui é a irmã de vocês.

AGRADECIMENTOS

ANTES DE MAIS NADA: obrigada, Rhode Island, por ter me criado imersa em ar salgado do mar, bolinhos de mariscos, sopa de frutos do mar, praias, muros de pedra, tomilho selvagem, tempestades de verão e aquelas ilhas misteriosas no meio da baía de Narragansett, com séculos de história e lendas. Estou muito feliz por ter, enfim, a chance de te amar também no papel.

Sou imensamente grata à equipe da Biblioteca Brownell, em Little Compton, Rhode Island, por ter me recebido e respondido às minhas perguntas sobre a história das ilhas da baía. Recomendo a todos que tiverem interesse na experiência de estar em "uma ilha particular na baía de Narragansett" que conheçam o farol de Rose Island, que permite visitas com pernoite. Se você, como eu, for uma pessoa fascinada por ilhas particulares e pelas famílias que vivem nelas, não posso deixar de indicar o curta-metragem , de Emily Sundberg – é imperdível. Agradeço também a Brian Wallin, por sua explicação completa sobre a Newport and Wickford Railroad and Steamboat Company, a operadora da ferrovia e barcos a vapor em Rhode Island; a Terry Pepper, por

seu conhecimento detalhado sobre sinos antigos de neblina usados em ilhas; e a Sharon Klein, por sua explicação paciente sobre fundos fiduciários sigilosos, e por nem piscar quando expliquei o jogo insano criado por Franklin.

é fruto de pessoas incríveis que me incentivaram a escrever uma história que eu vinha guardando por anos. Sou eternamente grata a Holly Root, uma força brilhante, que não hesitou nem por um segundo quando contei que queria escrever um livro sobre uma família disfuncional envolvida em um jogo de herança – e que, daquele momento em diante, passou a perguntar casualmente a respeito todas as vezes que conversávamos. Por meio de Holly, tive a sorte imensa de trabalhar com Alyssa Maltese, Heather Baror-Shapiro e Alice Lawson – uma verdadeira equipe dos sonhos.

Dizer "obrigada" à minha editora, Shauna Summers, com quem eu sonhava trabalhar havia tanto tempo, parece pouco. Sou profundamente grata pelas suas ideias, suas leituras atentas, seu entusiasmo e por ter dado um lar aos meus Storms na Ballantine Books, onde eles foram recebidos com tanto carinho. Meu eterno agradecimento à equipe da editora, incluindo Kara Welsh, Jennifer Hershey, Kara Cesare, Kimberly Hovey, Jennifer Garza, Melissa Folds, Taylor Noel, Megan Whelan, Brianna Kusilek, Jennifer Rodriguez, Belina Huey, Kelly Chian e Briony Everroad. Um agradecimento especial a Mae Martinez, por todos os tipos de ajuda que fizeram este livro ficar ainda melhor.

Tenho a sorte de contar com um grupo de amigas infinitamente mais inteligentes do que eu. Jamais conseguirei agradecer o suficiente a Louisa Edwards por tudo que ela faz para me tornar uma escritora – e uma pessoa – melhor. Obrigada também a Kate Clayborn, Jen Prokop, Erin Leafe, Sophie Jordan, Adriana Herrera, Diana Awad, Megan Frampton e Nora Zelevansky, todas elas ouvintes pacientes de incontáveis ligações, mensagens e almoços enquanto este livro ganhava vida. E, claro, a Kristin Dwyer, a maior incentivadora que eu poderia ter – o que seria de mim sem a sua amizade e os seus conselhos?

Não deve ser surpresa que, ao escrever um livro sobre uma família disfuncional, a gente passe muito tempo explicando à própria família que o livro não é sobre eles. Minha irmã e meu irmão souberam da existência dos Storms desde o início e foram grandes incentivadores durante toda a

jornada. Só lamento que o meu irmão não tenha visto o livro pronto – ele teria adorado sair por aí dizendo que o Sam foi inspirado nele. Sentimos muito a sua falta, Mark. E obrigada, sempre, à minha mãe, por nunca me mandar apagar a luz quando eu lia escondido depois da hora de dormir.

Com amor para V., por acreditar em mim e nesse livro de tantas formas – que você nunca tenha uma família como essa; para Kahlo, por me acompanhar em todas as caminhadas para pensar; e para Eric, a minha pessoa para sempre.

E, por fim, às leitoras e leitores fiéis da MacLean que me acompanharam nessa jornada: obrigada por ficarem e por acreditarem. Vocês nunca terão a dimensão de quanto sou grata por ainda ter vocês comigo.

SOBRE A AUTORA



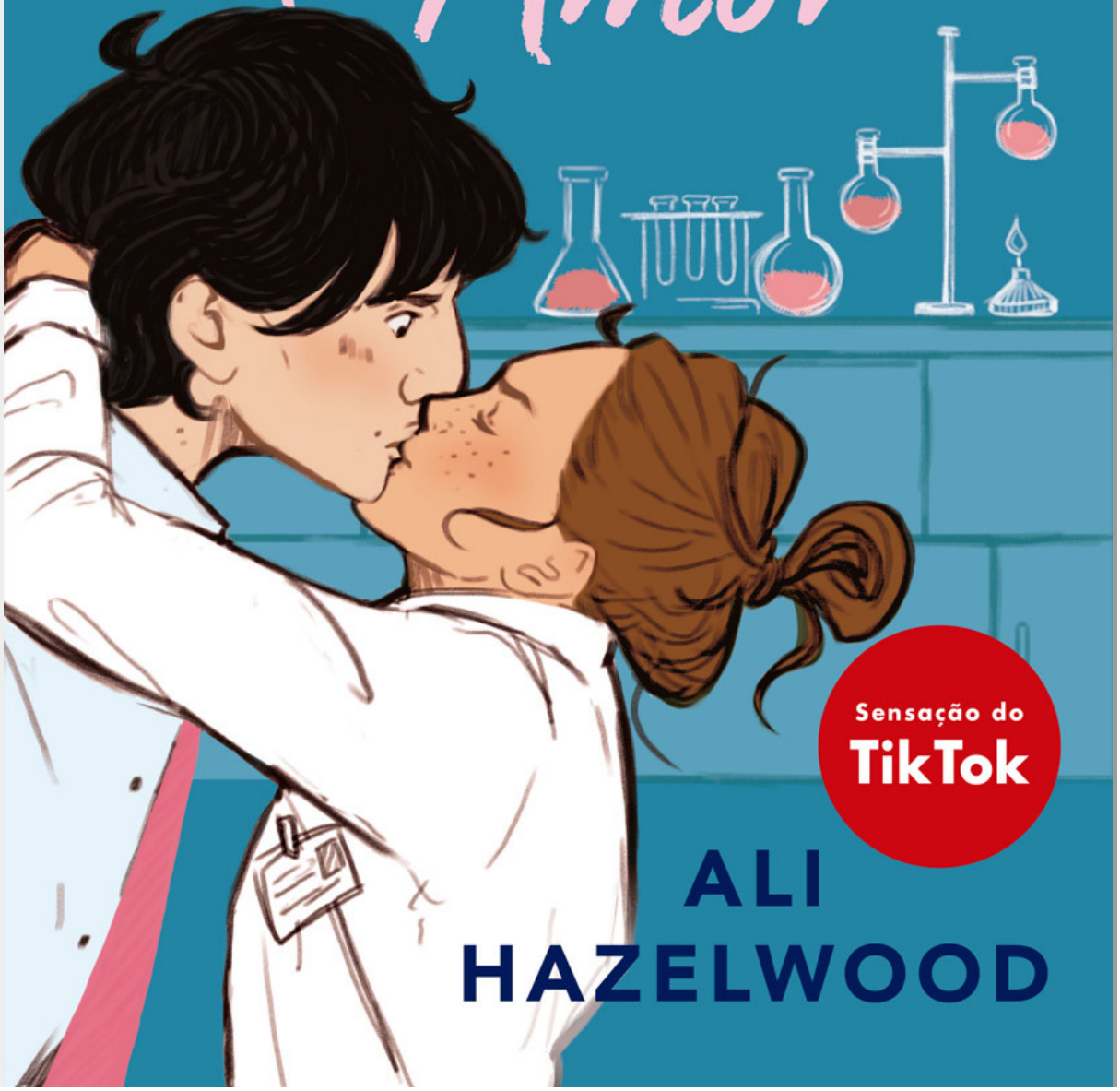
Sarah MacLean é autora de 16 romances que entraram na lista de mais vendidos do e foram traduzidos para mais de 25 idiomas. É apresentadora de um podcast semanal sobre livros românticos e uma das principais vozes do gênero.

Criada nos verões de Rhode Island e nas tempestades da Nova Inglaterra, atualmente mora com a família na cidade de Nova York.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

"O casamento perfeito entre o profundamente inteligente e o deliciosamente divertido." — **CHRISTINA LAUREN, autora da série Cretino Irresistível**

A Hipótese do Amor



Sensação do TikTok

ALI HAZELWOOD

A hipótese do amor

Ali Hazelwood

Quando um namoro de mentira entre cientistas encontra a irresistível força da atração, todas as teorias cuidadosamente calculadas sobre o amor são postas à prova.

Com personagens cativantes e diálogos afiados, este livro engraçado, sexy e inteligente se tornou uma das grandes sensações do TikTok.

Olive Smith, aluna do doutorado em Biologia da Universidade Stanford, acredita na ciência – não em algo incontrolável como o amor.

Depois de sair algumas vezes com Jeremy, ela percebe que sua melhor amiga gosta dele e decide juntá-los. Para mostrar que está feliz com essa escolha, Olive precisa ser convincente: afinal, cientistas exigem provas.

Sem muitas opções, ela resolve inventar um namoro de mentira e, num momento de pânico, beija o primeiro homem que vê pela frente.

O problema é que esse homem é Adam Carlsen, um jovem professor de prestígio – conhecido por levar os alunos às lágrimas. Por isso, Olive fica chocada quando o tirano dos laboratórios concorda em levar adiante a farsa e fingir ser seu namorado.

De repente, seu pequeno experimento parece perigosamente próximo da combustão e aquela pequena possibilidade científica, que era apenas uma hipótese sobre o amor, transforma-se em algo totalmente inesperado.

[Clique aqui para ver na loja]

O LIVRO DE FICÇÃO MAIS VENDIDO
NOS ESTADOS UNIDOS EM 2021

KRISTIN HANNAH

OS QUATRO VENTOS



Os quatro ventos

Kristin Hannah

Texas, 1921. Passada a Grande Guerra, uma nova era de abundância parece surgir no horizonte. Mas, para Elsa Wolcott, considerada velha demais para se casar numa época em que o matrimônio é a única opção das mulheres, o futuro parece sombrio. Até a noite em que conhece Rafe Martinelli e decide mudar o rumo de sua vida. Com sua reputação em ruínas, ela acaba tendo que se unir a um homem que mal conhece.

Treze anos depois, o mundo é bem diferente: milhões estão desempregados devido à Grande Depressão e à seca que devasta as Grandes Planícies, dizimando plantações e provocando tempestades de areia. Tudo está morrendo na fazenda Martinelli, inclusive o casamento de Elsa e Rafe, e cada novo dia é uma batalha pela sobrevivência.

Nesse momento incerto e perigoso, ela deve fazer uma escolha angustiante: lutar pela terra que tanto ama ou deixar tudo para trás e partir para o Oeste, rumo ao desconhecido, em busca de uma vida melhor para sua família.

Com o estilo apaixonante de Kristin Hannah, *Os quatro ventos* é uma história sobre resiliência e a força do espírito humano para sobreviver à adversidade, vista pelos olhos de uma mulher cujo sacrifício e cuja coragem representam toda uma geração.

Clique aqui para ver na loja

Jenny
COLGAN

A pequena ilha da Escócia

"Irresistível."
JILL MANSELL



A pequena ilha da Escócia

Jenny Colgan

Flora MacKenzie tem certeza de que ter fugido de Mure, a pacata ilha escocesa onde cresceu, para a cidade grande foi uma escolha certeira.

Afinal, em Mure todo mundo a conhece desde que ela se entende por gente, e ninguém a deixaria esquecer o passado. Em Londres, ela pode ser anônima, ambiciosa e se entregar à paixão sem futuro pelo seu chefe bonitão, o advogado Joel.

Mas quando um novo cliente do escritório exige a presença de Flora em Mure, ela é obrigada a conviver de novo com seus irmãos (todos fortes, rústicos e aparentemente incapazes de executar tarefas domésticas básicas) e seu pai.

Nessa volta forçada às raízes, Flora descobre um amor pela culinária que dá um novo sentido à sua vida. Logo fica claro que, para escrever sua história do jeito que quer, ela terá que aprender a perdoar os erros que já cometeu.

***

É muito estranho viajar nas férias para tantos lugares diferentes e não passar algum tempo conhecendo seu próprio país. Quando voltei a morar na Escócia depois de décadas, decidi corrigir isso.

Por ter nascido no sul do país, eu nunca tinha ido às Terras Altas nem às Ilhas. Então, aproveitei essa oportunidade para visitá-las e, logo de cara, me apaixonei pelas Ilhas.

As praias vastas, os monumentos antigos, os lugares planos e sem árvores (elas geralmente não conseguem crescer com os ventos fortes), as noites de verão infinitas quando o céu nunca escurece... todos esses lugares são encantadores em sua singularidade.

Mure é um lugar fictício, mas espero que transmita a essência e a atmosfera daquelas ilhas incríveis bem ao norte, que são tão estranhas, lindas e maravilhosas.

*Espero muito que você goste de*A pequena ilha da Escócia. *Este é um livro*

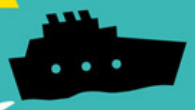
muito pessoal para mim, pois, depois de tanto tempo, enfim voltei para casa, para a terra onde nasci, e – assim como a protagonista – descobri que ela esteve esperando por mim esse tempo todo.

Beijos, Jenny

Clique aqui para ver na loja

"Uma história perfeita sobre as formas de resgatar o amor nos lugares mais inusitados." — Rebecca Serle, autora de *Daqui a cinco anos*

A TRAVESSIA *de* GRETA JAMES



JENNIFER E. SMITH

A travessia de Greta James

Jennifer E. Smith

Greta James teve uma ascensão meteórica como cantora, mas não foi um caminho fácil. Antes da fama e dos shows com ingressos esgotados, ela passou a adolescência tocando violão na garagem.

Sua primeira fã foi a mãe, Helen, cujo rosto brilhava em meio ao público dos bares onde ela começou a se apresentar. Mas nem todos a encorajaram a ir em busca de seus sonhos: seu pai, Conrad, não via futuro naquela carreira.

Greta sempre tentou provar que ele estava errado em suas previsões, mas, três meses após a súbita morte da mãe e a poucas semanas de lançar seu aguardado segundo álbum, ela desmorona no palco e o vídeo viraliza. Na tentativa de escapar da humilhação, ela aceita, relutante, acompanhar Conrad em um cruzeiro até o Alasca.

Esta acabará sendo uma viagem de descoberta para pai e filha – assim como para Ben Wilder, um historiador que também sofreu um grande baque na vida. Ben está no cruzeiro para fazer uma palestra sobre o livro O chamado selvagem, de Jack London, que Helen adorava.

Enquanto Greta procura recuperar a autoconfiança e Ben enfrenta seu futuro incerto, eles se apoiam um no outro para compreender as escolhas difíceis da vida.

Clique aqui para ver na loja

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

